O Antonio Maria
2.º ANNO
LISBOA
LITH.ª GUEDES

THE J. PAUL GETTY MUSEUM LIBRARY

O ANNO DE 1880

O que será elle? Quente ou frio? Ameno ou ventoso, fresco ou choco?
Vamos proval-o, e trataremos de dar a nossa opinião aos leitores em 52 numeros do *Antonio Maria*.

## INTRODUCÇÃO

Ex.mas Sr.as e Ex.mos Srs.

O *Antonio Maria* meditou muitos dias antes de resolver a fórma porque havia de dar as boas festas aos seus leitores. Um agradecimento seria banal, devolver o preço da assignatura seria dispendioso. Resolveu, pois, dar-lhes um numero colorido, á maneira d'um *Antonio-Maria-Murcia*, excepcional, sem pompa de reclames, nem publicação previa de rol de assignantes.

Mas, caros leitores, promettemos não reecindir n'este delicto de chromolithographia por duas razões: a primeira para não os deslumbrarmos, a segunda para não cavarmos a nossa ruina.

De resto, o nosso programma mantem-se inalteravel. Piparotes nas instituições, cartuchos de pós nos poderes constitucionaes, mascarrando com cortiça queimada—todas as vezes que se offerecer ensejo—os altos poderes do estado.

Regeitaremos todas as promessas, seremos surdos a todas as suggestões.

Passaremos por pé do sr. Fontes, *como cão por vinha vindimada*. Nenhumas promessas, por mais fagueiras que sejam, nos levarão a ir tomar o *chá ideal* e quotidiano do nobre sr. duque de Bolama. Por mais diligencias que o sr. Braamcamp empregue, nunca conseguirá metter-nos na alfandega do consumo, regeitando o proprio cargo de arcebispo de Metylene se o sr. ministro da justiça, para nos calar, nos remetter a casa a mitra respectiva.

Todas as quintas feiras, á tardinha, daremos alguns beliscões amigaveis nos costumes publicos. Em o leitor se achando descontente comnosco tenha a bondade de avisar a fim de marcharmos para o exilio.

Organisaremos uma mascarada politica perpetua, para entretenimento dos cavalheiros, visto ser esse o seu passatempo mais aprazivel. Ás senhoras offereceremos as noites de theatro com todos os arrebatamentos dos tenores, todos os prestigios das primas donas, todas as seducções das luzes, da harmonia e das flores.

E quando sua magestade, um dia, se lembrar de nos mandar um veado, comel-o-hemos em paz, tranquillos de consciencia, assado, sem dizer nada a ninguem, para os jornaes não darem a noticia e nós não sermos obrigados a dar explicações ou — costelletas, o que ainda é peior.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 5

# O BRINDE DE SUA MAGESTADE AO «ANTONIO MARIA»

(PAGINA DEDICADA Á IMPRENSA PERIODICA DO PAIZ)

Caros collegas: surriada que cahiram! O *Antonio Maria* não recebeu veado algum de Sua Magestade, pelo que dá graças a Deus!

Real senhor, pois Vossa Magestade havia de ter a crueldade de nos mandar um veado! Não era isso *abolamar-nos*, não era isso fazer-nos mais *Antonio Maria* do que somos!...

Aqui estão as caricaturas que nós fariamos se por ordem de Vossa Magestade o sr. conselheiro Nazareth nos *propinasse* um d'esses animaes! Quereriamos fazer o sr. Cócó municipal, e sahir-nos-hia um predio!...

Em logar de irmos para a imprensa fazer este numero, teriamos de ir para o beijamão do paço, fazer o *chilo!*...

O *Pimpão* veiu afflicto á nossa porta pedir-nos um filete, e nós levamol-o ao piano e tocamos-lhe a *Marselheza*, signal evidente de que na nossa panella não fervia a munificencia regia!...

Porque nós, se recebessemos o veado, estavamos a estas horas envoltos em *cachenez*, manarchicos representativos, ajoelhados aos pés do sr. Avila e Bolama, a pedir-lhes um thuribulo emprestado para insensar a Carta e o rei!

Gloria entretanto ao dispensador das graças e da caça de graça! Dissemos que sua magestade se tinha revelado para nós um homem de espirito e toda a gente nos acreditou!...

Dissemos que sua magestade atirára a um veado captivo e toda a gente sorriu!

E digam que ha *nihilistas* no paiz!...

Real senhor: Os creditos do *Antonio Maria* são tão grandes que fez engulir á nação portugueza um veado a lapis, como se fosse um veado assado!

Não nos castigueis, senhor, enviando-nos o habito de S. Thiago — á penna!

## ABERTURA DO PARLAMENTO

(Amanhã, 2 de janeiro, se o tempo o permittir)

Artigo addicional á carta, mandado gravar pelo *Antonio Maria*.
«O rei soletra, mas não braceja».

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9

# DISCURSO DA COROA

**(Pouco mais ou menos como elle deve ser pronunciado amanhã)**

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza: tenho a honra de me achar no seio da representação nacional, tal qual o inverno passado.

O meu governo vos apresentará novos projectos de lei, todos tendentes a engordar o *deficit*.

As relações com as potencias estrangeiras conservam-se inalteraveis, e a Hespanha desde a primavera para cá não tornou a fuzilar nenhum dos nossos amados subditos.

Sobre instrucção nacional pensa elle em estimular o brio dos meninos e soldados, dando um pataco pela manhã aos alumnos, e tirando-lh'o á noite.

Tivemos a visita de varios principes estrangeiros. O de Monaco queixou-se á policia de que uma lavandeira nacional lhe tinha roubado a roupa; o meu governo, porém, deu satisfação a Sua Alteza—e algumas piugas e ceroulas, que é o que elle queria.

Da mesma fórma vos apresentará as bases da organisação do exercito, tendo principalmente em vista estimular o *espirito* militar por meio d'um copinho d'aguardante, tomado pela manhã em jejum pelo sargento e bafejado por graduações ás praças de pret.

A princeza Rattazzi, segundo li no *Diario de Noticias*, tambem nos visitou; entretanto, na sua qualidade de princeza de mesa redonda, não foi convidada a matar veado — nem a comel-o.

As colonias teem merecido ao actual governo a sollicitude que mereceram já aos anteriores.

Os governadores das possessões ultramarinas continuam por todas as fórmas ao seu alcance a fazer com que os selvagens comprehendam as immunidades da carta.

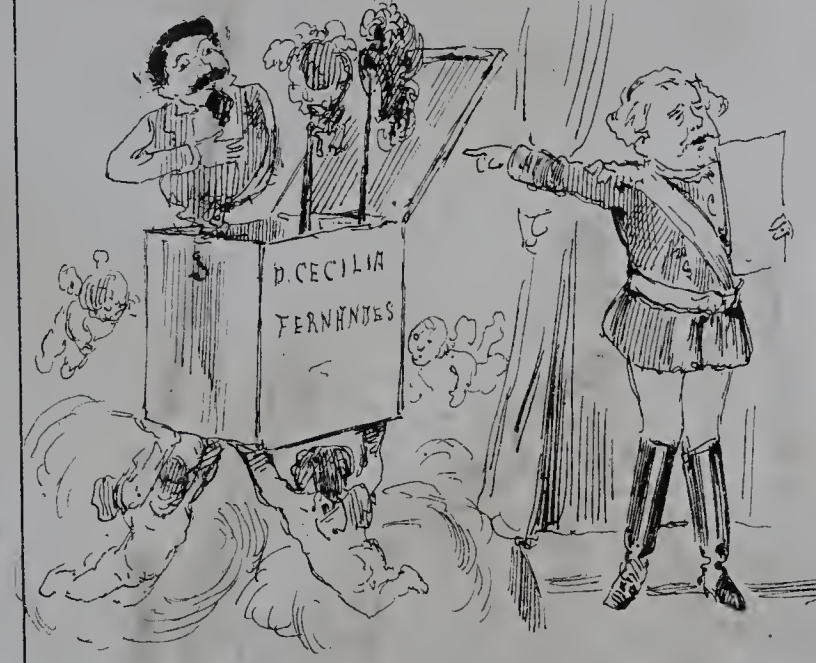
Os nossos fieis alliados, os inglezes, procuram manter com a melhor vontade a boa fé dos tratados, e segundo as ultimas noticias das Indias ha esperanças de que elles nos deixem intactos o corpo e a gloria de S. Francisco Xavier.

Espero que os dignos representantes da nação hão de approvar o projecto de tratado de propriedade litteraria com o Brasil, porque eu não estou disposto a traduzir mais de graça para os editores do Rio de Janeiro, *e me ser vendido a meia pataca na rua de Ouvidor, já viu?*

A marinha foi acrescentada com mais tres canastras e um menino que — não é por ser sua alteza serenissima meu filho que o digo — está pouco costumado a navegar, mas não enjôa.

A celebração do centenario de Camões está entregue á sociedade de geographia e, para dar mais brilho á festa, espera-se tambem o concurso da sociedade protectora dos animaes e o do grande epico Minhava.

Não agradou o *Paris-Murcia*, nem a clero nem a nobreza, nem a povo, o que prova o estado de adiantamento dos espiritos em Portugal. Assignou muita gente com a idéa de o vender a cinco tostões, tendo-o comprado a dois, e sahiram-lhe os calculos errados.




Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza: Confio em que a providencia que vela pelos destinos dos povos illuminará o vosso juizo e dentro da orbita das minhas attribuições, ouso annunciar-vos que a sr.ª D. Cecilia Fernandes e seu marido o sr. Marcos Maria Fernandes, que não vejo presentes na galeria, continuam a ter um variado sortimento de chapeus tanto para senhoras como para meninas.

É na travessa de Santa Justa. Está aberta a sessão.

## A CEREMONIA PARLAMENTAR

O governo, depois de fazer a sua *toilette* politica, conforme mandam os jornaes de modas que governam no systema representativo, dirige-se á sala de baile para dançar a primeira contradança no seio da representação nacional

## A NOVA FORNADA

UM PAR

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## Projecto de resposta que o ANTONIO MARIA, se fosse deputado, daria ao discurso da corôa

Real senhor: O discurso da corôa que Vossa Magestade nos leu, foi escutado por muitas corôas, e ha de custar aos contribuintes muitas meias corôas.

Vê-se que ao passo que o paiz faz progressos na liberdade, Vossa Magestade os faz na leitura, e o governo promette fazel-os nos impostos.

A camara escutou o annuncio das medidas promettidas pelo governo. Oxalá que essas medidas sejam mais acertadas do que as do algibebe aonde hontem nos fomos vestir.

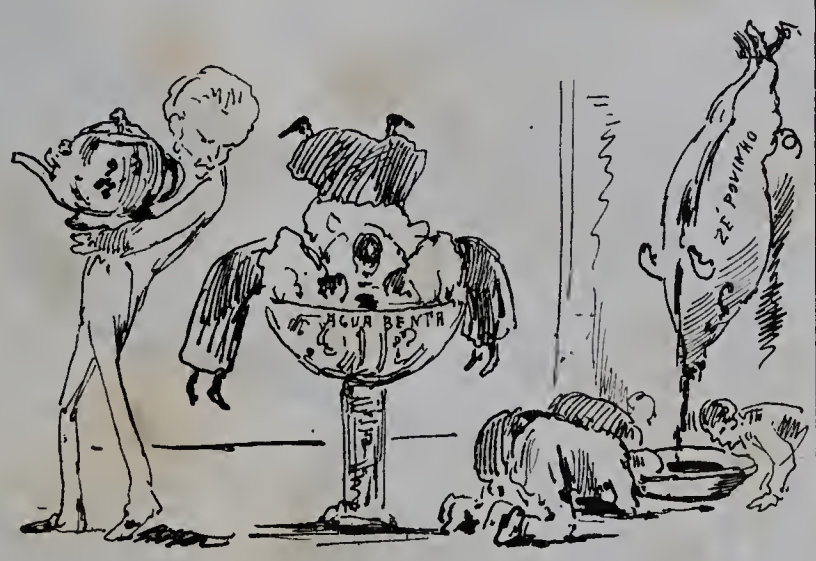
A camara congratula-se pelas diligencias que o governo empregou para reduzir o *deficit* e emmagrecer os amanuenses, certa de que é com as espinhas de uns que se hão de tirar os espinhos do outro.

Emquanto á administração das colonias, a camara tratará com a maior sollicitude de tal assumpto — ao piano, certa de que as tradições gloriosas da patria, evocadas por uma fórma tão aprazivel, hão de estimular os selvagens a comer o resto dos governadores.

A camara espera que a lei de responsabilidade ministerial se possa em breve traduzir n'um facto, de fórma que a burra do thesouro desappareça sem que o paiz possa pedir contas a ninguem.

Senhor: A camara vem resolvida a escutar com a maior attenção as representações dos povos e as do *Processo do Cancan,* convencida de que a sr.ª Moriones a ha de distrahir muito mais do que os projectos de lei.

Os representantes da nação esperam que o governo lhes explicará a proveniencia do cheiro que presentemente é sentido no Chiado pelos narizes de todas as côres politicas, incluindo o do Minhava, cheiro que tanto póde ser resultado d'um novo partido em formação, como do bufo ferido por Vossa Magestade em Villa Viçosa.




O governo, supprimindo o chá nas reunioes da maioria e Deus na falla do throno, provou a resolução em que está de supprimir tudo o que cheire a bafio na administração do estado. A camara, real senhor, vem resolvida a beber unicamente sangue e agua benta.

Senhor: Vae começar o santo sacrificio da sessão.

*In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen. Introibo ad altare Deii*

## O LAUSPERENE LEGISLATIVO

As andorinhas parlamentares, vulgarmente conhecidas pelo nome de deputados. chegaram da provincia, como geralmente succede nos principios de janeiro.

As folhas regeneradoras dizem que ellas são inferiores em qualidade ás do anno anterior; mas o *Antonio Maria* que não communga na chavena de nenhum dos partidos militantes, é de opinião que as do anno passado não lhes eram superiores nem em qualidade nem em feitio.

A camara, vista de cima das galerias, apresenta um aspecto pittoresco. Ha quinzenas recentemente eleitas que não o deviam ser tão cedo, sem pelo menos crescerem até chegarem á maioridade das sobrecasacas. Observam-se debaixo das bancadas alguns chapeus altos de aba direita, perfeitamente attentorios da magestade da Carta; mas por outro lado a representação nacional torna saliente o seu caracter ecclesiastico em algumas calças de bocca de sino proprias para torre de egreja.

Havemos de dar o roteiro do deputado em Lisboa, e os retratos dos membros mais salientes da nova representação nacional, precisamos porem examinal-os mais vezes de perto, e prestar-lhes attenção mais demorada, pois que entre elles ha caras que não se podem ver bem n'um dia.

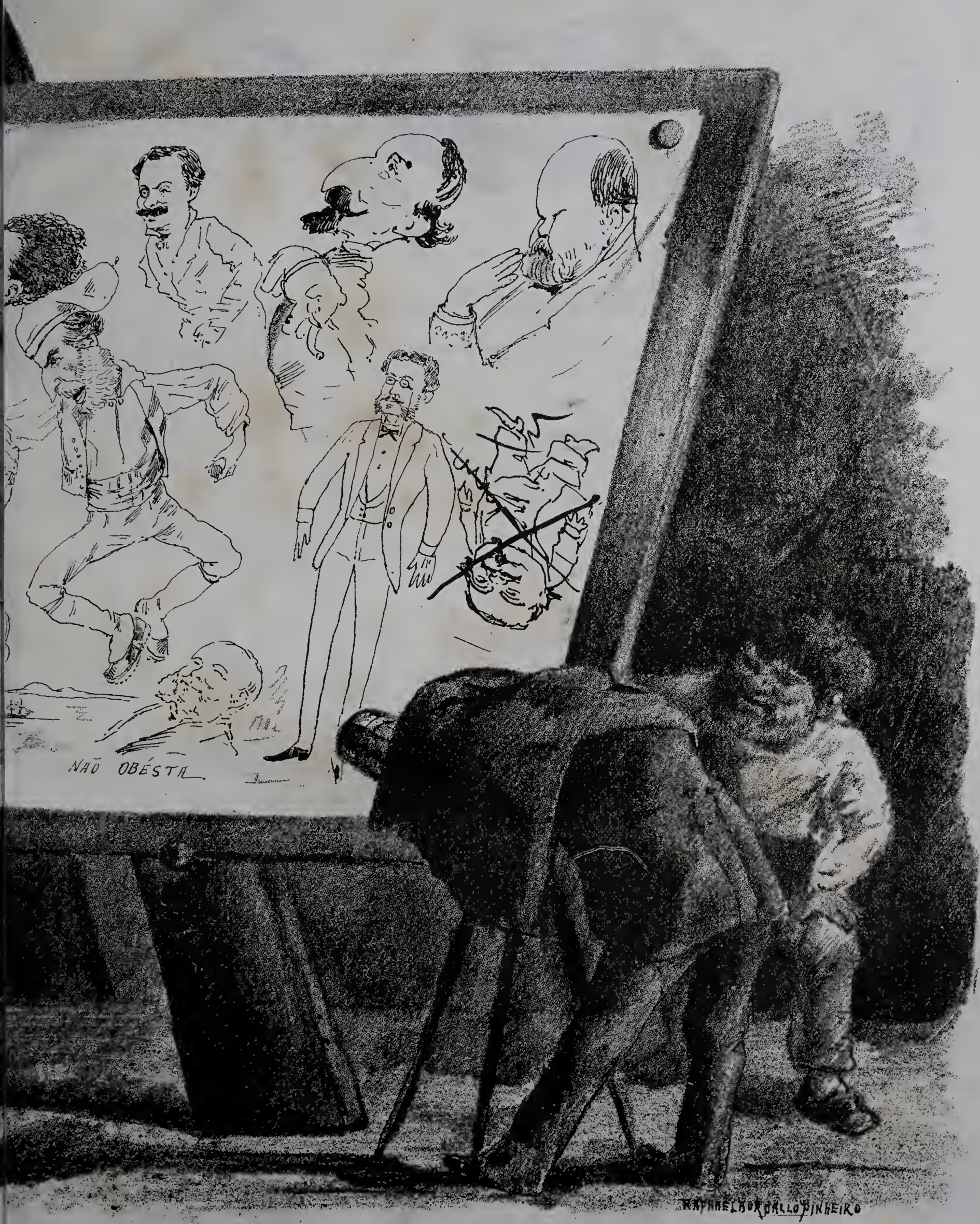
Por em quanto as sessões teem corrido despidas de interesse, e a não ser a sentida morte d'um cavallo da equipagem do nobre marquez de Vallada, no dia da abertura solemne, não ha até agora a lamentar passamento algum.

Os espectaculos mais concorridos pelos eleitos do povo são o theatro de D. Maria II, nas noites em que ha beneficio com a *Joanna a Doida;* e a *Grande Rigolade* á Mouraria. Isto pelo que diz respeito á porção mais extravagante do parlamento. A outra parte deita-se ás oito horas, convencida como está de que a capital *e uma Babylonia.*

# O primeiro caricat

Elle é que faz as verdadeiras caricaturas, não é o *Antonio Maria*. Agora mesmo acaba sua mag

## rista portuguez




de de fazer um quarteirão de pares para uso do governo. — Nós photographamos, simplesmente.

## Um pastel de Belem que não teve logar na ultima fornada

—Faça-se *preto* que prometto fazel-o *par*.
—Eu é que o hei de fazer par; não se me faça parvo.

# THEATRO DE S. CARLOS

## A récita de gala

Os *dilettanti* enthusiasmados com a Borghi-Mamo e o Tamagno, rompem a etiqueta applaudindo os cantores com frenezi.

A pragmatica, que nunca tinha ouvido palmas em noites de gala, foge estremunhada com somno, maldizendo a bulha que perturba o socego dos altos dignitarios da corôa.

# THEATRO DA TRINDADE

## A Perichole

A sr.ª Manzoni canta como um canario — e como a *canaria* quando fez as delicias dos *dilettanti* no começo do seculo passado. Canta bem, e cada vez falla peior. Está pedindo os nossos applausos e algumas lições de portuguez do sr. Alfredo May.

Portugal um mavioso tenor, Leoni um engraçado comico, Augusto um gracioso gago, Santos Silva um divertido typo, e Verdial um dedicado prezo, que no fim de doze annos fura as paredes da prisão com um canivetinho.

Recommenda-se a *Perichole* aos senhores deputados da nação e novos pares do reino que desejem passar algumas horas divertidas, aprendendo de ouvido uma musica propria para assobiar no seio da representação nacional.

# NA ABERTURA DAS CORTES

**Explendor e decadencia d'uma equipagem da côrte portugueza**

Como ella era em 1851, quando a Carta ainda não tinha addicionaes, nem ella cordas addicionaes.

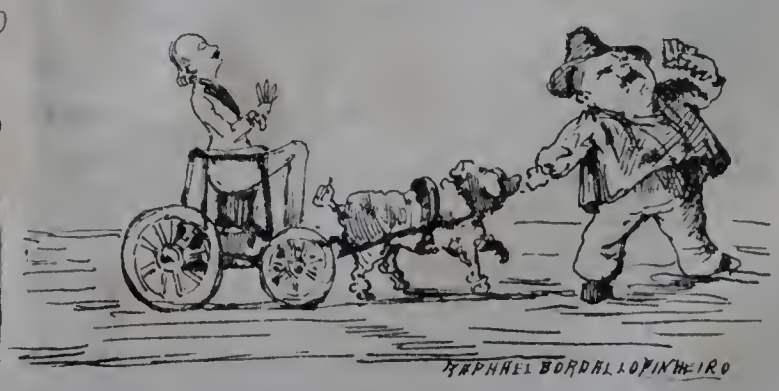
Como ella appareceu em 1862. As convicções politicas vão diminuindo e os moços de estribeira tambem.

Eil-a em 1872, quando as pilecas soffrem as transformações da sociedade.

Em 1880 ainda a vemos vacillante, mas de pé e inteira — antes de se abrir a sessão

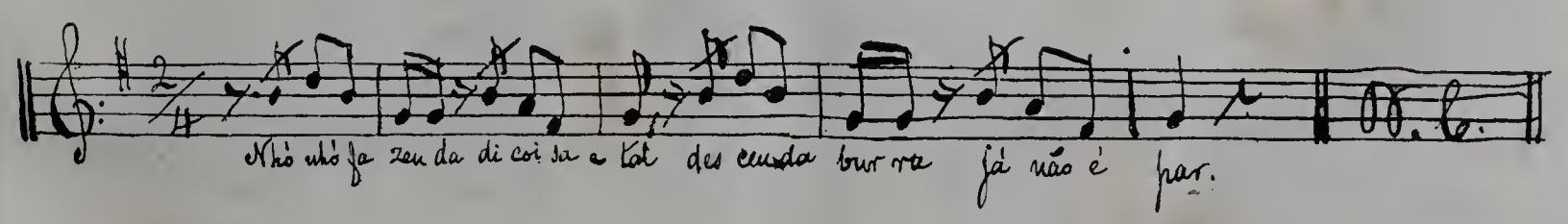
Depois da sessão. Aspecto da equipagem ao partir do largo das Côrtes.

O que *Antonio Maria* prophetisa que ella será em 1881.




O que será em 1882.

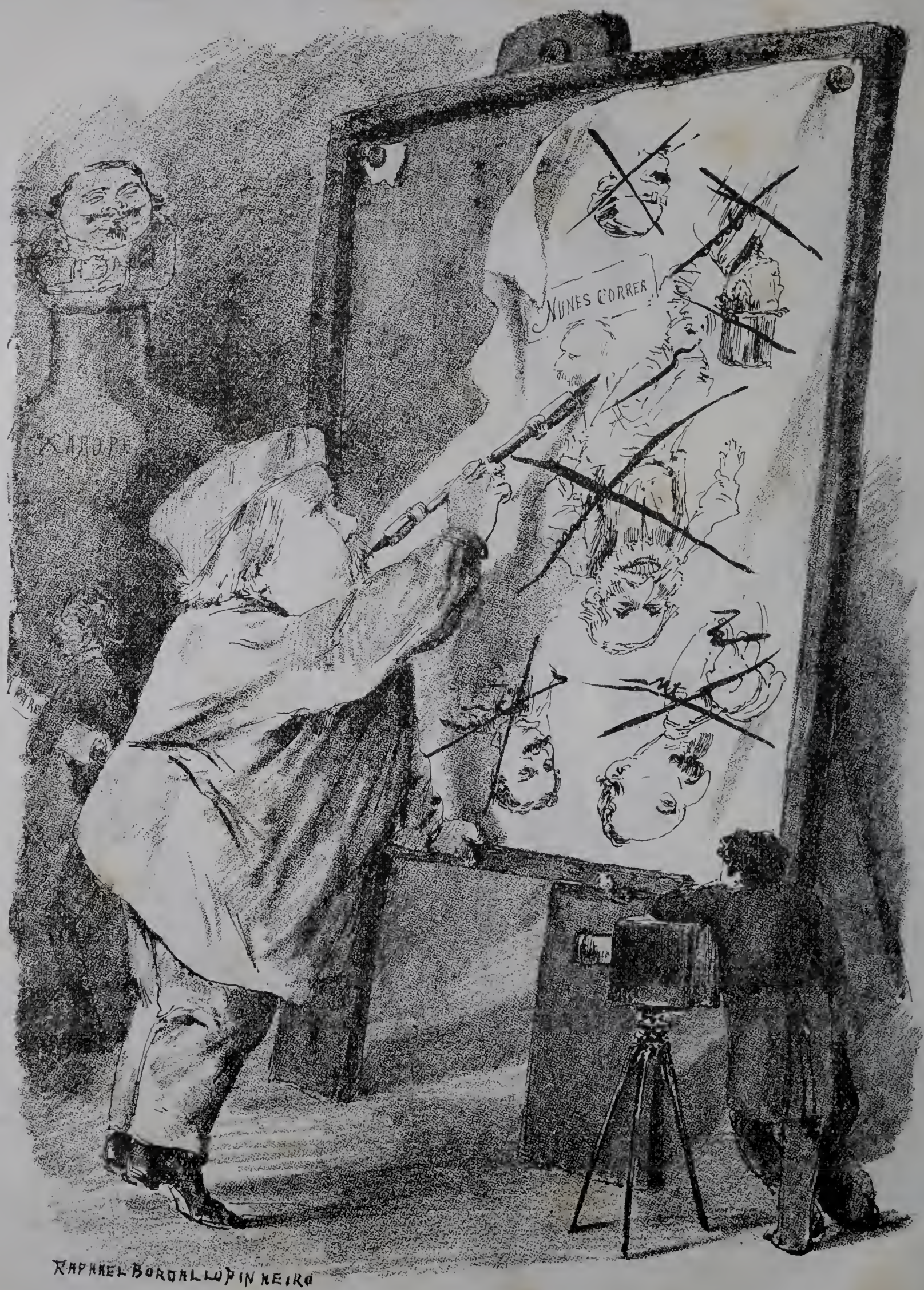
# Depois da fornada — A sahida do forno




N. B. — *Nhô-nhô fazenda* é um lundù habitual dos pretos do Rio de Janeiro.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## DESESPERO D'UM CARICATURISTA




Sua Magestade vendo que lhe inutilizam os seus trabalhos, em vez de pintar *pares* começa a pintar o *Nunes*... algibebe.

## THEATRO LYRICO — O Trovador

O novo barytono Lallanni sopra as notas com tanta força, que apaga as luzes, apagando a propria reputação do barytono Reduzzi, e causando bronchites em vez de causar enthusiasmo.

Os antigos *dilettanti* apanham pela vez primeira uma constipação produzida pela musica!

### Notas semanaes

O *preto do olho branco*, que presentemente funcciona nos Recreios, é uma perfidia, é uma cilada, é uma mentira.

É um preto feito com pós de sapatos. Na camara dos pares dá-se, por assim dizer, um caso similhante. O sr. Manuel Vaz, apesar de ser preto, tambem dispensa as qualidades de carapinha e de côr que de ordinario concorrem nos confrades do *pae Paulino*.

Em summa, já nem nos pretos nos podemos fiar; — quasi todos são *brancos!*

A mordomia da casa real já convocou quasi todos os fidalgos cavalleiros e titulares a enviarem á respectiva secretaria as suas moradas afim de lhe serem expedidos os convites para o proximo baile do paço.

De quando em quando a mordomia perde a conta aos altos dignitarios e não sabe quantos elles são nem aonde moram. Torna-se pois necessario proceder de novo á chamada, tocando a buzina do noticiario.

No Terreiro do Paço, um policia, segundo ha dois dias affirmou o *Diario de Noticias*, cortou as pernas a um cão e feriu outro.

O cão foi conduzido ao hospital da sociedade protectora, e emquanto ao policia não se sabe qual o seu destino.

Em todo o caso é extranha a nova comprehensão que policia parece ter dos seus destinos, começando a dilir as pernas dos cães.

Madame Rattazzi acaba de escrever a respeito da sua viagem a Portugal um aprazivel e interessante livro, de que nos havemos de occupar devidamente n'um dos proximos numeros.

Parece que o livro de M.me Rattazzi não é em muitos pontos amavel, como costumam ser outros da mesma indole, mas deve levar-se em linha de conta que M.me Rattazzi não escreveu o seu livro na intenção de receber o habito de S. Thiago, nem o diploma da sociedade de geographia.

Entretanto não se devem zangar os que depois de apanharem alguns almoços, principiam a apanhar descomposturas.

Chegou a esquadra ingleza a Lisboa, e logo algumas casas de jogo que ha muito tempo se achavam fechadas foram á beira-mar de braços e portas abertas a fim de receberem os nossos fieis alliados.

O ministro inglez vigia, porém, os movimentos das perfidas seductoras, e é de crer que d'esta fórma evite as ciladas que as novas Dalilas de oiros, paus, copas e espadas, intentem armar aos incautos filhos da Grã Bretanha.

Ha três annos, segundo affirmaram alguns jornaes, que a Inglaterra não mandava esquadras ao Tejo, para evitar assim a perdição de seus filhos, e agora que estava resolvida a sahir do seu retrahimento, vê que a batota lusa não tinha perdido os bons costumes, da mesma fórma que os seus marinheiros parece não terem perdido as antigas tendencias!

Quem havia de dizer que o poder naval da Grã-Bretanha teria de trepidar um dia, não em face das balas, mas simplesmente em face da baeta verde?!...

THEATRO D

# O Trofh

Tamagno não foi perfeitamente inspirado, como costuma sel-o, por não ter *transpirado* bastante. A sr.ª Biancolini, c de Fidés pobre, apresentou-se com os dedos cheios de brilhantes. As garrafas por que bebem os Anabaptistas são do sect provavelmente será em breve contado por Monsenhor Pinto de Campos. As scenas, especialmente a do 5.º acto, muito h *Maria* applaude-o. Na derrocada final, quem se *derrocou* melhor foram as coristas. Nascimento do sol, verde. O sr. Carlos modelo para os novos deputados.

A récita foi no dia 13, o que explica algumas pequeninas infelicidades.

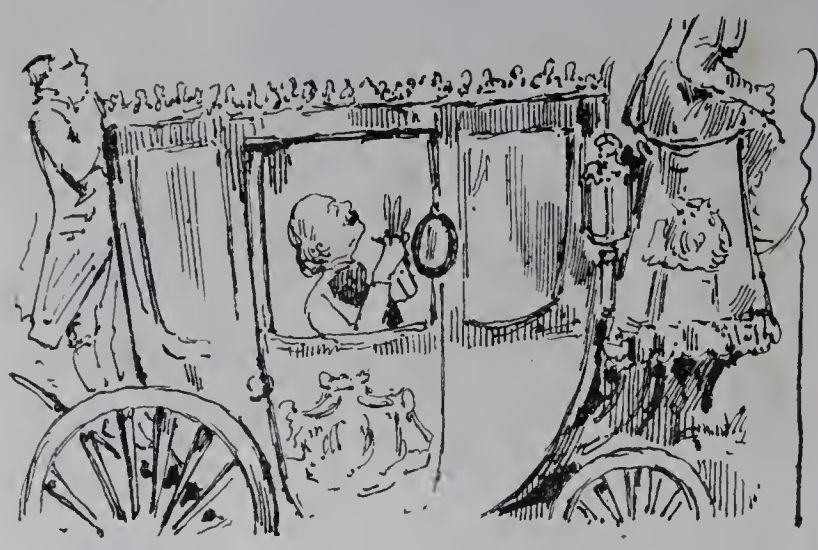
E S. CARLOS

# t a, constipada

demonstração de amor maternal para com o *Propheta,* seu filho, quiz tambem ser rouca — e foi-o. Na sua qualidade
IV, e as botas de duraque da sr.ª Biancolini tambem. Os Anabaptistas bebiam sem deslacrar as garrafas, milagre que
pintadas. Alguns espectadores, provavelmente versados na arte de caiar, resolvem patear o scenographo. O *Antonio*
o assiste ao espectaculo ao lado d'um chinez, chegando a confundir-se os dois. O côro dos meninos parece um bom

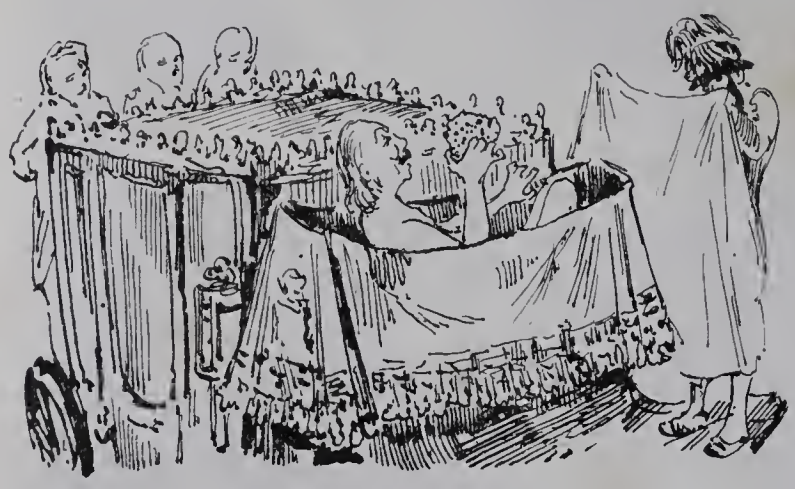
Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

**A celebre equipagem da côrte portugueza passeando aos domingos de tarde pelas ruas da cidade para desmentir a prophecia terrivel do «Antonio Maria».**



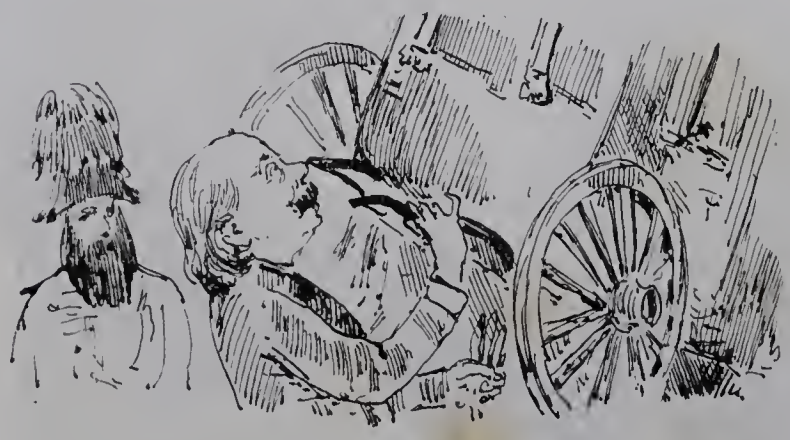
S. ex.ª, o bailio de Malta, resolve usar a sua carruagem, como um artigo de *toilette* ordinaria.

Quando se levanta pela manhã barbeia-se dentro d'ella

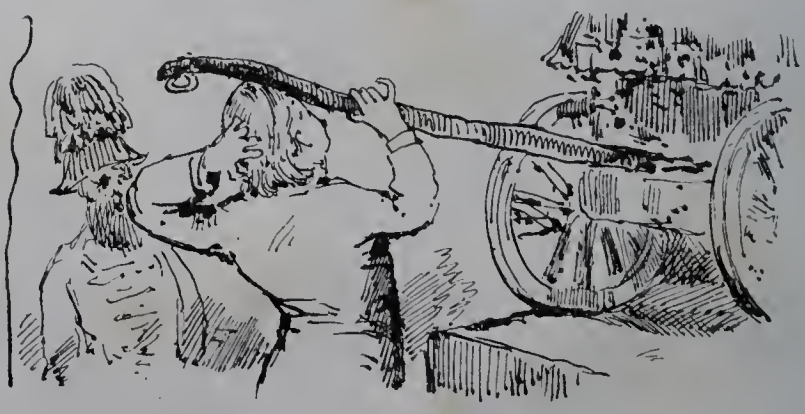


Toma o seu banho na almofada da frente.

Limpa-se á almofada de traz.



Coça o nariz com ella.



Alisa o cabello com os varaes.

Vae n'ella ao meio do rio ver a esquadra ingleza. É uma carruagem que é um *pau* — para toda a obra

## THEATRO DE S. CARLOS.—Scenas intimas

Os principes portuguezes não tendo nada que fazer em sua casa, e julgando os *tres setes* e o *gamão* entretenimentos indignos de pessoas reinantes, resolvem *reinar* com os artistas de S. Carlos, indo assistir aos ensaios.

As quinzenas dos comparsas sentem-se vexadas em presença dos altos personagens, e a empresa para cohonestar a presença dos magestosos e serenissimos visitantes, pensa em offerecer o logar de ensaiador de coros a um e o logar de cabo de coristas a outro.

Ficam avisados os srs. deputados recemchegados das provincias, de que no proximo baile que se projecta no Paço ninguem é admittido sem se apresentar de farda ou então de calção e meia de seda.

Portanto, dignos representantes dos povos, previnam-se, pedindo emprestadas as fardas dos regedores que os elegeram, ou no caso d'estas auctoridades se darem ao luxo de as não ter, invoquem o S. Sebastião do respectivo circulo para que elle lhes forneça os calções que a tradição attribue ao benemerito santo.

No caso de negativa da parte d'estas *auctoridades*, recorram ao guarda-roupa do Cruz, passando depois pela redacção do *Antonio Maria* a fim de se lhes tirar o retrato.

Ó querido Offembach! tememos que o lapis não seja bastante para reproduzir as scenas galhofeiras que se preparam! Consente que a tua musa divertida venha collaborar algumas semanas comnosco a fim de que o *Antonio Maria* possa ser um fiel interprete dos proximos acontecimentos!

Esperamos que nos faças este pequenino favor, Offembach immortal!

São cada vez mais tristes as noticias da subscripção para a conclusão do monumento aos restauradores, levantado sobre as glorias da patria e os alicerces do antigo lago do Passeio!

Quanto mais sobem os tapumes, menos sóbe a subscripção! Prende-se gente para commendador, afim de proporcionar por esta fórma elementos aos canteiros e os presos recalcitram e pedem que os larguem. Acabou-se o patriotismo nacional — no Passeio Publico, de forma que a commissão *1.º de Dezembro* não tem mais remedio senão pedir emprestado o leão de Castella por umas noites, apresental-o no circo, a dois tostões, com meias entradas para meninos e deputados, e conseguir por esta fórma a verba que lhe falta para que a cidade seja enriquecida com mais uma pedreira commemorativa

## THEATRO DO PRINCIPE REAL — Revista do anno de 1879

Sousa Bastos faz deslisar os acontecimentos por diante dos olhos dos espectadores que o applaudem. O caricaturista do *Antonio Maria,* tremulo de commoção, é chamado á scena, proporcionando a Moura Cabral um momento de regosijo por se achar assim vingado d'uma caricatura anterior. Na verdade o caricaturista achava-se tão reconhecido para com o publico, que se persuade até haver mettido os pés para dentro e as mãos para fóra.

Se quizerem ver um caricaturista caricaturado pelo publico, vão ao «*Principe Real*».

# CARTA DO RASGA

## A proposito da rusga ás batotas

Meu amigo: Um caso pavoroso aconteceu ha tres noites no Chiado. Á uma da noite começou muita gente a apitar.

As patrulhas, ouvindo isto e suppondo que era desordem, fugiram.

O general das guardas, não tendo o cavallo á mão, pôz-se a pé, montando no travesseiro, e acudindo ao logar do conflicto.

Gente que em S. Carlos fôra vista ha pouco com grandes cabelleiras, appareceu ás janellas com o cabello n'uma mão e a luz na outra.

Ao logar do conflicto acudiu uma bomba e o nariz do Minhava trazido por engano, na supposição de que era o carro d'escadas. Já o estavam a encostar a uma janella, quando o dono gritou que não o molhassem porque estava constipado.

Sabidas as contas, era a policia que mettendo-se em extravagancias tinha resolvido *levar á gloria* os montes das batotas finas.

Diz-se que foi pressão do ministro inglez afim da esquadra não passar do Tejo para o prego.

O Antunes e o Castello Branco foram os primeiros a entrar nas roletas, apostando pelo sr. commissario geral contra a banca.

Os parceiros quando viram isto chegaram ás janellas a gritar que as batotas são inviolaveis, segundo a Carta... de jogar

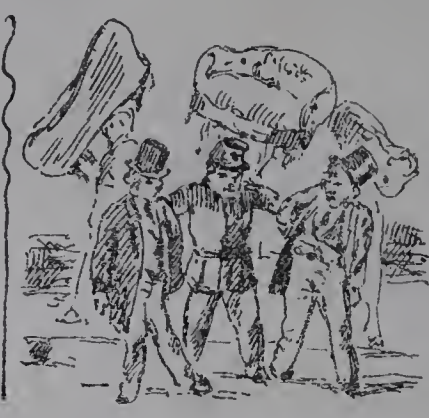
Entretanto a policia puxava pelos moços de fretes que levava escondidos, começando a remover tudo o que encontrava.

As primeiras coisas que foram conduzidas para o governo civil foi uma mesa com tres pés e um jogador com quatro.

Depois uma familia desmaiada e seis escarradores.

Observação importante: todas as roletas tinham seis escarradores e os parceiros escarravam na casa.

Foram conduzidos, outro sim, quatro capachos e dois beneficiados, um da rua dos Condes e outro da Sé.



Outro sim foram levados em braços dois sophás com rheumatismo e dois parceiros com gota .. de vinho.

Item, foi levado um vallo que pelo grunhido tanto podia ser um porco, como um orador parlamentar.

Mais foram levadas seis galerias, comprehendendo a da camara dos deputados.

Mais foram conduzidas em padiolas duas figuras, uma representando o sr. Barros Gomes vestido *de anjo da caridade*, de tribuindo os seus haveres pelos contribuintes.

A outra symbolisando o amor maternal sob as feições do sr. Serpa a amamentar o *deficit* no seu carinhoso seio.

Igualmente foram conduzidos em cestos de gaveas dezoito officiaes da esquadra ingleza surta no Tejo.

E finalmente fechando o coice da procissão, conduzidos pelos policias de mais confiança e de menos olfato, alguns objectos não mencionados na parte da policia.

Em cima d'uma das mesas da roleta foram encontrados 120 réis em patacos, sendo *quatro* d'elles falsos.

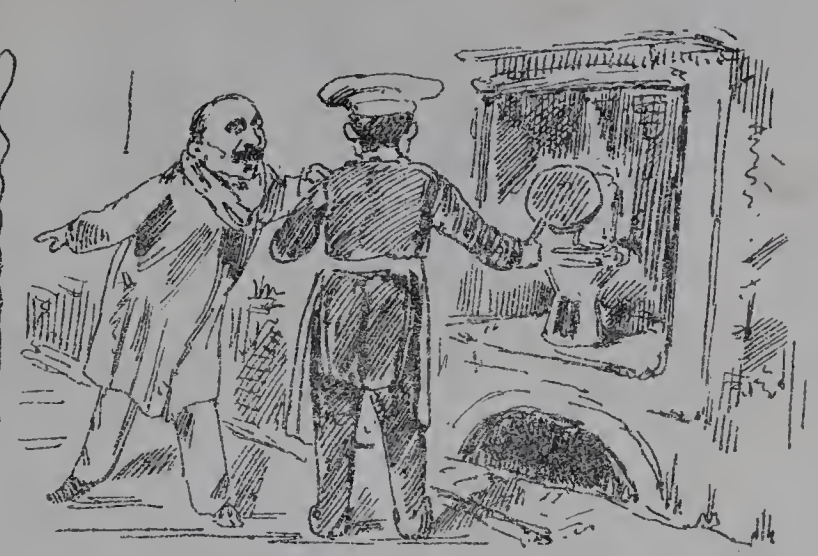
O sr. ministro da fazenda manda accrescentar a esta quantia 221$500 réis a fim de que similhante somma não nos envergonhe perante as nações estrangeiras.

E os presos passam a noite no governo civil, jogando a chapa com a policia para matar o tempo.

No dia seguinte de manhã o largo da Boa Hora parecia a Feira da Ladra. Reconhece-se pela riqueza das mobilias que as *batotas* mais pobres de Portugal são os tribunaes.

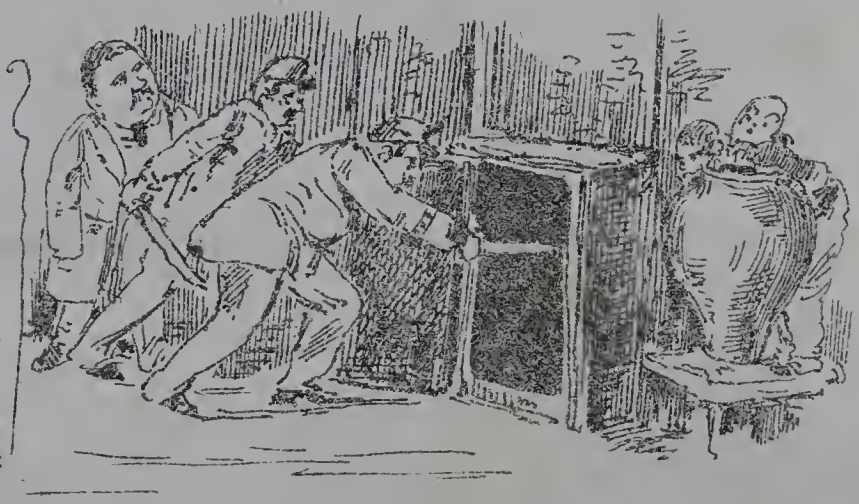
# Episodios da rusga

Depois do conflicto a policia principia a procurar criminosos por todos os cantos e encontra dois deitados na cama — de botas e esporas — muito afflictos a pedirem os ultimos sacramentos.

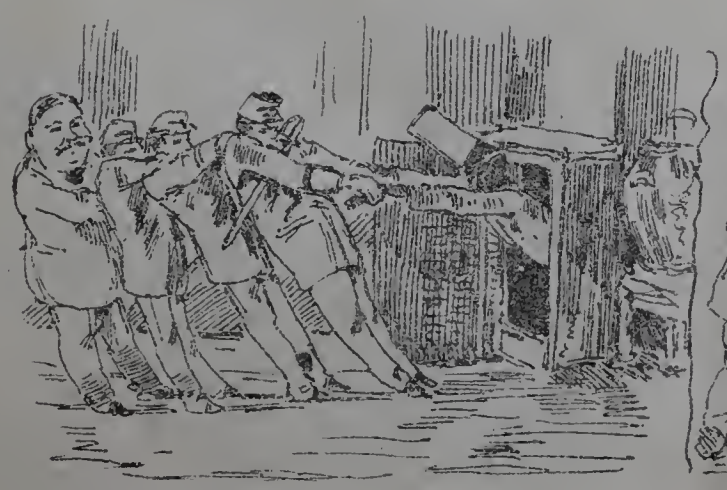


Um par do reino está disfarçado em cosinheiro a abanar o lume, e quando a policia lhe quer tomar o nome, pergunta ao Antunes se quer tomar chá.

Um parceiro está mettido debaixo da cama e quando a policia o interroga responde que é deputado pelas Caldas.

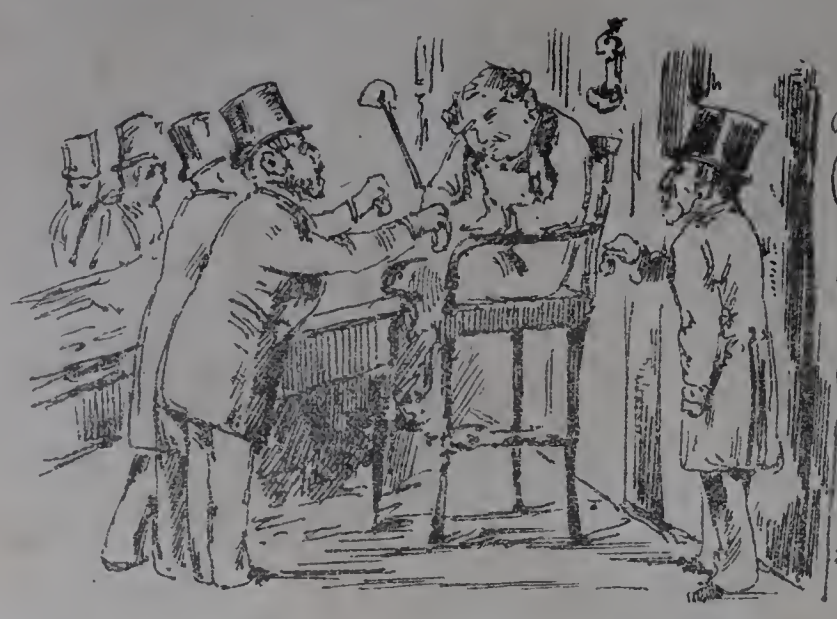


Os policias mettem as espadas pelas carvoeiras e principiam a espetar chispes anonymos.



Pucham com toda a força.

E sae o *preto do olho branco* que declara ter ido alli para se filiar no partido constituinte!



Prova-se que ninguem jogava e que as roletas em Portugal são estabelecimentos de caridade, onde os parceiros se reunem para emprestar dinheiro aos banqueiros.

Os juizes mandam todos em paz, ficando com as roletas para os reus se entreterem nas horas vagas.

Aspecto das casas de roleta do Bairro Alto, quando a policia vae agora espreitar á rua do Arco da Bandeira se os da Baixa jogam.

Aspecto das da Baixa quando a policia espreita as do Bairro Alto.

**Epilogo.**—No fim de contas, em quanto estas coisas se passam, o sr. ministro da justiça joga a argolinha na secretaria com o annel do reverendo prior da Lapa!

*Este supplemento é vendido AVULSO a* **50 réis.** *GRATIS para os srs. assignantes.*

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## A entrada do parlamento

O grande orador José Estevão, cançado da sua posição incommoda, e de ver entrar tanta cleresia, sentou-se.

## PORTUGAL A VOL D'OISEAU

Ao ler algumas paginas d'este livro da Princeza Rattazzi, o *Antonio Maria,* cheio de desespero, teve vontade de quebrar o seu lapis de caricaturista !

Depois um sentimento de orgulho patriotico fel-o revoltar contra o volume da princeza, mas a reflexão sobreveio, e *Antonio Maria* contempla hoje possuido de extrema hilaridade a indignação com que alguns dos seus compatriotas protestam de punhos cerrados e espuma aos cantos da bocca, voltados para o lado em que elles suppõem estar o hotel em que a princeza a estas horas se abriga em qualquer das regiões do velho continente !

Não vale a pena nem tanta espuma nem tanta indignação.

O *Portugal à vol d'oiseau* é um livro de caricaturas copiadas do natural, com um ou outro desenho de pura invenção intercalado no texto.

Algumas caricaturas são boas, devemos confessal-o, embora a commissão 1.º de dezembro nos lance a pena de excommunhão maior ao som do hymno da restauração.

Emquanto aos desenhos, são tão ingenuos que não vale a pena fallar n'elles.

Mas quem não ha de rir contemplando o sr. Fontes, tal qual a princeza nol-o descreve, *habil estadista e cantor de primeira ordem !* Quem não hade cahir prostrado por um ataque de hilaridade fulminante, vendo o sr. Melicio do *Commercio do Porto* transformado de repente no *espirituoso e incisivo* Melicio !

Confessemos todos que a isto não se resiste. Fazer o sr. Melicio *incisivo* equivale a fazer cócegas nas solas dos pés !

Uma observação profunda encontramos no livro da princeza Rattazzi.

O costume portuguez ,não explicado claramente até hoje, de cortar as orelhas e as caudas aos gatos, funda-se em que é necessario não deixar péga ás ratazanas com que ellês teem incessantemente de combater nas casas de Lisboa. Em nenhum paiz ha tantos ratos e por consequencia tantos gatos como em Portugal.

Estes simples traços são bastantes para demonstrar que nunca, d'uma penna estrangeira, a respeito de coisas nossas, sahiu livro mais pittoresco e mais *Melicio*, isto é, mais *incisivo.*

Vamos commental-o n'uma serie de desenhos, conforme o reclama o estado de hilaridade em que a sua leitura nos deixou !

---

Descobriu se uma nova applicação das quinas portuguezas.

Depois de servirem para estimular os grandes heroismos, como toda a gente sabe, houve um periodo recente em que as *quinas portuguezas* serviam especialmente para consoante de versos recitados em noites de beneficio ou de récita em casas particulares.

Esta quadra romantica passou, porém, de moda, e as quinas portuguezas servem hoje, no meio dos mais ruidosos applausos da multidão, para vestir o clown Tony Grice, que nas ultimas noites se tem apresentado no circo trajando a bandeira portugueza transformada em fato de palhaço, como podia trajar qualquer outra peça de vestuario usada na rethorica.

E a geral e as cadeiras gostam e applaudem, parecendo-lhes naturalissimo que um palhaço se vista com os brazões nacionaes e dê cambalhotas na arena envolto nas signas com que os antigos portuguezes faziam o giro do mundo.

---

## A RUSGA ÁS BATOTAS

*Antonio Maria* recebeu algumas cartas de reprehensão por não ter no seu supplemento dado os typos dos parceiros que a voz publica aponta como apprehendidos na rusga das batotas.

Temos a observar que para isso era preciso o seguinte : que fossemos policia para o saber, ou batoteiros para o ter visto. Não fazemos caricaturas sobre o *que se diz,* fazemol-as unicamente sobre o *que se vê*, ou sobre o que se não vê, quando o *divertimento* é completamente innocente.

Agora, por exemplo, apparece nos jornoes o sr. Guilherme da Cosa Neves a declarar que põe tudo em pratos limpos se a policia o persegue a elle e deixa os verdadeiros batoteiros livres.

Pois que falle, que nós em virtude das nossas attribuições lhe commentaremos a historia.

Os leitores bem ouvem o que elle diz :

—Sr. commissario : não encubra o jogo, aliás ponho as *cartas* na mesa e declaro os *trunfos.*

*LE PORTUGAL A VOL D'OISEAU*

M.me Rattazzi declara no seu livro que o sr. Fontes é *um grande cantor.*

Descobre-se afinal que o Reduzzi de S. Carlos não tem sido outro senão o mavioso estadista viajando incognito pelo repertorio italiano! Em que fundos remorsos não estarão agora mergulhados muitos membros do partido regenerador, que tendo uma vez por outra, como succede a todo o bom portuguez, pateado o Reduzi, mal pensariam estar dando uma prova de desagrado áquelle de quem as *arias* politicas tem constituido o encanto dos que adoram os cantores *carcs!...*

ADAME Rattazzi diz no seu livro que o maior prazer d'uma dama portugueza é vestir uma saia verde, pôr um chale vermelho, cobrir-se com um chapéu amarello e espanejar-se, enfeitada com estas galas alucinantes, ao sol do Passeio Publico!

Que pese aos nossos sentimentos patrioticos, devemos confessar que este traço é copiado do natural em face do Passeio Publico, nas tardes dos dias santificados!

Ha muito que nós do fundo d'alma pediamos para tantos horrores o fogo do céu. Pois bem, elles ahi chegam agora no livro da princeza, que a sr.ª D. Guiomar Torrezão vae traduzir para castigo dos culpados.

Em defeza do *engenho e arte* nocional, cumpre-nos fazer ao estimado *Tam-tam* do Porto, a seguinte observação:

Annunciando o paesado collega, que vae encetar a publicação de caricaturas gravadas em zinco e feitas pelo processo da photo-zincogravura, ensaiado *recentemente* em Paris, devemos notar que ha muito tempo elle é *ensaiado* em Lisboa.

O *Antonio Maria,* por exemplo, desde o seu primeiro numero. dá os seus desenhos gravados em zinco, com excepção d'alguns numeros lytographados, em razão de ter adoecido o artista encarregado de tão delicado trabalho.

O melhor é que alguns jornaes de Lisboa repetiram a noticia do *Tam-tam*, o que nos dá a idéa de que os collegas a respeito de zincogravura e seus correlativos, estão tão adiantados como os nossos avós.

E todavia o nosso zincographo ainda a noite passada se levantou á meia noite para dar a tempo os trabalhos para este numero!...

## Theatro do Gymnasio

No *Processo Lerouge* Antonio Pedro apresenta, como sempre, um bello typo. Recommenda-se esta peça em especial aos srs. juizes, escrivães, delegados, procuradores, fieis de feitos, criminosos, e a todas as pessoas emfim que se interessam pelo andamento dos processos, tanto na Boa-Hora, como fóra d'ella.

Quem gostar das commoções com muitos lances por acto, vá ao Gymnasio.

## Theatro do Principe Real

Eis a concepção que o guarda-roupa do Principe Real tem da figura do caricaturista do *Antonio Maria.*

É assim!

Palavra que é a caricatura que mais nos tem feito rir.

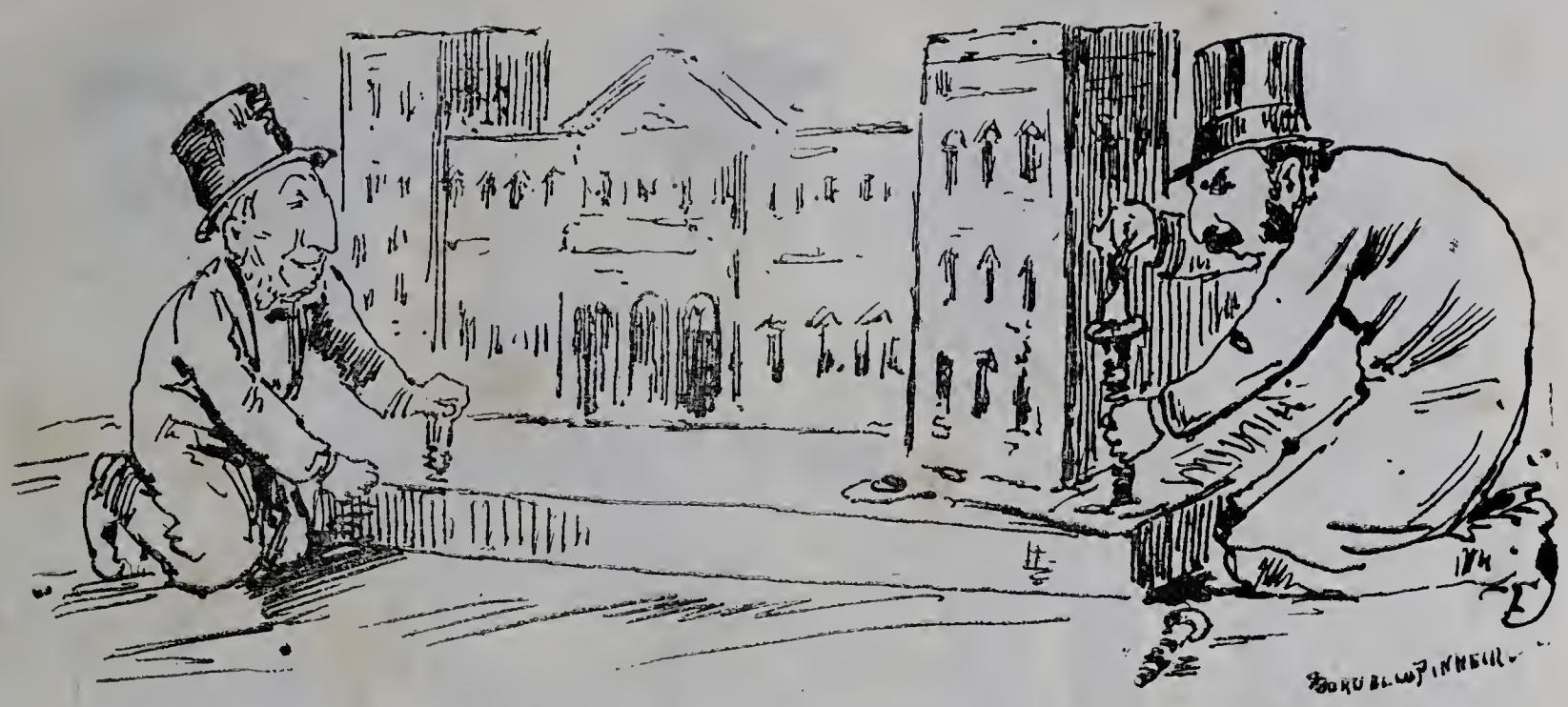
Em paga das *charges* arremessadas sobre tantos desgraçados, eis a fórma por que um trocista anonymo sabe vingar as nossas victimas.

## LE PORTUGAL A VOL D'OISEAU

### PORTUGUEZES E PORTUGUEZAS

Os primeiros lisonjeados por Madame Rattazzi os ter achado bonitos e interessantes, congratulam-se entre si, enviando um comprimento á princeza, ao passo que uma commissão dos mais genuinos exemplares das senhoras a quem a princeza chamou feias se propõe a enviar-lhe maldições.

## Preparativos para o baile do paço



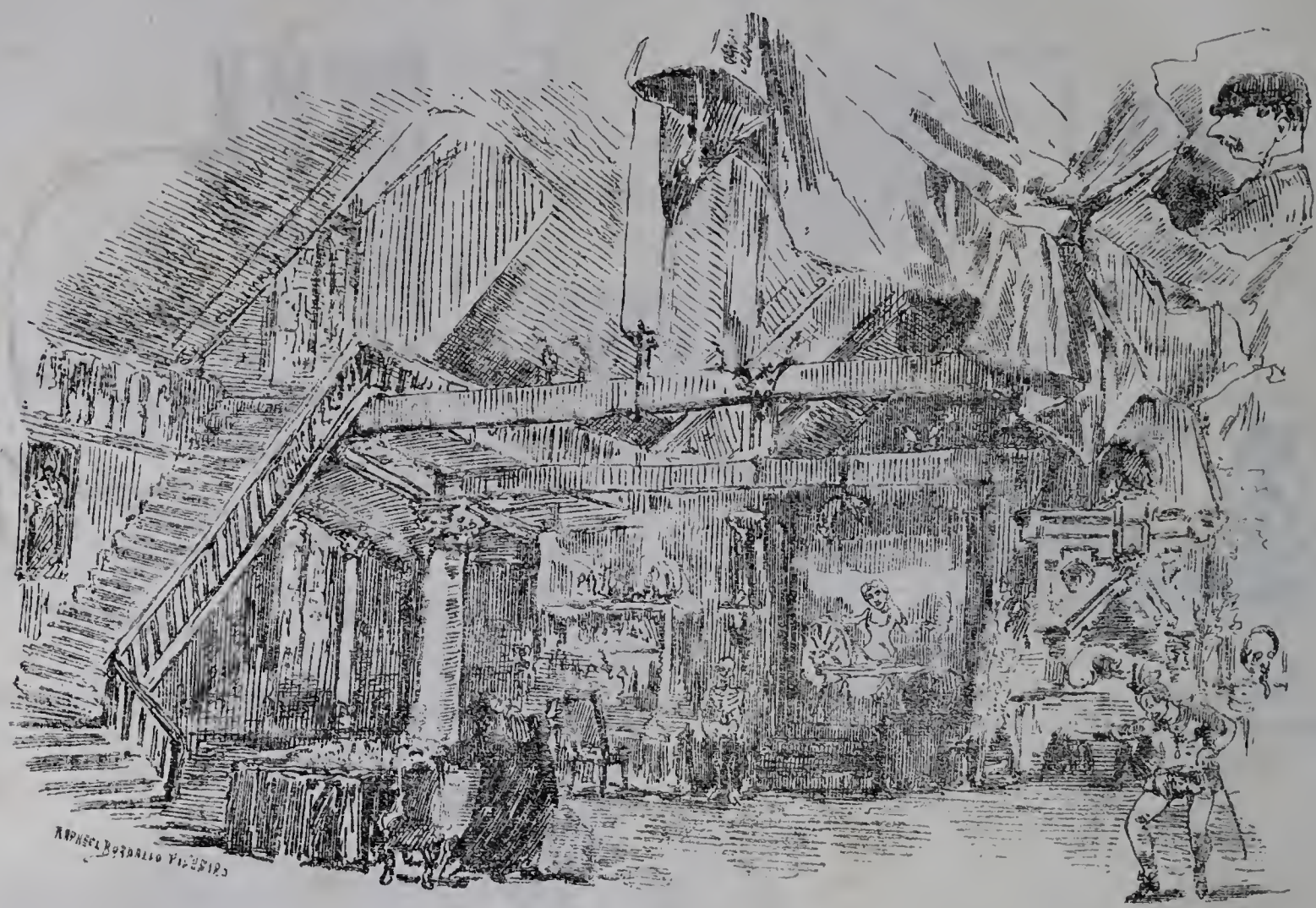
—Nada, como vae haver baile, vamos nós com a ajuda de Deus aparafusar a Ajuda, não seja o diabo negro que algum convidado a leve na algibeira-furtada.

Alguns que esperam ser convidados principiam a collocor algodão no canelim, para o effeito de se apresentarem condignamente nas danças do poder moderador.

O sr. Barros Gomes espreita a scena, dizendo com os seus botões:

—Vão se regalando, que depois do baile cahe lhes um imposto sobre as barrigas das pernas.

# O FAUSTO — Chronica lyrica



A scena do 1.º acto, alegre mas pouco mysteriosa. Parece um *chalet* feito d'encommenda para o sr. Fausto... Guedes, antes de ser visconde de Valmor.

Entretanto o sr. Fausto Bulterini patenteou aos espectadores, além d' um bigode effectivo e outro supranumerario, uma gordura que realmente nos socegava a respeito do estado *interessante* das penas do seu coração.

Vê-se que em S. Carlos as transformações á vista não são feitas em virtude de sortilegios diabolicos, mas sim com o auxilio das mãos do sr. Paccini, que surgem das profundas dos infernos, a puxar pelas vestimentas.

No *Fausto* o sr. Bulterini, depois de transformado, manifestou-se puro *pão-sinho!*

Reduzzi, o cantor legendario, lá appareceu em cima do banco em que tinha ficado empoleirado na epocha passada, a cantar a sua aria do segundo acto.

E o côro dos velhos, manifestou desafinações novas e trajos extremamente velhos.

*Parlatele d'amore*
*O care fiore*

A empresa descobriu emfim uma cantora que tem um nome em harmonia com o methodo do canto:—é a sr.ª *Marra*.

Á prima dona Borghi-Mamo é offerecido um ramo que é trazido a pau e corda para a scena.

Margarida estremece á claridade d'uma lua cheia de *tremel·ques*, e que faz vontade de reprovar o sr. Paccini em *luas*, como já no *Propheta* tinha sido reprovado em *soes*.

O barytono quando expira faz um gesto que justifica a bem conhecida phrase — esticar o pernil.

Tanto o *estica* que prega com dois coristas no chão.

O baixo Dondi canta a serenata do 4.º acto satisfactoriamente; entretanto alguma porção de publico resolve exprimir juizo desfavoravel por meio d'um raciocinio que se costuma calçar por cima das meias.

O baritono Laloni apparece quasi preto, o que nos faz suppôr que esteve mettido na carvoeira na noite da *rusga*.

*Páosinho* corre afflicto atraz de Mephistopheles, afim de que elle não lhe seduza a Martha, e se vá tudo quanto Martha... desafinou.

Recommenda-se a cara de Martha á sociedade de geographia—como mappa.

As coristas que no *Propheta* tinham desmaiado para um lado,

No *Fausto*, por causa da symetria, cahem para o outro.

Em S. Carlos ha espectadores que tanto se compenetram do seu papel de *dilettanti* pedestres, que na força de bater com os pés chegam a manifestar-se unicamente sob o aspecto de botas.

Começam a diminuir — e os pés a crescer, a crescer, a crescer, ficando assim!... Só botas e nada mais!

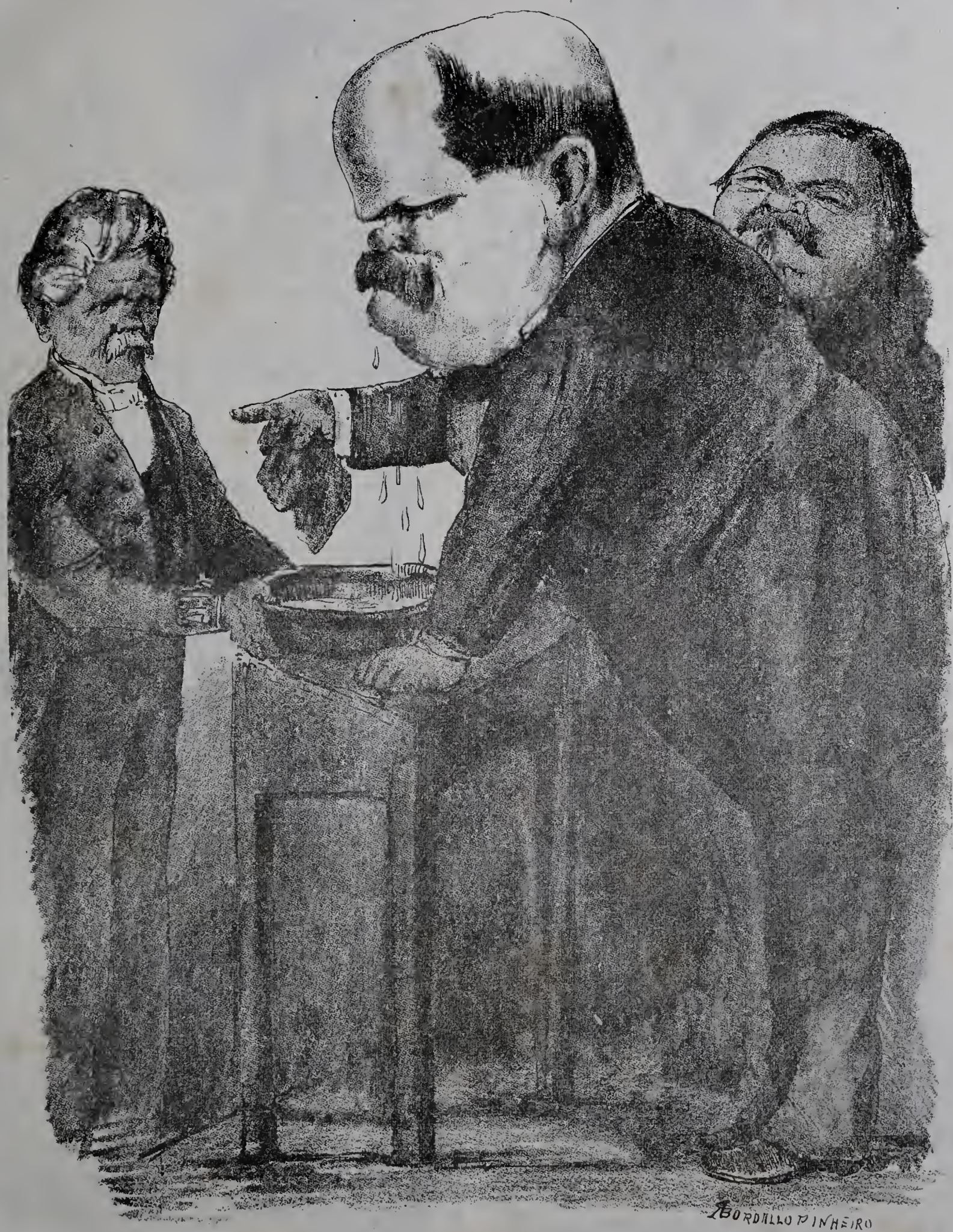
A conferencia no salão da Trindade pelo ex-governador de S. Thomé, Ferreira do Amaral

Mais de mil pessoas e mais de mil phrases excellentes pelo conferente que resume o seu discurso n'esta sentença de sã philosophia e de justa observação. A sollicitude da mãe patria envia para as colonias rhetorica e condemnados.

Todos os governadores do ultramar deviam ser submettidos a esta prova: dar a sua opinião a respeito da administração colonial. A maior parte sahia reprovada com certeza.

O *Antonio Maria* não concorda entretanto com o ex-governador em varios pontos.

## PERFIS PARLAMENTARES




O sr. advogado Alves da Fonseca, derramando lagrimas de sangue sobre a testamentaria do conde de Ferreira e o governador civil do Porto.

Um collega e um continuo, ambos collegas no nariz, escutam extasiados. A urna está quasi cheia de pranto.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

# CHRONICA PARLAMENTAR

D. Pedro Penedo, natural de Seixo, freguezia da Ponte da Pedra, concelho da Pederneira.

O mais saliente traço da *eloquencia* do digno representante do povo, Dr. Pedro Castello Branco, é coçar a orelha esquerda com a mão direita, e coçar com a orelha direita a mão esquerda.

No começo da sessão puxa d'um lenço de ramagens e principia a assoar-se — até ao fim da legislatura.

A sua biographia póde resumir-se na seguinte quadra feita ha alguns annos por um dos mais sympathicos filhos da bohemia coimbrã :

Se vires um homem de perna mui alta
Com os olhos em guerra e cara de mau,
Prostrae-vos por terra, beijae-lhe as sandalias,
É o Pedro Penedo da Rocha Calhau.

O CONSELHEIRO ARROBAS TIGRE

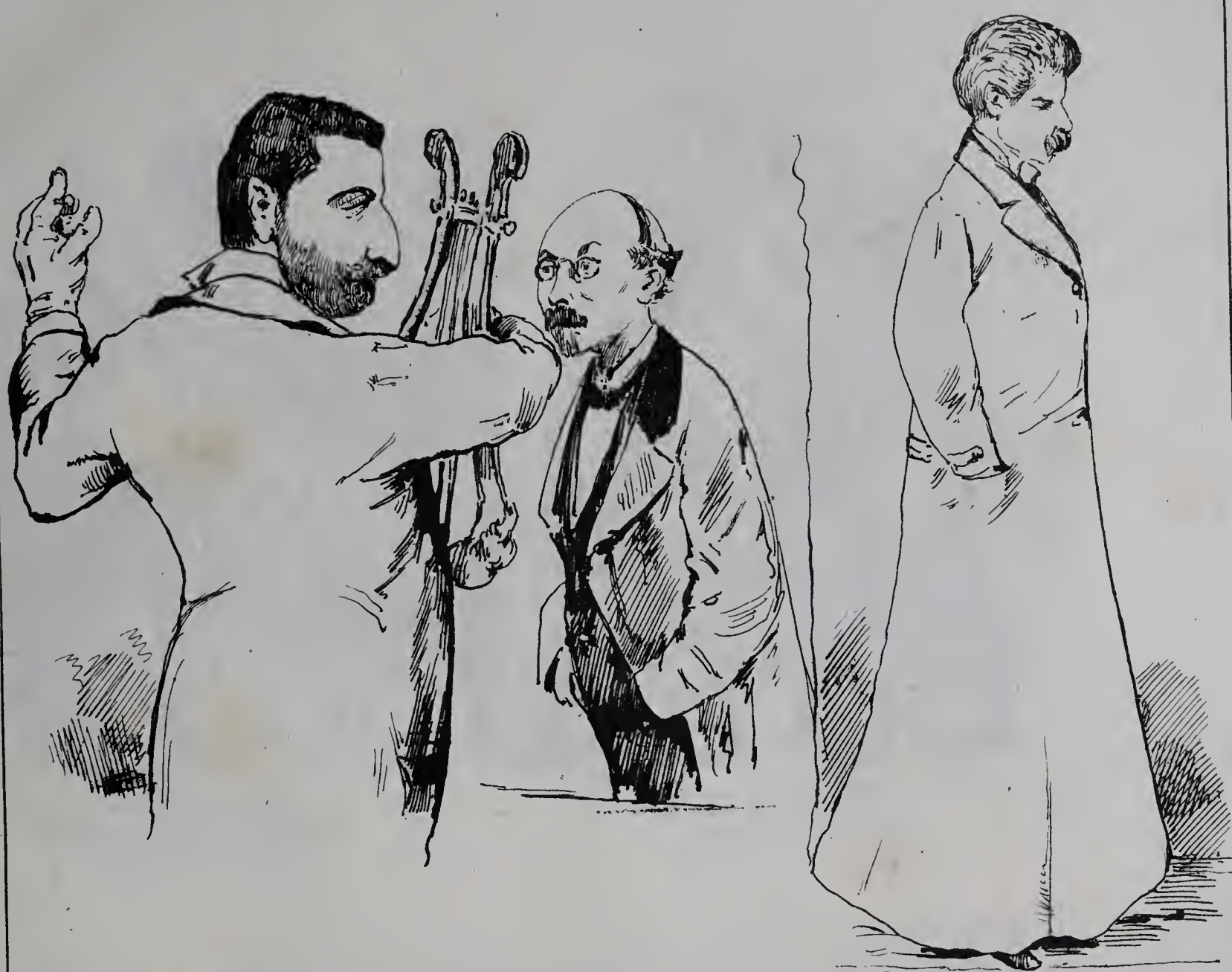
Acaba de fallar tres dias a fio sobre a questão da *polvora*, mas em vez de ter sido genuinamente tigre, como promettera na junta geral, foi pouco mais do que um gato, a trucidar o assumpto, como se o assumpto fosse um rato!

O sr. conselheiro Arrobas foi sobretudo pesado, não obstante alguns dos seus rasgos oratorios.

Entretanto a assembléa estremeceu d'enthusiasmo, quando s. ex.ª *celebrando* o seu discurso entre o reverendo conego Alves Matheus e o reverendo subdiacono José Luiz Dias, bradou :

— Sr. presidente: *Quero ver como o sr. ministro descalça esta bota!*

OS CASACÕES PARLAMENTARES



CASACÃO N.º 1, O SR. OLIVEIRA BAPTISTA
CASACÃO N.º 2, O DO SR. PEDRO FRANCO

## A LYRA DAS FINANÇAS

O *Antonio Maria* agradece o reclame que o sr. Barros Gomes, o *poeta das finanças*, como lhe chamou graciosamente o sr. Arrobas, fez a esta folha na sessão de segunda-feira ultima, declarando saber pelo *Antonio Maria* que o sr. conselheiro Arrobas estava disposto a ser tigre na presente sessão legislativa.

D'ora ávante fica o sr. Barros Gomes declarado, para todos os effeitos não pecuniarios, redactor honorario do *Antonio Maria*.

N. B. — O que está constantemente com orelha prescutadora mettida na palavra do sr. Barros Gomes e na de todos os oradores, é o sr. Placido d'Abreu, *ouvidor* do parlamento.

Ha bem fundadas suppposições de que debaixo d'estes casacões veem dois deputados nús. Pedimos ao sr. presidente para os mandar despir em sessão secreta, afim de se verificar se realmente se dá um tão grande ultraje á moral publica.

# O BAILE

Entrada de varias barrigas de pernas parlamentares, e extra-parlamentares, na sala do throno.

Contradança legislativa. O sr. presidente da camara dos deputados dançando com sua magestade a rainha, depois da ordem do dia, em cumprimento do artigo tantos da carta.

Extasi d
do viu um
uma mesa.

*No bufete* —Varias dignidades ecclesiasticas da camara rodeiam um perú, na intenção de o *encommendarem*.

O sr. Sampaio approxima se, offerecendo-se para tumulo do *defuncto*.

Os srs. ecclesiasticos respondem: —Não é possivel, porque tem de ser enterrado em *sagrado*.

O sr. Alves da Fonseca, não tendo sacarrolhas á mão, pede ao sr. Laranjo o nariz para abrir uma garrafa.

O sr. d
contempla

# PAÇO

Penedo quan-
o em cima de

O sr. dr. Jardim procura realisar o seu nome para dar mais explendor á festa.

Varios membros do corpo legislativo agitando-se na vertigem do *cotillon*.

or Cantanhede
ma gallinha.

Estado de varias barrigas de pernas depois das barrigas cheias.

O sr. Rodrigues de Freitas, na intenção de agradecer o convite que lhe foi enviado, chega ao portão da Ajuda e diz :

— Cidadão, tenha a bondade de entregar estes dois bilhetes aos patrões.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## Os excentricos da politica

O *preto* do olho branco e o branco da *unha preta*.

Está aberta a assignatura para as funcções parlamentares que estas duas celebridades da politica projectam dar na presente epocha lyrico-legislativa.

## Acontecimentos da semana

Esteve em Lisboa o sr. Vilhena, redactor do *Campeão das Provincias* d'Aveiro. Bonito collo! A Casa Havaneza estremeceu d'enthusiasmo ao vel-o, e o Valentim, que não tem pescoço, olhou com inveja o do *Campeão*.

Pedimos a este collo do Vouga que não venha a Lisboa fazer mais victimas!

No *Segredo de Miss Aurora* os espectros do ultimo acto portaram-se d'uma fórma indigna de almas do outro mundo. No fim do espectaculo o secretario da empresa pegou 'elles e foi archival-os, para memoria.

A actriz Anna Pereira teve muitos pedidos para emprestar as barrigas das pernas para o baile do paço.

## ANJOS E DEMONIOS

Typo d uma *dilettanti* do theatro lyrico e das sessões parlamentares.

A sr.ª Chini, novo Siebel do Fausto.

N. B. — A sr.ª Chini podia ser mais chineza do que é.

A interessante Moriones trajando de Cupido e seguida por um anjo de barretina na nova zarzuella O *Desterro do Amor*.

## A sr.ª Rattazzi, ou a bixa de sete cabeças

Camilio Castello Branco cobre-se com a pelle do leão de Numea, por causa do frio, e começa á pancada á hydra. A hydra não o entende e nós nunca entendemos a hydra.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

Manuel Maria Bordallo Pinheiro

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

# MANUEL MARIA BORDALLO PINHEIRO

(FALLECIDO EM 31 DE JANEIRO DE 1880)

O artista commemorado n'estas paginas morreu ha oito dias, morreu, mas a sua memoria sobrevive e sobrevive elle proprio, porque a alma do artista fica disseminada pelas suas obras. Quando depois as contemplamos assistimos á resurreição do homem.

É a realisação d'aquelle extranho conto de Edgar Poe. Um artista inspirado pintava o retrato d'uma mulher. Á proporção que lhe transportava para a tela, um e um, nos recolhimentos mysticos da paixão, os traços da physionomia ideal, era como se lhe transportasse a vida. Quando, emfim, o retrato vivia, o original tinha acabado de expirar!

Assim o artista transporta para a tela, a traço e traço, as feições da sua alma, e chega um momento em que parecendo ter acabado de existir, *vive* entretanto todo nas suas obras.

Manuel Maria Bordallo Pinheiro é um d'estes *vivos* gloriosos.

Contemplar o seu longo trabalho accumulado, é contemplar o homem. Conhece-se logo que foi inspirado pela musa da *bondade,* essa musa sem cathegoria mythologica, mas que é a mais digna do nosso tempo; a musa dos trabalhadores honestos e dos luctadores honrados, a musa dos sabios e a musa dos fortes. E a sua physionomia recompõe-se, anima-se o escopro do artista, a palheta iria-se de côres e nós, em virtude d'uma extranha evocação, continuamos a vel-o n'aquella serenidade cheia de doçura e de modestia, que é o caracteristico especial d'uma accentuada organisação artistica que, tendo feito da arte um apostolado, soube viver para ella e morrer com ella, cheio de uma dedicação antiga como os honestos artistas da Renascença!

* * *

Ha quarenta annos, quando Manuel Maria Bordallo Pinheiro fez a sua entrada do mundo artistico portuguez, esse mundo artistico compunha-se unicamente dos elementos seguintes, — uma sombra sentada sobre uma ruina.

O fio da tradição tinha-se partido, a memoria dos grandes nomes estava perdida. Era preciso refazer tudo. Para vencer, era necessario, em primeiro logar, a tempera dos valentes e a crença dos predestinados.

Bordallo Pinheiro iniciou a gravura em madeira, e o *Panorama* sahiu do cahos. Principia então a laboriosa vida do artista, manifesta-se a fecunda iniciativa que depois, secundada por outros esforços, consegue tornar a sombra n'uma estatua e a ruina n'um templo.

Como trabalhador que havia encontrado os materiaes da sua obra dispersos nas ruinas do passado, Manuel Maria Bordallo Pinheiro, professava o culto sereno do antigo, mas os esplendores do seu tempo seduziam-no; enamorava-se dos prodigios do espirito novo, de fórma que, em virtude de uma bondade ingenita da sua alma, o seu modo de ser artistico vacillava sempre entre dois pólos, sem poder fixar-se nem tomar um rumo determinado. É este o caracter essencial da sua obra.

* * *

Em Alcolena, n'um sitio isolado, no pendor d'uma serra ás abas de Lisboa, tinha uma pequenina casa e junto a essa casa a officina. Vivia alli com todos os seus filhos, os filhos do seu sangue e os da sua phantasia, n'essa doce communidade patriarchal que constitue a mais seductora virtude dos antigos e o manancial mais fecundo das mais formosas inspirações modernas — a familia.

O seu *atelier* era um pequenino mundo aonde se accumulavam n'uma graciosa confusão mil pequeninas figuras evocadas pelo trabalho paciente e animadas pela fecunda inspiração do artista. A figura aerea d'uma castellã escutando os mysticos devaneios d'um pagem, ao lado d'um antiquario enlevado no cinzelamento de uma obra preciosa; a physionomia voltaireana d'um correcto cidadão do directorio ao lado do vulto contemplativo d'um asceta rebuçado nas dobras do seu burel.

Ás vezes o artista sentia revoltas intimas contra as seducções exclusivistas do passado e queria ser do seu

Casa em Alcolena, onde morreu Manuel Maria Bordallo Pinheiro.

tempo, muito do seu tempo; queria ser *moderno*, e era-o.

Ha um quadrinho d'elle, delicioso, tocado d'uma maneira completamente nova, apenas acabado, e que figura na nossa pagina do centro, desenhado ao lado da sua mascara modelada depois do artista ser ferido pela morte. As pequeninas figuras flamengas, que eram todo o seu enlevo, e a que elle dava todos os seus desvelos, deviam sentir coleras supremas contra este novo rival que vinha disputar com ellas a admiração dos entendidos!

Dir-se-hia que por uma porta d'esta officina entrava o luar da meia-edade e pela outra o sol esplendoroso do porvir. É por este motivo que sahiam d'alli os quadros que entre nós representavam o mais fervoroso culto pela arte tradicional e ao mesmo tempo os *croquis* que deviam representar a primeira revolta contra o convencionalismo artistico e social do nosso paiz; isto é, o *Antiquario* e o *Calcanhar d'Achilles*, — as dedicações do pae a par das supremas revelações do filho.

* * *

É muito longa a lista dos trabalhos de Manuel Maria Bordallo Pinheiro. Fundou jornaes litterarios e illustrados, modelou bustos, fez gravuras, illustrou poemas, pintou retratos e fez quadros.

Dotado de aptidões variadissimas, o inventario da sua bagagem artistica não se faz em poucas linhas.

O *Panorama* e o *Archivo Pittoresco* são documentos eloquentissimos da sua valia não só como desenhador, mas tamhem como gravador, da mesma maneira que são a *Epocha* e o primeiro *Jornal de Bellas Artes*.

Illustrou as paginas do *Museu Pittoresco*, e os poemas *Miragaia* e *Rui o Escudeiro*. Por um especimen que damos d'uma illustração do primeiro d'estes poemas se poderá ver que esforço não seria necessario para attingir aquella perfeição ha perto de quarenta annos!

Entre muitos dos seus quadros originaes contam-se o *Juizo de Salomão*, o *Tributo das cem donzellas*, *Vasco da Gama na Ilha dos Amores*, *Camões e o Jau*, e muitos outros recentemente premiados nas exposições a que concorria, sobresahindo os pequeninos quadros do genero flamengo, realmente notaveis pelo primor da execução e esmero do detalhe.

Ha d'elle muitos bustos e estatuas, taes como de Camões, do 1.º duque de Palmella, e de Antonio Feliciano de Castilho. Os seus trabalhos dispersos por museus e gabinetes particulares são innumeros; são o resultado de um esforço supremo que se prolonga por quarenta annos, sem treguas e sem descanço.

Póde dizer-se que, á maneira d'um trabalhador titanico só teve a sua féria ha poucos dias. Foi quando descançou no tumulo.

* * *

O artista é a revelação do homem: trabalhador honesto, cidadão honrado. Fez da arte um sacerdocio, e a arte, como é bem de ver, nem sempre lhe atapetou o seu caminho de flores. Comprehende-se bem que em Portugal não se possa sacrificar inteiramente a essa deusa, e que portanto Manuel Maria Bordallo Pinheiro, ao passo que era um artista, fosse tambem um funccionario publico. Pela conciliação de trabalhos de uma indole tão diversa conseguiu manter-se na stricta independencia requerida pela hombridade do seu caracter modesto mas não affeito a baixezas.

# Á MEMORIA DO

# E E DO MESTRE

Lithographia Guedes.

Illustração ao poema *Miragaia* por Manuel Maria Bordallo Pinheiro.

* * *

É o logar proprio para desfazer uma lenda que em certas regiões tem vogado com um intuito certamente louvavel, mas em todo o caso pueril.

Suppõem algumas pessoas que Manuel Maria Bordallo Pinheiro recebia em vida uma pensão devida á munificencia d'um respeitavel personagem, que por vezes tinha mostrado certa predilecção pelos trabalhos do artista e mesmo por vezes lhe comprára alguns.

Esta supposição não tem fundamento. O artista viveu sempre unica e exclusivamente do producto do seu trabalho, e nunca da munificencia alheia. Nunca recebeu pensões — nem as sollicitou. Contentava-se com um acolhimento benevolo e quando qualquer lh'o dispensava, quer fosse um rei, quer um pastor, achava-se recompensado.

As supposições d'esta natureza pesam ás vezes demasiadamente sobre a memoria dos que já não teem voz para protestar.

É pois uma obra benificente arrancal-as da crendice publica, como se arranca uma planta bravia que por acaso brota d'entre as flores d'um tumulo.

* * *

Estas linhas não são um necrologio nem uma biographia. São umas simples palavras que intentam completar a commemoração piedosa representada n'estas paginas.

O leitor julgará melhor pelos traços do lapis o respeito dos filhos e a physionomia do mestre, do que por este ligeiro esboço o retrato do artista.

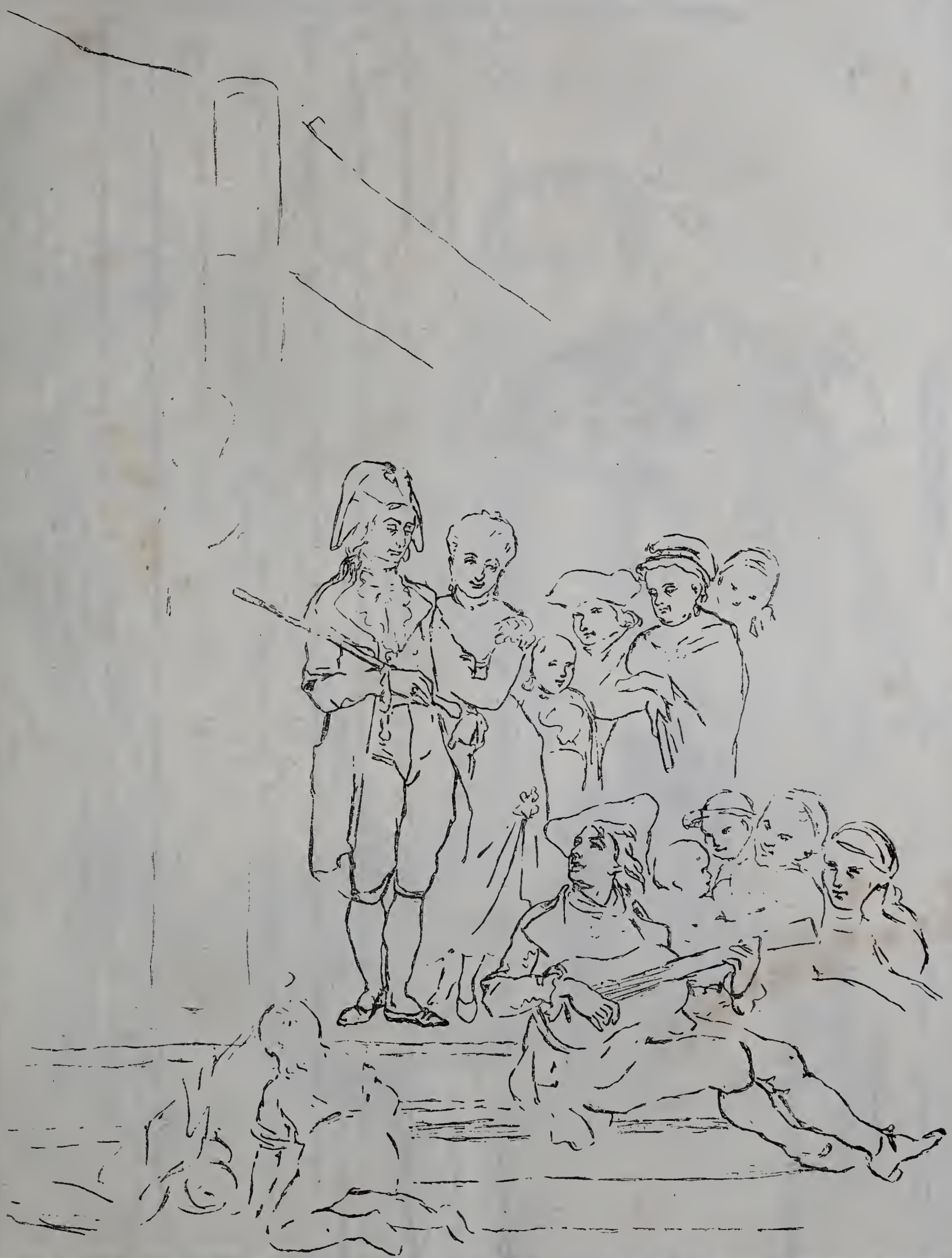
Não fica certamente bem n'uma obra inspirada toda pelo amor filial a relação das distincções e premios que o honrado trabalhador recebeu em vida. Em face da posteridade que se ergue a fazer justiça, as distincções humanas diminuem de tamanho e de valor. Manuel Maria Bordallo Pinheiro teve-as de sobra, mas os mortos como elle, para serem relembrados não precisam de veneras pendentes do peito. Basta-lhes o respeito e a saudade que fica no peito dos outros.

Ao morrer, o artista deixou duas recommendações. Uma carta á Academia das Bellas Artes, outra a seus filhos. Se o espaço não nos faltasse para as inserirmos aqui, o leitor teria occasião de conhecer por ellas a grande fé do artista e a suprema honestidade do homem.

Quando se tem luctado toda a vida, morrer assim, pensando na arte e na familia, é ter completado o destino d'um homem de bem. É começar a viver no respeito publico.

Todos nós devemos crer n'esta immortalidade!

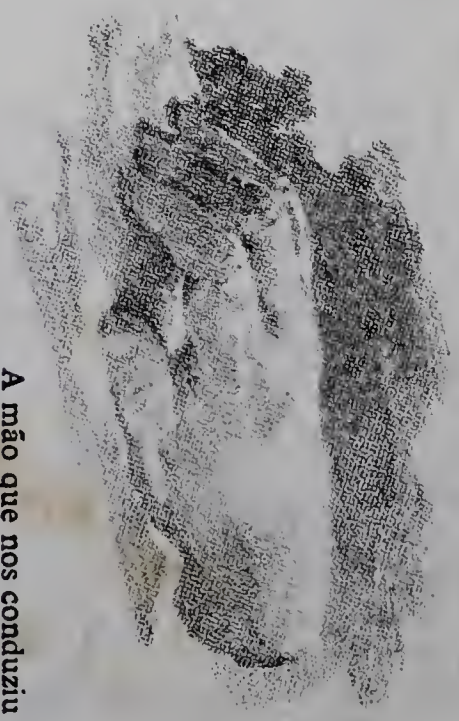
G. d'Azevedo.



Plano de um quadro para a Exposição da Sociedade Promotora de Bellas Artes desenhado por Manuel Maria Bordallo Pinheiro poucos dias antes da sua morte. *Croquis* inedito fazendo parte do seu espolio artistico.

Autographo d'um rascunho d'uma carta sobre a projectada reforma da Academia das Bellas-Artes.

*Fac-simile* d'um desenho á penna por Manuel Maria Bordallo Pinheiro.



A mão que nos conduziu e nos guiou no trabalho.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## A REFORMA DA CARTA

*(Consulta e conselho do especialista Assis, perito em artigos combalidos.)*

—Podemos ter esperanças a respeito das melhoras d'este codigo ?
—É impossivel. Está no periodo *constitucional !*

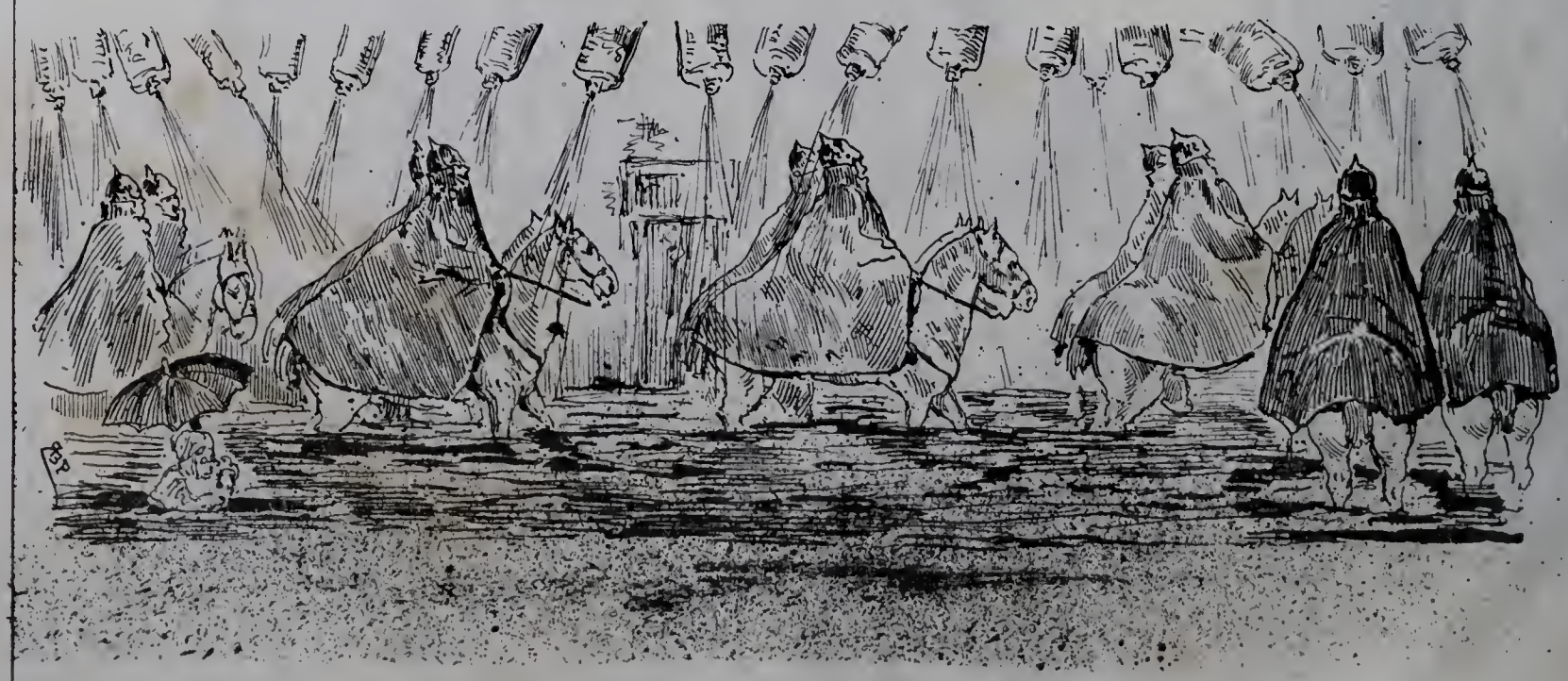
Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## Scenas de carnaval da Veneza do occidente

Aspecto alegre d'um *pierrot* ao amanhecer de terça-feira gorda. Tòdo satisfação, todo jubilo, todo contentamento!

Aspecto do mesmo *pierrot* no momento de se *divertir* n'um baile de mascaras.

## FOLHETIM — O carnaval nas ruas



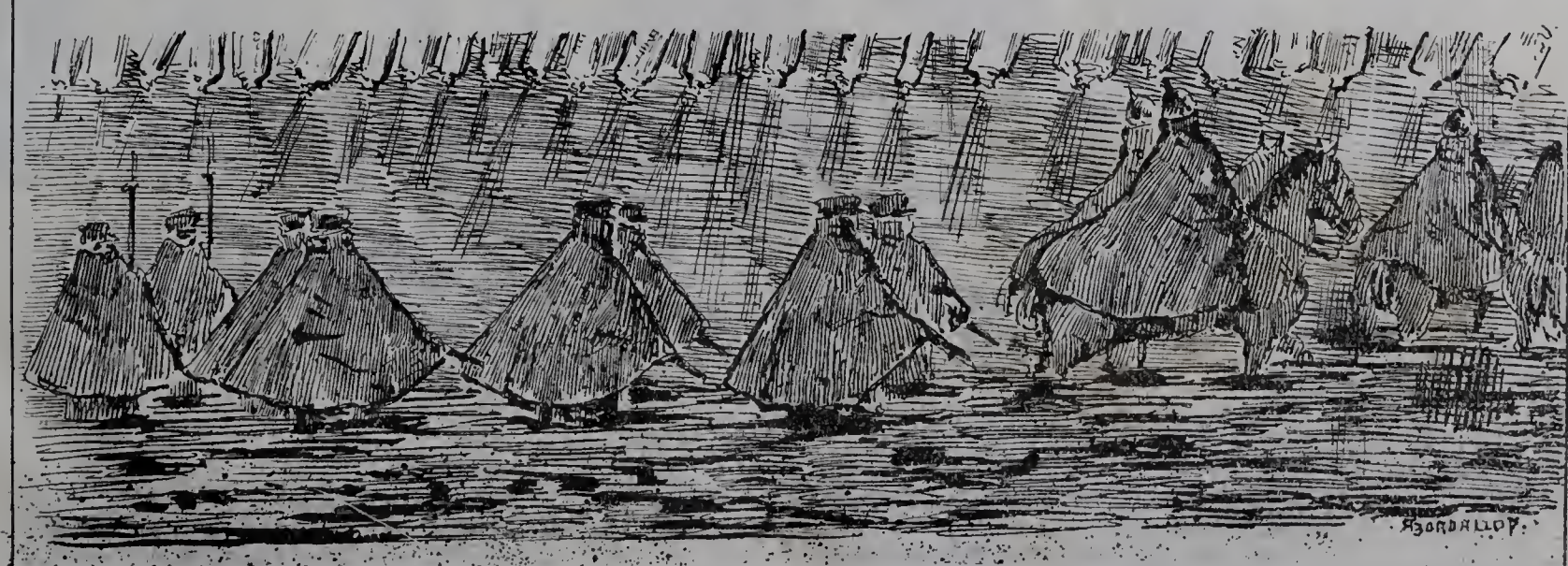
Aspecto do Chiado desde as 7 horas da manhã até á meia noite. Deus Nosso Senhor, sem respeito pelo edital do *seu collega* do governo civil, despeja as bisnagas celestiaes sobre os anjos da guarda-municipal.

*(Continúa.)*

## Scenas carnavalescas de S. Bento

ABERTURA D'UMA SESSÃO PARLAMENTAR

— Meus senhores, a ordem do dia para ámanhã é a questão das rolhas e da Immaculada Conceição Os paramentos são a capricho.



Aspecto do Chiado desde a meia noite até ás 7 da manhã. O altissimo continúa a zombar dos decretos do sr. governador civil, abrindo as cataratas do ceu sobre as *cataratas* da policia, o que ainda assim não faz com que ella veja mais.

*(Continúa.)*

**A perpetua mascarada p**

— Fausto, dize-me cá, o ministerio tenciona dar a alma ao demo?
— Se elle não a quizer acceitar, dá-se ao duque.

— Olha, Mephistopheles, estás aqui estás com a presidencia do conselho.
— Visto que a patria exige de mim mais essa *presidencia,* vou fazer outro *gallo* na testa.

**, antes e depois do carnaval**

— Não nos conheces, Zé?
— Conheço, sim. Esta *cigana* diz que a minha sina é albarda. Pois venha ella, real senhor.

— Incrivel *presumptivo,* dezeseis contos é um presunto grande de mais!
— Incrivel demagogo, faze outro discurso, que é para ver se recebo trinta e dois!

# O BAILE DOS PRETOS

## Recepção da nova rainha D. Filippa no seu paço na rua das Amoreiras

Baile com menos alguma etiqueta do que o do paço da Ajuda. Sua Magestade digna-se dançar o tango com o presidente do conselho, a pedido dos convidados. O ministro da guerra sustenta no collo um pequeno *presumptivo* de carapinha, o que nos dispensa de sermos nós que o *sustentemos*.

Resumo da impressão que nos deixou a festa. Muita amabilidade e muito cheiro a catinga da parte de suas magestades e altezas.

Ha quem diga que o partido constituinte olha com ciume este ministerio *preto*, que subiu ao poder primeiro do que elle.

Suppõe-se que a estatua equestre de D. José I andou disfarçada em municipal a patrulhar o Chiado; entretanto, como medida preventiva, o governo mandou carregar algumas boccas de fogo, receioso de que as boccas dos indigenas tivessem espirito.

Que receio tão infundado!

*(Continúa.)*

## O baile infantil na Trindade

Varios senhores pares do reino e deputados da nação, visto contarem apenas mez e meio de legislatura, resolveram ir divertir-se ao baile infantil, afim de se acostumarem ás *danças* em que vão metter os contribuintes.

Nota-se que os velhos d'entrudo, os antigos *chéchés,* vão perdendo o caracter tradicional, e que o proprio gallego carnavalesco é influenciado pelo espirito moderno, a ponto de parecer vestir-se no *Nunes,* como quem se prepara para *par.*

O Chiado, nos tres dias de carnaval, como acontece sempre nos dias de chuva, patenteou-se um arruamento feito de *leite créme.* Boa occasião para o municipio,— dando-se ao trabalho de o seccar com o auxilio d'uma colher,— adquirir o titulo immortal de ser chamado o *come-créme.*

## Homenagem proposta pelo ANTONIO MARIA

Constando que alguns admiradores *concertados* pelo eximio especialista Assis projectam levantar-lhe um monumento, submettemos á approvação dos narizes redimidos o seguinte projecto:

1.º A estatua do especialista será, como medida economica, posta sobre o pedestal de Camões.

2.º O grande épico será, por occasião do proximo centenario, nomeado amanuense do ministerio da fazenda, sendo o governo auctorisado a contrahir um emprestimo para lhe comprar uma manga d'alpaca.

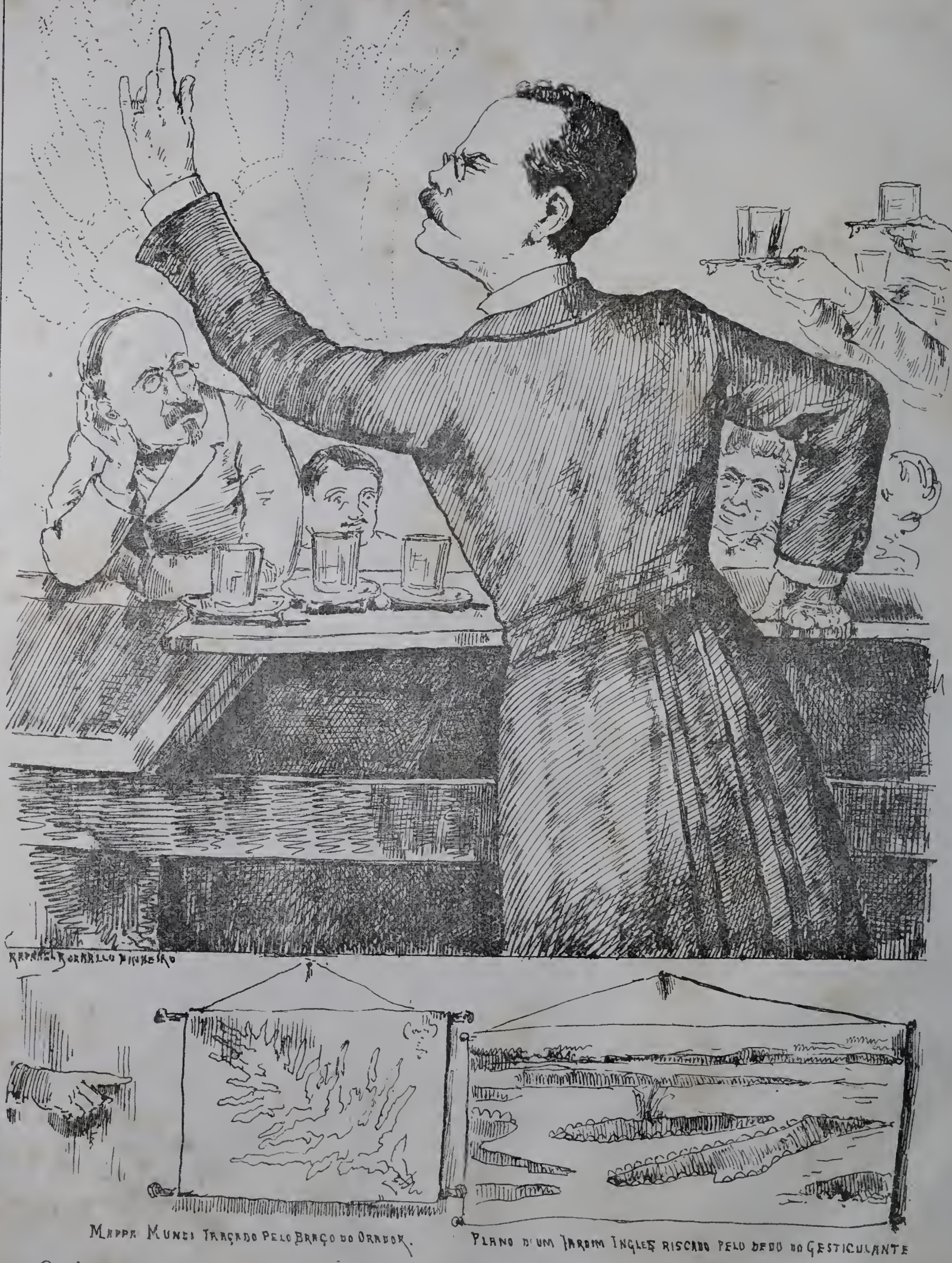
Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## O ORADOR ANTONIO CANDIDO

O *Antonio Maria* dá tres parabens: — 1.º a si, modesto artista, por ter escutado um grande artista da palavra: — 2.º á moderna tribuna portugueza, por contar finalmente um eloquentissimo orador do seu tempo; — 3.º ao proprio orador, por ter alcançado um grande triumpho sem elogios do *Diario Illustrado*.

## CAPELLA REAL LEGISLATIVA

*O sermão do sr. Hintze Ribeiro, o «Homem que não ri»*




Orador para dias de luto e de chuva, futuro Theodorico, cypreste parlamentar, *noitibó* da tribuna, Lagoia legislativo, gato-pingado da eloquencia.

Este *prégador* pelas ilhas adjacentes desenrolou, a proposito das ultimas eleições, um sudario de torpezas que, praticadas pelo actual governo, só tem na historia um sudario similhante: — é o que desenrolaram o anno passado os oradores progressistas a respeito de identicas *patifarias* praticadas pelo governo regenerador.

Eis a critica imparcial do *Antonio Maria*.

## REAL THEATRO DE S. BENTO

*Scena comica parlamentar pelo reverendo legislador-bufo José Luiz Dias*

— Senhor presidente, as *ligas* expostas ao ar oxidam-se!

Assim começou, ha dias, este Taborda parlamentar o seu discurso a proposito das *ligas* — metallicas! Averigua-se que ao passo que os oradores seculares, como o sr. Hintze, dão vontade de chorar, os tonsurados, como o reverendo Dias, fazem rir!

Extranhas anomalias d'este paiz e d'esta politica!

O sr. Pinto Coelho felicita o sr. Hintze Ribeiro em nome da companhia das aguas pelos metros cubicos consumidos no seu ultimo discurso kilometrico.

E pede lhe para só tornar a fallar quando a companhia estiver prevenida com o Alviella.

Em vista do contador da camara não fornecer agua sufficiente para alimentar a machina de fallar do sr. Hintze Ribeiro, o continuo Valladão pede a um deputado, que pela cara lhe parece representante de Tuy, para ir encher um *symbolo augusto* ao chafariz do Rato.

## PROCISSÃO

Atraz d'esta procissão vae uma cruz, esta cruz é a das contribuições; quem carrega com ella é o Zé-P

## LSSOS - POLITICOS

emblemas do poder e òs martyrios dos contribuintes são levados pelos anginhos dos diversos circulos.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama,

## INTERMEDIOS POLITICOS E THEATRAES

O sr. Fontes, lendo nos jornaes que o benemerito Assis é o *regenerador* da humanidade, resolve offerecer-lhe a presidencia do partido *regenerador,* que como partido militante bem precisado está dos serviços do especialista.

O sr. deputado Celestino Emygdio, propagador e defensor do sabão Moutinho no seio da representação nacional, aconselha ao illustre ouvidor parlamentar, Guilherme d'Abreu, que visto ter sempre os seus ouvidos em contacto com os partidos militantes, use do sabão — anti-*legislador* e preventivo.

---

Pela estatistica das leguas andadas pelo sr. visconde de S. Januario, e pela nota das suas correrias por mar e terra, segundo o relatorio publicado ha dias pelos jornaes, averigua se que o governo se equivocou e que, em vez de um diplomata para tratar com as republicas americanas, simplesmente nomeou um andarilho!

A missão do sr. S. Januario é um completo romance de Julio Verne. Em vez de ser publicada no livro branco, pedimos ao governo a deixe editar pelo sr. Corazzi, rompendo assim com as trodições diplomaticas em virtude das quaes os plenipotenciarios, em vez de nos darem a sua opinião sobre o *Perú,* se limitam a engulil-o.

---

O *Illustrado* dizia, ha dois dias, que ha muitos annos os poetas amorosos acabavam lançando-se á agua, e hoje acabam lançando-se ao vinho.

Protestamos em nome das bebedeiras do romantismo, que ainda hoje contam exemplares, que, de quando em quando, por essas ruas, *lançam* sobre nós, pobres filhos da decadencia!

É triste realmente que o sr. Alberto Pimentel negue aos trovadores de 1850 o sacramento que elles tinham em mais apreço — *o baptismo do vinho!* Os d'hoje, coitados, são, na maioria dos casos, dispepticos, mas raras vezes borrachos. Ou se o são, é em virtude d'uma tradição de escola!

A respeito do uso e da origem do vinho, manifestam de ordinario a ignorancia que o sr. Pimentel manifestava em Setubal, ha tres annos, quando formulava a sua vaga e mais cara aspiração no seguinte verso tornado celebre:

*Quem sabe que licor está dentro da uva?*

Houve um poeta que elucidou o sr. Pimentel a tal respeito, e o *Antonio Maria* dará brevemente em alexandrinos a resposta áquella extranha interrogação.

---

O *Noticias* publicava na terça-feira ultima que á India portugueza havia chegado um bispo gentio com a seguinte comitiva: oito camellos, um elephante, dezeseis bois e trinta e seis cavallos.

De ordinario os bispos christãos viajam com muito mais modestia e muito menos camellos.

## INTERMEDIOS POLITICOS E THEATRAES

O sr. marquez de Vallada tanto tem sollicitado na camara alta o assento do sr. Pereira de Miranda, que o illustre deputado resolveu tomal-o por estes dias. Parabens ao digno par.

M.me Fricci despediu-se de S. Carlos no meio de ruidosos applausos.

Fazemos votos para que a illustre prima-dona encontre na Italia, de perfeita saude, a sua voz e o seu esposo, — que d'esta vez a não acompanharam.

---

Ha no parlamento portuguez um orador que, pelo simples facto de estar *callado* tem conseguido mais popularidade e produzido mais contestações do que todos os oradores que durante o periodo constitucional se teem debruçado na tribuna parlamentar.

Este orador chama se Antonio Candido, cognominado por alguns simplesmente o *Castellar portuguez*, e por outros o *primeiro orador do seculo*.

O *Antonio Maria*, não tendo outras pretenções, nutre pelo menos a ambição de collocar as questões n'um ponto de vista muito diverso d'aquelle em que hoje as collocam os *apaixonados* da politica. Dirá pois a respeito do orador Antonio Candido — *Callado* o seguinte :

O *Castellar portuguez*, conservando-se mudo, no estado actual do parlamentarismo nacional, fornece-nos já uma demonstração do seu talento e do seu bom senso. Quanto mais silencioso estiver, mais eloquente o consideraremos, pois que para nós hoje o ideal do tribuno de S. Bento é aquelle que, á maneira de Demosthenes, não podendo metter um seixo na bocca, metta pelo menos uma rolha.

As questões da nossa tribuna não são para Mirabeaus, são para *maraus*, e os nossos Ciceros teem de ser uns causidicos comesinhos, como o sr. Hintze Ribeiro, ou uns palradores *chatos* como o sr. Alves da Fonseca.

Conserva, pois, o bico callado, aguia !

*N. B.* — Depois de escriptas estas linhas, na sessão de hontem o sr. Dias Ferreira provocou o *primeiro orador da peninsula* a usar da palavra, fazendo a critica dos que o teem troçado, com a seguinte phrase : — *Falle, que farto de insignificantes ando eu.*

O *Antonio Maria* tem o prazer de annunciar aos seus leitores que o orador Antonio Candido se manifestou, emfim, pela unica maneira digna por que um orador o póde fazer, isto é — fallando, e que n'aquellas condições, depois de lhe repetirem todos os dias — *piloso matagal ditoso a Venus*, obteve o maior triumpho que a um homem de talento é dado ambicionar.

Pulverisou a troça dos seus contrarios, e demonstrou que na verdade a phrase do sr. José Dias se dirigia de caso pensado a alguns que diariamente o apupavam em letra redonda.

O *Antonio Maria* é insuspeito n'este juizo, pois que raras vezes deixa de considerar o parlamentarismo nacional como um elemento de gargalhada ou de somno. E sobretudo não pretende que o partido regenerador, o progressista, ou o de *Pinus Puente* o proponham candidato nas proximas eleições.

GRAN-FUNCCION! successo parlamentar nunca visto.
(*Depois do discurso do orador Antonio Candido.*)

## SESSÃO DE HONTEM

Aspecto da galeria das senhoras.

Dito da galeria da imprensa, áonde ha 7:500 jornalistas, alguns desembarcados no mesmo dia das praias de Aldeia Gallega.

O sr. presidente dá a palavra ao sr. Paim, que não a quer.

Dá-a ao sr. Arrobas, que a quer,

E depois não a quer e foge largando as unhas e o rabo nas mãos de um continuo.

O sr. viscondo d'Arriaga falla então, e o seu discurso póde resumir-se da seguinte fórma:

Discurso do sr. viscondo d'Arriaga.

Sr. presidente, não me acobardo traficancia e filhos dotrafico

Porque Napoleão traficancias suffragio

Voto indirecto, sim marisco.

Porque eu tive uma preta. Volume 16, trafico philoxera.

Acabemos c'o trafico, sim eu tenho visto camadas de collegas.

Sr. presidente, o mal das vinhas, suffragio, trafico dos eleitores.

Eu fallo ha 22 annos, trafico, e tive um preto!
(*O orador comprimenta todos os lados da camara.*)

Quem quizer melhor do que grande Arriaga, vá no sabbado á Trindade ver o actor Augusto, que faz beneficio com o *Grande Gasimiro.*

# A SEMANA POLITICA

O orador Antonio Candido continua a perguntar :
— Então sahem d'ahi ou não sahem ?...

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama 9

OS CIGARROS SCANDO

Todo o mundo suspirava por elles! Chegaram emfim á casa Jubel & Garay, n'este momento assaltada pelos fumantes sequiosos d'aquelle aroma excepcional de que o Oriente tem o segredo e Garay o privilegio exclusivo em Portugal.

Considerar para todos os effeitos os cigarros vendidos em Portugal por qualquer que não seja esta casa ou os que n'ella se fornecem, não como cigarros Scando, mas sim como verdadeiro *escandalo*.

## SCENAS DA ACTUALIDADE

O sr. Barros e Sá confessa ao sr. d'Arri Haga, que o *cache-nez* já elle o tem; o que lhe falta é a pasta.

— E a mim o que me sobeja é a palavra.

---

O *Diario de Portugal* publicou e o *Illustrado* reeditou a seguinte phrase:

— Que a penna do *Antonio Maria* era uma penna *mal creada*.

A penna tem a honra de pegar na phrase com todo o carinho e de a depôr no collo do primeiro d'aquelles *Diarios*, supplicando-lhe que a guarde para os momentos criticos, quando as pugnas politicas em que d'ordinario andam envolvidos os orgãos militantes não inspirem conceitos verdadeiramente nitidos e precisos para caracterisar a fórma por que varias folhas diarias actuam hoje tanto na politica como nos costumes do nosso paiz.

Devemos entretanto dar a explicação seguinte: se de umas palavras do nosso numero anterior se poderia deprehender uma allusão ao *Diario de Portugal*, essa allusão não estava na mente da *penna* supracitada.

Agora tu, *Illustrado* da nossa alma.

Tu, maganão, foste d'uma giria e d'uma finura por ahi além. Publicaste, ha tres dias, a *caricatura* d'um dos collaboradores do *Antonio Maria*, para assim, por meio da gravura seductora, captares a vaidade do triste mortal, fazendo fincapé no amor proprio d'um para espicaçar a prosa do outro.

Mas sahiram-te os calculos errados, porque encontraste uma *abnegação* com que não contavas, mavioso auctor do *Atravez da imprensa*, Alberto Pimentel, merencorio e vago!

Desde hoje a prosa do *Antonio Maria* pouco tem que ver comtigo, porque a prosa é pallida e impotente para imprimir na grande tela da publicidade a linha comica da tua physionomia extranha!

A penna delega-te ao lapis, e da-te uma grande prova de consideração, porque vale muito mais ser *tratado* por um desenhador illustre, do que por um prosador obscuro.

A tua physionomia será commentada com o maior carinho, e levada nas azas da viração a todos os cantos do paiz, chegando mesmo ás provincias ultramarinas e ao Brasil, aonde o *Antonio Maria* conta muitos leitores.

Serás, emfim, desenhado n'aquella posição em que Guerra Junqueiro te viu para os lados de Cacilhas quando te figurava seguindo o cortejo d'uma poetiza illustre.

*Alberto Pimentel, noticiarista e magro.*
*Cavalga ethereamente um vaporoso onagro.*
*Curvando sobre a besta a solitaria espinha!*

E não só n'esta, mas em muitas outras. Emfim, dentro em pouco a moderna caricatura portugueza contará no digno prior da Lapa e no suave Alberto Pimentel, duas das suas individualidades mais caracteristicas e mais salientes, com a differença de um ser na linha o cumulo que o outro é na redondeza.

Embora te escondas atraz d'uma parede ou atraz d'outra qualquer coisa, de nada te valerá a *manobra*: desde hoje, caro amigo, pertences inteiro e entregado a esta comica manifestação do humorismo nacional.

# THEATRO DA TRINDADE

## O GRANDE CASIMIRO

Josepha, Queiroz e Ribeiro cavalgam nobremente os seus corseis, manifestando boa voz de redea n'este terceto typico.

Na scena chovem *bouquets* e corôas em fórma de coelhos e de leitões, á maneira de homenagens que guincham.

A empreza lança um véu discreto sobre certa acção que um dos animaes pratica no segundo acto.

O Augusto-beneficiado agradece commovido tantas provas de consideração, em duvida se ha de pôr um logar na Praça da Figueira ou dar uma ceia nas noites de beneficio.

Em todo o caso prova-se que é mentirosa a tradição de que o homem não vive de glorias Vive desde que el las sejam como as do theatro da Trindade.

THEATRO

OS HUG

A Borghi-Mamo, sublime a ponto de varios espectadores applaudirem o proprio pae. A Gargano excedendo tu
nha. As botas da sr.ª Chini, menos lustrosas, mas fazendo concorrencia com as dos espectadores, que a fizeram c
da Fonseca em varias edições. Um dos frades da conjuração parecia o sr. visconde *que ha de ser par*. Os dois retra
Dallots.

O sr. ministro da fazenda applaudiu tanto que se diria estar resolvido a lançar um imposto na voz do sr. Tan

ARLOS

S

pectativa! Tamagno, grandioso e quasi semi-deus, com excepção d'umas botas de panninho côr de casta-
tas na segunda noite e apenas com uma *bota n'alma.* Côro das virgens, parecendo cantado pelo sr. Alves
a ser um do sr. Izidro e outro do sr. Mazzioti, ao passo que os bailados eram todos similhantes aos dos

# A CRITICA DOS «HUGUENOTES»

*Feita no «Diario do Commercio» pelo sr. P. C. P.*

O sr. Primo, com a musa inspiradora na cabeça, pensou e escreveu o que vae escripto ao lado.

E depois de pensar e escrever, o nosso *Primo* applaudiu.

O sr. P. C. P. é o pseudonymo do sr. Primo da Costa, segundo corre em S. Carlos.

«O sr. Tamagno foi bastante applaudido, quando cantou a romanza *Bianca al par* não obstante alguns pequenos lapsos. O sr. Dondi foi um perfeito artista nas canções da Rochella, quando com tanta saudade recordava os seus tempos do celebre cerco, em que os protestantes foram vencidos pelo sombrio Richelieu.

No segundo acto sobre maneira se distinguiu a senhora Gargano, que cantou com muito mimo, correcção e graça, alcançando n'esta peça a maior das suas corôas d'este anno, *(note-se que não falla nas corôas do anno passado)* pois mostrando-se perfeitissima na *Traviata*, e cantando muito regularmente na *Linda*, na *Lucia* e no *Rigoleto*, excedeu todos os creditos n'este segundo acto. Conhecia-se que cantava sem esforço, e as notas soltavam-se-lhe com a maior naturalidade. Certamente com o papel de Margarida se coaduna a sua corda vocal, pois mereceu geral agrado e sympathia já na aria *O vago suol de la Tuvena*, já no terceto com as senhoras Chini e Mari, já no cantico *soto il uno impero*, em que foi muito applaudida, já no duetto com o sr. Tamburline, em que colheu altos applausos.

A scena do juramento foi brilhantemente cantada por todos e por extremo applaudida, tendo muitos bravos o intelligente regente da orchestra o sr. Kuon.

As honras da noite pertenceram *par droit de conquete* á sr.ª **Borghi-Mamo**, que mais uma vez dominou todos os ouvintes com a ineffavel belleza da sua voz e com a impeccavel correcção, de que nem um só momento se afasta.

Recebida com as sympathias e esperanças que os amadores esperavam ao recordarem-se de sua mãe, estreiou-se em Lisboa na *Africana* em que logo se mostrou á altura dos enormes e justos creditos que a precediam; elevou-se muito mais na *Aida*, em que maravilhou o publico, até que exhibiu a primeira vez o seu rosto insinuante e formosissimo de todas as bellezas da mocidade no *Trovador*, colhendo ovações freneticas no *Poliuto* e no *Fausto* até a vermos nos *Huguenotes*, em que já nos não podia surprehender, porque como dama de *primo-castello*, que é, está sempre no agigantado plano de tudo o que é mais alto e grandioso na arte.

E veio confessar para o theatro o folhetim que *praticou*.

. . . . . .

Logo no final do 2.º acto quando Raul *(patife do Raul!)* sem razão rejeita a união que o devia fazer feliz, tal foi o canto da sr.ª Borghi, que os espectadores não poderam conter-se sem a distinguir com estrepitosos bravos; mas os seus triumphos tinham de ir mais longe.»

. . . . . .

O *Antonio Maria* é que foi tão longe, que já não sabe aonde está.

Os criticos curvam-se todos deante d'elle!

A nossa humilde opinião (em estylo brasileiro) é que quem não fôr do parecer de vossê, seu Primo, é maçon arrepublicano, que abocaja as primas-donas *di castello*, e deve ser enforcado, porque não é brinquedo a bocage que um home bota nas primas-donas *di castello*.

O que vossê escreveu, seu Primo, está direito.

# THEATRO DO GYMNASIO

## O BÉBÉ

GARGALHADA EM TRES ACTOS E UM... ANTONIO PEDRO

O advogado Petillon em casa da Baroneza.
Como elle se senta.

Como elle se volta para segurar a dama que desmaia.

Como elle se revira.

Como elle disfarça!

Como elle canta o codigo!

Como elle se revolta.

Como elle a leva ás cabritas!

# A VIOLA D'AMOR

*(Emprestada por Sua Magestade para o 1.º acto dos Huguenotes)*

Duas *Damas das Camelias* tocam viola defronte do sr. Barros Gomes, para que s. ex.ª lhes não lance imposto de rendimento.

O Dr. Pedro Penedo toca-a. para que Deus Nosso Senhor lhe conceda na camara outro *penedo* a que se encoste.

Um capitalista toca da sua varanda, afim de convencer o sr. Barros Gomes a encarregal-o da negociação do futuro emprestimo.

E o sr. Manuel Vaz, para que a providencia affugente um besoiro *preto,* que costuma tomar assento na camara quando s. ex.ª falla, intromettendo-se na politica, sem estar filiado em nenhum partido.

"O DIARIO ILLUSTRADO" DIZENDO QUE NÓS LHE DEMOS "DOIS COICES" QUIZ PROVAR, SEM FUNDAMENTO, QUE DESEJÁMOS TROCAR UM APERTO DE MÃO COM O SEU "CAMELLO"

A redacção do *Antonio Maria,* pensando bem no caso e reflectindo nas circumstancias, resolve pôr á margem o noticiarista Alberto Pimentel, visto ser demasiada gloria dar-lhe a honra da caricatura nas paginas reservadas a assumptos mais selectos. — Á margem.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama

## Na feira dos dignos pares

Ultimo discurso *varredor* do digno par Vaz Preto.

O sr. Fontes expõe cordatamente que é uma inconveniencia fazer o elogio de sujeitos que na imprensa atacam as instituições vigentes e *reinadiasi*

O sr. Sampaio, para disfarçar, senta-se em cima do *Espectro*.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama,

AROLUS DURAND, é o nome d'um celebre pintor francez que n'este momento está em Lisboa. O *Antonio Maria* sente uma consolação extrema em poder esboçar a physionomia d'um homem que, em logar de fazer discursos, tem feito tantas obras primas.

Porque, entenda-se bem: Carolus Durand não é sequer o sr. conselheiro Arrobas, nem sabe *pintar* o estado da fazenda publica, todavia pinta a phisionomia ideal das mulheres e das creanças d'uma fórma que nenhum membro da commissão de fazenda será capaz de imitar.

No circulo artistico da rua Volney, em Paris, apresentou já este anno o retrato de Sully-Prudhomme e uma tela intitulada *Portrait de ma mère*. Desafiamos os que pintam os horrores do *deficit* a dizerem-nos pelo menos uma coisa:

Quem é Sully-Prudhomme? Não sabem. Pois o *Antonio Maria* não lh'o diz.

Emfim, saudemos o grande artista, pedindo-lhe um milagre do seu prodigioso pincel: que nos dê um retrato exacto da physionomia politica do sr. Carlos Bento.

Mas com obrigação de o fazer bonito.

## PHYSIONOMIAS DA PROVINCIA

Demos já um publicista d'Aveiro, notavel pelo collo, damos hoje outro notavel pelo casacão, digno effectivamente de abrigar aquelle seio jornalistico.

Que o sr. Maia e o sr. Vilhena se abracem como prova de confraternidade á beira do Vouga! E se o primeiro não puder dar ao outro todo o seu affecto, que lhe dê, pelo menos, a gola.

## THEATRO DE D. MARIA II

AS «DUAS DAMAS»

A scena do segundo acto figura um jardim. Pelo apparato deve ser o jardim d'Italia da rua de S. Bento.

A sr.ª Paladini apresentou-se com olho de pombo. *Rolou* o seu papel com um grande sentimento. João Rosa parecia d'esta vez *senior*, para lisongear o pae, que está sempre *junior*. A sr.ª Falco *chic*. A sr.ª Virginia graciosa, e a sr.ª Rosa Damasceno uma verdadeira *rosa* d'esta vez.

Basta de madrigal e desterremos a poesia, dizendo que emquanto o sr. José Romano mettia os *fidalgos* em scena, na platea um espectador, amante de dramas e de *cabazes*, mettia um vomito pelas frizas. Zola puro e *Cartaxo* genuino!

## A PROPOS

**Programma que o ANTONIO MARIA desejava que fosse observado por occ**

Os contendores e respectivos padrinhos, deixando a policia a arrepelar-se do outro lado do Tejo, deveriam apresentar-se no local da contenda convenientemente armados de ponto em... *preto.*

Determinado o local do combate, os padrinhos procederiam á prova das *armas.*

Ás 5 horas nova suspensão d'armas para os combatentes desapertarem um botão.

Ás 6, acabadas todas as ostras, os dois abraçar-se-hiam desapertando o collete.

# O DUELLO

## e realisar o encontro que ha tres dias teve logar nas ostreiras do Montijo

rvadas as formalidades do estylo, patentes cahiriam a fundo sobre as s, comendo um duas duzias e o uatro, para egualar as condições bate.

Um dos padrinhos pediria uma suspensão d'armas, para vir a Lisboa buscar sal e pimenta.

O combate continuaria encarnicado e um dos padrinhos mandaria o seguinte telegramma á policia:

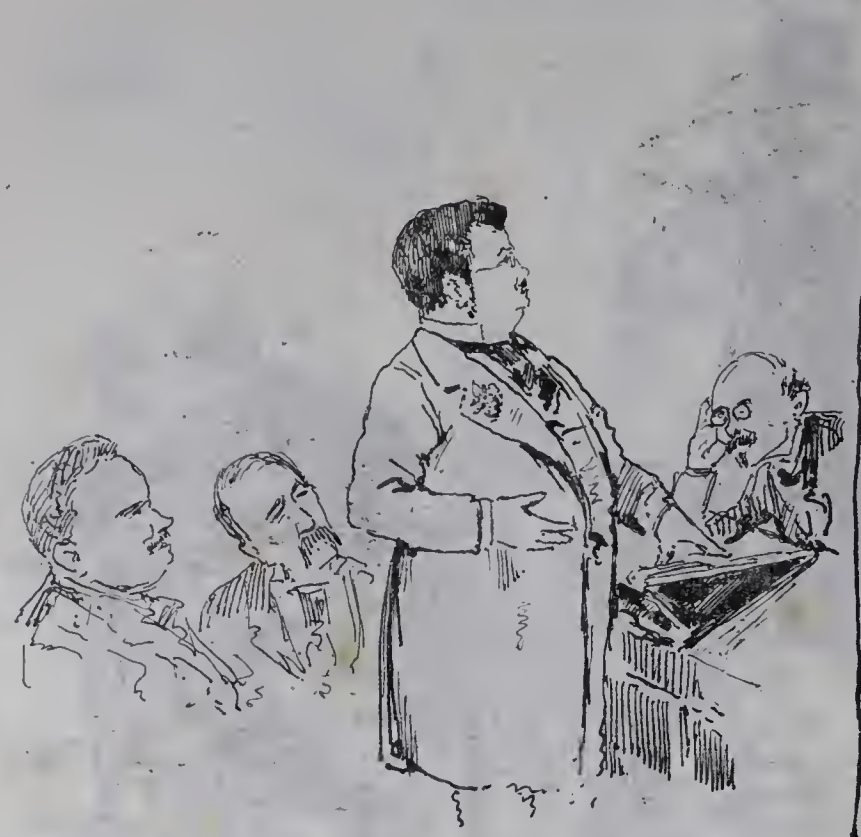
«*Montijo, ás 4 da tarde.*—Já estão devorados tres viveiros. Muito marisco e pouco sangue.»

Ás 7, os combatentes recolheriam ao ito, com as mãos arranhadas das ostras, eliberando os padrinhos distribuir uma cta á Casa-Havaneza e cataplasmas emolentes aos afilhados.

Um duello n'estas condições evitaria que em virtude d'uma faisca das espadas, ardessem os armazens de cortiça da Outra Banda, e as companhias de seguros estariam a salvo dos fogos postos nos predios, em consequencia dos artigos postos nos jornaes.

Salvo se foi a pimenta que fez *arder* a cortiça.

## OS ORADORES DA SEMANA



O advogado dr. Valle, illustre representante da moirama de Moura, advogou com eloquencia, na instancia legislativa, a causa do correio Pina, sacrificado á disciplina do exercito, na qual toda a gente falla e a qual pouca gente conhece.

O sr. Valbom, *diplomata em Madrid formado,* fallou como um politico que conhece todos os escaninhos das cifras. A sua eloquencia, porém, faz a impressão de uma unha a raspar n'um vidro. É uma palavra que *arripia!*

## SCENAS DO PARIATO

O sr. *Chanceleigos* fallou segundo a norma dos seus principios politicos. Foi a favor e ao mesmo tempo contra. Quer impostos mas não os quer, não é muito a favor do governo mas tambem não é muito contra.

O publico não o entende muito a elle, nem elle se entende muito a si.

O sr. Barros e Sá está nomeado *sr. Guilherme d'Abreu* da camara dos pares, isto é, o *ouvidor* hereditario.

O sr. duque d'Avila, que ha tres dias presidia ás sessões com cabelleira de tenor, manifestou se depois, na reunião em casa do sr. presidente do conselho, defensor perpetuo do ministerio, em virtude do que, para mostrar o seu amor pelas economias, mandou aparar o cabello.

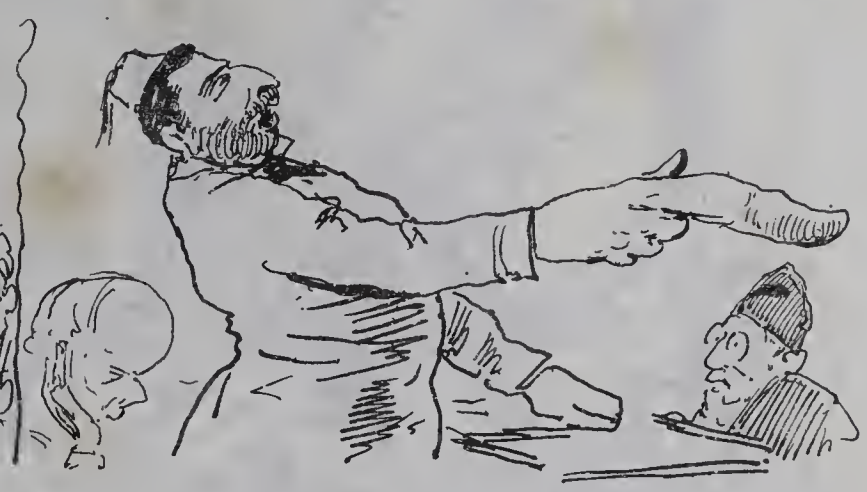
Com mais uma reunião da maioria apparece com elle cortado á escovinha

## O sr. ministro da fazenda, o seu discurso e a mão que s. ex.ª importou da Turquia

A mão de s. ex.ª parece, pelo tamanho e pela molleza, composta de dez kilos de carne do assem.

Cae sobre a secretaria, como uma perna de vitella sobre um balcão.

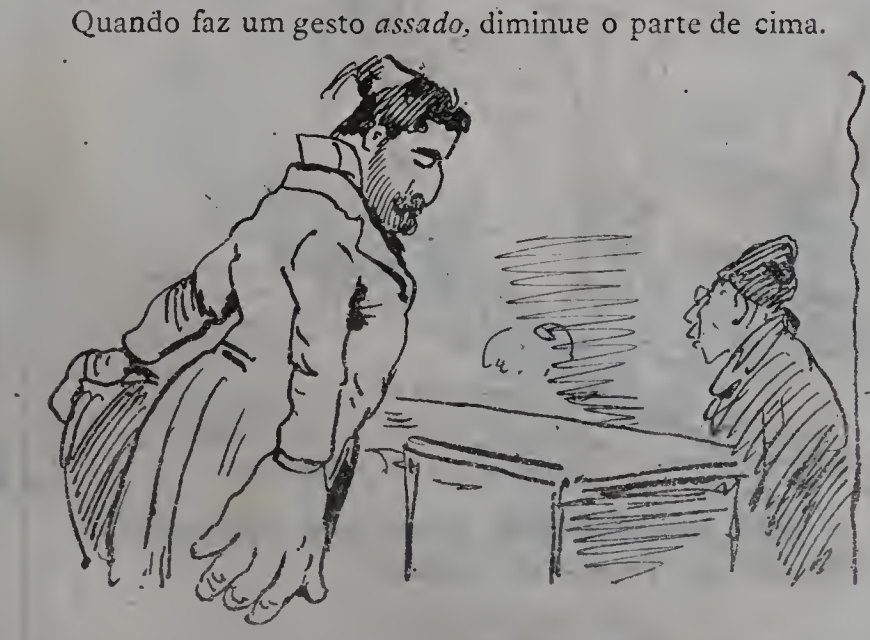
No calor da discussão toma aspectos funambulescos.



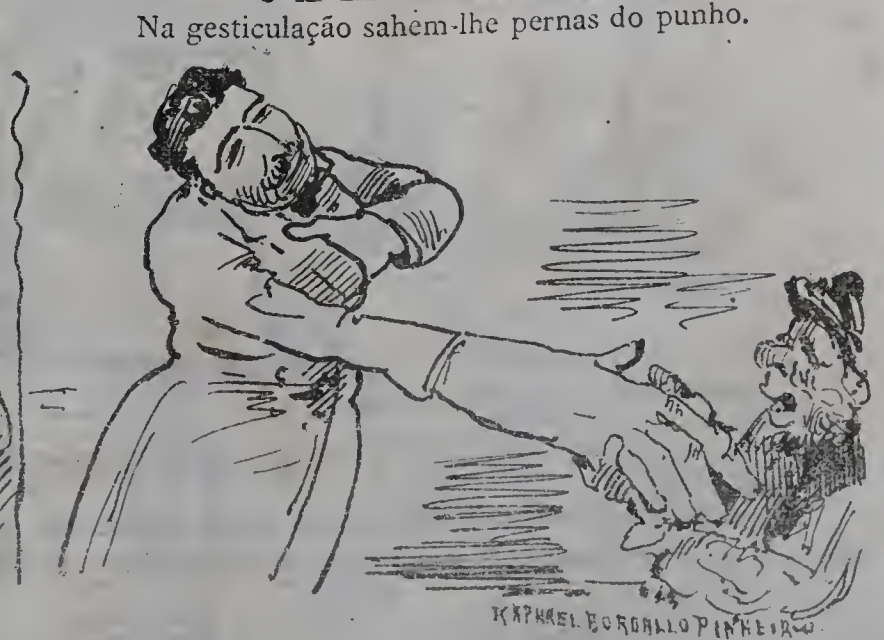
Quando faz um gesto assim, diminue a parte de baixo.

Quando faz um gesto *assado*, diminue o parte de cima.

Na gesticulação sahem-lhe pernas do punho.



Quando a mão pára, pára a palavra




O paiz só pede uma cousa: é que em vez de lhe lançar impostos, lhe lance a dextra, ficando, para as urgencias do estado, com a sinistra.

# O JOVEN TELEMACO

*Pagina offerecida ao sr. Pinheiro Chagas, auctor do epitheto*

Telemaco, tendo errado uma citação latina offerecida ao padre mestre Sampaio, recebe uma reprehensão do mestre e outra do Mentor, a quem canta a respeito das contribuições este *projecto* de *seguidilla:*

Gósto de todas,
Gósto de todas,
Gósto de todas
Sem excepção;

A lei do sello
Está á porta,
E não me importa
A *citação.*

— Chiquito, não digas esso,
Que te vou a pegar!
— A mim não me pega nadie,
Pois vão todos pagar.

*N B.* — O hespanhol é pouco mais ou menas *sonico.*

O *Antonio Maria*, ouvindo o que lhe expoz o popular auctor dos diversos originaes opusculos, Jayme José Ribeiro de Carvalho, morador em Belem, na margem direita, resolve, para evitar rivalidades, lançar d'esta vez o noticiarista Alberto Pimentel á margem esquerda.

# THEATRO DOS RECREIOS-POLITICOS

## O MEETING E OS SEUS ORADORES

Magalhães Lima proclama os grandes principios democraticos com um tom de convicção e uma eloquencia que o fazem ser applaudido com duplo enthusiasmo pelos que prezam o ideal das sociedades modernas—e odeiam ao mesmo tempo os impostos.

O sr. Elias Garcia, donto professor e camarista, que tem conseguido realisar o problema de ser ao mesmo tempo defensor da republica e da regeneração, expõe os fins do comicio, occultando habilmente os seus principios.

Manuel d'Arriaga, sempre poeta, manifestou essa ingenuidade de crenças, que dá o resultado seguinte no nosso tempo e no nosso paiz: — os eleitores da baixa darem-lhe a elle que diz muito, 60 votos, — e ao sr. Rosa Araujo, que não diz nada, 1:600.

*N. B.* — O *Antonio Maria*, agradecendo ao orador a sua referencia, aponta-lhe a pagina do centro.

Agostinho da Silva, operario esteireiro, tribuno nativo, dotado d'uma eloquencia rude e vigorosa, austera como o trabalho e simples como a verdade, obteve o melhor quinhão nos applausos. O sr. Torrezão diz algumas phrases, o sr. Motta faz uma proposta, e o sr. *ouvidor* da camara, Guilherme d'Abreu, *ouve* em cumprimento do seu fadario.

Resultado final: paguem uns e papem outros. ¡*Tudo como d'antes, quartel general em Abrantes.*

## TRIBULAÇÕES D'UM EMPRESARIO

Francisco Palha, vendo fugir-lhe a unica Venus italiana e loira que tinha sonhado para o *Orpheu nos infernos,* dirige-se a um *cavallieri* italiano e loiro, afim de que elle o soccorra, acceitando o papel.

O digno prior manifesta certo despeito por não se lembrarem de quem, pela redondeza das fórmas, podia perfeitamente desempenhar o papel de Venus de Milo — collada.

## SCENAS PARLAMENTARES

O *Pimpão* presta juramento na camara electiva, promettendo, com a mão sobre os santos Evangelhos, cantar o sr. presidente no proximo numero, mandando para a mesa uma moção assignada — RUY-BARBO.

Na camara dos *dignos pateados,* o sr. Barros e Sá explica que a intenção do governo não é, como pretendia o sr. Sampaio, devassar as panellas, pois que tanto para elle Barros 1.º, como para seu genro Barros 2.º a panella do cidadão continua a ser inviolavel em face dos temperos da carta.

## MIS-EN-SCENE LEGISLATIVO

Conducção dos elementos religiosos necessarios para na camara dos dignos *impares* ser votado o real d'agua, com a benção do senhor patriarcha.

## OS PATEADOS DA SEMANA

O «BAILE DE MASCARAS»

A sr.ª Christophani, o sr. barytono, o sr. tenor e os córos, foram *tres* pessoas distinctas e uma desafinação verdadeira.

O QUE É

Continuam todos debaixo da capa. A mesma albarda em cima das mesmas costas.

TICA

O QUE PÓDE SER

O Zé-Povinho transforma-se em Povo, atirando com os *apparelhos* ao ar.

*N. B.* — Esta pagina não é dedicada aos frequentadores de S. Carlos.

## OS PATEADOS DA SEMANA

O «BAILE DE MASCARAS»

A sr.ª Reynel, vulgarmente conhecida pelo nome de Ramella, foi um pagem extremamente cordato, tanto pelas suas virtudes como pelas suas *meias* d'algodão — á *frederica,* como disse um critico.

Como pagem não deu o *dó* do peito nem ha de dar, talvez, a mão d'esposa a ninguem.

A orchestra manteve dignamente as antigas tradições do *Zé-Pereira*. O *mis-en-scène* digno da phantasia do sr. Paccini, que achou meio de pôr o retrato de D. João V a presidir áquelle baile digno do antigo Price.

## FIASCOS PARLAMENTARES E THEATRAES

O sr. Christophani de Bolama, centindo pateada na galeria, põe o chapeu na cabeça e vae com a sua collega de S. Carlos propôr a rescisão da escriptura aos respectivos *Emprezarios*.

## O BOATO DA CRISE

O sr. Fernandes Vaz querendo fornecer á casa Havaneza, aborrecida de theatro lyrico, o boato da queda do ministerio, fecha a aula parlamentar antes da hora.

O ministerio dá seis palmatoadas no professor por elle produzir crise antes de tempo.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9

## OS FIASCOS DA SEMANA

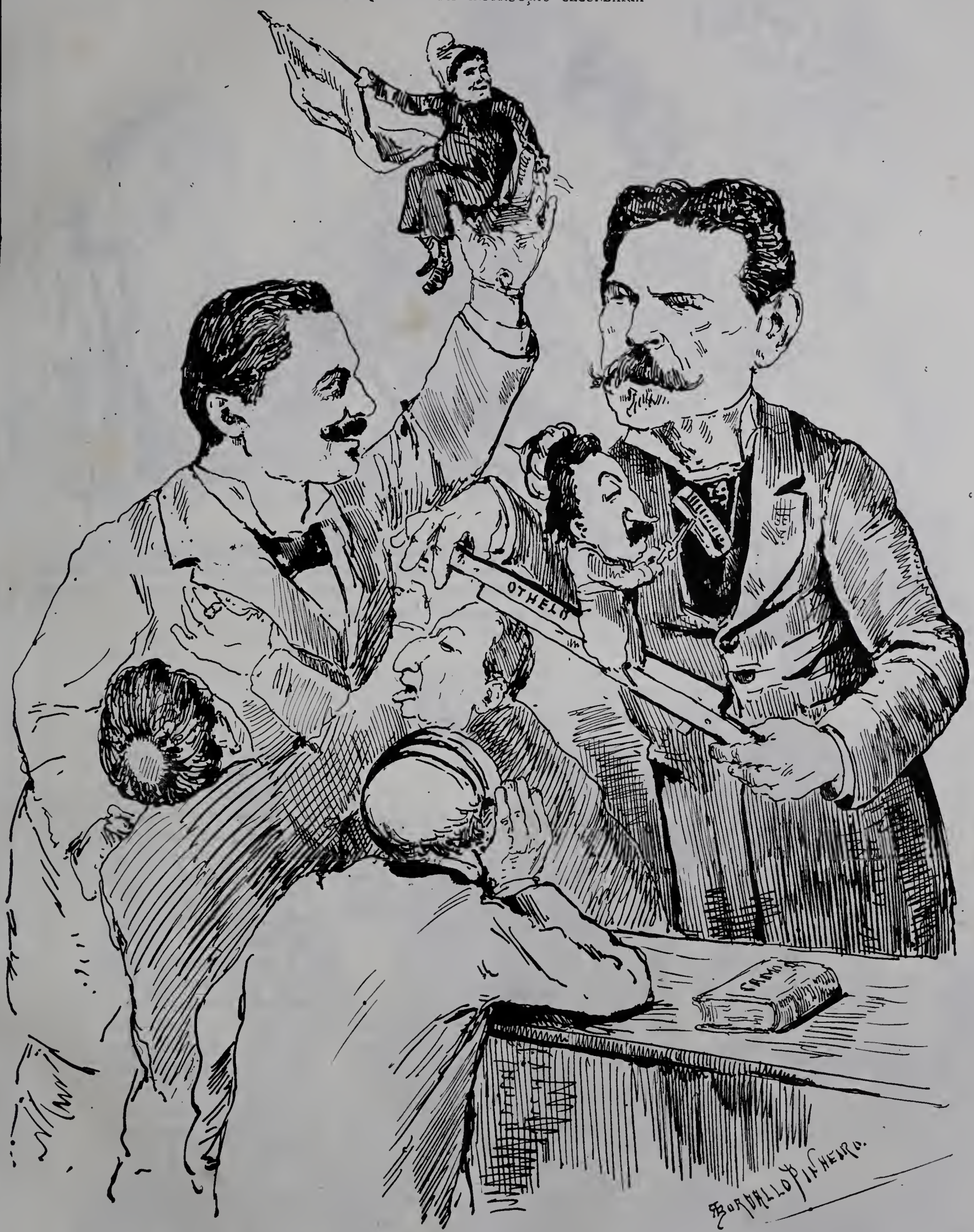
O sr. duque d'Avila e Bolama, para esconjurar as pateadas, resolve fazer um convenio com a empresa de S. Carlos, afim da sr.ª Cristophani presidir ás sessões da camara dos pares e elle cantar o *Baile de mascaras.*

## Depois da pateada

Sahida do nobre duque, acompanhado do seu partido, prompto a amparal-o na queda. O partido visto de frente e visto pelas costas, ao passar no Largo das Duas Egrejas.

# OS ORADORES DA SEMANA

NA QUESTÃO DA INSTRUCÇÃO SECUNDARIA




Depois do sr. Simões Dias fallar e chamar *Othelo* ao sr. Laranjo, collocando-se na cathegoria das promettedoras estreias da estação, toma a palavra o sr. Julio de Vilhena, confirmando a sua posição de brilhante orador parlamentar. O clero sente-se lisongeado pelos elogios que lhe dirige o orador e o reverendo *legislador das ligas,* sóbe aos ares de contentamento.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## Ultimos discursos parlamentares

Depois do sr. padre Castello Branco ter affiançado que não vinha ao parlamento tocar a corda do campanario, mas *tocar a corda sensivel* da camara, o antigo *ouvidor* Guilherme d'Abreu toma a palavra, e consegue fazer com que a camara durma sem o *ouvir* a elle.

O dr. Luiz Jardim toma a palavra e *jardina* sobre a organisação da instrucção primaria n'um estylo florido e suave, que a camara escuta cheia de prazer, sobretudo por ser feito depois do sr. conego Castello lhe ter tocado a *corda sensivel*.

O nosso desenho, bem entendido, é uma perfeita allegoria, pois que nem o sr. Jardim realmente usa repuxo no penteado nem discursa com um regador em punho, nem toma a palavra n'um lago, nem tem nenhum cysne por collega, entretanto o seu nome deixa-nos entrever a possibilidade de fazer tudo isto em favor da instrucção primaria, pela qual *jardina* regularmente todas as primaveras.

A camara escutou-o com agrado, e o sr. Guilherme d'Abreu ficou satisfeito por estar em fim na presença de um orador que não só se póde ouvir, mas tambem se póde *cheirar*.

## Camões em bolandas

O reverendo tribuno Luiz José Dias, legislador *das ligas,* declara á face da camara que os *Lusiadas* são roubados da *Eneida*.

José Simões Dias acode em defeza do grande epico com a sua palavra eloquente, e restabelece no seu logar o cantor que sua reverendissima já tinha apeado do pedestal no largo do Loreto.

## THEATRO DE S. CARLOS

## A sr.ª Biancolini na «Aida»

Amneris canta com umas botas romanas e voz de gallo de crista romana, mas bem. Os maridos e paes das cantoras agarram-se ao empresario, que se vê afflicto com exigencias, promettendo que para o anno ha de recompensar os que estiverem quietos com uma medalha em que figurem as effigies dos tres mais assiduos *dilettanti* da superior.

# A CONFERENCIA DOS EXPLO

OS CABELLOS MAIS EXTRAORDINARIOS DA FESTA

O de Sua Magestade, a quem o *Antonio Maria* offerece humildemente uma thesoura e um numero no valor de 60 réis, para el-rei se dignar mandar chamar um cabelleireiro.

O d'um illustre diplomata para o qual se chama a attenção dos esploradores, afim de ver se é possivel descobrir a origem de tão elegante topete.

Porque este topete tanto póde nascer no Cubango como nos antipodas.

Brito Capello é um explorador valente com uma voz fr
ouve-se pouco, mas em compensação ha de ler-se muito.

Alguns espectadores, á vista dos mappas africanos, e sobretudo em virtude do calor, sentem-se pretos á sahida.

Em attenção ao enthusias
*Antonio Maria* propunha que S
em vez de irem tomar chá.

# ES NO SALÃO DA TRINDADE

O sr. visconde de S. Januario presta delicadamente a sua bengala de viagem a fim de um dos exploradores apontar a Africa ás damas e aos cavalheiros.

O illustre presidente da geographica apresenta benignamente ao publico o *nariz de cera* que ha annos tem fabricado para uso de exploradores em grande *toilette*.

E o *Antonio Maria* apresenta ao publico a obra d'arte feita por s. ex.ª emquanto durou a conferencia, e encontrada depois no meio do chão.

Roberto Ivens pertence á mesma escola na voz e no valor. O *ouvidor* Guilherme d'Abreu applaude-os do fundo d'alma, por lhe darem occasião a vingar-se do publico que o accusa d'elle nunca em sua vida ser *ouvido*.

O sr. general das guardas salta leve como um sargento, para impedir que qualquer *nihilista*, á sahida, intente dar algum tiro... de meia libra na real bolsa.

rio

ado regularmente pelas explorações africanas no salão da Trindade, o
e, á sahida, convidasse todos os espectadores a marcharem para o Bihé,

# VERGONTEAS MIGUELISTAS EM LISBOA

Sua Alteza a princeza Aldegundes e Sua Magestade El-Rei Nosso Senhor D. Miguel II chegaram a Lisboa.

O chefe do partido corre a offerecer-lhe um copo de agua, affiançando-lhe ser *realista* toda a agua que se bebe na capital.

Sua Magestade pergunta onde está a carta constitucional, sua inimiga, pois que a deseja ver de perto.

Respondemos-lhe que a carta está tão safada, que já todos a querem reformar por cheirar mal e não ter ponta por onde se lhe pegue.

Sua Magestade pergunta aonde está o seu clero, nobreza e povo, e respondemos-lhe que emquanto á nobreza está no *prego*.

Emquanto ao povo está entretido a jogar o chinquilho.

E emquanto ao clero, está no *pic-nic* progressista no Alfeite.

## Um galã do seculo XIX, no mez de março, em Lisboa

Como elle é visto em casa e como é visto na rua.

Como elle desvaira o coração d'uma.

Como elle seduz o coração d'outra.

Como elle se *raspa* com as economias de todas.

## O jantar geographico no Hotel Bragança

Nota tomada por um correspondente emquanto explora o *menu*, das 7 da tarde em deante.

Demonstra-se, pelo que fica desenhado, que é muito mais facil traçar um jantar a lapis depois de o comer, do que partir para a Africa depois de ouvir fallar d'ella.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO À 1 HORA DA NOITE DE 77

Lithographia Guedes rua de Vasco da Gama, 9.

# A SEMANA SANTA PARLAMENTAR

Os sacristães politicos vão apagando todas as velas do *gallo* nacional.

Entretanto abençoam o cirio paschal do imposto, que, no fim de contas, é o que allumia a senda dos ministerios.

## Aspecto da camara dos deputados na sessão nocturna de 23 para 24 de março

São 4 da manhã. O sr. Arrobas falla, e os *ouvidores* dormem. A camara aconchega-se, resonando, nas bancadas: os continuos, por causa do frio lançam-lhe capachos por cima. Ao longe ouve-se o pregão dos leiteiros. O sr Pedro Penedo manda comprar 10 réis de fava rica para a *socega,* e entretanto o sr. Arrobas continua a fallar!

Chama-se a isto o... *pimpão* da madrugada. O tigre está fulo!

## O maestro Carlos Gomes, auctor do «Guarany», em Lisboa

O *maestro* sahe do paquete, vae a S. Carlos, applaude a orchestra, embarca, e faz-se de vela.

O *dilettanti* brasileiro, Nicolau, faz-lhe as honras do paiz, e fica saudoso em terra, dizendo o ultimo adeus ás botas e á cabelleira do *maestro,* que desapparece ao longe.

## Carta do ANTONIO MARIA a Sua Magestade Fidelissima

Real Senhor:

O Antonio Maria vem submisso agradecer a V. Magestade porque sendo V. Magestade ha dias um rei guedelhudo, em virtude da supplica que ousamos dirigir no ultimo numero a V. M. passou V. Magestade a ser um monarcha quasi á escovinha

ponto.

Real Senhor:

O Antonio Maria retira dos degraus do Throno o pente a thesoura e os 60 reis que lá depositou a semana passada e vae entregar tudo ao Peixoto das Flores a beneficio da caspa dos doentes d'aquella Ilha.

Vossa Magestade apresentando-se em S. Carlos depois do pedido do Antonio Maria, com o seu Real Cabello aparado deu prova cabaldegue sabe satisfazer ás exigencias da opinião, pois que segundo a Carta um Rei deve Reinar mas não deve gastar muito dinheiro em banha.

Real senhor; o ideal do Antonio Maria seria ver o seu Real Monarcha de bandós como este senhor ou então completamente calvo como este mas não podendo ser assim contenta-se em que elle seja um modelo de Reis Constitucionaes usando o cabello segundo a feição politica do Ministerio que está no poder; abundante e espectaculoso quando reina este senhor e com a reducção de 50% quando ressoina este aqui

ponto

Deus conserve por muitos annos, sem agua Circassiana a Fidelissima Cabelleira de V. Magestade.

# O LAVA-P

O sacerdote da constituição lava indistinctamente os pés a todos os
Zé-Povinho é posto fóra, em consequencia de no orçamento não have

# POLITICO

assim um exemplo de limpeza de *mãos* a todos os governos do orbe
c.

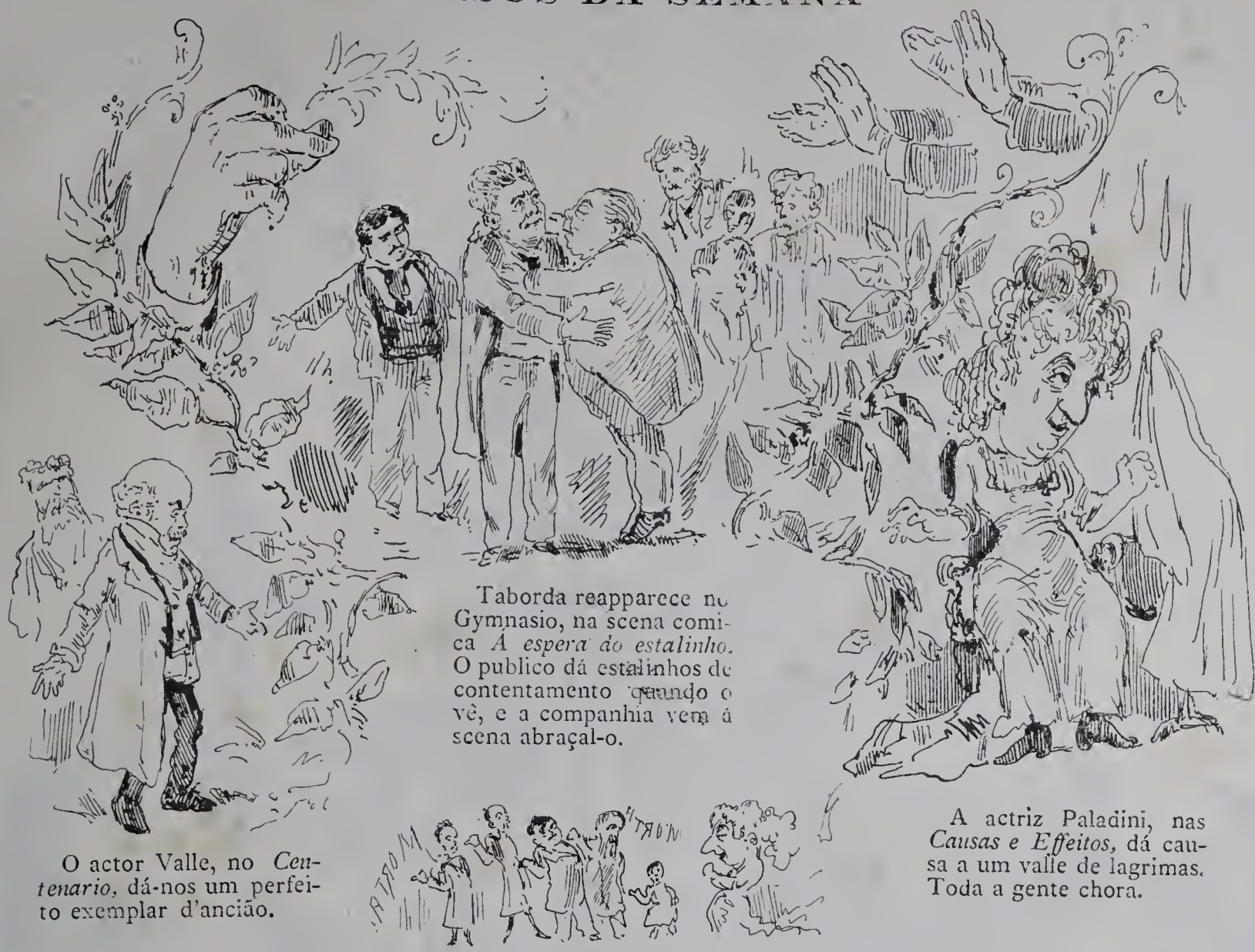
Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9

## O popular José Augusto, orador no enterro do bacalhau

José Augusto conseguiu ser o homem celebre da semana, em consequencia do sr. commissario geral de policia lhe prohibir o sudario politico com que elle contava para o effeito dos seus sermões.

Tendo o popular orador apresentado no nosso escriptorio o sobredito sudario, ahi o reproduzimos, para que a Europa veja que é um sudario inoffensivo como a eloquencia dos nossos tribunos e como o proprio bacalhau em *pessoa*.

## CASOS DA SEMANA



O actor Valle, no *Centenario,* dá-nos um perfeito exemplar d'ancião.

Taborda reapparece no Gymnasio, na scena comica *A espera do estalinho.* O publico dá estalinhos de contentamento quando o vê, e a companhia vem á scena abraçal-o.

A actriz Paladini, nas *Causas e Effeitos,* dá causa a um valle de lagrimas. Toda a gente chora.

**Brindes de boas festas que o ANTONIO MARIA recommenda ao generoso publico da capital, que por ventura deseje obsequiar a redacção d'esta folha**

Um *bijousinho* elegante a preços commodos, comprado na ourivesaria do antigo actor amador, Pedro Moreira, Rua do Oiro, n.º 103. Muito bom oiro e muito bom modo.

Uma duzia de photographias coloridas de Fillon. — Quando sejam de leitoras formosas, serão recebidas com duplo agrado.

O *Album das glorias,* pelos auctores do *Antonio Maria,* obra extraordinaria ainda não vista em Portugal e nos Algarves!

# A PAIXÃO POPULAR

Zé-Povinho, amarrado pelos laços do *deficit* á columna dos impostos, e ameaçado pela lança do sello, supporta resignado as crueldades dos judeus politicos, até que a cana verde que tem nas mãos se transforme n'um cacete secco.

## CASOS PARLAMENTARES

O sr. marquez de Vallada, retorcendo-se n'um accesso de eloquencia, pede ao governo uma rolha para as demasias da imprensa periodica.

O sr. presidente do conselho promette a referida rolha, de que o proprio orador tanto está carecendo.

## As ultimas tentativas de córtes

Tendo varios monarchicos representativos achado incorrecto que o *Antonio Maria* metesse thesoura demagoga nos cabellos do poder moderador, temos a observar que o referido poder mais se deve ter affligido em consequencia do sr. deputado Rodrigues de Freitas tentar meter-lhe a mesma thesoura na lista civil.

É escolher: ou uma thesoura, ou um decreto. Entretanto se o sr. Rodrigues de Freitas fez uma tentativa a bem das finanças, o *Antonio Maria* fel-a a bem da hygiene. Consideramos a caspa incompativel com a lista civil.

# THEATRO DA RUA DOS CONDES

O *Espelho da Verdade* é uma lição e ao mesmo tempo um divertimento. Recommendamos o actor Faria, fazendo o papel de inglez, aos sujeitos *spleenaticos*, e uma noite da Rua dos Condes aos amantes da gargalhada ingenua e franca, acompanhada de todas as expansões e todos os *verdigotos* da hilaridade nacional.

Typographia Guedes — Largo da Goma, 9

## THEATR

Scenographia excellente. — Antonio de Mariz, reles. — Borghi-Mamo, Tamagno e Pandolphini, tres cant
ferior em *salero* á sr.ª Moriones, que o anno passado a cantou nos Recreios.

Opera no genero ameno, situações excellentemente preparadas, algumas reminiscencias graciosas, *ficell*
O *Guarany* denota inspiração e talento — é a *Morgadinha de Valflor* da musica.

E S. CARLOS

com uma interpetração verdadeira. — O sr. barytono Lalloni, cantando a *habanera* do 2.º acto mostrou-se in-

mas sempre apreciadas das familias.

UMA REMINISCENCIA DA SEMANA SANTA

O sr. Padre Luiz José Dias proclama do pulpito da Encarnação esta verdade theologica:

«A civilisação aufere-se pelas philarmonicas e pelas casas altas.»

UM DUETO DE CAVAQUINHO

Cecy canta no *Guarany* a ballada do 2.º acto — *C'era una volta un principe.*

Ao *Antonio Maria* parece estar vendo do outro lado um *rei* proscripto respondendo a taes queixumes ao som do cavaquinho.

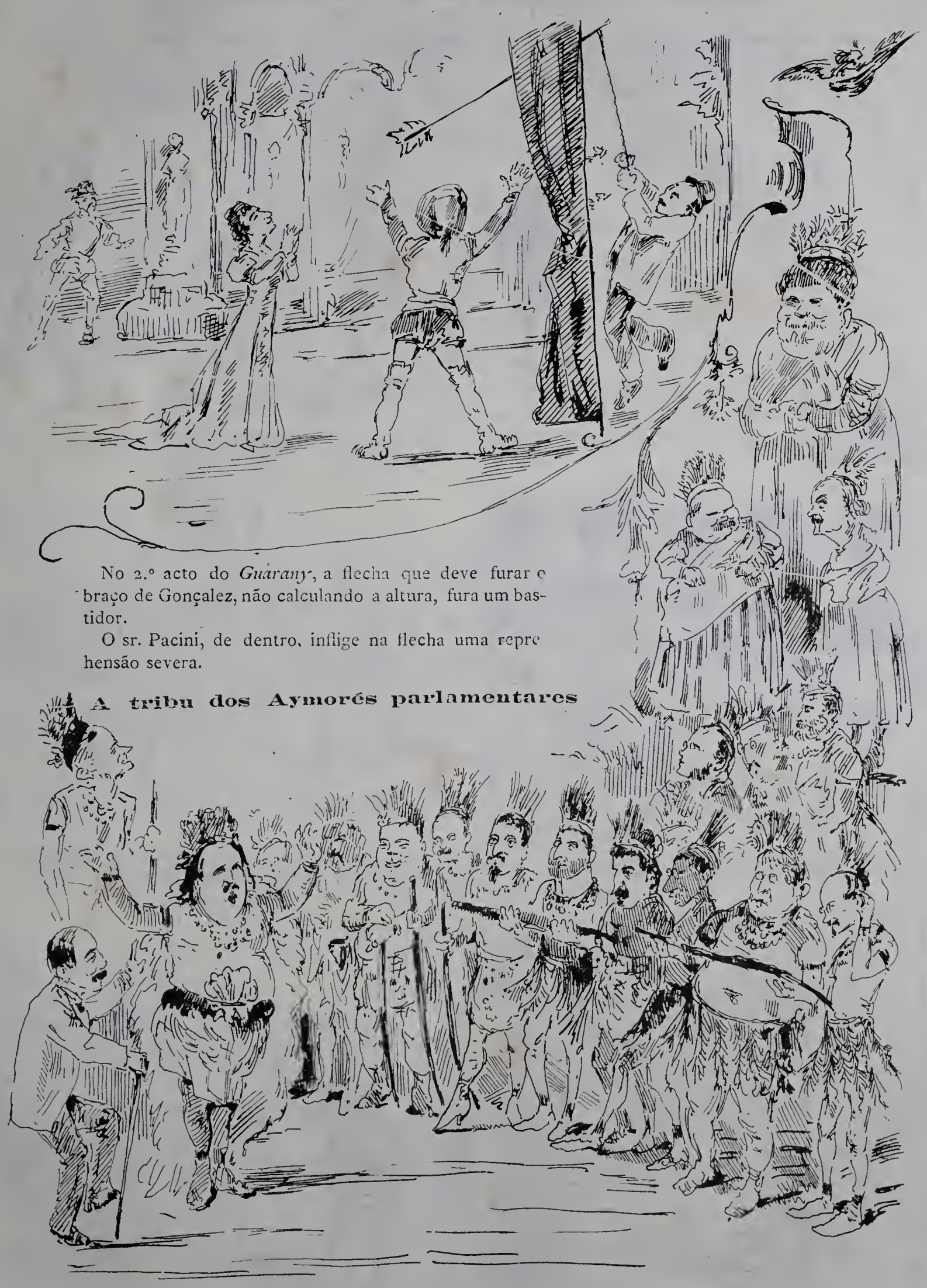
A DERROCADA FINAL DO «GUARANY»

As muralhas, negando-se a cahir, obrigam o sr. Pacini a vir á scena com uma bengala fazel-as entrar no cumprimento dos seus deveres.

PRENDAS DOS SELVAGENS

No 3.º acto do *Guarany* apparece uma banda marcial de selvagens, tocando por musica. Grande regosijo entre os pelles vermelhas constituidos em philarmonicas nacionaes.

A SETA RECALCITRANTE




No 2.º acto do *Guarany*, a flecha que deve furar o braço de Gonçalez, não calculando a altura, fura um bastidor.

O sr. Pacini, de dentro, inflige na flecha uma reprehensão severa.

A camara preparada depois da ordem do dia para o 3.º acto do *Guarany*. O *poder occulto* dirige a manobra na sua qualidade de *Pacini* legislativo.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## Memorial apresentado ao sr. governador civil

*Sobre as exhibições a prohibir desde já, como incompativeis com a civilisação e com a civilidade*

Além do enterro do bacalhau, todos os enterros *promovidos* pelo Lagoia ou seus successores com respectivos gatos pingados.

A guarda real dos archeiros com o competente commandante.

Os porta-machados da municipal — idem.

Estado de S. Jorge, pretos e competente poder moderador em excursão pela rua dos Retrozeiros.

Os cirios, incluindo o de 24 de julho.

Finalmente os carros e carroças de folhas e cascas.

# O MACACO E O PATO

(HISTORIA PARA MENINOS E DEPUTADOS)

Era uma vez um macaco, d'estes que, segundo o dictado brasileiro, *não mettem a mão em cobunca,* o qual macaco estava n'um pateo, preso a uma corrente de um metro de extensão, afim de não ir devorar a ração d'outros animaes.

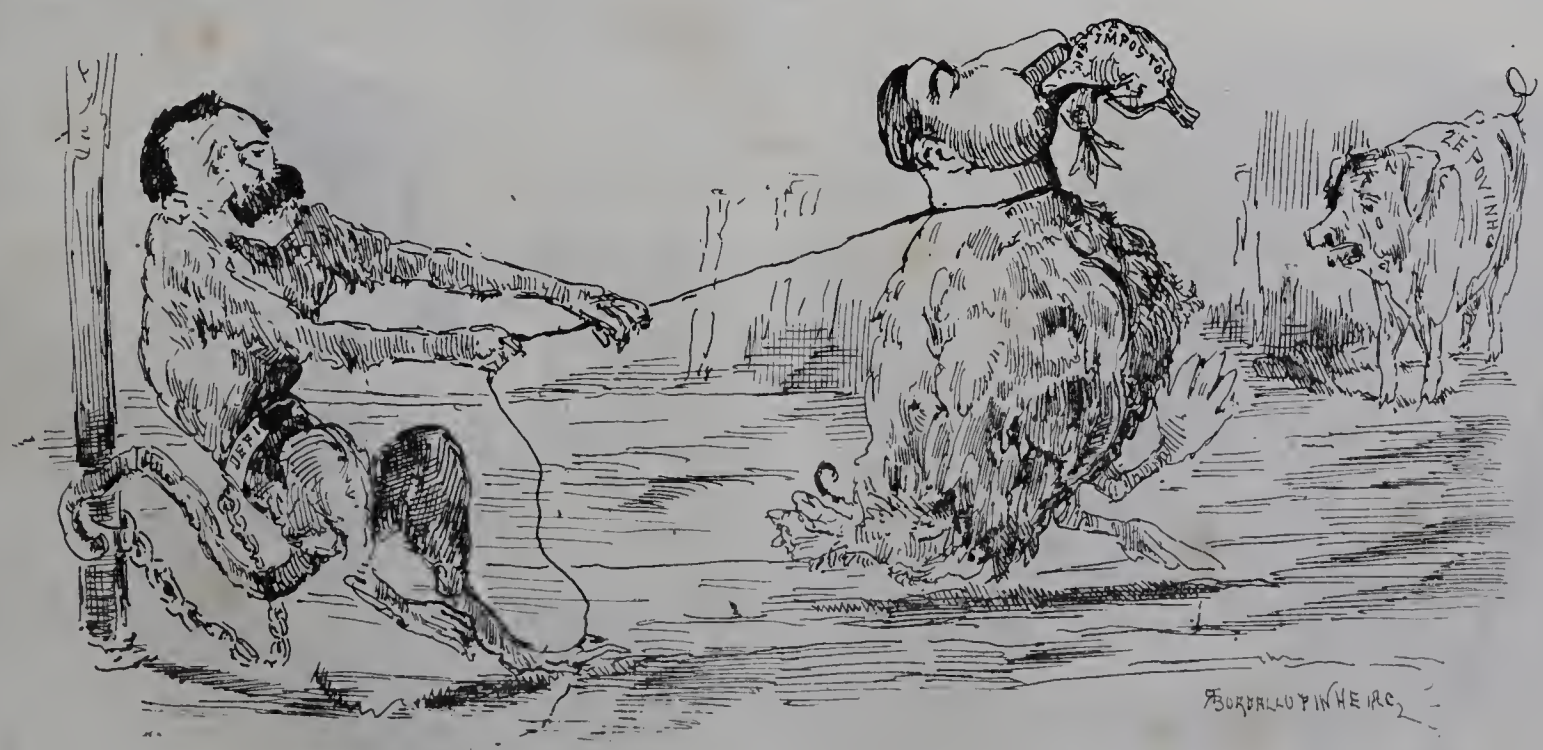
No mesmo pateo havia um pato que estava preso a um cordão mais comprido.

Ora acontecia que o pato, abusando do comprimento do cordel, ia roubar as maçarocas de milho que todos os dias vinham trazer a um bacorinho que estava a *emmagrecer* no mesmo recinto.

O macaco, quando via o pato com a maçaroca, ia então muito lepido, puxava o cordel a que o pato estava preso, attrahia-o a si, e comia elle o milho destinado ao bacorinho.

Appliquemos:

O macaco é o partido regenerador, o pato o sr. Barros Gomes, e o bacorinho magro o Zé-Povinho,

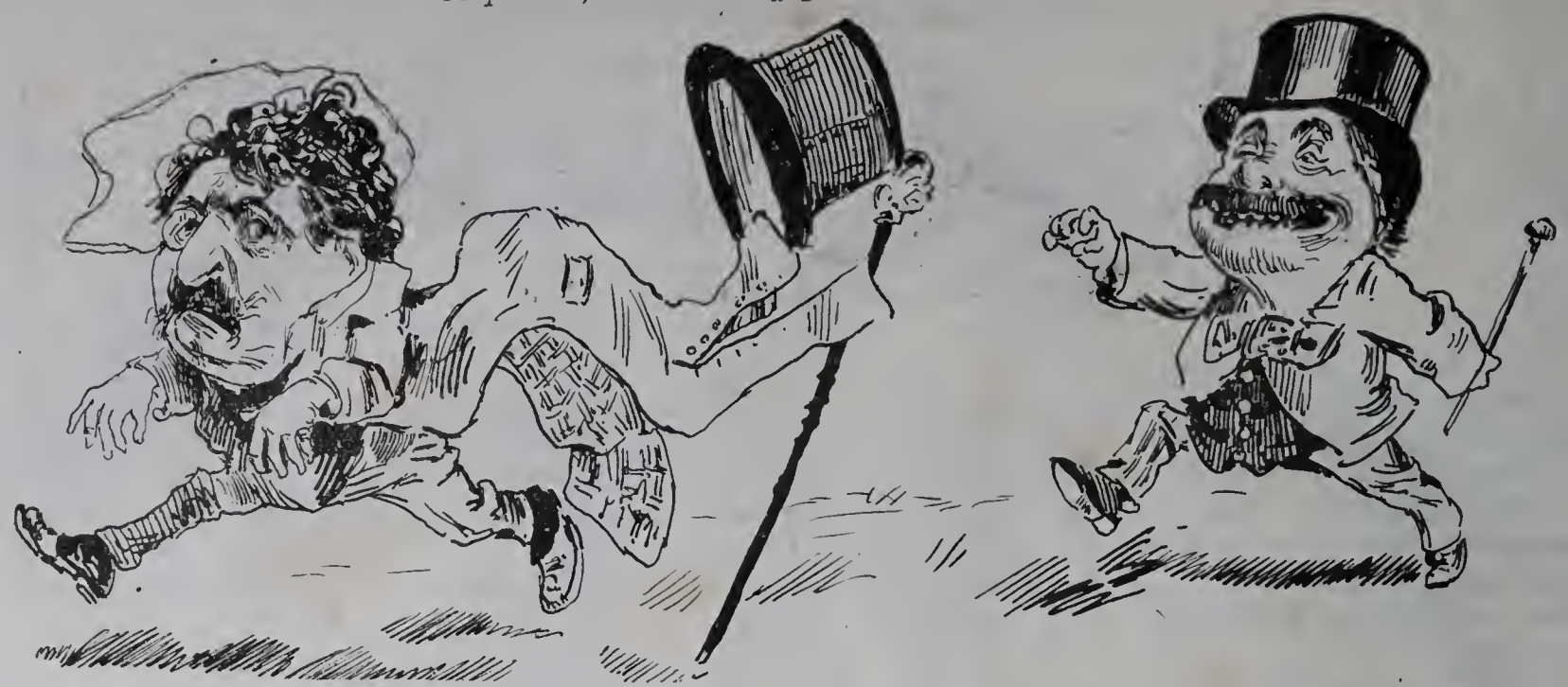



Quando o pato colhe a maçaroca, o macacó puxa para si a ave, e trinca elle o milho.

Parece-nos que este apologo define na politica portugueza a posição do partido regenerador em relação aos outros. Os *patos* vão colher o milho da algibeira do Zé-Povinho, e o *macaco* engorda com o trabalho dos patos.

## Os Tantalos da caricatura

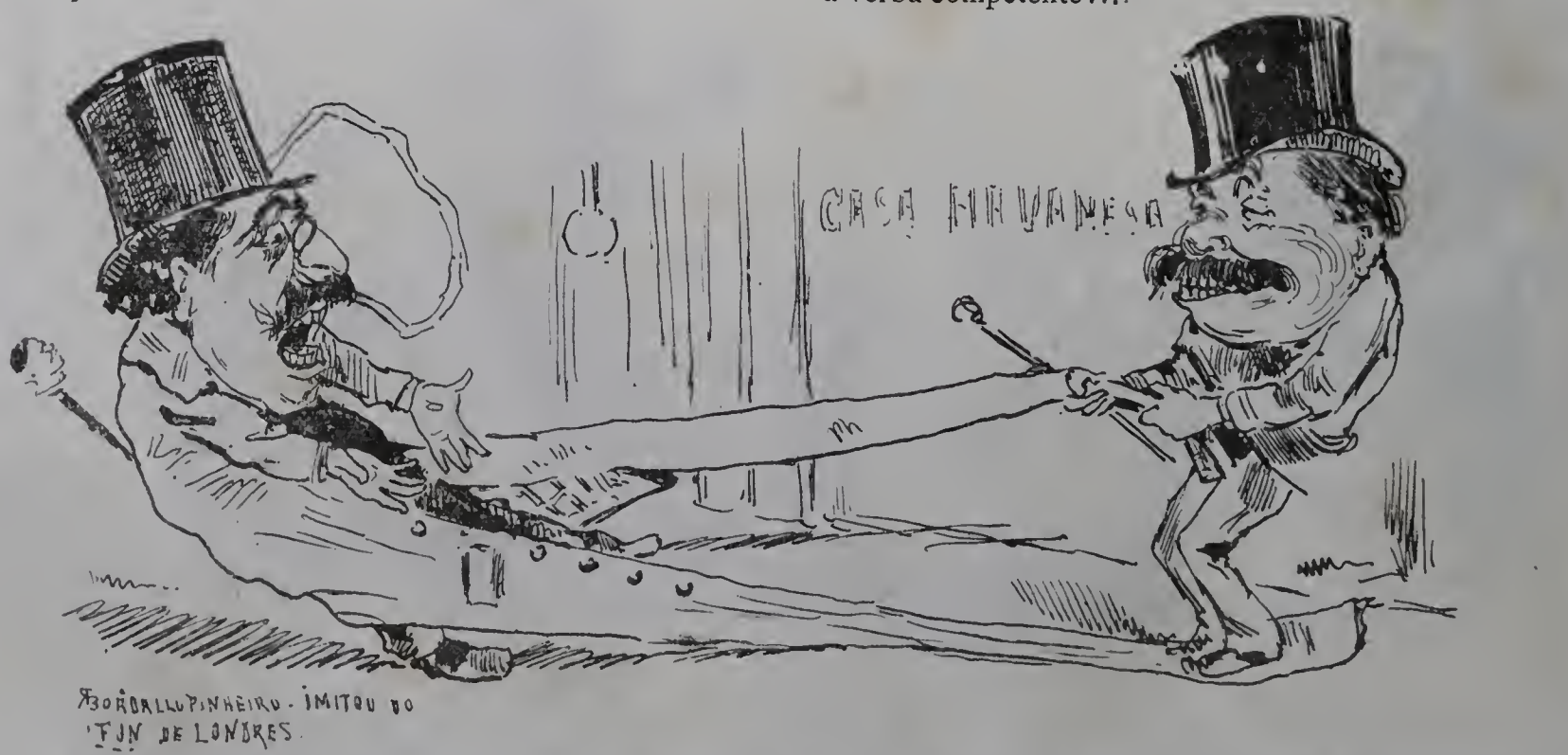
*Os que desejam ver a sua effigie no « Antonio Maria »*



O caricaturista fogê perseguido pelo philantropo das Flores, que deseja ser dado á estampa, como outras celebridades contemporaneas.

Elle tem um pensamento muito engraçado. É o *Antonio Maria* transformal-o em farol, e pôl-o a illuminar os Açores!...

Porque o farol é o mais dourado dos seus sonhos. Podia muito bem ser que o governo, instigado por tão extraordinaria caricatura mandasse lançar no orçamento a verba competente!...




Anda, Bordallo, põe-me em farol, que é para o publico se rir. Olha que nunca fizeste uma coisa tão engraçada! Vê como eu me estou a rir só com a lembrança...

Põe-me de farol, menino!

*N. B.* — Esta é a decima quinta vez que o sympathico philantropo implora a commiseração do *Antonio Maria*, e nós surdos — e manetas aos seus rogos.

## ECONOMIAS NA MARINHA

OU OS OVOS DE PASCHOA DA ARMADA

O sr. ministro do ultramar, penalisado pela sorte dos officiaes a bordo, concede-lhe marinheiros para o serviço pessoal. Os marinheiros são chamados, de quando em a quando á manobra, viram de bordo, e os officiaes ficam a engraxar as botas.

## PASSAGEM DO HERMANN POR LISBOA

O sublime feiticeiro foi visto na terça-feira, n'um camarote em S. Carlos. Parece o mesmo homem diabolico, tão diabolico, que passa por Lisboa, e deixa a população embasbacada, sem lhe tirar nada de dentro do chapeu... nem mesmo uma idéa!

## BRINDE AOS NOSSOS ASSIGNANTES

É cheio do maior jubilo e do mais extraordinario contentamento que o *Antonio Maria* participa o seguinte caso aos seus benevolos assignantes.

Chegámos ao periodo paschal sem distribuição dos filetes do respectivo cordeiro, ou dos ovos, que em França constituem um dos mais gratos attractivos d'esta quadra do anno. O *Antonio Maria* sente-se feliz de, pela parte que lhe diz respeito, poder iniciar na imprensa comica uma pratica tão agradavel e tão salutar.

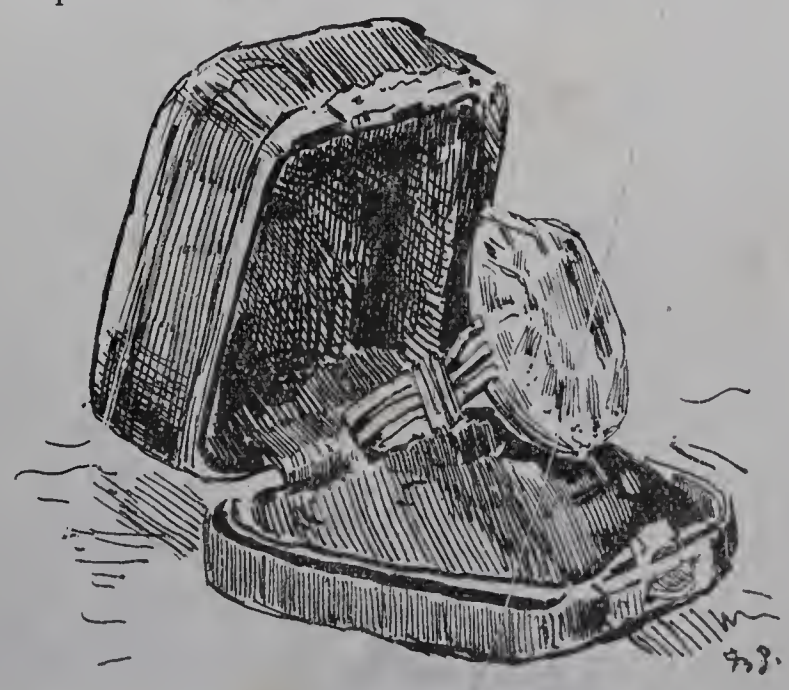
Ha dias fomos surprehendidos com um brinde tão original como primoroso. Pedro Moreira, o antigo actor-amador, enviára-nos um *fac-simile* extraordinario; não o *fac-simile* da voz da sr.ª Chini, ou da attitude parlamentar do sr. conselheiro Arrobas, mas simplesmente uma cópia exacta, flagrante e precisa do annel do reverendo prior, a que o *Antonio Maria* teve a fortuna de dar uma justa popularidade.

Fizemos logo tenção, depois de obtida a competente venia do offerente, de dar o brinde aos assignantes, enriquecendo os assim, em prova da nossa gratidão, com uma pedra que tanto lhes póde servir para trazer no dedo, como para atirar á cabeça do proximo, como para atar ao proprio pescoço, no caso de algum dia resolverem atirar-se ao mar.

Suppomos que basta o uso quotidiano d'este annel para dar logo a quem o trouxer no dedo as proporções pantagruelicas e beatificas d'aquelle que hoje traz a argola original amarrada á sua popularidade, motivo por que deve ser usado com dupla vantagem tanto pelas meninas hystericas, como pelos leitores diaphanos; tanto por aquelles que são romanticos, como por aquelles que são amanuenses.

Póde ser um ornamento e ao mesmo tempo uma reliquia. Vámos, pois, meditar no meio de realisar o competente sorteio, e, se tanto for preciso, appellaremos para a loteria da Misericordia, por ser de entre todas as batotas nacionaes a que se acha mais bem organisada, e a que mais confiança inspira no publico.

No proximo numero teremos acabado de meditar no caso, achando-nos então habilitados para declarar o dia em que anda a roda.



# A lenda do bailio, ou o

(HISTORIA PARA C

O bailio de Malta recebe o ultimo numero do *Antonio Maria*.

Vendo a sua caricatura, desespera.

Chama o caçador e pede lhe o estoque;

O caçador traz-lhe o estoque.

Aquelle estoque com q as beatas de Braga.

E embuça-se n'uma capa para se não constipar.

E vae para o Terreiro do Paço desafial-o á meia noite. O inimigo morta!

Interroga o horisonte, e uma patrulha surge dos lados da rua do Oiro.

Bailio, receiando que a força publica obste aos seus designios, dirige-se para a direita.

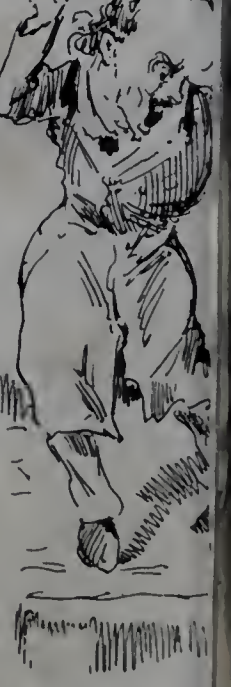
Apparece lhe outra querda.

Entrega o estoque dos combates ao bengaleiro.

E pede ao governo providencias contra o jornalismo, que não respeita as baldas dos bailios,

Deitando espuma, luvas e barbas do caçador pela bocca!...

Como o bailio orava ao sentir as primeiras guinadas d'indignação.



Como elle se estava bem indig

# r do jornalismo luso

SOLDADOS )

ailio desembainha-o.

E faz fugir o caçador, que larga as barbas.

Animado por este triumpho, espeta uma mosca para costumar o ferro ao sangue do inimigo.

Enfia umas manoplas de pellica de combate.

Calça uns sapatos d'ourelo, para não accordar o inimigo.

ailio tenta pôr-se á *malta*.

Seguem-no tres patrulhas.

E dá ás de Villa-Diogo com quatro patrulhas atraz.

Fóge que tem diacho, com cinco patrulhas a seguil-o.

Vôa até ás duas da tarde, até que desesperado, enfia pela camara dos pares dentro.

á O bailio fulo.

O bailio damnado.

O bailio, espantalho de figueira!...

O bailio espantalho, terror da imprensa.

## *CANTICOS DA AURORA*

Entraram-nos, ha dias, pela porta dentro, trazidos pelo proprio auctor, estes *canticos,* a que o *Antonio Maria* teria o arrojo de chamar *inspirados,* se por ventura quizesse usurpar a 1852 uma phrase a que tantos trovadores deveram a sua fortuna, e muitos d'elles a propria pasta da marinha.

Narciso de Lacerda é um poeta que não canta o *Tejo de crystal,* meus senhores e minhas senhoras, nem mesmo procura desviar as donzellas do trilho do dever pelos meios — capciosos e rimados, de que os sentimentalistas abusaram tanto, ha vinte annos, entretanto, nos *Canticos da Aurora* respiram-se essas auras salutares que não são, de todo em todo, prejudiciaes á hygiene das almas.

Mau!... Ponhamos ponto no assumpto, aliás entra-nos pela porta dentro uma serie de *inspirados* chronicos a quererem tambem ouvir a nossa opinião a respeito do fogo sagrado que trazem dentro do chapeu.

Nem palavra a esses. Venham cá em no *Antonio Maria* sendo sol posto. Vamos acabar de ler os *Canticos da Aurora.*

## O binoculo do ANTONIO MARIA

Beneficio de Pandolphini. A serenata do *D. João,* de Mozart, e o duetto do 2.º acto. Reduzzi alegre por se ver pela primeira vez noivo d'uma prima-dona *di cartello,* elle que as mais vezes é apenas tio!..

Bravo, muito bem!...

## O novo «astro» da Trindade

A Trindade enriqueceu-se afinal com uma garganta em bom uso, uma larynge que não está provavelmente destinada a honrar a patria no estrangeiro, mas que póde perfeitamente honrar a Figueira da Foz, d'onde é oriunda, segundo dizem as chronicas da capital.

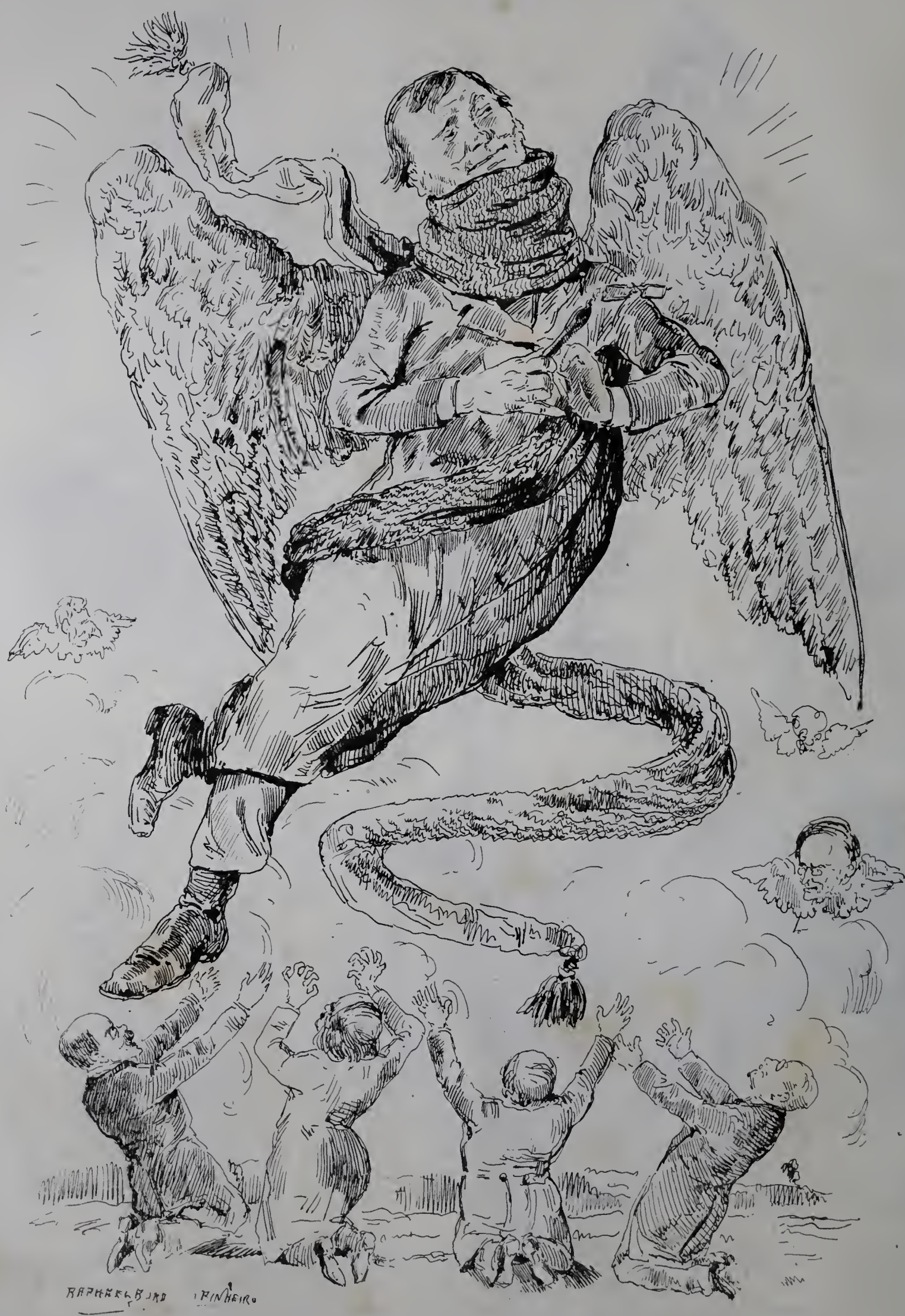
As qualidades preeminentes do novo astro são as seguintes: voz bem timbrada, figura bem plantada n'uns pés solidos como a voz. N'este ponto póde avançar-se a que a nova cantora firmou de começo a sua reputação em bom *pé*. Os olhos rasgados e brilhantes. Se o volume da voz os egualasse... ai, Deus do ceu! que *Tamagno*!...

Theatro da Trindade, o *Antonio Maria* te envia os seus parabens! Os tempos correm escassos de Venus authenticas, e tão escassos que o *Orpheu nos infernos* ainda não conseguiu achar uma em termos. Entretanto, das provincias ainda uma ou outra vez chega um astro, que, bem aproveitadinho, ainda póde illuminar por alguns annos o firmamento da opereta.

Mas toma cuidado com elles, porque os astros *errantes* sahem ás vezes da orbita das escripturas!

Lith. Graphica Guedes, rua de Vasco da Gama 9.

**O seraphim Antonio José, anjo de Bolama de primeira classe, em virtude d'um recente decreto do rei da Suecia**




As lôas que o partido dirige ao seu anjo:

Diz o Barros e Cunha:

Bemdito e louvado seja
O seraphim, sol luzente,
Da Companhia do Credito
O conspicuo presidente.

Diz o bailio de Malta:

Bemdito e louvado o anjo.
Das ilhas, dizem as lendas,
Que dos anjos é patrono,
E *patrona* de commendas.

Diz o senhor Mello Gouveia:

E' elle a açucena pura,
Casta flor immaculada,
Que não cahe do ministerio
Sem rebolar pela escada.

## AS ARMAS, CIDADÃOS!...

Rrrt... que *lá vem o Rutte!...*

## Parallelos theatraes e parlamentares

O sr. tenor Villa (genéro pãosinho) quando canta, parece o sr. Laranjo quando falla.

O sr. Laranjo quando falla, parece o sr. Villa quando canta.

O *Figaro* francez fez por sua conta e risco um novo processo do marquez de Pombal, desenterrando-o e fazendo-o sentar no tribunal do *Santo Officio* — das *cocotes*, n'um estado de remorsos e negridão na verdade lastimavel!...

Se lhe não põe o nome por cima, ninguem conhecia similhante marquez de Pombal, muito apto para secundar os designios do *Figaro*, mas na verdade muito pouco proprio para servir o orgulho patrio.

A propria *baixa* alinhada por elle o rejeitaria com asco! A rua do Oiro, se o *lesse*, não o conhecia!

O governo, da mesma fórma que intentou um processo por injurias aos portadores do emprestimo de D. Miguel, devia intentar um processo por diffamação aos portadores d'este marquez de Pombal.

Agora por emprestimo de D. Miguel. Visto o pretendente d'este nome se achar n'uma posição que lhe permitte o viajar e ir aos toiros a Sacavem, porque não vão os agiotas de Paris pedir-lhe o pagamento da divida de que se dizem credores?...

Emquanto a alma do rei da Birmania vôa para as alturas (coitada!), ou desce para as profundidades (infeliz!) o palacio d'inverno do imperador da Russia está talvez á espera do verão, para descer ou para *voar* tambem.

Parece estar descoberto, á ultima hora, segundo revelações mysteriosas dos correspondentes, que a caixa de phosphoros incendiarios andava na algibeira do proprio irmão do imperador.

Sendo assim, é preciso que os partidos conservadores comecem a considerar d'outra fórma as barricas de polvora do nihilismo, pelos intuitos fraternaes que as movem a fazer explosão.

Emquanto Lisboa exporta sapatos d'ourelo e actrizes para o Brasil, a provincia exporta genios para Lisboa, afim de contrabalançar o *deficit* produzido nos theatros da capital pelo consumo quotidiano de Pernambuco e outros mercados do Brasil.

Depois da Figueira, annuncia-se agora que Santa Combadão vae remetter um dos seus productos lyricos a Francisco Palha, que, segundo dizem, em vista do bom exito ultimamente alcançado, remetteu uma circular a todos os parochos da provincia, afim de que elles annunciem á hora da missa conventual que as portas do *paraiso* estão abertas na Trindade a todas as almas que não derem *fifias*.

O prior de Santa Combadão foi o primeiro, diz-se, a responder ao appello com uma das suas confessadas.

Espera-se agora que os abbades remettam para o *Orpheu nos infernos* qualquer Venus que encontrem disponivel nas respectivas freguezias.

Indicaremos no proximo numero o processo de que tencionamos usar para sortear licitamente o annel que patenteámos a semana passada — a lapis.

A joia está exposta no estabelecimento de Pedro Moreira.

É na rua Aurea.

Não se esqueça o leitor — é no n.º 103.

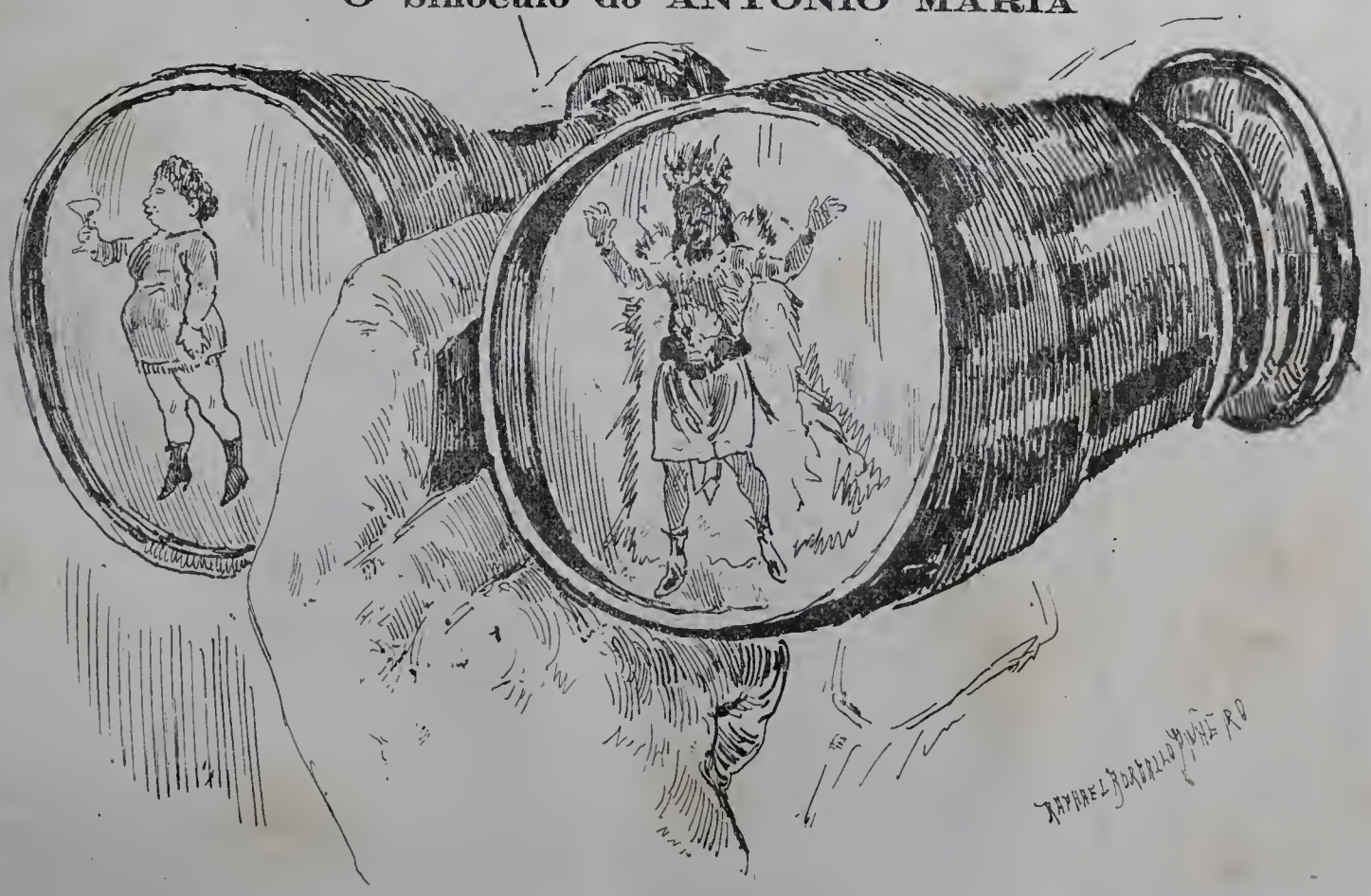
Póde ir vêl-a, e de caminho encommendar outra similhante, se receia da sorte.

## Parallelos parlamentares e theatraes

O sr. Fontes soprou prudentemente, n'uma das ultimas sessões, a chama que já começava a abrazar o sr. Vaz Preto, evitando que o incendio se communicasse ao sr. José Luciano.

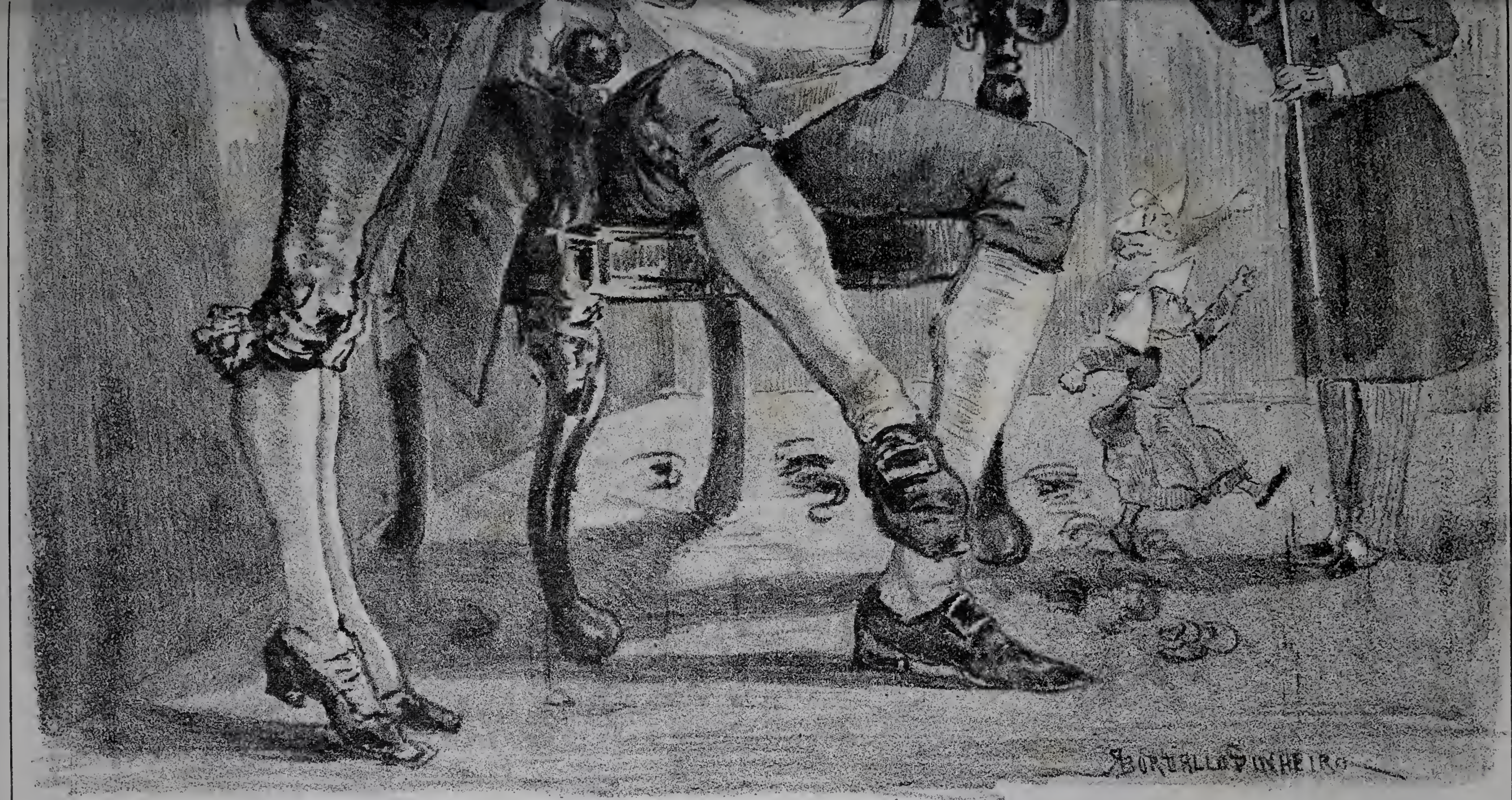
Viu-se, da mesma fórma, o sr. Reduzzi em S. Carlos, na *Lucrecia Borgia,* soprando as luzes no ultimo acto, afim de dar verosimilhança á situação, depois dos outros convivas lhe dizerem : — *Hespanol no bebe ?*

## O binoculo do ANTONIO MARIA



Na ultima semana vimos a prima-dona Biancolini, depois de *emmagrecida* convenientemente, fazendo o papel de Mafio Orsini na *Lucrecia Borgia.*

Avistámos o sr. Tamburlini, fazendo, por incommodo de saude de Pandolphini, o Cacique no *Guarany,* arrastando uma pelle com a magestade com que se costuma, arrastar um capacho — como a referida pelle parece.




A proposito da expulsão dos jesuitas de França, o *Figaro* deu tratos de polé á memoria do grande estadista portuguez, mettendo-lhe thesoura perfida na reputação e na cabelleira, sem que ninguem se affligisse com similhante profanação.

Em defeza dos creditos do celebre ministro, ainda até hoje, que nos conste, não sahiu senão um portuguez residente em Paris, o qual achou sobretudo escandaloso que o *Figaro* errasse a posição topographica da villa do Pombal.

Que excellente seria para os creditos da patria e confusão do jesuitismo que o sr. Mendes Leal, denodado soldado da campanha contra as irmãs de caridade, enviasse ao *Figaro*, no intento de o elucidar, uma nota, ainda que não fosse senão em verso!...

# O «FIGARO» E O MARQUEZ DE POMBAL

## Os Hercules da semana

Um que se estreiou nos Recreios, outro que se estreiou na rua de S. Bento.

O rei da Birmania acaba de praticar um acto, ou — para melhor dizer — dois actos, que decerto lhe hão de valer o reconhecimento da historia.

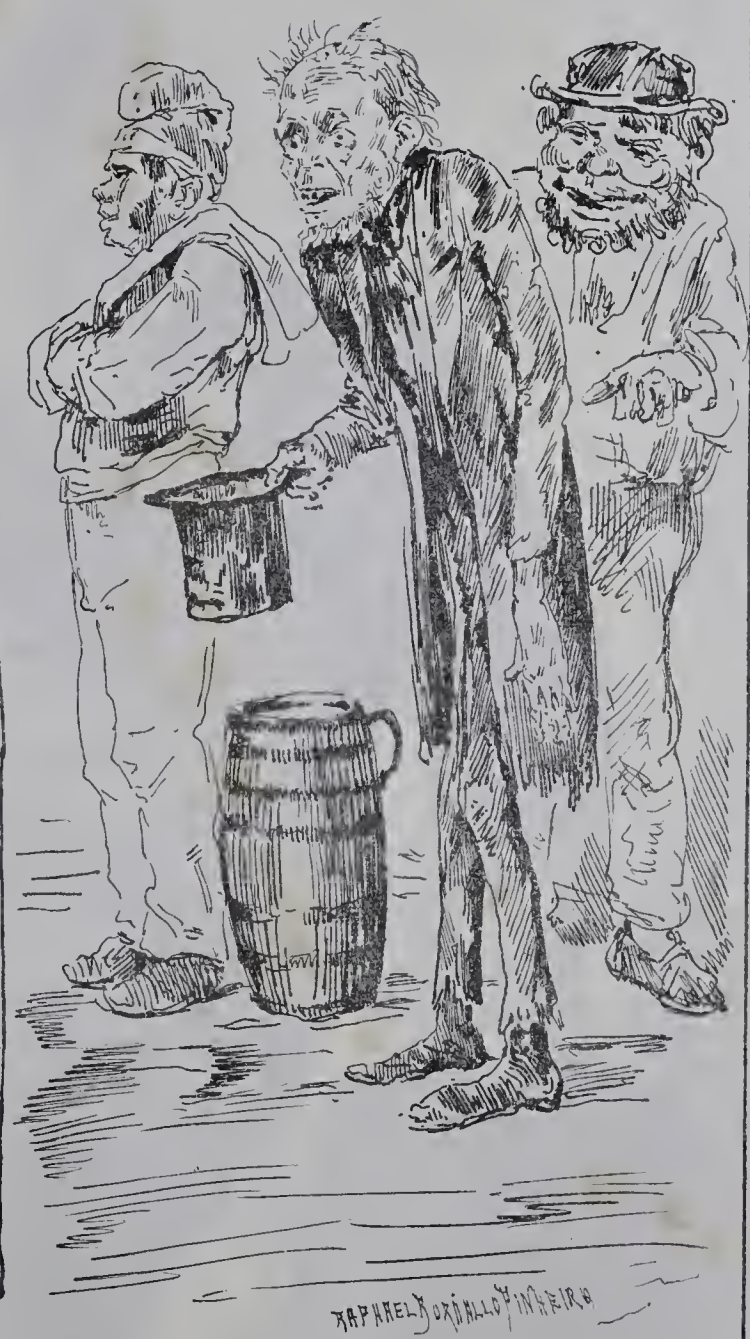
Visitando uma cidade onde reinava uma epidemia de bexigas, Sua Magestade, *com o fim de socegar os animos,* diz a Agencia Havas, mandou enterrar vivas setecentas pessoas.

Feito isto, Sua Magestade Imperial em pessoa, foi atacado por uma dóse de bexigas negraes, que deram cabo d'elle.

A sua familia, como se diz n'um celebre *vaudeville* fran-

## Parallelos d'administração

Este que passeia garbosamente no seu cavallo, recebe a mais, diz o sr. Rodrigues de Freitas, cada anno, doze contos.




Este, que vae a pé, é mestre-escola, e foi reformado depois de trinta annos de serviço, com cinco mil réis por mez.

cez, aproveitou-se d'esta circumstancia para o enterrar.

E aqui está como na Birmania, que já tem mandado embaixadores a Portugal, *se socegam os animos,* e como os poderes constituidos morrem de bexigas para dar um exemplo aos povos!

Aconselhamos, como efficaz, este processo para *socegar os animos,* ao sr. Barros Gomes, caso os contribuintes se agitem por causa das novas medidas tributarias.

## PERFIS ARTISTICOS

*O actor AUGUSTO ROSA*

Seguindo as tradições do seu progenitor, tem pela arte o enthusiasmo que Rosa Senior manifesta hoje pelo calçado impermeavel.

É sabbado em D. Maria II a sua festa artistica com duas comedias originaes — uma de Fernando Caldeira, que divagará em verso, e outra de Moura Cabral que sorrirá em prosa.

Vamos todos applaudir o talento do filho, prevenidos para a chuva com o excellente calçado do pae.

## Registo do santo protector da moralidade

*(Para ser pregado nas paredes dos restaurantes, casas de pasto, cafés de lepes e outros logares de dispepsias, facadas e recreio)*

S. Miguel, *Dá-Um*... golpe na hydra da devassidão.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama 9

## Festa artistica da Borghi-Mamo

(19 DE ABRIL 1880)

A ovação tocou as raias do delirio. Houve de tudo, desde a pulseira de brilhantes até ao lencinho d'algodão acenando das torrinhas: e quando ella cantou a *malagueña:*

Tan solo una cosa os pido,
Al ausentar-me d'aqui
Y es que como yo en vosotros,
Penseis vosotros en mi.

*Il commendatore* Brito correu com papel e tinta, aproveitando-se da commoção da prima dona para ella assignar a escriptura.

Paccini mereceu os maiores louvores por ter preparado o throno de confeitaria onde appareceram os brindes no 3.º acto. Parecia uma festa de quinta-feira d'endoenças!

Muito mimosa a corôa formada de flores naturaes e flores artificiaes, symbolo do *meio soprano,* como explicava o *dilettanti* que a offereceu. As flores articiaes estavam tão bem feitas que até principiaram a murchar por engano. — pensando que ellas é que eram as verdadeiras!

# ROSAS E RENDAS

O floriculter Loureiro offereceu-nos uma exposição de rosas, no *horto* de Jesus. A cidade correu a aspirar aquelles perfumes com o afan de quem não traz o olfato muito saciado d'aromas agradaveis.

Entre as rosas lá estava Oliveira Junior, o que mais tem luctado para que Portugal, como *jardim da Europa á beiramar plantado*, deixe de ser uma figura de rethorica.

Na exposição de rosas, entre os objectos de cera, havia uma sopa e uma salada d'alface tão bem imitadas, que chegavam a fazer crescer agua na bocca ás pracas de pret

Fernando Caldeira, com a delicada comedia em verso, *A mantilha de renda*, provou em D. Maria II que o proprio *Zé-Povinho* póde gostar de coisas finas.

Pregou-lhe tão bem a *mantilha*, que elle ficou encantado, a rir, como se estivesse costumado a usal-a!

Para a outra vez, em lhe dando a *Rosa Miguel* é capaz de ranger o dente!

Moura Cabral retira o *Heroe do Chiado*, afim de lhe mandar fazer uma *toilette* ao Keil, visto ser um pouco fresca e algum tanto *boca de sino* aquella com que se apresentou no palco

Foi aconselhado pela empreza a pôr a *boca de sino* ao contrario, na fórma do modelo junto.

# O sr. governador civil, a r

O sr. governador civil medita nas tremendas orgias que a cidade celebra fóra d'horas.

E vê a bacchanal campeando infrene á mesa dos cafés em frente da torrada de meleças.

O sr. Dá-Um dá dois pulos.

E depois da uma ningnem com bifes.

O Valentim salta de contentamento.

Entretanto o sr. Dá-Um da licença para que em dia de S. Pedro e S. Paulo os cafés de *tepes* funccionem e os devassos tomem o seu chocolate em socego.

À sahida do theatro, como os restaurantes estão fechados, varios amadores sentam-se nas escadinhas do picadeiro e petiscam.

Outros cercam o vendedor ambulante dos pãesinhos com chouriço e regalam-se debaixo do candieiro do Largo das Duas Egrejas.

(Corre o boato de que o sr. Dá-Um vae associado com este industrial, motivo porque mandou fechar os restaurantes.)

A policia no largo de S. C nha os trens e as panellas.

# e e as ceias fóra d'horas

O vicio a 460 réis com guardanapo e padrões parece-lhe intoleravel.

Expede ordens para que das dez em deante ninguem toque piano.

A visinhança resona alegre

Os fadistas agradecem fazendo tenção de na noite consagrada aos dois apóstolos darem a facadas por partidas dobradas--uma por cada santo.

E os veteranos da liberdade deliberam ir no dia 24 de julho dependurar uma canja de reconhecimento no pedestal do dador.

Entretanto na noite do beneficio da Borghi-Mamo vêem-se entrar em S. Carlos os *dilettanti* com os respectivos farneis.

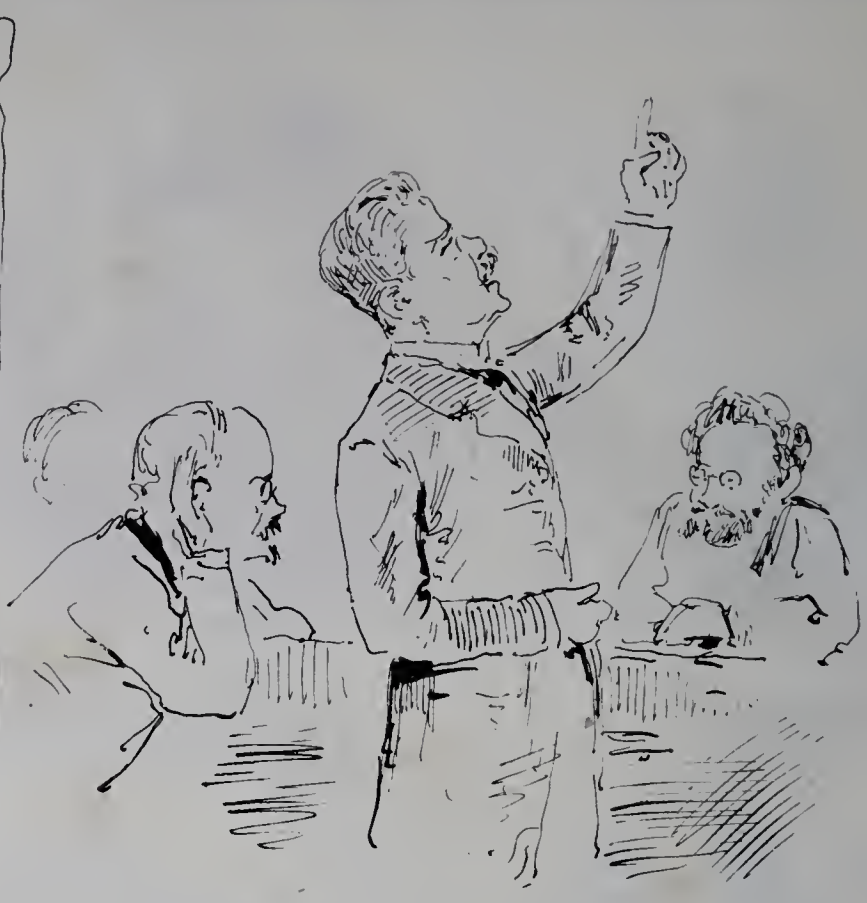
Alguns *dilettanti*, emquanto o sr. governador civil abana as orelhas aos empeanhos, abanam elles os fogareiros.

E alguns, que nunca cearam fóra d'horas, resolvem convidar a superior de S. Carlos para as cergias — visto não haver perigo dos *restaurantes* estarem abertos.

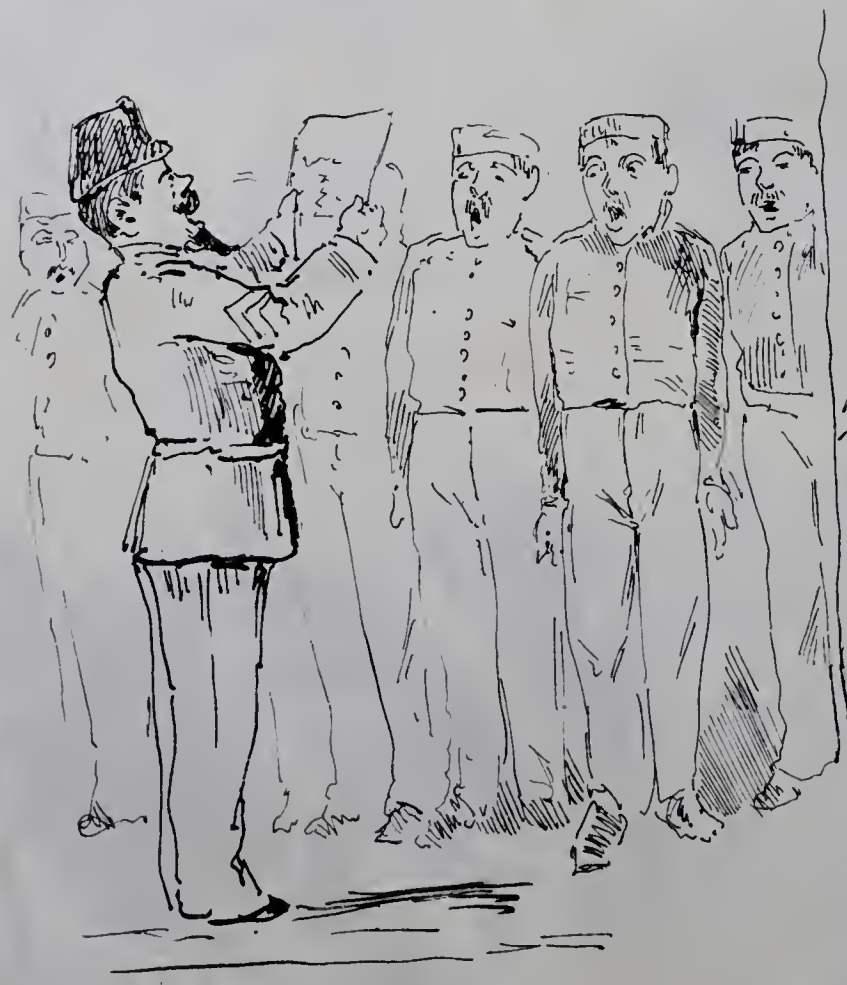
Entretanto os fadistas, sem piano que os contenha, tocam zabumba nas costas dos chefes de familia que recolhem para casa fóra d'horas

## Os massadores africanos

O sr. Barbosa Leão propõe a sonica applicada ás colonias; isto é: supprimil as como se supprimem as letras dobradas.



O sr. ministro da marinha combate a idéa, declarando entre os apoiados da camara que, se tanto fôr preciso — *renovaremos as nossas glorias.*



Em vista de tal declaração, offerece-se uma moeda e um posto de accesso ás praças de pret que queiram ir para as Indias em *Vasco da Gama.*

E o sr. ministro da marinha compra no Godefroy uma barbas de D. João de Castro, que põe no proprio sr. Barbosa Leão, para destruir o effeito das suas palavras.

## Projecto para a reforma do bando dos touros, apresentado ao sr. governador civil

Como elle deve ser formado, visto S. Ex.ª não ter consentido que o outro sahisse por ser pouco sério e ter pouca gravidade.

O programma, em vez de ser distribuido com musica, é publicado em cantochão.

## Depois dos restaurantes fechados

Agora que não temos onde tomar chá, o melhor é tomar juizo.

# AS SEIS POLICIAS DE LISBOA

TROPA DE LINHA, MUNICIPAL, POLICIA CIVIL, POLICIA PREVENTIVA, CABOS DE SEGURANÇA E GUARDAS NOCTURNOS

Quando não ha desordem, apparecem em toda a parte. São d'uma actividade nunca vista.

Quando ha desordem, nunca mais ninguem os vê... senão ao longe.

Só fica o guarda nocturno para abrir as portas da casa, e sendo necessario as do cemiterio.

Pergunta-se: Tendo a policia, segundo as ultimas determinações, metade das canjas que aprehender depois da uma, porque não ha de ella tambem receber metade das facadas?

# ABERTURA DA EXPOSIÇÃO DE BELLAS-ARTES

Esta exposição representa um progresso, e o *Antonio Maria* applaude-a pelos esforços que ella indica da parte dos artistas nacionaes e pelos prodigios que nos revela da parte da arte estrangeira, representada por Carolus Duran.

As telas d'este mestre marcarão, só por si, um novo ponto de partida para a arte nacional, que poderá tirar d'aqui incitamentos para, ao menos, se não deixar morrer.

## NA EXPOSIÇÃO

EPISODIOS, DETALHES E APRECIAÇÕES

— Ora vejam; trouxe um vestido novo, está toda a gente a ver os quadros e ninguem repara em mim. Tolos!...

EM FRENTE D'UM RETRATO DE CAROLUS DURAN

— A moldura é uma rica moldura, devia custar um par de vintens! Mal empregada estar n'um retrato por acabar!

— Ó seu *Juca*, aquelle retrato não lhe parece um papagaio vestido d'encarnado com duas bananas no bico?

(*Continua no proximo numero.*)

## A QUESTÃO RATTAZZI

— Preciso saber se o gallo feito na testa da princeza, foi feito na testa de minha esposa.
— Não, senhor: eu não faço gallos em testas.
— Bem! estou satisfeito, porque se fosse feito na testa de Madame... Brrrrrrrrrrr!...

(Como commentario a este Brrrrrrr, o *Album das Glorias* publica amanhã a caricatura, não se sabe se de Madame, se da princeza.)

## Carta enviada ao «Antonio Maria»

Para dar ao Centenario
De Camões — pompa de truz,
Lembrou se um grupo operario
Que muito preza o paiz,
De mandar vir de Paris
D'Edison a nova luz.

Mas o malfadado invento
Foi ao fundo no Gasconha!
Qual seja o nosso tormento,
Por ver assim transtornado
Um plano tão bem formado...
Meu q'rido amigo: supponha!

Mas agora, o que fazer
N'este lance tão cruel?
Quem nos podia valer,
Se quizesse... era o senhor...
Pedindo ao *padre prior,*
N'essa noite o *rico annel!*

Já não q'remos q'elle empreste
Joia de tanta valia;
Basta que o dono se preste,
*N'essa noite* a estar sentado
Á beirinha d'um telhado,
P'ra que a noite seja dia!

# NOVA PHRASE PARLAMENTAR

INTRODUCÇÃO DA ALBARDA NA RETHORICA POLITICA

A albarda apparece nos horisontes da camara, com convicção e retranca.

O sr. conselheiro Arrobas grita: — «Albarda, caros collegas.»

A camara atira com a albarda ao ar.

O sr. presidente pede ao sr. tigre que recolha a albarda.

E o sr. tigre condescende — e engole.

Entretanto o sr. ministro da fazenda, para mostrar aos povos que é uma boa *navalha*, rapa as barbas e põe-nas de molho.

## 29 D'ABRIL — ANNIVE

Constituição fraca, anemia chronica e um *cão* que l

# DA CONSTITUIÇAO

dos. — Escusam de a empurrar, que ella cahe por si.

# THEATRO LYRICO

A RÉCITA DO «TROVADOR»

O tenor Tamagno canta o *Corro a salvar-te,* sobraçando um *bouquet* do tamanho d'elle, enfeitado com as côres nacionaes. Não se sabe se o *Corro a salvar-te* se refere á mãe, se ao paiz symbolisado nas referidas côres.

Tamagno agradece cingindo na cabeça a corôa de prata offerecida pelos seus admiradores, como quem tenciona usal-a como barrete de dormir.

O Napoleão de S. Carlos arroja das torrinhas sobre o beneficiado 2:500 *bouquets*. Atira-os com a ancia de quem atira pedras, e a sua maior gloria seria partir a cabeça a um tenor!

Á hora da ceia apparece um *reporter* inglez, que, em vez de tomar notas, toma vinho do Porto, acabando por ensinar ao Tamagno como se canta o — *God save the Queen.*

# CASOS DA SEMANA

A QUESTÃO DO BUXO

A tropa não acha marcial os ramos de buxo nas bocas das espingardas.

Porque é contra a magestade do exercito — que nas procissões leva os anjinhos pela mão.

O PIANO MADRUGADOR

Como os inquilinos da Mouraria acordam em sobresalto ás quatro da manhã, fulminados pelo instrumento vingador das ordens do governador civil.

BENEFICIO RECOMMENDADO

Na segunda feira, Camilla, a immortal cabelleireira, que tem feito prodigios nas cabeças de V. Ex.as, minhas senhoras, faz um beneficio em D. Maria II. Não digamos mais nada, nem da sua habilidade nem das suas desillusões.

## Festa artistica do tenor Tamagno

(Bilhete arremessado das torrinhas, na força de 1:500 exemplares, e reproduzido em attenção aos leitores extra-lyricos.)

# QUINTA-FEIRA D'ASCENÇAO

A APANHA DAS ESPIGAS

*Zé Povinho.* — Que rica espiga que eu apanho este anno, Maria da Paciencia!

# NA EXPOSIÇÃO DAS BELLAS-ARTES

(DETALHES, EPISODIOS E APRECIAÇÕES)

EM FRENTE DA VISTA DO TEJO AO PÔR DO SOL

— Ó papá, porque é que aquelle céu está a deitar sangue pelo nariz?

CAROLUS DURAN EM CONVERSA COM OS AMADORES

— Para a outra vez em cá vindo já lhes pinto retratos bem acabadinhos, como os que estão na rua da Trindade, á porta da *Flor dos Theatros*.

As noticias que presentemente estão chegando todos os dias a Lisboa com mais regularidade são as do numero de bois exportados pela barra do Porto, e a das varadas mandadas applicar pelos governadores das possessões ultramarinas nas costas dos degredados.

10:017 chibatadas é o numero convidativo que o sr. governador d'Angola acaba de proporcionar á espinha dorsal d'um prisioneiro confiado á sua vigilancia — dizem os jornaes. Bonito numero na verdade, e — faça-se justiça ao sr. governador d'Angola — nenhum dos seus collegas na pancadaria ultramarina, o excedeu em liberalidade!

As colonias são os *padrões das nossas glorias*, dizem de quando alguns cultores da rethorica patria. Meus senhores, é melhor que, em vez de lhe chamarem os *padrões*, lhes chamem antes os *bordões*.

O prurido da pancadaria anda de tal fórma no ar, que o governo acaba de agraciar um cidadão de Moncorvo com o titulo de visconde de *Marmelleiro*.

Aqui está um bom titular para, segundo as praxes coloniaes, se applicar em cima dos habitantes de Angola.

Estamos auctorisados a declarar que o *cancan* que se dança na Trindade, no *Orpheu no Inferno*, foi ensaiado pelo professor Justino Soares, e approvado por Sua Eminencia o sr. cardeal patriarcha, para distracção das familias e passatempo do cabido.

Consta mais que no dia do juizo aquelle *cancan* se ha de completar, quando se ouvir a trombeta do contraregra para a carne se reunir aos ossos.

Anda no ar, nos arredores da Casa Havaneza e no soalheiro do artigo de fundo, esta interrogação extranha:

O senhor de Bolama retirou ou não retirou o seu apoio ao governo?

Se retirou o seu voto — e o seu sobrinho, o governo cahe; se ao contrario do que deseja a opposição, conserva no mesmo posto sobrinho, voto, Barros e Cunha e tudo, o governo não cahe.

Eis aqui a situação original em que na primavera de 1880 se acha a politica portugueza em geral e o constitucionalismo em particular!

O nobre senhor de Bolama, em relação á politica portugueza, é fiador dos nossos destinos e fiel d'uma balança. Conforme elle pende para a direita ou para a esquerda, assim os *pratos* dos partidos pesam para a esquerda ou para a direita, em virtude d'uma acção que nem o proprio sr. conselheiro *Arrobas* é capaz d'exercer.

Sim, porque qualquer que seja o respeito que este notavel vulto nos mereça, comparada a sua influencia com a influencia do sr. de Bolama na supracitada balança, tanto póde chamar-se o sr. conselheiro *Arrobas*, como o sr. conselheiro *Arratel*.

Em todo o caso, seja como fôr, o que é certo é que o paiz parece chegado áquelle momento psichologico em se ouve catar o gallo invisivel que na testa do sr. Bolama annuncia a sua ascensão ao poder, prophetisando ao mesmo tempo a sua *queda* pelas escadas.

## PARALELLOS POLITICO-THEATRAES

O sr deputado José Luiz Dias substitue perfeitamente a sr.ª Chini nos *divertissements* de S. Carlos. O caso é elle querer executar a dança das *ligas*.

Demonstra-se.

O tenor Tamagno parte, levando um pigarro nacional adquirido á sombra do *cache-nez* do senhor de Bolama.

Que bello seria se um levasse o *cache-nez* e o outro ficasse com a voz!

Os batentes de S. Carlos fecharam-se.

Vinte vezes a fio as familias dos assignantes tiveram a suprema ventura de juntar as suas lagrimas ás lagrimas da sr.ª Gargano no 4.º acto da *Traviata!*

Fazendo a divisão do subsidio pelas récitas, vê-se que o governo auxiliou esta desolação lyrica com cerca de quatro contos de réis, o mesmo, pouco mais ou menos, com que nos vae agora remir d'um grande peccado em frente do grande épico!

Em todo o caso, faça-se justiça á nossa energia moral. Se um povo que ouve vinte vezes a fio a *Traviata* não está de todo idiota, é porque esteve a dormir.

Entretanto, triste é dizel-o! nem todos os frequentadores de S. Carlos dormem!

Depois das missas do dia, cerca de quatro a cinco mil fieis foram no ultimo domingo visitar a exposição da Academia das Bellas Artes, com a mesma reverencia com que hoje hão de ir á espiga.

Os juizos formulados a respeito dos quadros expostos eram dos mais pittorescos e dos mais inesperados, mas o boato que corria com mais insistencia entre as familias que visitavam a exposição, era que os retratos de Carolus Duran não estavam acabados porque o pintor, á ultima hora, exigira mais quatro contos de réis para os concluir, partindo a arrepelar-se para Hespanha, quando soube que não lh'os queriam dar.

Alguns ornamentos conspicuos da baixa eram de opinião que em Portugal ainda havia artistas, e que portanto para mostrarmos que não necessitamos nada do estrangeiro, os retratos deviam ser mandados acabar ao santeiro Faz-Tudo da travessa de Santa Justa.

O ultimo tenor proporcionado á sensibilidade de S. Carlos foi o sr. Corsi. Magnifico para se ver, mysterioso para se ouvir. O tenor Corsi pertence a essa velha raça de tenores, em frente da qual todas as platéas sentem em si o sr. Guilherme d'Abreu!

O tenor Corsi é o antipoda do tenor Tamagno. Sommada a arte d'um com a voz do outro, ficava um grande tenor: mas assim, desencontrados, marchando o tenor Tamagno para Milão e o tenor Corsi para o Porto, é impossivel um accordo.

### AVISO AOS LEITORES

Não se esqueceu o *Antonio Maria* d'aquella rifa e do premio que já agora vae parecendo legendario, o qual premio, a não ser uma fabula, deveria consistir no famoso annel *specimen*, com que ha tempos fomos brindados, e de que logo desistimos em obsequio á nossa amavel clientela.

A demora na realisação da promessa tem sido proveniente da longa meditação a que o nosso administrador se tem entregado, sobre a fórma pratica de realisar o sorteio n'uma maneira licita, sem ser preciso convidar dois municipaes para assistirem á extracção e, de caminho, desenharem a folha. O problema está quasi resolvido e brevemente daremos conta d'essa larga meditação que em tudo se parece com um pesado somno.

# CONFERENCIA NA ACADEMIA DAS SCIENCIAS

AS COLONIAS E A «ESCURIDÃO» ELECTRICA

O presidente accende um phosphoro para *ver* a luz; os ouvintes escutam o ruido da luz e não ouvem o orador. Tudo tão escuro como a administração colonial.

# A PROPOSITO DAS COLONIAS

CONSIDERAÇÕES DE JOHN BULL, NOSSO FIEL ALLIADO, PLENIPOTENCIARIO EM LISBOA

O sr. Barbosa Leão diz em inglez sónico:
— *Ol raite!*

— A India já cá me chia no papo; agora estou a crear apetite para ver se trinco Lourenço Marques. Deixo-lhes a gloria de Camões e a *sónica*, e arranjem-se como puderem.

# THEATRO DA TRINDADE

O «ORPHEU NO INFERNO»

A Opinião Publica esqueceu-se do barrete phrygio, e a Diana caçadora com a sua bonita voz, esqueceu-se de cantar os *couplets* que o *Antonio Maria* lhe remetteu e que começam assim.

*O pernas para que te quero...*

Francisco Palha encontrou emfim uma Venus tão alta que necessita de a ver por um oculo.

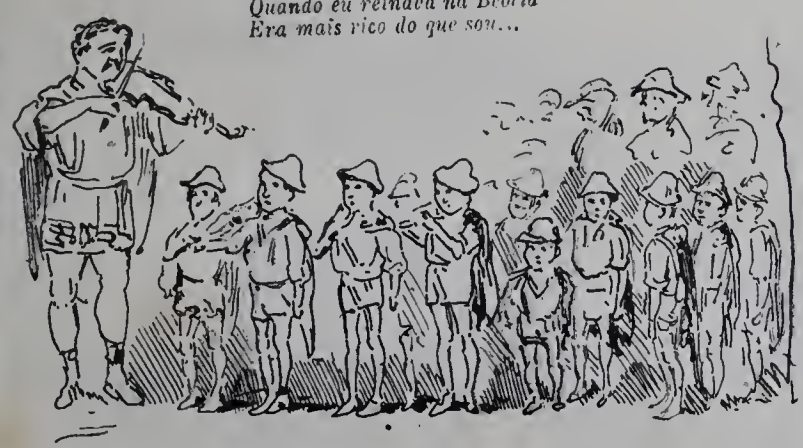
# THEATRO DA TRINDADE

## O «ORPHEU NO INFERNO»

Augusto canta:
*Quando eu reinava na Beoria*
*Era mais rico do que sou...*

Mercurio vôa tanto quanto póde voar um Mercurio na Trindade.

Amorsinhos conforme a Trindade os proporciona aos amadores.



*Troupe de petizes.* Parece a especialidade da Trindade, com a particularidade de não desafinar tanto.

Pernas offerecidas pela empresa a Guimarães (não confundir com o sr. Narciso) para cabos (não confundir com cabos da guarda) de facas (não confundir com *pilecas*).

Alegria com que uma pessoa compra o seu bilhete para ir ver a peça.

Ar grave com que sahe depois de a ter visto.

Pede-se ao sr. Condestavel que, a querer sua alteza substituir o maestro Miguel na marcação do compasso, o faça de maneira que não atrapalhe os musicos.

Não lhe custa nada requisitar a partitura na vespera do ensaio geral.

## PARTIDA DA BORGHI

(O astro desapparece no horisonte, acompanhado por seu pae D. Miquelino.)

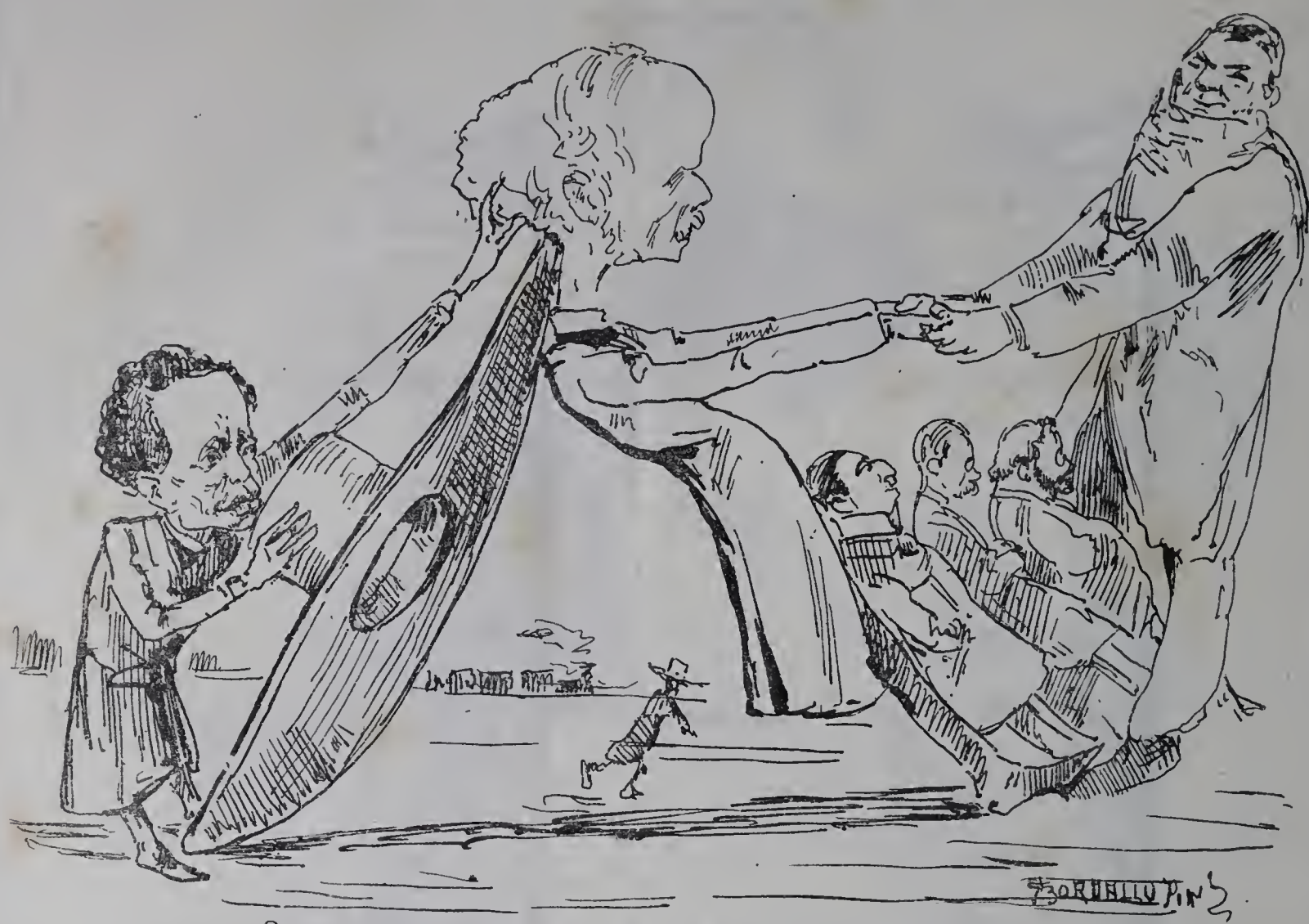
Para nos consolar fica-nos o *saleroso* Barros, que já na noite da despedida, em S. Carlos, foi visto n'uma friza ensaiando graciosamente os meneios do leque.

# OS BOATOS DE CRISE MINISTERIAL

CRISOMETRO MINISTERIAL

Novo instrumento inventado pelo optico *Antonio Maria*, para reconhecer as variações da temperatura governamental.

# A ESCORA MINISTERIAL



O governo tremelicava, mas o sr. conde de Casal veio á pressa de Madrid, metteu-lhe uma escora e foi-se embora.

No parlamento, n'uma aprazivel sessão nocturna de legislação e recreio, presenceada por grande numero de senhoras, o sr. Antonio Candido avançou a proposição de que, dadas as actuaes circumstancias do paiz, e por cima d'ellas uma circumstancia afflictiva era muito provavel que do torrão natal não brotasse um Peel ou um Thiers que nos salvassem do abysmo.

O sr. Thomaz Ribeiro rebateu esta opinião anti-patriotica, manifestando a crença de que na hora do perigo tinha inteira fé de que havia de apparecer um Thiers ou Peel que salvasse para a posteridade a *gloriosa herança de nossos maiores.*

Em que todos estavam d'accordo, ao que parece, era em que nenhum dos actuaes chefes da politica militante podia servir para o intento. Emquanto a *nau da governação deslisar* serenamente, ainda servem para dirigir a manobra; agora em havendo tempestade, a primeira coisa que a gente tem de fazer, é pegar no senhor de Molama, no sr. Fontes e no sr. Braamcamp e deital-os ao mar, pondo o logar de piloto a concurso.

Está d'accordo esta opinião com aquella que o sr. ministro da marinha emittiu ha poucos dias, de *no momento opportuno renovarmos as nossas glorias, se tanto fôr necessario.*

Basta pôr um annuncio no *Diario de Noticias,* que diga assim, na hora do perigo: «Precisa-se d'um Vasco da Gama e d'um Thiers, por um trimestre. Quem se achar nas circumstancias compareça debaixo da arcada das 9 ás 3. Exige-se fiador e attestado de bom comportamento.»

Na sessão nocturna de terça-feira ultima o sr. Thomaz Ribeiro explicou tambem satisfactoriamente, para a moral e para as finanças portuguezas, que o sr. Barros Gomes não tinha trazido da sua viagem á Turquia nem os systemas de contribuições, nem as odaliscas.

A camara riu, mas a *saudade* parecia pungir o coração do sr. ministro da fazenda que é, e o do sr. ministro da marinha que foi!

---

A sonica applicada ás provincias ultramarinas dá os seguintes resultados:

O sr. Barbosa Leão é de parecer que devemos fazer leilão das colonias, mas ao mesmo tempo recommenda a chibata como um dos unicos recursos de que a *mãe patria* dispõe para manter no devido respeito aquelles *florões* da monarchia.

Como despreso pela velha rhetorica nacional, devemos louvar a coragem do distincto sónico, ainda que os habitantes d'algumas possessões se vão encontrar n'uma situação realmente angustiosa. Estendem as mãos á metropole e a metropole diz-lhes: — Deus os favoreça.

Voltam-lhe as costas, e a metropole não lhes diz nada, *dá-lhes.*

---

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## Os athletas do imposto de rendimento

Todos elles luctam com muito valor, mas no fim de contas, ò Zé Povinho, em vez de ser Cesar, é um João Fernandes que paga as despezas da funcção.

Diz uma folha hespanhola que está despertando a curiosidade publica em Alicante uma rapariga denominada a *joven-tigre*.

Tem fórmas elegantes, é formosa, mas o corpo está coberto de escamas e salpicado de nodoas amarellas muito similhantes ás do tigre.

Vê-se logo que não é o sr. conselheiro Arrobas. O tigre d'Alicante está coberto d'escamas, e o nosso — para nos servir-mos d'uma phrase do calão politico portuguez — anda completamente *escamado*.

Em França, depois de se descobrirem varias irregularidades na contabilidade da Legião de Honra, o governo mandou sellar as portas do chanceller que foi da referida legião.

Em Portugal, quando se descobrem quotidianamente irregularidades d'esta natureza, as trancas servem para fins mui diversos. Servem para accusados e accusadores darem bordoada uns nos outros, contundindo o moral e respeitando o physico, porque dóe mais.

# CASOS

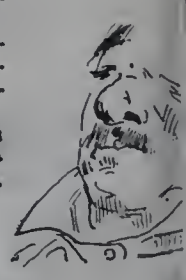
**Prepara**

Theophilo Braga por um lado e Ramalho Ortigão por outro, verrumam na cabeça do Zé Povinho, até lhe fazerem entrar a idéa do centenario.

Dois conselheiros discutem a proposito, da seguinte fórma:

— Sabe o que lhe digo: é que tenho sessenta annos e nunca me lembro de ter havido centenario de Camões!

— E você vae ver que ficamos com centenario todos os annos, como o 24 de julho... e dizem que o paiz está pobre!...



Elle é collarinho

Estado em que uma pessoa fica depois de vestido de Camões.

# MANA

**entenario**

ficiaes voltam
presença d'el-
proveitosa para
me pelas nos-

Ha quem proponha que vá no cortejo um preto a servir de Jáu.
Valor arbitrado ao preto 12$000 reis.

A phantasia dos industriaes desenvolve-se:

Elle é chapeu Camões.

lle é chapeu de chuva Camões.

Elle é galochas de borracha Camões.

Elle é *cache-nez* Camões.

Elle é charuto Camões.

Elle é o bello olho Camões!

fusão a
de Ca-
s ossa-
ta vez
nunca
ua.

Entretanto ouvem-se nas ruas da cidade dialogos como o seguinte:

— Ó sr.ª Josepha, não quer saber a pouca vergonha: mudaram o *septenario* da Senhora das Dores para *Caimões*!

No fim de contas, emquanto o proprio Mascaró offerece liberalmente á commissão pôr um olho em *Camões* no dia dos festejos,

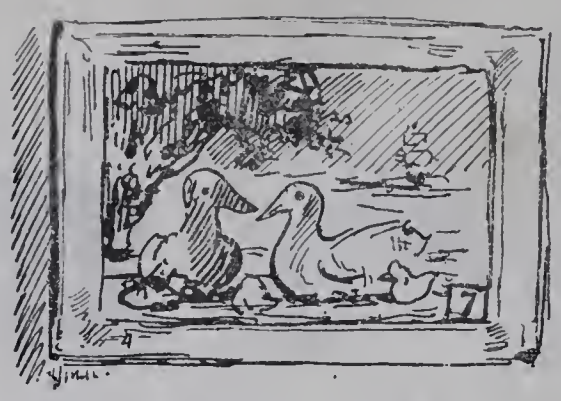
O governo fecha a burra, fecha o olho, e por emquanto a respeito de dinheiro:

NICLES!

FBORMALLO JUNIO

# NA EXPOSIÇÃO DAS BELLAS-ARTES

(DETALHES, EPISODIOS E APRECIAÇÕES)

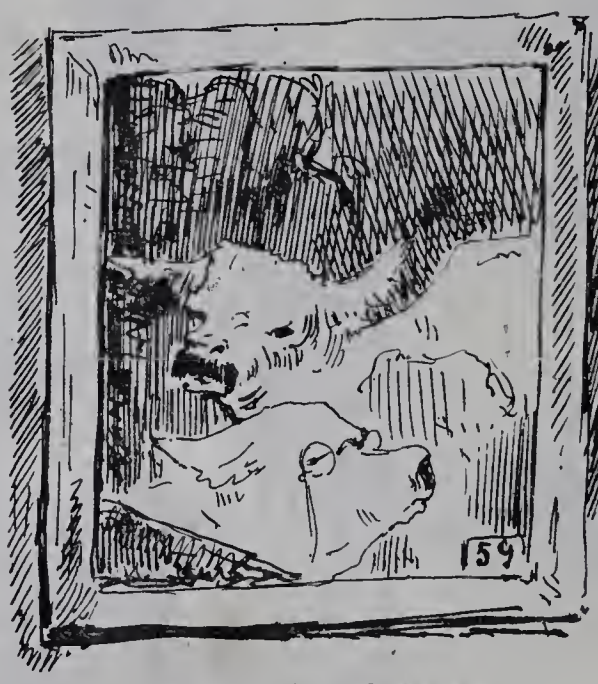



Uma familia de patos:
Pae, mãe e dois *meninos*.

Retrato d'um menino que quando era pequeno representava o sr. bispo de Vizeu.

Cabeça de cão com espinafres.

Cão de caça lendo os jornaes antes d'almoço.




Vitello de bigode, dando se ares em frente das visitantes.

Utensilios de cosinha pintados por um prior gordo em dias de magro.

Retrato dos pés do sr. conselheiro Arrobas a servirem de peanha a uma mulher do Minho.

*Dialogo colhido no ultimo domingo da exposição*

— Minhas senhoras, se querem mostrar que teem gosto e sabem ver quadros, enrolem os seus catalogos e vejam assim — por um oculo.

— É verdade, sr. Castanheira! Que perspectiva que teem aquellas pescadinhas!

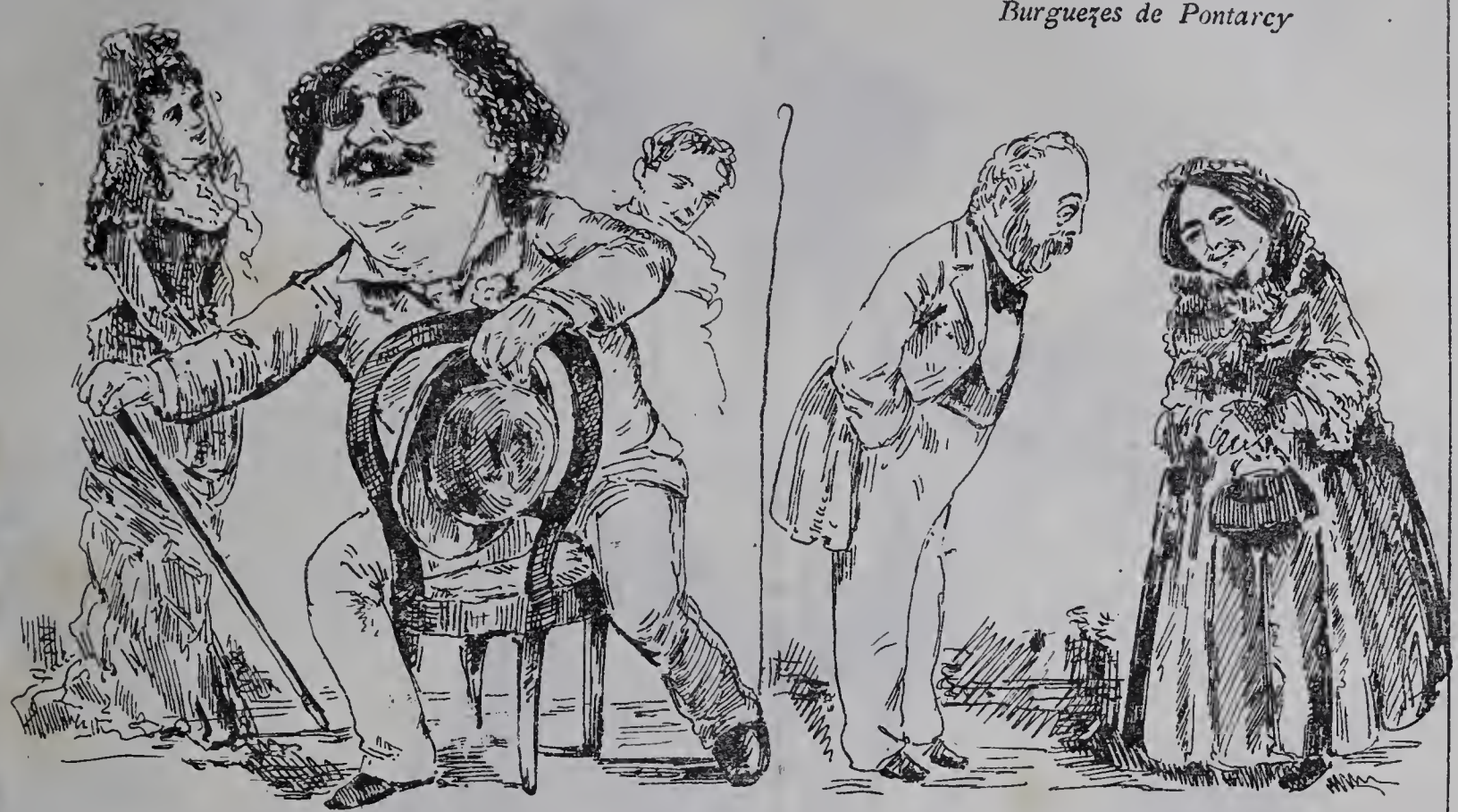
# THEATROS

PRINCIPE REAL

*Beneficio de Amelia Vieira*

D. MARIA II

*Burguezes de Pontarcy*



Santos continua sempre a ser o mesmo actor querido das platéas. Recitando a poesia comica *Assim é que eu gósto d'ella,* obrigou a platéa a repetir-lhe cem vezes: — E eu, como gósto do Santos!

Amelia Vieira representou *A irmã do cego* com bastante talento e muito coração.

4.º acto: Anna Pereira e Augusto Antunes muito bem! Explendida scena de comedia!

*BURGUEZES DE PONTARCY*

Bravo Sardou! Quando fazes comedia és primoroso, quando escreves drama és um pouco declamatorio — mas em todo o caso esplendido — para D. Maria II.

Recommendamos ao theatro normal menos teias d'aranha, mais luz e algumas comedias como esta, e ficará remido do *somno* eterno.

# O COLISEU DE LISBOA

O maestro Lagenbach, um colosso maior do que o proprio Coliseu, não se sabe haver bem com a barca *24 de julho,* de que o fizeram arraes.

Quando chega o verão, a cigarra Amann que tem estado na toca durante o inverno, começa a cantar com toda a força, transformando ao som da sua voz os tanques em kiosques, os kiosques em parques, e o Price n'um paraiso — como só Deus o seria capaz de fazer com algumas peças de lona.

## Acta da ultima sessão parlamentar

O sr. Conde de Bomfim pede a palavra :

Até os proprios *tigres* voam e voam todos os massadores da camara.
A presidencia, sem poder voar, canta com os secretarios aquella conhecida canção:

A mesa infeliz tem azas,
Tem azas, mas não *avôa*.
O tigre Arrobas tem azas
E á palma da mão se assôa.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9

## A improcedencia das bengaladas

Uma facadinha d'amor na presidencia.

Uma bolxaa Camões no sr. general Antonio Maria.

A camara dos dignos pares julgou improcedente a acção intentada contra o digno bailio de Malta que ha cerca d'um mez se apeiou da sua carruagem na rua de S. Bento, expressamente para amolgar as costas d'um sujeito que passava e que, segundo parece, usára d'um gesto excessivamente franciscano para ser supportado por um bailio.

Não queremos contestar a liberdade d'acção que assiste ás bengalas dos senhores bailios; o que parecerá a alguns vexatorio é que a camara dos pares não conceda a mesma liberdade á policia correccional, quando ella, em conformidade da lei, suspende o seu gladio sobre a fronte dos dignos legisladores.

A camara dos pares para ser logica devia achar improcedente tudo o que o digno bailio praticasse d'ora ávante.

E julgado improcedente um pontapé vingador que o Zé Povinho arrumasse em toda a *camara-optica*.

Um soco de confraternidade no sr. Vaz Preto.

## TRISTES DESTINOS DOS REIS

Nota Ramalho Ortigão, escrevendo da vinda do soberano *honorario* D. Miguel, a Portugal, quanto é infeliz a sorte do monarcha effectivo d'estes reinos, «dando a mão a beijar a um povo que come alho, a um clero que se pinga e a uma aristocracia que se baba!...

Ao som do violino que n'este momento arrasta a cidade ao Coliseu, tem-se travado n'algumas folhas um tiroteio entre *realistas* e romanticos. Por emquanto não ha sangue nem mesmo contusões. Apenas algum derramamento de flores de rethorica d'um e outro lado. Ha todas as esperanças de que este amavel fogo de guerrilhas nem sequer chamusque de leve as cabelleiras do romantismo. Em primeiro logar porque os tiros são atirados alto, em segundo logar porque o romantismo já está calvo.

Os pratos de pó de pedra inventados por um industrial para celebrar o tricentenario de Camões teem escriptos em volta estes dois versos attribuidos ao grande epico no fim de *tres seculos de immortalidade,* como dizia a semana passada uma folha da provincia.

*Por afinar a gloria portugueza,*
*A vindouros mostra a sua grandeza.*

Na verdade a gloria portugueza anda um pouco *desafinada,* não só nas vozes como tambem nas loiças; entretanto isto não impede que nós no dia dez de junho comamos um d'estes pratos cheio de favas e salada, para commemorar a gloria do immortal poeta e pagarmos ao mesmo tempo um tributo de reconhecimento a Jáu, rememorando a *fava rica* que elle comeu em Goa, como se conta n'um escripto conhecido.

Os dois versos do prato parecem já uma referencia aos esforços que o maestro Frondoni emprega para organisar os cantos choraes.

*Por afinar a gloria portugueza...*

Duvidamos que o consiga.

---

A policia nas últimas noites tem tomado d'assalto algumas canjas retardatarias, surprehendidas nas terrinas fóra das horas marcadas no regulamento.

Chegámos a um periodo de bemaventurança em que espetar o garfo no peito d'uma gallinha depois da uma é um crime previsto no codigo como espetar uma navalha nas entranhas do proximo!

Com a differença que as facadas são ás vezes absolvidas, sem pagamento de custas, e os *criminosos* das canjas pagam em todos os casos dois mil réis por cabeça, embora se prove que a canja de gallinha, que foram surprehendidos a beber, era unicamente composta d'agua.

# PREPARATIVO

Ar com que se apresenta um sujeito que compra, como bom patriota, a medalha de prata Camões mandada fazer na ourivesaria Seixas, rua do Oiro, 47. (Vá lá este reclame.)

Sente-se uma pessoa Avila e Bolama com uma duzia destas medalhas!...

Os pratos que *afinam* mais do que hade afinar o canto choral.

Sua magestade, pelo dever do seu cargo, compra doze pratos d'uma vez.

A que tristes contingencias estão sujeitos os monarchas!...

O *Antonio Maria* apresenta este plano para o carro das colonias. É um *corvo* quem o pucha e John Bull, representante da Inglaterra, quem é levado em triumpho.

O maestro Frondoni alista o canto choral, ganhando logo as adhesões do Gaspar da viola, homem do pãosinho com chouricos, Reduzzi, o o mudo de Belem.

## CENTENARIO

Dialogo entre dois moradores da baixa:

— Ó seu Gaudencio, você está constipado?

— Lá isso estou, já hoje ensopei tres Camões, que alli estão estendidos á janella.

— Ó sr.ª Desideria, este phosphoro não dá lume nem pela fortuna.

—Ora a sr.ª Monica não sabe que são phosphoros *Caimões* que não tinha lume n'um olho...

n plano para um carro d'*agua de co-*
r varias instituições que o grande
conhecer.

## Os Argonautas do Montijo

Os jornaes o contaram. Os *realistas* portuguezes foram ao Montijo com o firme proposito de amaldiçoar as brisas e dar uma coça nas borboletas, mas chegados lá cahiram em extasi debaixo do ceu azul, e chegaram a descobrir que todos elles iam vestidos como os romanticos dos nossos tempos!

Eça de Queiroz, em honra de quem era a festa, chegou a correr atraz d'uma mariposa com a convicção convicção com que o podia fazer o sr. Thomaz Ribeiro ou a sr.ª D. Guiomar Torrezão!...

# O VIOLINO DE SARASATE

A critica extasiada deante d'este violino incomparavel acha que pertence a elle metade da gloria. Mas se o concebe por um instante mettido nas mãos do *maestro* Lagenbach, o violino celestial transforma se na *rebeca do diabo* e faz fugir toda a gente!...

Anda muita gente doida com o violino de Sarasate. Uns sustentam que a pureza do som do violinista é devida á munificencia do seu *stradivarius*, outros affiançam que, em parte, tambem provém da arte do tocador.

Entretanto a critico musical labora n'uma confusão terrivel, sem atinar com os louvores que tem de distribuir a um e com os elogios que deve dispensar ao outro.

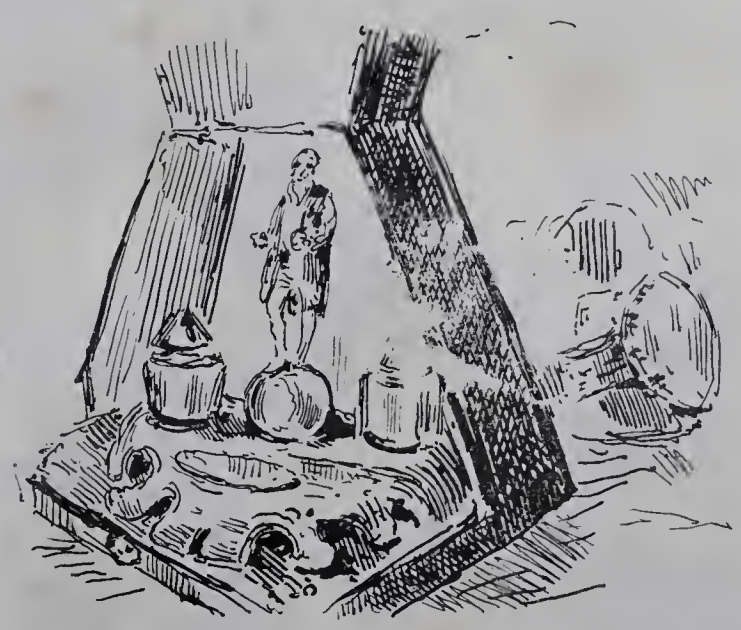
Quando Sarasate acaba de tocar, o seu camarim enche-se de *dilettanti* que vão saudar o rabequista e a rebeca de quem Sarasate tem um ciume extremo, conservando-a sentada sobre os joelhos, conchegada ao seio, receioso talvez de que lhe metam os tampos dentro ou a envenenem com cinza de charuto.

De tudo são capazes os *dilettanti* entre os quaes ha alguns antigos philarmonicos invejosos das glorias d'aquelle violino magico.

Conta-se que o *stradivarius* ao som da qual Sarasate vae enchendo de dinheiro a grande algibeira Amann foi um presente de sua magestade o imperador do Brasil. Sendo assim, sua magestade, sem o saber talvez, fez presente da melhor rebeca do seu reinado. Ah! sim! uma rebeca d'aquellas vale bem uma corôa, e o *Antonio Maria*, pela parte que lhe diz respeito, antes queria sabel-a tocar como Sarasate do que ser *defensor perpetuo* do Brasil.

Que massada ser *defensor perpetuo*!

Para avaliar definitivamente o condão da rebeca de Sarasate deviam fazel-a tocar pelo maestro Lagenbach. Se ella nos obrigasse a fugir obrigando-o ao mesmo tempo a fugir a elle, era na verdade um violino milagroso!



O *annel do sr. prior*, ou por outra o *fac-simile* d'esta joia que promettemos dar á sorte aos nossos compradores, deve ser sorteado com a primeira loteria do mez de junho.

O *Antonio Maria* completa então um anno de existencia, e dá por tal maneira um *pedregulho* de reconhecimento ao respeitavel publico.

Vidé o annel exposto desde o romper da aurora até ás 9 da noite na rua do Oiro, 103, estabelecimento do Cristovão Colombo da ourivesaria; aquelle que descobriu uma nova America pelo simples facto de vender as coisas baratas e bonitas.

# A PRIMEIRA MULTA NOS RESTAURANTS

O sr. governador civil á 1 da noite deita a cabeça fóra do travesseiro.

E desce para o chão colocando a orelha no sobrado para saber se mastigam ao longe.

Ouve ruido de queixaes para o lado do Chiado e apita pelo Antunes.

O Antunes apparece e tem ordem de se ir embuscar dentro da terrina subversiva.

Um grande romancista no *Restaurant Central* do Augusto, vae a tirar uma concha de caldo e tira uma concha de Antunes.

Grita indignado que está um Castello-Branco e outro—preto no prato!

Um dramaturgo illustre vae a trinchar um chispe com ervas e trincha um pé do 72!

E o *Antonio Maria* vae a abrir uma garrafa de cerveja e dá dois pulos vendo sahir de dentro o sr. Dá um!...

Mandam tudo para dentro gritando que não pagam comida com *varejeiros*.

E os *varejeiros* na cosinha varejam dez mil réis ao dono do *restaurant*.

Os malvados que são encontrados em flagrante delicto do meio bife, soffrem a multa de 2$000 réis. Se quizerem entreter-se fóra d'hora façam moeda falsa que já são absolvidos.

O *Antonio Maria* previne a auctoridade constituida de que quando o sr. Dá-Um der uma, sae com o resto da ceia n'um cabaz e vae acabar a sua refeição nos degraus do pedestal do grande epico. Convidam-se os devassos para esta saturnal.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## A proposito do centenario

A EPOPEA DA INDUSTRIA

Constando que foi inventado um banco de tres pés, symbolisando uma falta de symetria que se dava na pessoa do grande épico, a oposição resolve fazer sentar o governo n'esse banco, a ver se o faz cahir mais depressa.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9

## As Corridas

Delirio modesto; — menos *cocotes* do que cavallos, e maiores intervallos do que apostas. O premio de *consolação* devia ser dado aos espectadores.

Descobriu-se que Luiz de Camões, o grande épico, não passa d'um subordinado do sr. dr. Mamede, da Junta do Credito Publico.

No cartorio da referida Junta, na arca dos orphãos de Torres Vedras, foi descoberto um termo que diz assim:

«Esta despeza está lançada a folhas d'este livro por que foi aqui mal notada. — L. de Camões.»

Excellente funccionario publico! Que exemplo aos amanuenses de hoje não é o auctor dos *Luziadas!* Como o chefe da competente repartição não ha de estar satisfeito com elle!

É d'esperar que o sr. visconde d'Arriaga, no seu futuro discurso a respeito do grande épico, principie assim:

«Senhor Presidente: o *sr. Camões* tão prematuramente roubado ao amor da sua familia, e que eu tanto respeito como funccionario zeloso no cumprimento dos seus deveres, não está infelizmente presente para me ouvir, mas esta circumstancia não impedirá que eu elogie a fórma porque elle tinha a sua escripturação em dia.

*(Vozes: Apoiado.)*

No fim de contas o que é certo é que Luiz de Camões, por aquella simples anotação, havia de receber muito melhor paga ds que pela melhor das suas inspiradas estrophes.

É esta ciscumstancia, especialmente, que leva os amanuenses de hoje a escreverem officios em logar de comporem os *Luziadas.*

Os senhorios começam a entrar n'um caminho que, se não é o das extorsões para os inquilinos, é pelo menos o das contusões.

Este semestre houve um que, não recebendo a renda, pretendeu pagar-se applicando um pontapé na locataria.

Era uma combinação como outra qualquer: a infeliz não punha escriptos nas casas, o tyrano punha-lhos no corpo.

A policia não legalisou o contrato e um teve de ir para o hospital e o outro para a cadeia.

Em todo o caso se os senhorios se precipitam na senda do pontapé, ha de haver inquilinos soffredores que prefiram recebel-os a pagar a renda,

E ouvir-se-hão de futuro, todos os semestres, pelas ruas da cidade, dialogos como o seguinte:

—Por que preço anda esta casa?

—Anda por meia duzia de pontapés *levados* adiantados.

A Vidigueira agita-se, dizem telegrammas publicados nos jornaes. A' ultima hora os povos da localidade oppõem-se a que lhes levem os ossos de Vasco da Gama. Receiam-se complicações graves.

Quem havia de pensar que a Vidigueira era tão ciosa dos restos do descobridor da India, a ponto de se oppor á consagração gloriosa que a patria pretende dispensar ao grande navegador!

## As andorinhas da arte

Lá vae o bando gozar da primavera brazileira! Paladini e Brazão deixararam o ninho em D. Maria II mas ha todas as esperanças de que não se estabeleçam definitivamente no Pão d'assucar.

Vidigueira socega, e larga os ossos. Ou então levanta a essa nobre reliquia um monumento como o dos Jeronymos! Sim, se queres ficar com elles prova que o adro da igreja aonde repousam e a praia do Rastello, e que os badallos dos teus sinos foram feitos com o primeiro ouro das Indias!...

Entretanto, se queres chegar a uma combinação honrosa para ambas as partes aceita, esta proposição feita em nome do governo: Tu entregas Vasco da Gama, e o ministerio faz-te cabeça de comarca.

Passar a ser cabeça, em troca d'umas simples claviculas, já não é mau.

Na casa aonde morreu o grande épico vae haver durante as festas do centenario uma exposição commovedora.

A casa estará mobilada ao *gosto da epoca*, e n'um quarto reservado, contemplar-se-ha o grande poeta aceitando um caldo das mãos de Jáu.

O épico, o Jáu e o caldo, é tudo de cêra, fabricado no Porto. É uma obra que faz honra aos cerieiros nacionaes.

Não será dos menores atractivos da festa do centenario esta exposição retrospectiva do caldo e ultimos trances do poeta, e seria insensato chamar-lhe uma profanação.

O *Antonio Maria* prefere o Camões em cêra ao Camões em doce, pois que se o primeiro produz quando muito, uma *dôr d'alma*, o outro ha de, com certesa, preduzir muitas dôres d'estomago,

O que é a politica geral portugueza?

A politica geral portugueza é o *beco do Monete* dos interesses particulares.

Esta difinição não é feita para as escolas; é feita para a policia.

Um papel portuense ainda esta semana publicou, precedido d'uma diabitre de tres columnas d'indignação, um bilhete dirigido pelo sr. Marianno de Carvalho ao sr. dr. Valle, em cujo bilhete se chamava *broeiros* aos habitantes do Porto.

Ora com relação ao tal bilhete davam-se estes casos curiosos.

Em primeiro logar, sendo o bilhete do sr. Marianno de Carvalho, estava assignado com um *M*, o que desde logo presumia a eventualidade de poder ser, por exemplo, da Virgem *Maria*. Em segundo logar não estava reconhecido. Em terceiro logar os que o transcreviam não o possuiam!

Este caso de fazer uso d'um documento que não se possue não sabe o *Antonio Maria* que designação tem na politica. Nas outras relações sociaes só se pratica um caso semelhante quando se é um prestidigitador ou então quando se é um criminoso.

Quando se é Hermann ou quando se está para ser preso.

A politica faz tudo isto por pandega, é certo; por calculo sobre a generosidade do governo futuro e por gratidão para com o ministerio passado, — muitas vezes por dedicação partidaria somente, todavia isto não é bonito ó politica portugueza! Pois tu que nas relações particulares és tão boa pessoa, nas pugnas politicas aproveitas-te

PARALELLOS

## A procissão catholica

—Pois não, meu caro S. Jorge! Escusava de cá vir. Logo á tarde lá vou dar o passeio do costume pela rua dos Capellistas. Então não se senta?...

PROFANOS

## A procissão civica

—Sr. Camões, emquanto ao que vocemecê me diz, não sei se posso ir á sua procissão. Estou a preparar-me para ir dar uma passeata com o meu amigo S. Jorge. Olhe, o que resolver lá lh'o mando dizer pelo José Luciano ao largo do Loreto. Passasse muito bem, sr. épico.

## Preliminares do Centenario

A Vidigueira não quer largar os ossos de Vasco da Gama. O *Antonio Maria* limita-se a gritar-lhe prudentemente;—Larga o osso Vidigueira.

da circumstancia dos teus adversarios estarem descuidados para lhes meteres as mãos no bolso!...

EPILOGO

O sr. deputado Medeiros diz á ultima hora que é d'elle o bilhete, mas não tem coragem de affirmar desassombradamente se chegou ao excesso de chamar *broeiros* aos do Porto. Os papeis regeneradores da invicta continuam agarrados ao sr. Cyrillo de Carvalho e querem que o M. signifique *Marianno*.

No estado em que está a questão, o *M.* tem uma significação unica. O que elle quer dizer em relação ao estado actual da politica portugueza já toda a gente o advinhou.

*Ó noites de poesia, ó noites de Lisboa,*
*Auras cheias de som, noites cheias d'amor!*

Se os versos do sr. Thomaz Ribeiro não são assim, não vemos motivo plausivel para que o não possam ser.

Simplesmente as noites a que elles se referem não são n'este momento o que a provincia julga, a avalial-as por aquelles versos.

O violino de Sarasate emudeceu. No circo ficou só um professor de physica recreativa e o maestro Lagenbach. Os Recreios estão solitarios e tristes, por emquanto, e D. Maria II, com excepção do edificio e d'alguns actores embarcou para o Brazil.

No horisonte disponta apenas a decantada Esmeralda Cervantes harpista de todas as testas coroadas da Europa. e entre outras dignidades possuidora dos seguintes titulos — diz o seu cartão de visita:

Socia de merito dos bombeiros da Havana.
Da sociedade geographica de Madrid.
Harpista das embaixadas turcas da Europa!

Basta este ultimo emprego para lhe dar que fazer, quanto mais os outros. Se todos os turcos começam a ter sêde de harpejos ai da triste Esmeralda!

A commissão da imprensa já recebeu uma corôa symbolica offerecida por uma senhora para ser collocada *onde a commissão entendesse*. Naturalmente a commissão desiste de a collocar na propria cabeça e colloca-a sobre Camões. Póde não satisfazer assim aos desejos da dama, mas pratica um acto da nobre isempção.

Das festas do centenario ha de concluir-se, por fim, o seguinte.

É a gloria de Luiz de Camões que ainda hoje nos illumina, mas é a companhia do gaz que tira maior proveito das illuminações.

## Preliminares do Centenario

O sr. ministro da guerra, a convite da commissão da imprensa, escolhe o hymno ao som do qual deve marchar o cortejo civico.

## Pagina dedicada a «Ruy Barbo» do PIMPÃO

### O bigode do caricaturista immolado a bem dos caricaturados

Ruy Barbo declarou que o caricaturista do *Antonio Maria*, sem bigode, tinha *cara de tacho;* o caricaturista prova que Ruy Barbo, se fizesse o mesmo, ficaria com *cara de panella vidrada.* Abaixo os bigodes, meus senhores, e vamos a ver com que cara ficam e com que utensilios se parecem.

Varias caricaturas feitas por diversas victimas do *Antonio Maria.*

## Preparativos para o centenario

PROGRAMMA PARA O VESTUARIO DA COMMISSÃO DA IMPRENSA APRESENTADO PELO «ANTONIO MARIA»

Como ella se devia apresentar se não fosse o nosso amor supersticioso pela sobrecasaca e chapéu alto.

Lithographia Cuedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## As industrias elegantes do centenario

As argolas de prata, tendo escripto *Lusiadas*, ficam bem nas bonitas orelhas luzas, da mesma fórma que fica bem no peito o ramo de carvalho artificial dedicado á festa do dia.

Vidé loja do Colombo d'estas descobertas da moda.—Rua do Ouro 103. (Reclame em honra do tricentenario)

Vem da Invicta a Lisboa uma commissão de estudantes impetrar da rainha, não o perdão de um criminoso, mas simplesmente *um perdão d'acto.*

Ora os dignos *filhos de Minerva, esperanças* do Porto, e futuros vereadores e influentes da rua das Flores, não se vexam de se apresentarem diante d'uma senhora com quem não teem relações, representando o papel de *cabulas?*

Se sua magestade levar a sua benevolencia até ao ponto de lhe perguntar o que fizeram durante um anno inteiro o que lhe hão de responder? Que estiveram a jogar o xinquilho ou que estiveram a tirar qualquer coiza mysteriosa do nariz?...

Se ainda é tempo dignos *filhos de Minerva;* se por acazo vindes apenas nas alturas d'Estarreja, voltae para traz e ide-vos abrigar com os vossos compendios n'um logar aonde ninguem vos veja senão um explicador. *Estudae e sereis approvado*, diz o evangelho,—ou se o não diz, fazei de conta que o disse.

Entretanto, se já vos achaes no seio da capital, ide ouvir Beracoechea, entrae na *gruta de Camões*, praticae mesmo o excesso de tomar chá no Martinho, mas em seguida tomae um expresso. Fallar a sua magestade a rainha isso é que de modo nenhum, porque basta a maneira porque lhe sereis annunciados para os vossos brios se revoltarem no cimo das escadas do Paço.

—Estão ali fóra os eternos mandriões da cidade eterna,—dirá o senhor camarista de semana.

Todos os jornaes concordam em relação á companhia de zarzuella que se estreiou nos Recreios, que a *senhorita* Garcia, como cantora, é extremamente gorda.

N'este ponto estão plenamente justificados os oito pontos d'admiração com que no cartaz era seguido o seu nome.

A *senhorita* Garcia deve pezar pouco mais ou menos oito *arrobas:* um ponto d'admiração para cada conselheiro, quer dizer por cada quinze kilos.

O tenor Beracoechea tambem peza mais do que quando cá esteve ha dois annos. É emfim, uma companhia bem nutrida para o tempo, porque estas *companhias* que acodem á balança costumam chegar com mais frequencia a Lisboa, ahi por outubro ou novembro.

Em todo o caso a senhorita Garcia tem um *salero* moderado. A sr.ª Vella que se estreiou na mesma noite tem a voz *vellada.*

Deu-se com ella uma circumstancia que raras vezes se tem dado nos nossos theatros. N'um dueto do segundo acto desafinou; o publico deu-lhe pateada e pediu *bis* para experimentar a efficacia da receita. A sr.ª Vella repetiu logo com toda a afinação.

Se este medicamento se desse bem com o temperamento do tenor Villa, este cantor tinha saido de S. Carlos um artista de primeira ordem!

Com mais alguma pateada e de crêr que a sr.ª Vella venha a cauzar delirio.

## Debute da Zarzuella nos Recreios

Depois do ténor pãosinho, o sr. Beracoechea veio-nos fazer saborear o tenor *pãosão*!
É de toda a farinha e de todos os generos.
A *senorita* Garcia!!!!!!! Sete pontos d'admiração e oito arrobas. Voz bonita mas apenas duas onças.
*O Antonio Maria* podia substituir a dama, o homem do cão o tenor, o bigode do Ruy-Barbo do *Pimpão* o bigode de Beracoechea.

Os priores esconjuram os promotores da festa bradando que no cortejo vão muitas philarmonicas e pouca religião, sendo possivel que o prestito entre no largo das Duas Igrejas, sem Camões entrar no reino dos céus.

A fabrica da Pampulha põe o C mões em bolachas e pastilhas, nando os *Lusiadas* aptos para as milias os saborearem ao chá.

—Então você deu-me um lenho n'um olho?

—É barba á Camões. Custa quatro vintens.

(*O olho já marcha pela porta fora a ver os festejos*).

O Valentim convida os narizes portuguezes a fungarem uma *Ode symphonica* á passagem do cortejo.

O corpo tauromachico no cortejo.

Em vista da resolução dos toureiros, um toiro resolve fugir do Campo de Sant'Anna e investe c

ndustria continua a inventar
s o muitas outras coisas, pro-
ter o que faltava ao grande
—olho!

UM CHEFE DE
VISTA DA CA-
JANELLAS.

—Então vestiste a camisa com a fralda para cima?
—O que queres? no Rocio já não havia mais colarinhos á Camões, não tive outro remedio.

O sr. Miguel Ozorio, para tornar mais effectivo o seu direito á *fonte das Lagrimas*, veste-se de cão de quinta e ladra durante o centenario á commissão da Academia.

—Nós d'aqui vemos muito bem e é mais barato. 24 horas não custam nada a passar.

—Não sei o que lhe fez mal; se o Camões d'ovos, se o Jau de chocolate que comeu esta tarde!...

## O Congresso vinicola do Porto

Descobre-se que o caranguejo é o melhor antidoto contra o phyloxera: a comissão applica-o e as vinhas andam para traz, na direcção de Hespanha.

A commissão dos festejos do Porto anda á procura d'um Camões de theatro, capaz de se encarregar do papel de grande epico, e não encontra nenhum á mão. Para esse effeito veio a Lisboa o sr. Joaquim de Vasconcellos, que ha tres dias percorre em vão as ruas da cidade, entrando em todos os estabelecimentos, tomando as medidas a todos os transeuntes, perguntando em todas as agencias, pedindo épico em todos os cafés. Já foi ao Martinho, a D. Maria II, á casa de pasto do Matta, á academia dos Fenians, á das Sciencias, já fez proposta ao theatro da rua dos Condes, ao corpo dos bombeiros, ao cabido da Sé, e o Porto continua sem épico e o sr. Joaquim de Vasconcellos sem descanço!

O actor Posser parece que pediu um conto de réis por uma noite. É o seu preço para ser Camões por 24 horas, fora de portas. O actor Salazar, diz uma folha, que exige cem libras, e á ultima hora, segundo consta, aparece um amador que se promptifica a fazer d'épico por obsequio. Não se sabe ainda qual será o preferido.

Differença de tempos! Ha tres seculos houve um homem que foi Camões a razão de 12 mil réis por anno e fez uma coisa que o sr. Posser, Salazar e amador, talvez não sejam capazes de fazer os — *Lusiadas!*

Ou, se são, façam-nos e peçam tambem depois despezas pagas, embora o Porto considere semelhante exigencia uma ambição desordenada.

---

A commissão encarregada de destribuir o *premio de consolação* com que os poderes publicos nacionaes remuneram a arte dramatica nacional uma vez cada anno, acaba de estampar na folha official um d'aquelles exoticos pareceres com que todas as primaveras alegra a melancolia do *Diario do Governo.*

Este anno a commissão descobriu que as peças n'um acto não são um genero nosso, e tanto assim que até lhe dão por ahi, nos folhetins, o nome de *lever de rideau;* ou por outra, a commissão pensa que um *lever de rideau* não é uma peça n'um acto.

E conclue por mandar que o embrulhosinho dos cobres seja dado a uma peça do sr. Cesar de Lacerda, de de que é auctor um hespanhol, que por sua vez a foi buscar á gavcta de um francez.

Tem havido annos em que a commissão tem pegado em 4 peças ao mesmo tempo e demonstrado por $A + B$ que nenhuma presta para nada, concluindo portanto que o premio deve ser distribuido por todas quatro.

E ainda hade acontecer um dia o seguinte: a commissão não ter peça nenhuma para julgar e reunir-se em sessão solemne acabando de decidir, depois d'uma discussão aturada, que o premio deve ser posto no cimo d'um mastro no meio do Rocio, convidando-se todos os dramaturgos vivos e mortos a irem tiral-o, depois da commissão besuntar convenientemente o mastro com o cebo das suas opiniões.

Em todo o cazo, a respeito da clareza na decisão dos juris no nosso paiz, os cavallos teem os seus direitos mais bem garantidos do que os auctores dramaticos.

É verdade tambem que elles correm sob a protecção de SS. Magestades e aos dramaturgos não acontece o mesmo. Não admira portanto que seja muito menos vantajoso ter nascido genio do que ter nascido alimaria.

É d'esta massa que d'ordinario se fazem as grandes summidades.

## A Ex.ma Panella do «Pimpão»

## Industrias do centenario

—Então, sr. D. Thomaz, aonde estão os lugares que o senhor aluga para nós vermos a procissão?

Logares baratos:— Uma gaiola de grilo, pendurada á beira do telhado com folha d'alface. Custa a dez tostões por cabeça.

—Agora, como o senhor é *loiro*, fica muito bem n'uma gaiola de papagaio, dependurado á janella.

## Exposição do Camões de cêra

Se a sua familia é pequena aqui tem o sr. conselheiro Nazareth: póde subir e experimentar.

—Agora, se tem familia grande, aqui tem o sr. conselheiro Arrobas que accomoda muita gente.

—Agora se quer lugar de trapeira temos o sr. Augusto Ribeiro, d'onde se disfructa a baixa toda.

—Meus senhores e minhas senhoras, este é o immortal defunto.

—Está muito proprio, parece mesmo vivo!..

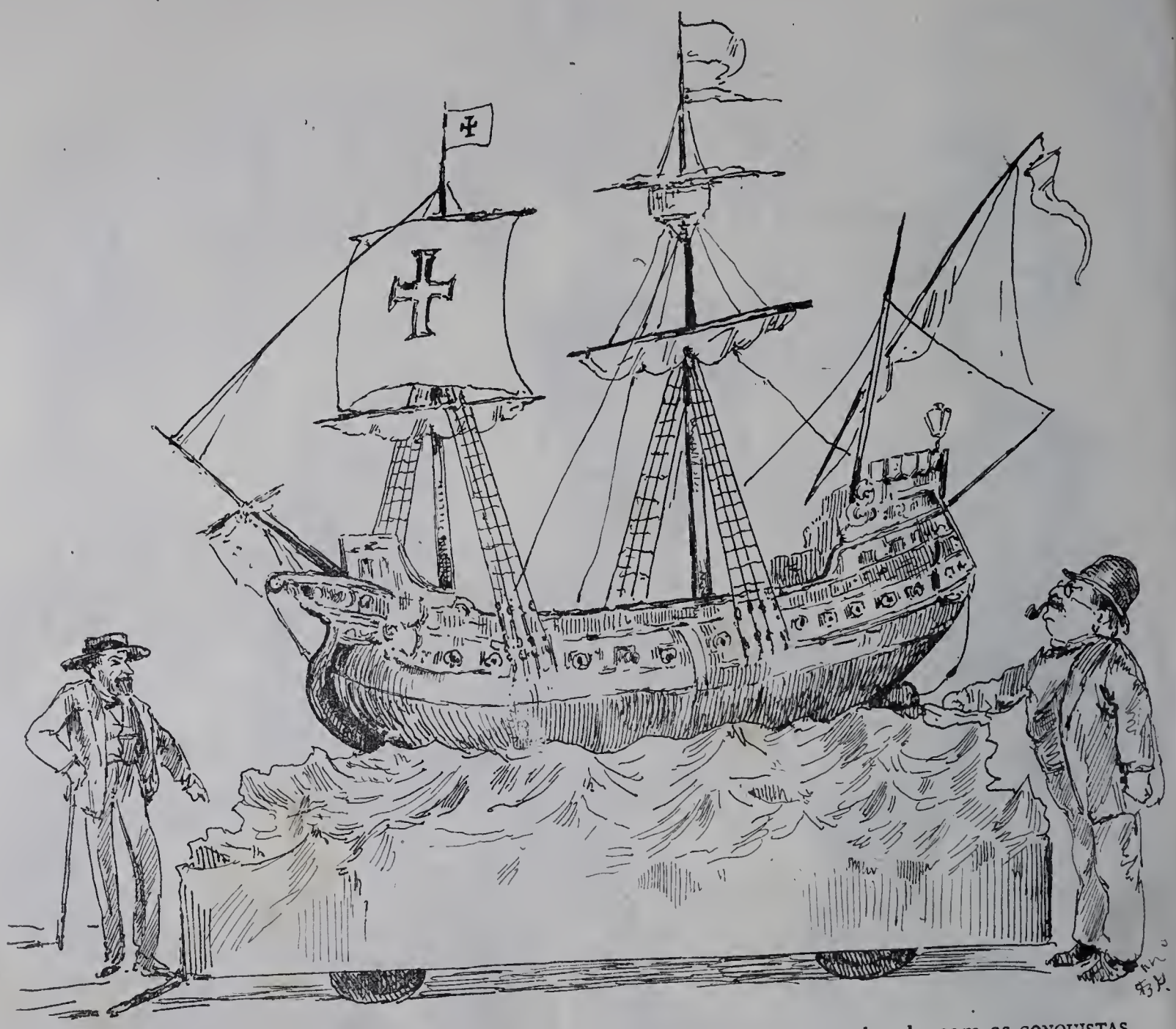
# O TRICENTENARIO

*Zé povinho* chega quasi a convencer-se de que os *Lusiadas* deve ser uma coisa talvez um pouco superior á carta constitucional.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9

## Carros triumphaes na festa civica d'hoje 10 de junho

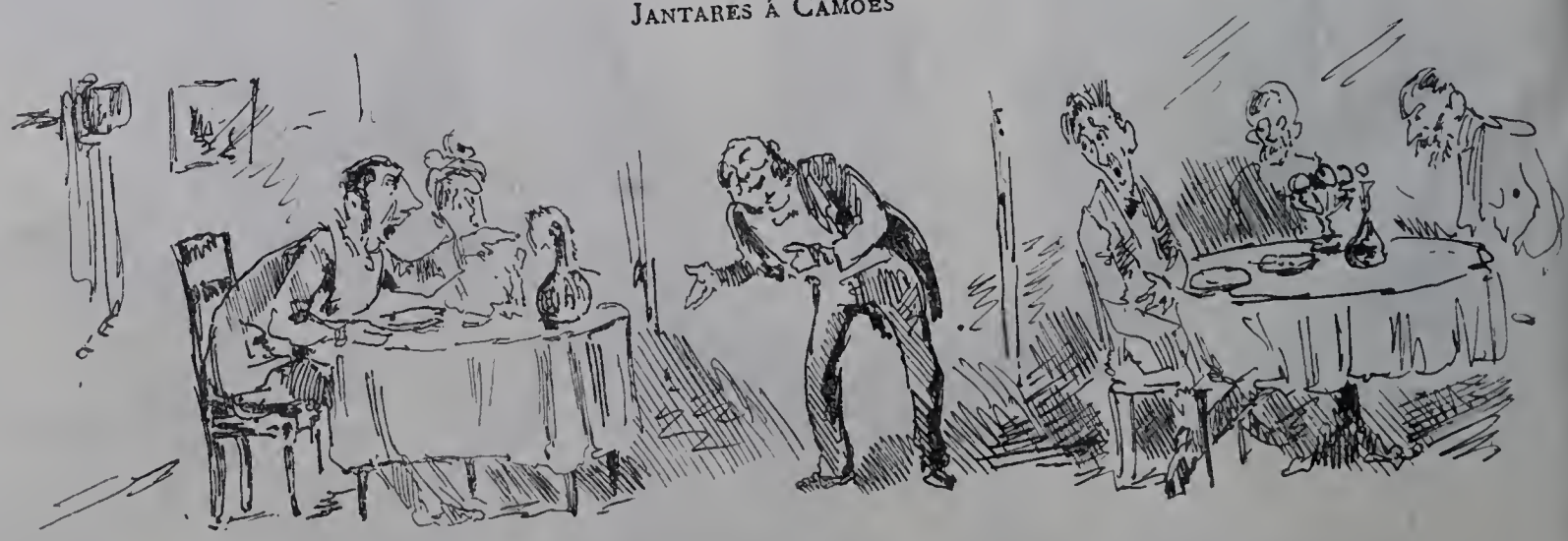
Galeão do Seculo xvi.—Desenho de Thomazini.



A cidade quando o vir á vella, pela baixa, hade encher-se d'enthusiasmo sonhando com as conquistas.

## A provincia em Lisboa

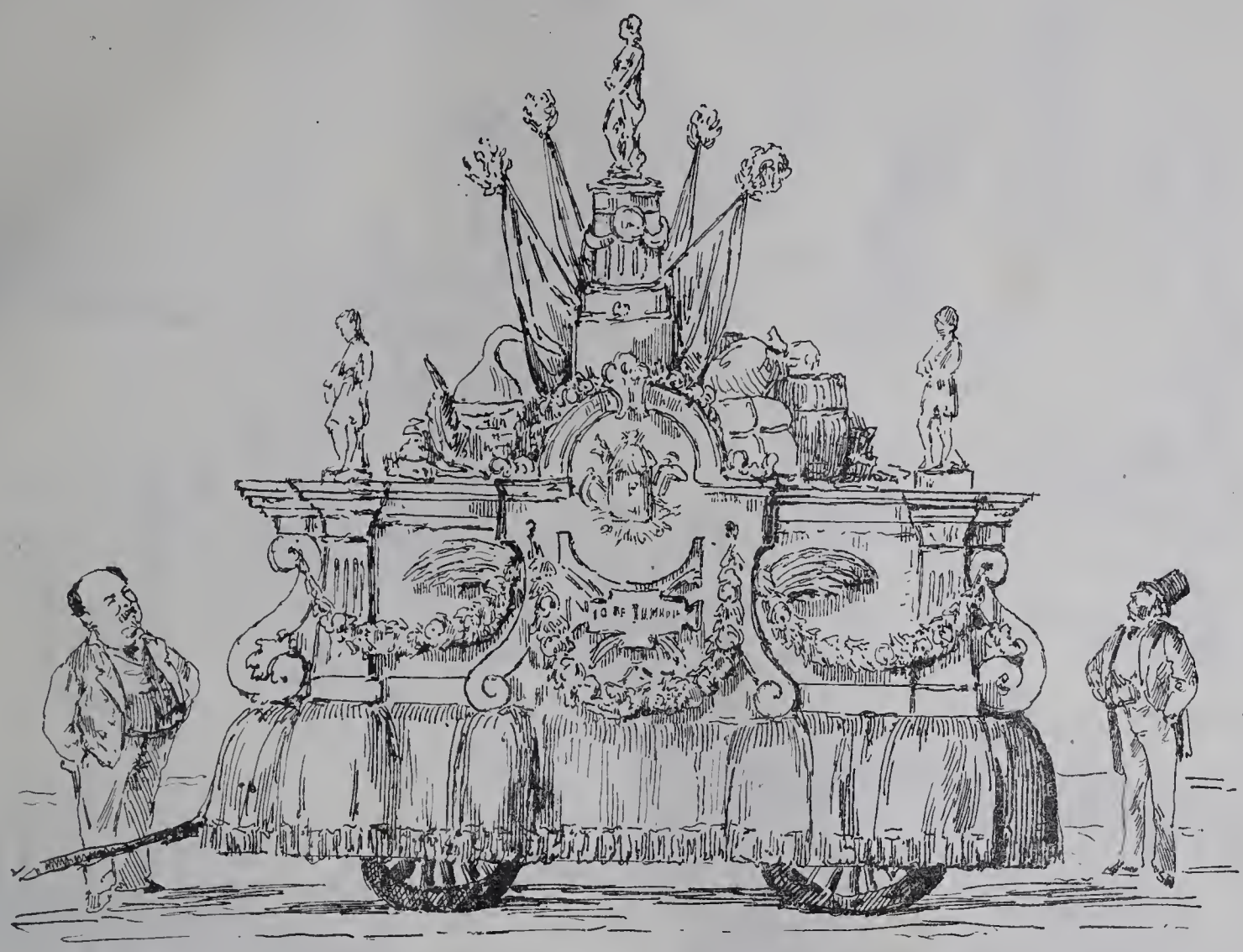
Jantares á Camões



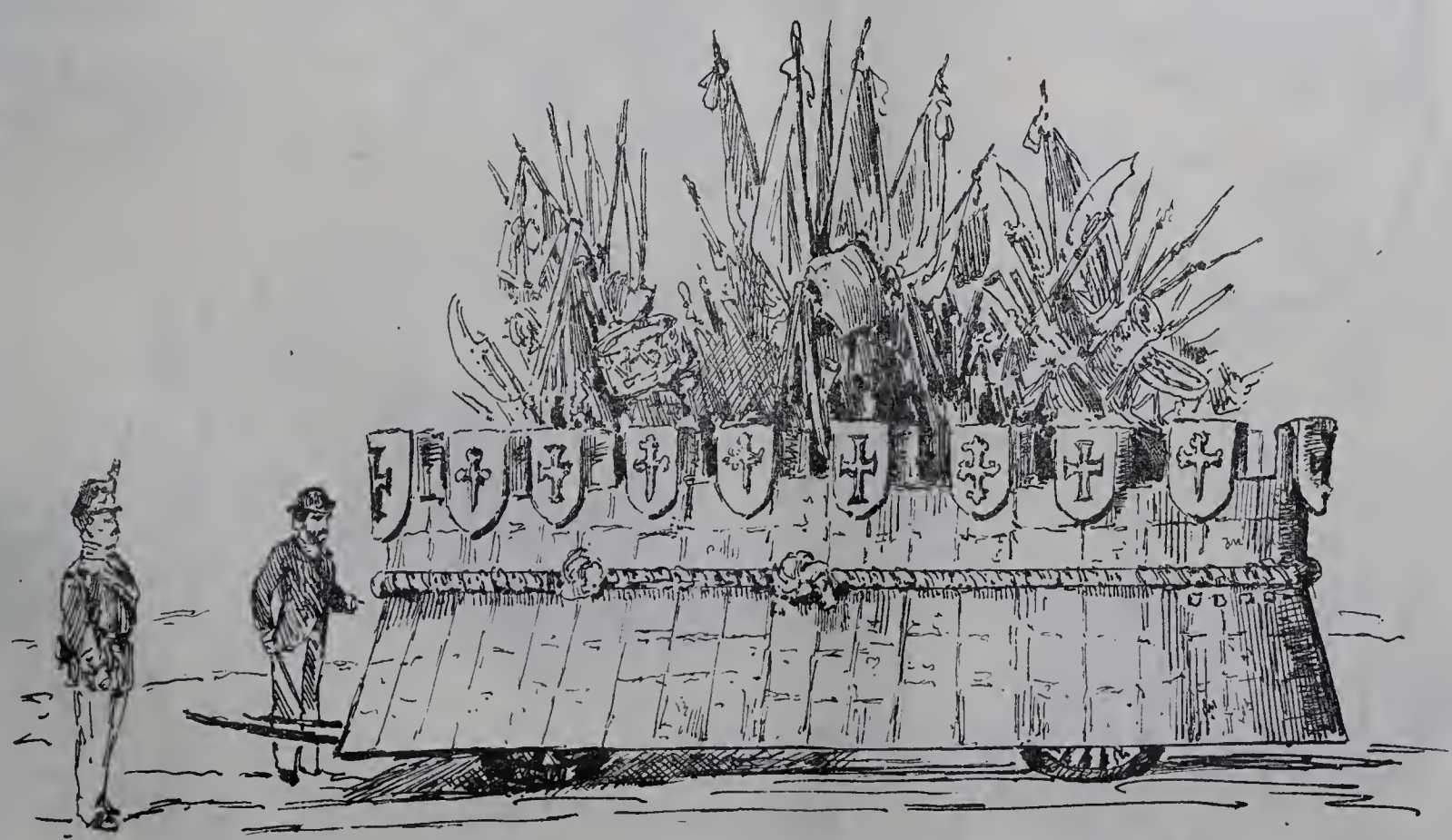
—Ó senhor olhe que eu e a minha familia com este jantar morremos de fome!
—É por isso que são jantares á Camões; elle tambem morreu de fome!

## Carros triumphaes na festa civica d'hoje 10 de junho

CARRO DO COMMERCIO E INDUSTRIA.—Desenho do pintor-decorador Pereira



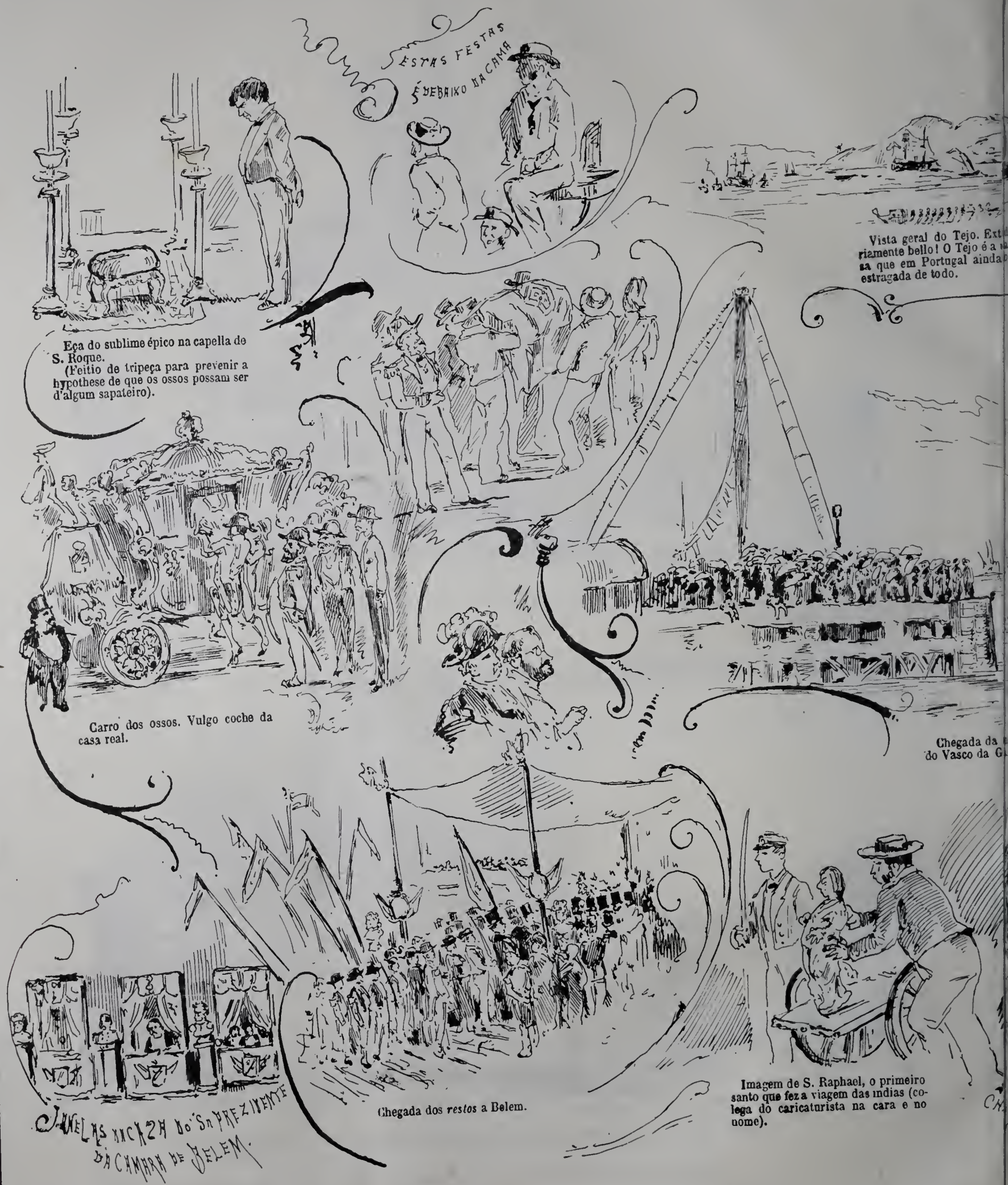

Se a nossa industria e o nosso commercio fossem tão opulentos, que mais queriamos nós!...



CARRO DA GUERRA.—Desenho de Silva Porto, pintor paisagista

Forte e elegante. Se fosse feito por qualquer ministerio talvez não fosse tão solido.

## Trasladação dos innumeros ossos




Eça do sublime épico na capella de S. Roque.
(Feitio de tripeça para prevenir a hypothese de que os ossos possam ser d'algum sapateiro).

Carro dos ossos. Vulgo coche da casa real.

Vista geral do Tejo. Ext riamente bello! O Tejo é a sa que em Portugal ainda estragada de todo.

Chegada da do Vasco da G

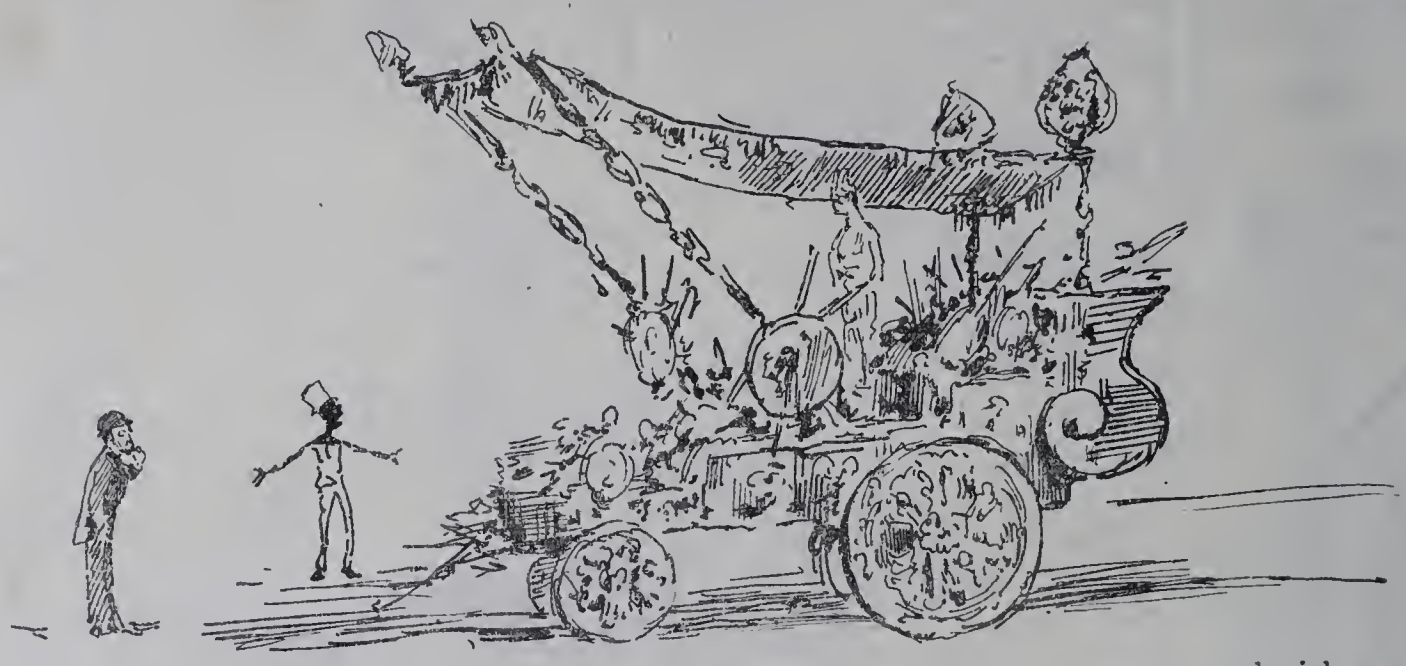
Chegada dos *restos* a Belem.

Imagem de S. Raphael, o primeiro santo que fez a viagem das Indias (colega do caricaturista na cara e no nome).

## Vasco da Gama e do seu cantor

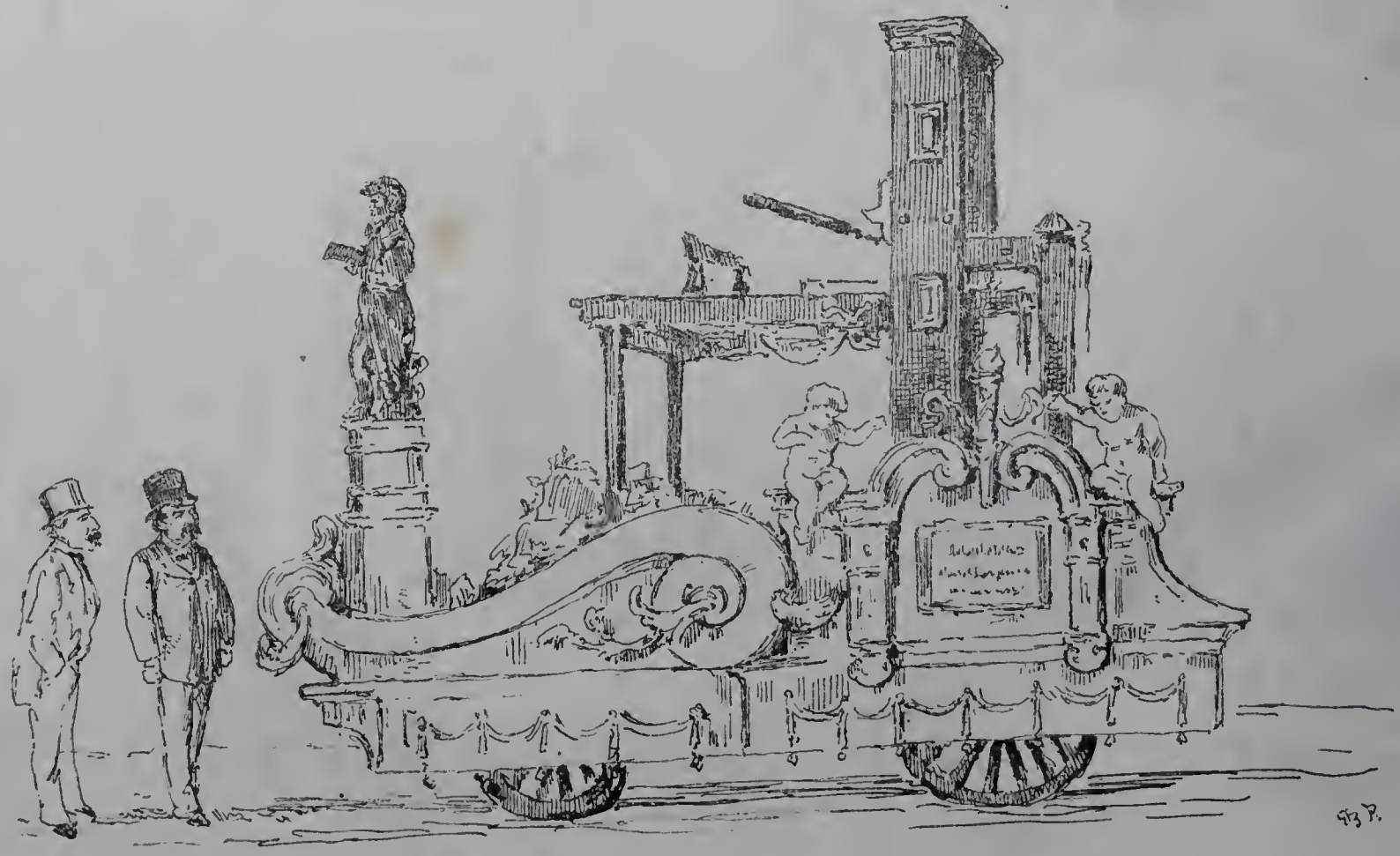
## Carros triumphaes na festa civica d'hoje 10 de junho

Carro das Colonias.—Desenho de Columbano Bordallo Pinheiro



É elegante e leve e deve marchar mais depressa do que o nosso progresso colonial.

Carro da Imprensa.—Desenho do architecto Monteiro



Um dos mais solidos e mais bem caracterisados como o pensamento que presidiu ás festas do centenario.

## Carros triumphaes na festa civica d'hoje 10 de junho

Carro da Arte.—Desenho do esculptor Simões d'Almeida

Assim a Academia fosse tão elegante e deslizasse com a facilidade com que desliza este carro que já não intropeçava com tanta frequencia.

## Jonh Bull, o sr. Braacamp e as festas do centenario

—V. Ex.ª attenda que dar á Inglaterra Lourenço Marques, segundo a opinião da maioria, é o mesmo que tirar-nos um olho...

—É exactamente o que eu quero. Fica uma nacionalidade á Camões.

## A PROPOSITO DO CENTENARIO

Tribulações d'um chefe de familia

O chefe de familia brama contra os centenarios, quando lhe entram pela porta dentro os sogros da provincia a quem é obrigado a ceder os proprios quartos.

E não tendo aonde ficas considera-se feliz por ter um camarista amigo que lhe cede um berço das *Creches* abertas aos viajantes sem abrigo.

## EPISODIOS DO CENTENARIO

A sr.ª professora Canuto e confrades vinga com as suas chinelas e o seu chapeu de chuva a illustração das damas portuguezas posta em duvida pela conferente da sociedade de geographia.

O TACHO RACHADO DO "ANTONIO MARIA" NÃO RESPONDE HOJE AO PANELA VIDRADA DO "PIMPÃO" PORQUE NA SUA QUALIDADE DE TACHO TEM ANDADO A FRIGIR O CENTENARIO.

PARA A SEMANA TEMOS BIGODE.

## CHRONICA DO CENTENARIO

Camões agradece aos altos poderes do estado não terem ido á sua procissão e terem-n'o feito republicano com o que muito ganhou a *idéa*.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 5

## Chronica do centenario

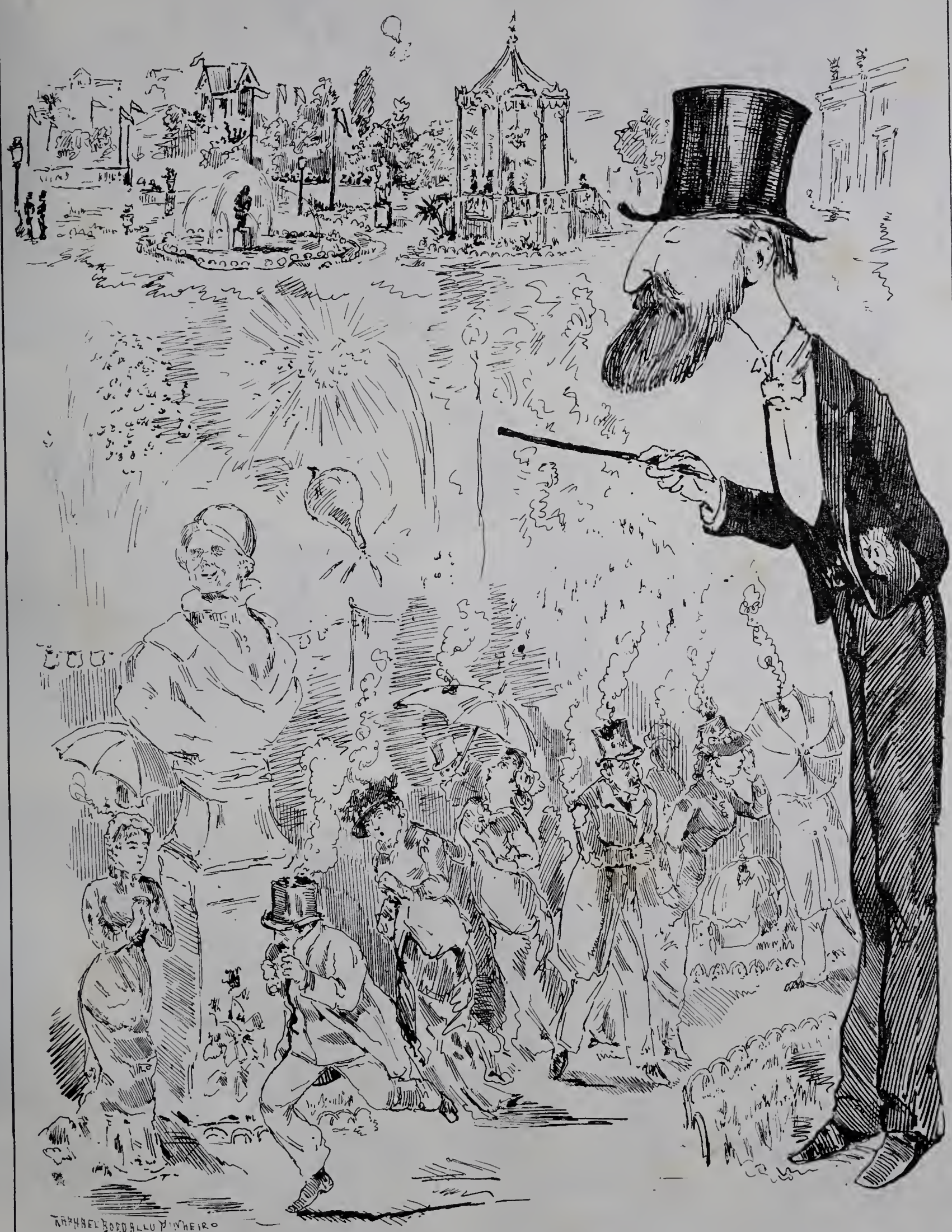
SARAU DOS ESTUDANTES NO SALÃO DA TRINDADE

O estudante Carlos Tavares, depois da sua conferencia, é levado em triumpho e collocado na tribuna real, que em virtude d'altos designos da Providencia se acha vaga.

Os professores fraternisam com os discipulos.

## Chronica do centenario

INAUGURAÇÃO DO BAIRRO CAMÕES




O fogo do pyrotechnico Pain, explendoroso, a ponto de se communicar aos proprios chapeus das damas! Henry Burnay, com a sua varinha magica, inaugurou o bairro com um *Conto das mil e uma noites!*

A fim de que os officiaes da marinha franceza não deem mais caracter republicano ao cortejo, o governo fecha-os no ministerio dos estrangeiros, offerecendo-lhes bolos, a commenda de Christo e vinho.

Como o grande epico abraça o municipio cheio de reconhecimento, penalisado por não poder votar n'elle por ter morrido ha tres seculos.
(Se morresse ha tres annos era talvez possivel.)

O grande epic
cadores da Povo
no cortejo, o ell
uma constituição
ca foi a *constitu*
implantou.

Congratula-se com as escolas.

Consulta os medicos, cheio de reconhecimento.

Cumprimenta os bombeiro

Dá com um gato morto nos sovinas da companhia do gaz.

Aperta a mão á imprensa estrangeira.

Colloca por instantes a su
na cabeça da commissão ex

E abraça a marinha.

Mostra-se affectuoso para com as associações.

Admira os doutores de Capello.

...adece ao commercio.

Beija os estudantes.

Abraça os operarios.

Sorri aos pastores.

Deita a lingua de fóra ás senhoras que não lhe deitaram flores.

Abraça o Zé Povinho pelo bem que se portou.

E manda o Jau com um bilhete de visita aos altos poderes do estado.

Mas pensando mêlhor, não manda nem Jau n m bilhete.

## Chronica do centenario

PARALLELOS

Como o *Zé povinho*, cheio de confiança e respeito, caminha embasbacado pelas ruas, nas noites dos festejos.

Como os *altos poderes* atravessam os arruamentos, receiozos de que o *Zé povinho*, em sua admiração, lhes arremesse ballas disfarçadas em perdigotos.

UMA SCENA RETROSPECTIVA

Em Belem, no dia da trasladação dos ossos, as senhoras sentiam sede; então das alturas, sobre os jardins do Paço de Belem, deuseu um anjo, de bilha, cumprindo á risca a segunda obra de misericordia.

A GREGOREIDA

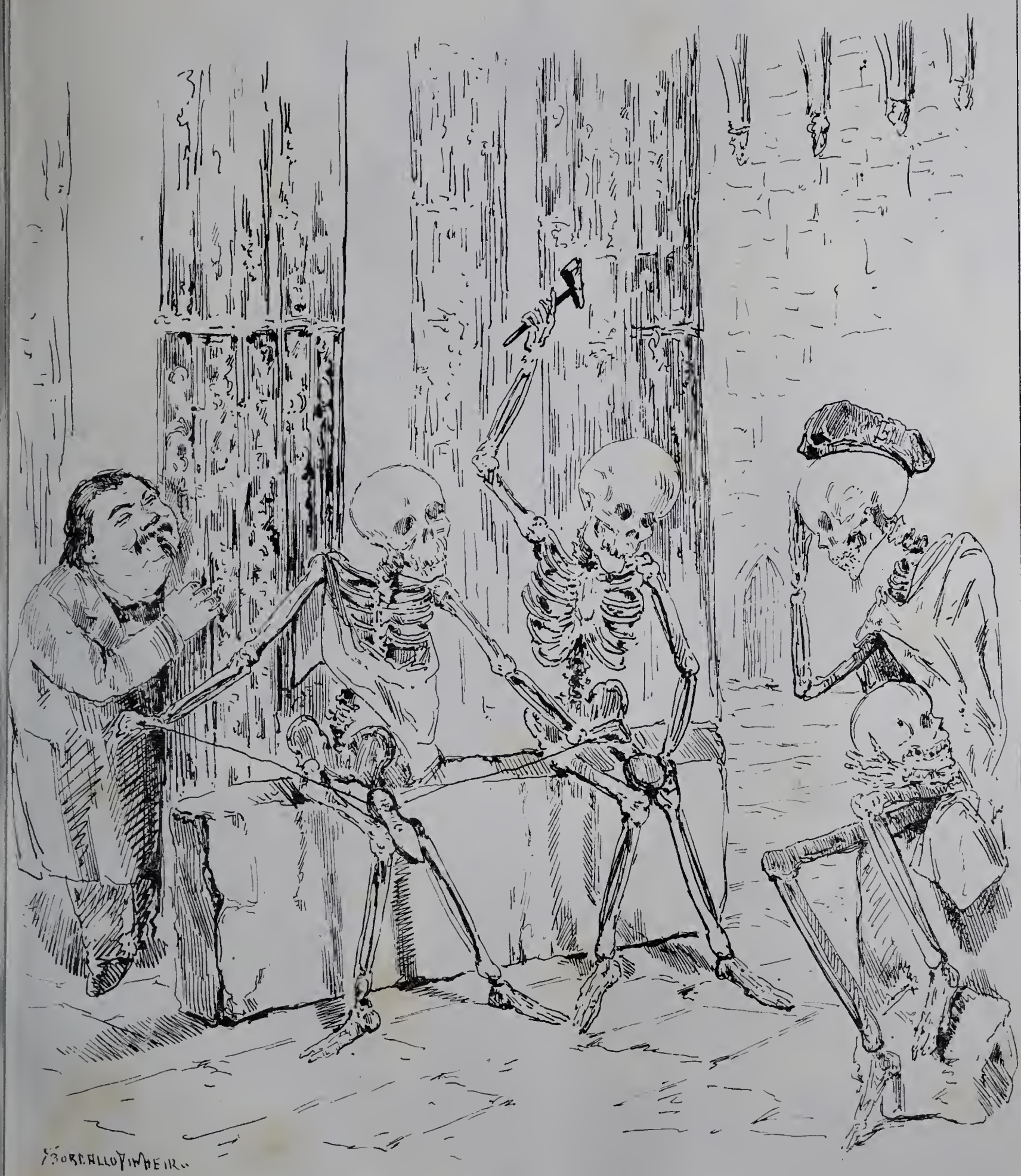
(AVENTURAS D'UM FILHO D'ALIJÓ)

Este sugeito vae contar-nos n'um poema em varios cantos, principiado a publicar no *Jornal da Noite*, as aventuras que lhe aconteceram durante as festas do centenario.

Pelo retrato do autor já o leitor pode advinhar quanto a obra será curiosa.

## Chronica do centenario

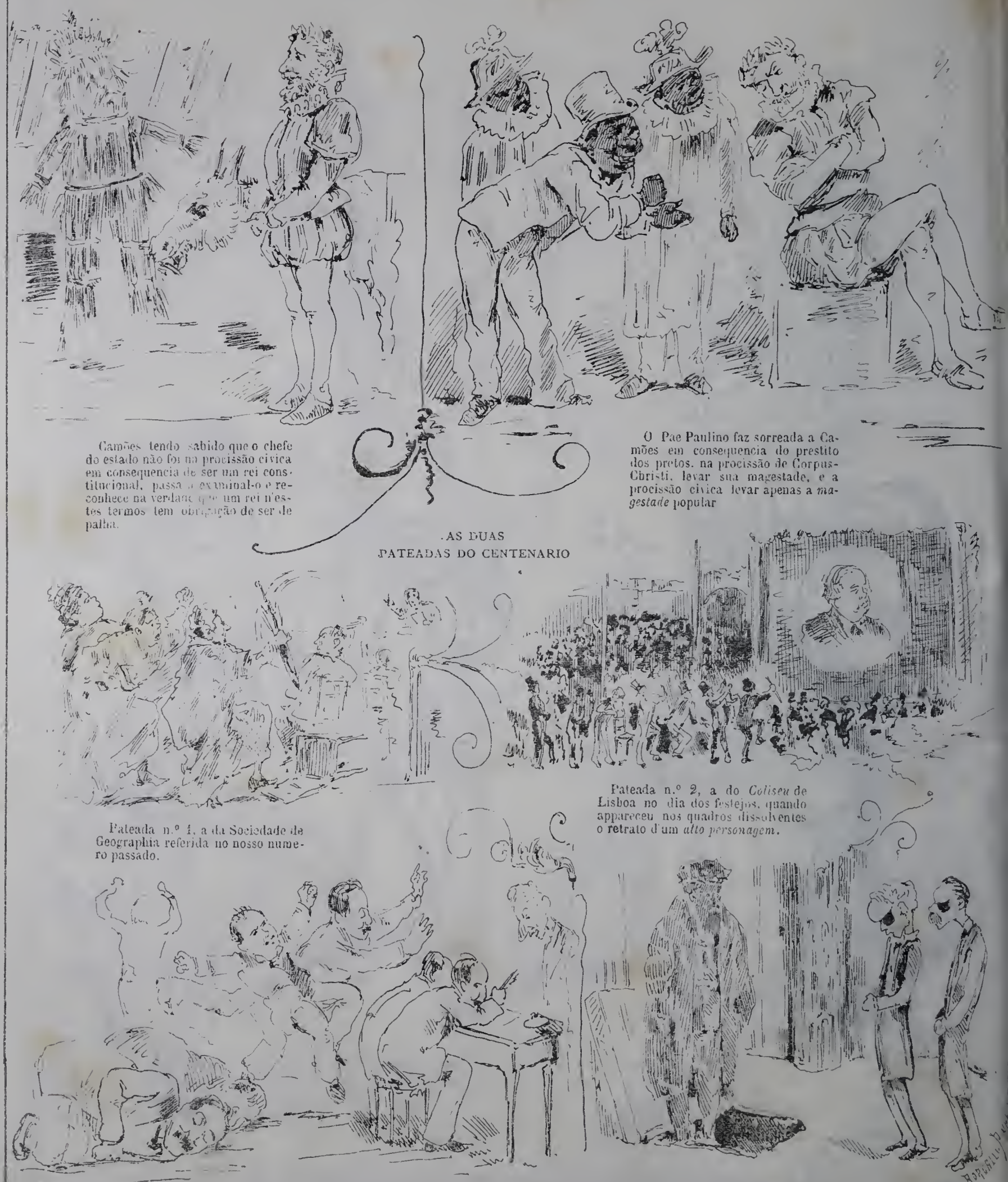
A HISTORIA DOS OSSOS




No templo de Santa Maria de Belem sente-se agora, altas horas, um ruido estranho. Tendo como é publico, e notorio, sido transferidos para aquelle templo os ossos de varios sapateiros, na supposição de que entre elles estivessem os de Camões, suspeita-se que são os esqueletos que se aproveitam das honras da *immortalidade* para bater sola.

Vasco da Gama não póde dormir e já requereu ao sr. Pedro Franco que lhe transferisse as duas caveiras para logar mais socegado.

# CHRONICA DO CENTENARIO



Camões tendo sabido que o chefe do estado não foi na procissão civica em consequencia de ser um rei constitucional, passa a examinal-o e reconhece na verdade que um rei n'estes termos tem obrigação de ser de palha.

O Pae Paulino faz sorreada a Camões em consequencia do prestito dos pretos, na procissão de Corpus-Christi, levar sua magestade, e a procissão civica levar apenas a *magestade* popular

AS DUAS PATEADAS DO CENTENARIO

Pateada n.º 1, a da Sociedade de Geographia referida no nosso numero passado.

Pateada n.º 2, a do *Coliseu* de Lisboa no dia dos festejos, quando appareceu nos quadros dissolventes o retrato d'um *alto personagem*.

Os jornalistas ministeriaes, com o ouvido no chão escutam este ruido mysterioso.

Enchem-se de jubilo e veem para as redacções escrever — grandes ovações ao poder moderador!

A sombra de Vasco da Gama ergue-se da campa, e depois de descobrir as Indias, descobre o seguinte: —que os *altos poderes* se assemelham a Camões simplesmente no seguinte: *em não terem olho.*

# HONTEM E HOJE

O QUE ELLES PENSAM QUANDO ESTÃO NA OPPOSIÇÃO E QUANDO ESTÃO NO GOVERNO

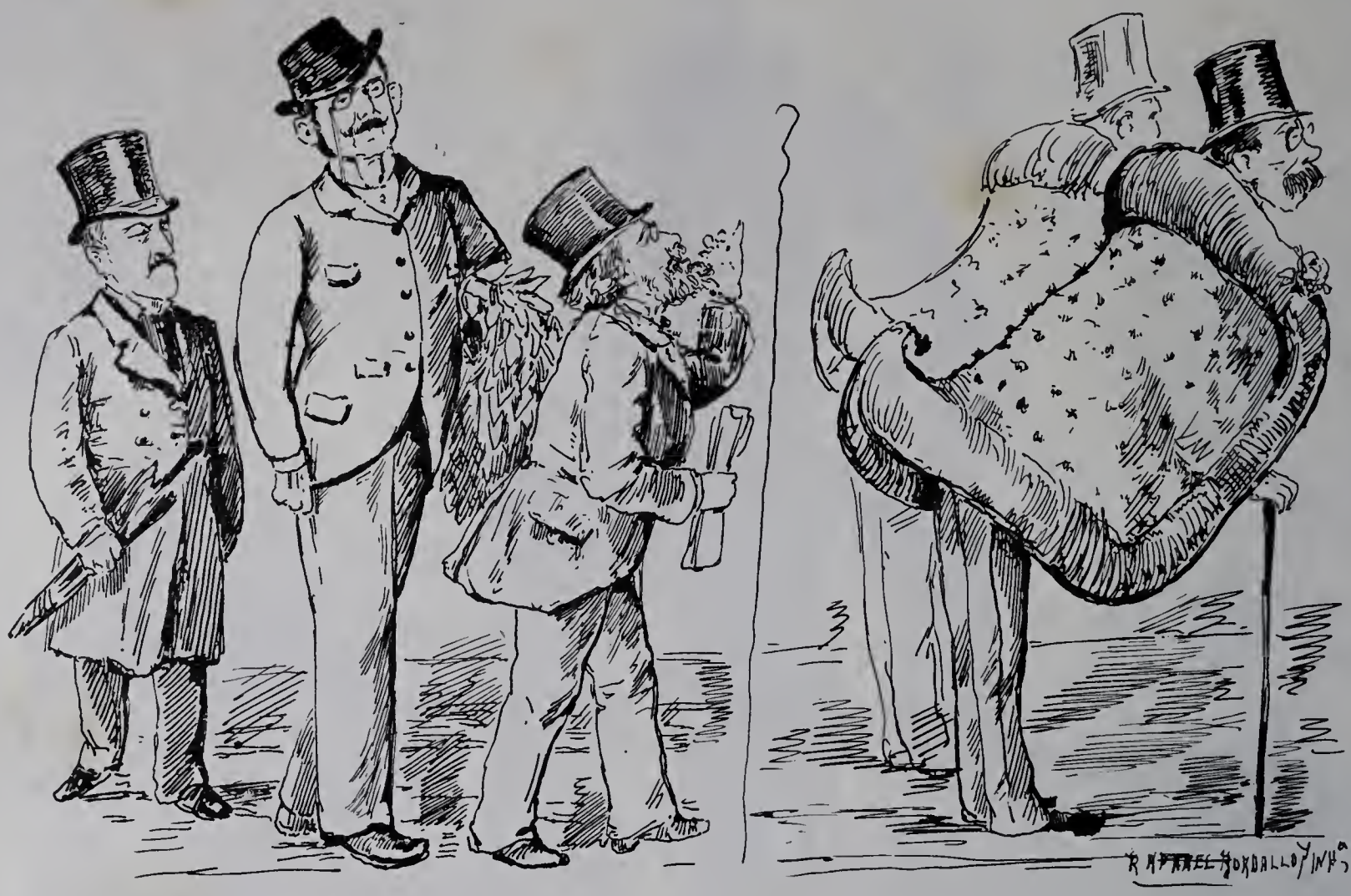
—Ora examine-me este manto bem. Não lhe parece exactamente uma capa de ladrões?...

—Que belleza de purpura! Beijemos este manto que é o symbolo da magistratura constitucional!...

ographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## MODAS E PROGRESSISTAS

O que elles aconselham que se uze quando estão ás moscas e o que elles estranham que se vista quando estão... nas pastas.



—Parece impossivel! tomar parte no prestito de rabona e chapeu de coco!

—Albarda, real senhor! Albarda, que é a *toilette* mais propria e que mais nos convem!

### Depois da bôda... bordão

Extincto o ultimo echo da apotheose Camoneana, o governo fez o seguinte:

Principiou a trocar apertos de mãos entre si, cingindo amplexos de reconhecimento em volta do proprio pescoço, e publicando na folha official portarias de louvor a si mesmo por não ter feito nada, emquanto que á commissão da imprensa, por intermedio d'um dos seus orgãos, mandava um simples signal de reconhecimento expresso por estas singelas, mas expressivas palavras: —*Isto só a pau!*

Obrigado governo! tu és magnanimo, embora o *Antonio Maria* no fundo d'alma não possa, a contar d'esta data, deixar de reconhecer que bem no fundo os teus sentimentos são na verdade *reles*. E tanto estas palavras são insuspeitas que n'este papel nunca fomos, por demais, acrimoniozos para comtigo.

Mas um dos teus jornalistas chamou-nos *hostil* e o *Antonio Maria* quer-lhe honrar a palavra muito mais do que as folhas progressistas estão sabendo enobrecer a linguagem. Decide-se portanto a uzar para comtigo dos processos funambulescos que se devem empregar nos cazos em que nos propomos a tomar parte n'uma força em que devemos contracenar com um assignalado *farçante*.

E a commissão executiva de cuja legitimidade os teus orgãos politicos duvidam, por ella ter sido eleita sem a a intervenção do cabo de policia, que se avenha comtigo como poder.

O *Antonio Maria* procede por conta propria. Hade escorraçar-te amigavelmente, a laranjada e a ovo choco, entre os apupos que a opinião n'este momento te consagra, da forma mais alegre que o possa fazer, enviando a todos os cantos do mundo (!) o perfil comico da tua effigie traçado da forma mais justa e mais engraçadamente odiosa de que seja capaz um lapis vingador.

Estamos que a memoria do grande epico nos virá á redacção deixar um bilhete de visita, e o resto dos cidadãos portuguezes, o importe da assignatura. (*Vide no logar competente a morada da Administração.*)

# Os agradecimentos do governo

O governo agradece as festas do centenario com portarias de louvor á sua gente.

Dá um abraço no sr. Navarro.

Applica um choxo no sr. Ennes.

Pega ao collo no sr. Aragão.

Destribue rebuçados á policia.

E dá com um páu na commissão executiva.

O grande epico desce do pedestal e dá com um páu no governo.

# PHOTOGRAPHIA DO MINISTERIO

# A LOGO DEPOIS DO CENTENARIO

al!

# A PAVOROSA NO CENTENARIO

(PAGINA RESERVADA. LEITURA PARA HOMENS... SEM OLFATO)

Ao governo põe-se os cabellos em pé, quando sabe que o vidraceiro Motta tem em casa um sortimento d'espingardas.

Corre a examinal-as e descobre um segredo terrivel:—as espingardas não teem gatilhos!

Pergunta afflicto se ellas foram compradas antes ou depois do centenario.

Sabendo que foram compradas antes do centenario, e que foi o proprio governo que as vendeu, torna a tiral-as.

Dorme noites agitadas porque lhe veem dizer, ao mesmo tempo, que entrou na cidade uma carregação de obuzes verdes — fabricados nas Caldas.

O sr. José Luciano fareja, e nomeia uma commissão composta dos primeiros narizes portuguezes para examinar os mesmos obuzes...

Certo, pelo parecer da commissão, de que tal material é aproveitavel como arma de guerra, em certas condicções.

Resolve applicar os mesmos obuzes em sua defesa, como tinteiros de que a imprensa ministerial (*a tal*) so serve para agredir a commissão executiva.

(Desculpem, mas isto não vae só a pau).

## Na noite de S. João

O governo depois de queimar alcachofras toma um gargarejo e põe-se á janella a fim de conhecer o futuro pelo primeiro nome que ouvir pronunciar.

O Zé Povinho passa, e o que elle diz... não se escreve.

# A QUESTÃO COLONIAL

O poder moderador, depois de pensar muito, resolve lançar um veu sobre os negocios da marinha.

# NO BAIRRO ALTO DA POLITICA

## Scena de seducção

(A PROPOSITO DOS ULTIMOS ARTIGOS PROGRESSISTAS)

Torradas e mais torradas,
Por cima café limão,
Nós vimos aqui, senhor,
*Orar sim*, pedir perdão.

—Ora viva lá, seu *gajo*,
Você tem lérias em barda
Se eu acceito os seus conselhos
*Indas* hoje usava albarda.

De tantas descomposturas
A nossa desculpa acceite,
Torradas e mais torradas,
Por cima café com leite.

—Por cima café limão,
Com você vae tudo razo,
Em quanto assim me defendem
Eu vou *amolando* o caso.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## O Times e o governo

John Bull dá bordoada cega nos lombos progressistas.

E os progressistas fingem que não é nada com elles e abrigam-se á sombra de Camões a descompor o proximo.

---

No cazo da commissão executiva da imprensa lançar no seu livro do centenario alguma palavra desagradavel com relação ao benigno governo que n'este momento preside aos destinos do paiz, o partido progressista publicará um livro, por subscripção, que será vendido a beneficio d'uma corôa dedicada ao grande épico.

Taes são as duas ameaças tremendas suspensas sobre a fronte da commissão executiva e sob o pedestal de Camões, no momento do *Progresso* concluir a sua symphonia offenbachiana intitulada: — *Os Farçantes do Centenario.*

Como a epocha é de reclames lá vae outro feito pelo *Antonio Maria.*

No cazo da commissão executiva perpetuar o nome do governo até ao centenario seguinte — quando os merecimentos d'elle, só por si, difficilmente o perpetuariam até ao anno que vem, — e no cazo do *Progresso* realizar a sua ameaça cruel, especialmente para Camões, o *Antonio Maria* illustrará de graça o livro do partido progressista, da melhor fórma que lhe fôr possivel, tirando-o n'uma edicção especial da qual 25 por cento dos interesses serão destinados a defumar a estatua do grande épico com alfazema, afim de destruir os effeitos da reprezalia progressista.

Brevemente será aberta a lista da assignatura.

---

Justiça a quem a merece.

A par do *Progresso* e do *Diario Popular*, a unica folha politica que em Lisboa deffendeu o procedimento do governo na questão do centenario foi a *Crença Liberal* e não o fez, diga-se a verdade, com menos talento do que qualquer d'aquelles seus dois confrades.

Quando um governo chega a esta popularidade tem decretado a si mesmo as honras da immortalidade, e a gente já não póde passar junto d'elle sem levar, pelo menos, o chapéu na mão e o lenço no nariz.

Toda a imprensa que não fôr o *Progresso*, a *Crença* e o *Popular* já nós sabemos qual é, — *é a tal.*

---

Ouvimos emfim a prima-dona Bianca Donadio. Bonita voz dentro d'uma mulher ainda mais bonita. Os juizos variam um pouco a respeito das suas qualidades vocaes no attinente a ella ser *rival da Patti*, mas são todos uniformes em relação ás suas qualidades plasticas.

Ainda assim, attendendo a que Mad. Bianca canta n'uma especie de palheiro cognominado *Coliseu*, e foi regida por um palheirão denominado o maestro Lagenbach, forçoso é confessar que o triumpho se póde dizer assignalado. Quem o contestar, depois de ter applaudido em S. Carlos a Gargano ou a Christophani, é porque é invejoso ou porque tem medo de se apaixonar.

Vamos pois ao Colliseu bater palmas á Donadio e, sendo possivel, bater no maestro Lagenbach.

---

O *grande épico* continúa na memoria de todos, mas o *Camões* soltou o derradeiro arranco da estação em D. Maria II, dispondo-se agora a descançar das fadigas do tricentenario.

O *sublime cantor*, reprezentado na pessoa do sr. Posser pede-nos para desmentir uma versão de que o *Antonio Maria* tambem se fez echo, e segundo a qual elle teria pedido um conto de réis para se ir aprezentar na qualidade de Camões á cidade invicta. Não foi assim e o grande épico deve folgar de o não terem taxado n'uma quantia tão grande para a sua pobreza passada, e tão mesquinha para a sua gloria prezente.

**«Croquis» offerecido pelo ANTONIO MARIA como commentario ao livro promettido ao grande épico pelas folhas Progressistas**

— Meus senhores é prohibido pelas posturas, o que pretendem fazer. Aqui não é a estatua de Paschinc.

Nós peccadores nos confessamos arrrependidos a Vossa Magestade de tudo quanto lhe dissemos.

Dissemos que as idéas *não p*
*vam nas fronteiras* e vimos eff
vamente n'outro tempo as ide
correr para cá.

Ameaçámos as *loiras creanças* e chegámos mesmo a vestir o trage da sapateiro Simão para as intimidar.

Mas hoje arrependidos acalentamos ao seio as creanças loiras.

E estamos
tra vez fogo
para os diver

·ogressista

Mas assim que subimos ao poder, as idéas—rrrt, *ó pés para que te quero:* pozeram-se logo ao fresco!

Dissemos que Vossa Magestade andava embuçado n'uma *capa de ladrões.*

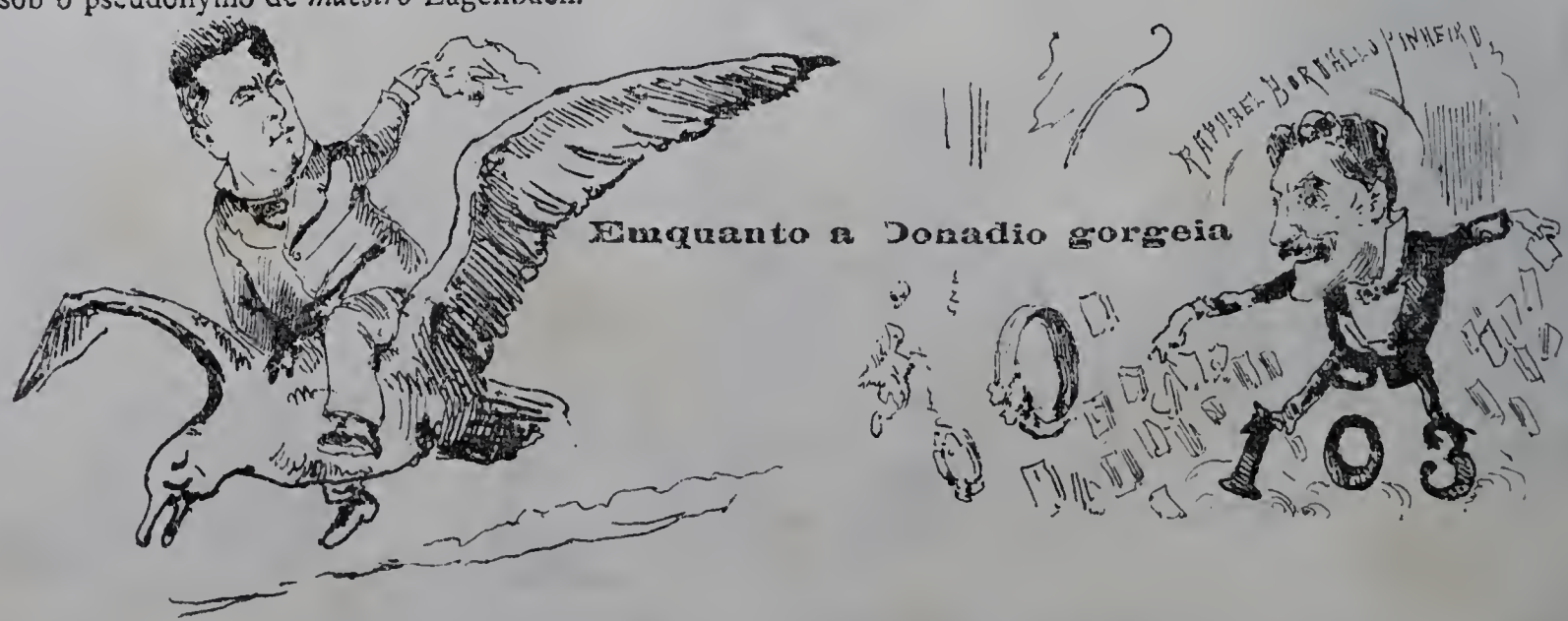
E nós agora para provarmos o nosso arrependimento, não andamos embuçados n'outra coisa.

Finalmente, real senhor,— em prova do nosso arrependimento, veja Vossa Magestade a penultima pagina do *Antonio Maria.*—Gloria a vós e albarda a nós!

ou-
aes

## Novidades da semana

Donadio é o mais formoso rouxinol vestido de seda côr de rôza que nos ultimos tempos tem vindo a Lisboa Obteve um triumpho, não obstante a orchestra que a acompanhou ser regida pelo maneta do Caes de Sodré, disfarçado sob o pseudonymo de *maestro* Lagenbach.




Emquanto a Donadio gorgeia

O resto dos actores portuguezes parte para o Brazil. No ultimo paquete foi o actor Dias, deixando os theatros do Porto quasi ermos de gargalhadas.

Só fica o actor curiozo—e furiozo, Pedro Moreira, na rua do Oiro 103, a seduzir as leitoras em proza e verso — com os mais lindos *bijous* d'este seculo.

## Figurinos Progressistas

Pagina composta em virtude da moda da albarda, introduzida nos costumes por algumas folhas ministeriaes

*N. B.* As melhores albardas conhecidas, acham-se nos artigos de fundo do anno passado, ou então nos estabelecimentos do Poço do Borratem.

# Viagem do sr. Fontes á Russia em commissão de recreio e namoro

S. ex.ª, segundo dizem, recebeu credenciaes para arranjar uma *noiva presumptiva*.

E elle lá vae *todo prance* deitar *rabo d'olho* a varias princezas.

O ar que elle toma quando avista alguma que lhe agrada.

Como ella tosse e como insinua uma carta convidida n'estes termos: — «Ver te e amar-te foi obra d'um momento.»

E pede lhe uma madeixa e a photographia para mandar ao seu afilhado.

Mas as neves da Russia brincam com elle e de quanto em quando *destingem* n'o de branco.

As princezas ao vel-o tão mudado passam lhe o pé.

E o plenipotenciario não tem mais remedio senão entrar em novas *negociações*, chegando até a prender se comos encantos d'uma princeza velha.

Triste fadario dos principes! Nem reinam, nem governam, nem namoram—por sua conta!...

## O ultimo «concerto» ministerial

—Não tenho mais remedio senão deitar este remendo na capa. Em ella se esburacando de novo, está alli dependurado um trapicalho que talvez sirva.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## A sagrada instituição do Juri

Atitude fera que elle mostra quando julga um desgraçado que roubou tres mil réis — por ter fome.

Ar compadecido que elle patenteia quando julga um reu que fez mais alguma coisa — para se entreter nas horas vagas.

O governo ainda recebeu 301$566 réis, sobras da quantia votada para auxiliar as despezas com as festas do centenario

As caixas do ministerio da fazenda ainda não sairam do seu espanto ao verem recolher de novo estes cobres, e o precedente acaba de produzir verdadeiro abalo nas regiões bourocraticas!

Até hoje era praxe estabelecida ser muito mais facil arrancar uma alma do purgatorio do que arrancar dez tostões do sacco aonde elles caissem uma vez. A commissão da imprensa rompe com a tradicção e os cofres publicos estalam de jubilo!

Como deve ser curioso o «Progresso» a discutir a conta e a fazer considerações sobre a exiguidade da restituição!

Tenha paciencia, mas a sua vidinha agora está muito direita para exigir tudo para si e nada para Camões. Não seja egoista e concorde que attenta a despeza de 4:598$434 réis não se póde dizer que o grande épico saisse muito caro ao governo...

Ha patusquinhos que lhe teem saido muito mais caros, sem todavia haverem escripto os «Luziadas.»

O maestro Alvarenga dedicou ao «Antonio Maria» uma polka d'este nome. E' uma musica que tem eccoado no fundo da nossa alma e enchido de orgulho o jornal que, depois de ser lido, principia a ver-se dançado nas casas particulares.

Agradecemos a polka.

O «Progresso» continua a prometter livrinho sobre o centenario e o «Antonio Maria» continua a manter a sua promessa de o illustrar convenientemente, a fim de o ajudar a alcançar a posteridade com muita mais facilidade com que se alcançam assignantes.

Salte o livrinho que o lapis do «Antonio Maria» tambem está a saltar!...

Ahi vae reclame:

O «Antonio Maria» publicará n'um dos proximos numeros um projecto de cortejo «incivil» imaginado pelo governo nas festas de 24 de julho, expressamente para dar cabo da memoria do cortejo civico em honra de Camões.

Que manancial descoberta á ultima hora, queridos assignantes e compradores avulso!...

A Donadio partiu; depois de ter sido dona d'alguns corações em quatro concertos.

Agora, na solidão d'estas melancolicas noites com que a Providencia nos dotou, é que nós vamos dar o verdadeiro apreço áquella prima-dona que, embora custasse um quartinho nas cadeiras, não era todavia cara em attenção á escacez de celebridades que n'este momento se nota em Lisboa.

E depois a Donadio nas bancadas proporcionava-se a tres tostões, e por este preço será difficil obter uma prima-dona d'aquelle feitio e d'aquella voz!

Mr. Amann, annuncia-nos agora a «primeira pianista russa do universo» Madmoiselle Esipoff. Contam-se maravilhas d'esta celebridade que não obstante ser russa não é «nihilista», como o são, com relação á arte, quinhentas mil pianistas portuguezas pelo menos.

## A ultima moda Parisiense

(O PORCO COMO EXPRESSÃO DO NATURALISMO)

## O banquet

Estado do recinto ás 2 horas da tarde.

Ás 3 horas a varinha do magico Burnay tem acabado de transformar tudo n'um jardim de fadas.
— Oxalá que elle podesse fazer o mesmo ao paiz...

Primeiro gesto do dr. Camara na intenção de pôr o chapéo.

Atitude de Ramalho Ortigão, de casaca, para obedecer ás prescripções dos *albardeiros* governamentaes — brindando aos estrangeiros amigos de Camões.

Marcha triumphal de Eduardo Coelho atravez... do continente do festim.

Applausos repetidos pathico conviva, a to des.

Episodio ligeiro d'um conviva que parte o copo na cara d'outro, não se sabe se por odio se por encommenda.

Os *vigias* ministeriaes, para fazerem esquecer as diversas *tratadas*, participam aos poderes constituidos:
—Já houve um copo e um nariz partido.

(Se em toda a parte o mesmo!...)

**ro Camões**

o suava ás 4
e d'um mundo

Atitude dos convivas no acto de se tirar a photographia do salão.

Primeiro brindo de Manuel d'Arriaga á camara e á commissão executiva.

O presidente da camara applaudido com justiça — e algum delirio.

O dr. Camara quasi a sair.
O boato já a correr cá fóra; — saiu o dr. Camara!

O brinde de Batalha Reis, que solta este brado de que os jornaes do governo devem tomar nota. — As festas do centenario foram tão grandes que nem gigantes as podem tornar pequenas.

Como o *Antonio Maria* agradece os cumprimentos espontaneos e immerecidos de que é alvo.

O dr. Camara saiu. Toda a cidade principia a fallar n'esta saida.

Indignação dos governamentaes e das altas regiões quando lhes consta o seguinte attentado: Houve um nariz partido e as colheres e facas ficaram todas!

# A questão de Lourenço Marques

(SCENAS DA PRAÇA DA FIGUEIRA)

Miss Britania, uma ingleza velha, avista um dia Lourenço Marques e tem vontade de o tomar ao seu serviço.

Lourenço Marques tem um certo «gagé» que a seduz.

Miss Britania medita melancolica e resolve mandar chamar uma mulher de capote e lenço.

A mulher de capote e lenço acode ao chamamento.

— Sr.ª Andrade, pode cá trazer-me o Lourenço Marques?

— Minha senhora hade dar algum trabalho mas... arranja-se.

E a sr.ª Andrade parte a fallar ao Lourenço.

E tanto faz, que o Lourenço resolve assoldadar-se com miss Britania.

N'isto outra mulher de virtude, chamada Marianna «Albardeira» principia a dar com a lingua nos dentes.

# A questão de Lourenço Marques

(SCENAS DA PRAÇA DA FIGUEIRA)

E as duas descompoem-se por causa do Lourenço, como no duetto da sr.ª Angot.

No mercado progressista são todos pela Albardeira, e no regenerador todos pela Andrade.

A Marianna vae para casa e deita cartas, no intento de desviar Lourenço das seducções de miss Britania.

E quando diz «espadilha afirma» todos os faias governamentaes resolvem obstar ao rapto de Lourenço.

A ingleza velha rasga a touca e promette vingar-se.

A Marianna Albardeira sorri de satisfação por ter produzido, segundo a sua phrase — todo este «banzé».

A Andrade traça o capote e clama que o Lourenço não podia ir para melhor companhia.

E o Zé Povinho principia a ter uma idéa confusa de que tem de dar uma coça em alguem, mas por emquanto não sabe decidir-se.

# SAIU O CAMARA!

## Aspecto da cidade depois do banquete

Na cidade principia a correr um boato pequenino.

O Camara poz o chapéo.

E saiu!

Toda a gente pergunta: — mas porque saiu o Camara?

Ninguem sabe porque saiu o Camara!

Mas o que houve?... — saiu o Camara!

Parece que durante um brinde alguem disse: — falle mais alto.

N'isto saiu o Camara!...

Espanto de muita gente quando ouviu dizer: — saiu o Camara.

No seio das familias não se ouve senão — saiu o Camara!...

Nas secretarias — saiu o Camara!...

Nos barbeiros — saiu o Camara!

Nas casas de pasto — saiu o Camara!

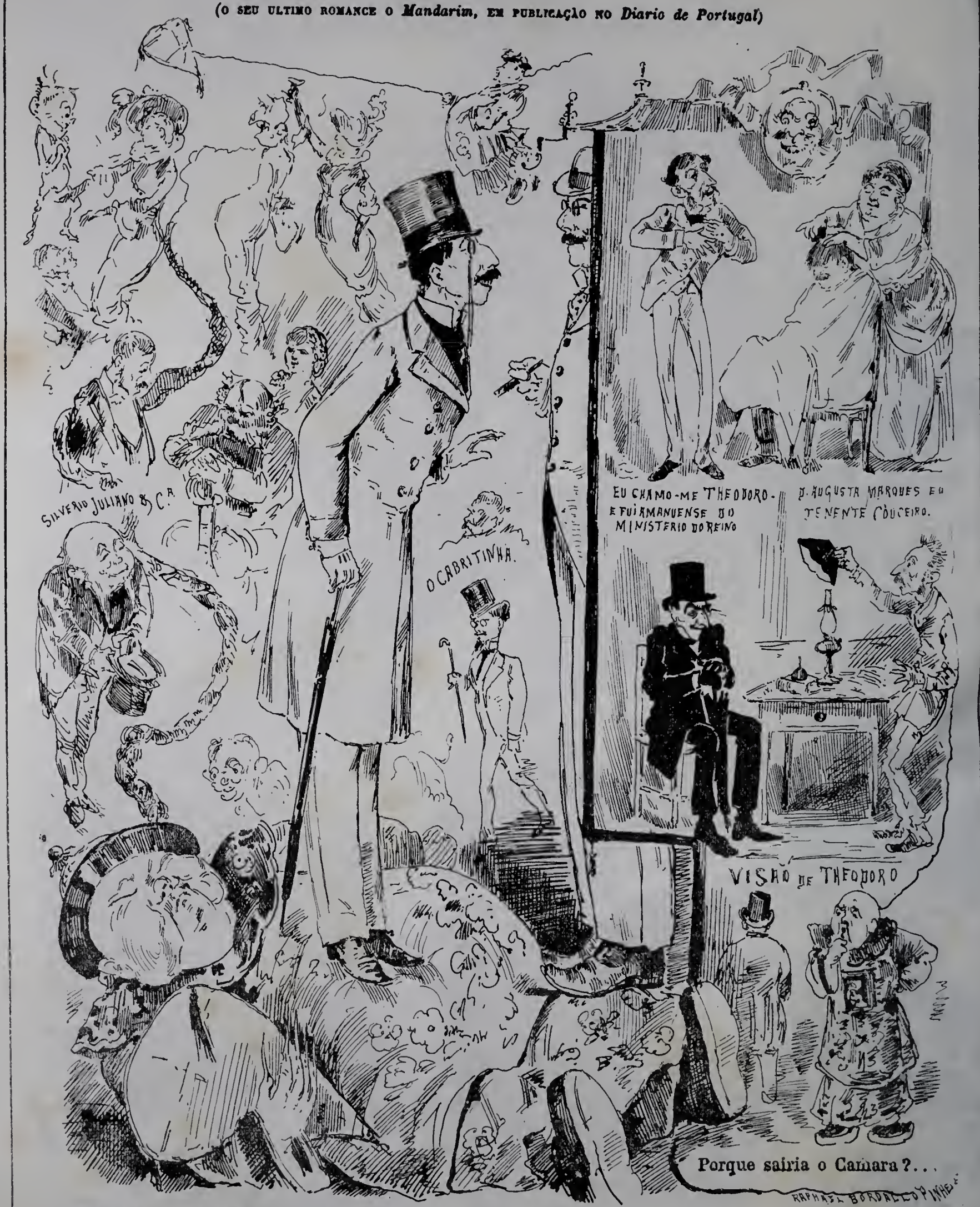
Mas quem é o Camara, e finalmente porque saiu o Camara?...

Foi hontem uma data gloriosa para a França. O *Antonio Maria* consagra-lhe esta alegoria desenhada por um artista estrangeiro a quem offerecemos hoje o nosso logar d'honra.

Lithographia Guedes, rua de Vasco da Gama, 9.

## Eça de Queiroz

(O SEU ULTIMO ROMANCE O *Mandarim*, EM PUBLICAÇÃO NO *Diario de Portugal*)




Graça, *verve*, phantasia, invenção, espirito, observação, critica, genio, tudo quanto é preciso para fazer maus artigos de fundo e admiraveis romances.

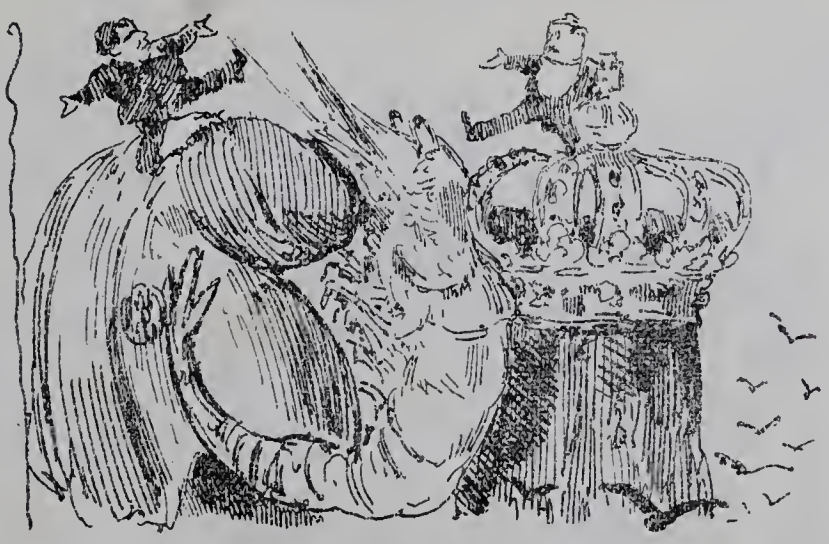
O *Antonio Maria* aproveita-se das circumstancias para annunciar o 9.º numero do *Album de Glorias* que ámanhã é posto á venda, convidando os colleccionadores a adquirirem o perfil do auctor do *Primo Bazilio*. Se não se esgota a edição principiamos a descrer do *reclame*.

## Aviso ao «Pimpão»

Entre a tua politica e a nossa ha um abysmo.

De cá nós hasteando a bandeira da revolução.

De lá tu hasteando o solideu do — progresso.
(NB. progresso com p pequeno porque com o outro não queremos nada.)



Este abysmo só uma coisa o poderá prehencher — o camarão.

O Camarão com arroz ou em salada — é um campo neutro. Estendemos-te a mão por cima da *mayonese*.

Diz-me cá; seria por causa do camarão que saiu o Camara? ..

## Plano da procissão incivil projecta

Abre o prestito o pianista do partido, montado n'um cavallo d'Erard, ladeado por moços d'estribeira que de 5 em 5 minutos lhe gritam: *ó Jezuino, toca o hymno.*

O pendão governamental em seguida cercado por dignatarios da Ordem da

Pescadores... das aguas turvas.

Cerro de agricultura e seus correlativos.

Campinos pa zindo Pedro Pa

Sociedade de cantochão de zurro illimitado.

O carro do emprestimo a D. Miguel.

Carro da Imprensa governamental.

## governo para o dia 24 de Julho

Ca... das albardas, delineado pelo artista Marianno.

Galeão do seculo XX levando á popa S. Rafael, e á prôa S. Januario.

...ndu-...

Companhia dos naufragos conduzindo o traquete da justiça.

O carro de Lourenço Marques.

O carro dos priores.

...missão executiva da qual, ...ssão especial, faz parte ...unto o bem conhecido ... Pedro d'Alcantara.

Poder executivo, tocando a ode simphonica composta para programma do partido progressista.

Ze povinho gosando a festa e preparando-se para subscrever.

NB. de quando em quando o prestito mettor-se-ha por uma travessa afim dos diversos personagens poderem mudar de vestuario. N'essa occasião pode sahir o Camara.

## Theatro do Principe Real

Peça propria para verão. Um quasi nada *fresca* mas engraçada, o que é muito melhor do que ser quente mas sensaborona.

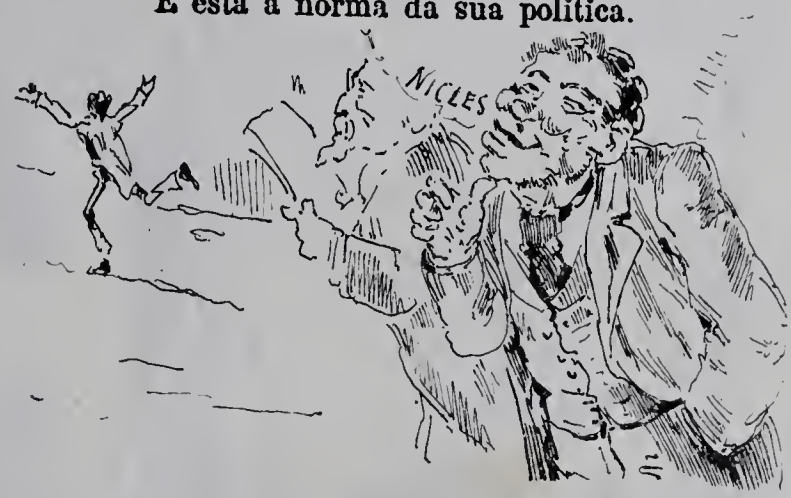
## As economias do governo

Foi supprimido, por ser muito dispendioso, o tiro de peça dado ao recolher na torre de Belem.

O governo está em negociações a ver se é possivel que algum adepto do ministerio désse tiro por qualquer forma *naturalista* ao seu alcance.

É esta a norma da sua politica.

O governo suprime o subsidio dado ao *Jornal das Sciencias Medicas* sob pretexto de que esta folha tinha todos estes numerosos assignantes.




Parece que vae fazer o mesmo ao *Progresso* que conta tantos como isto.

## As economias da camara

Substituição do bolo pelo ferro hervado.

Os cães nomeiam uma deputação para representar ao dr. Camara contra esta vacina municipal.

Seria por isto que sahiu o Camara?...

## Phantasia chineza

A CULTURA DO CHÁ PELO REI ARTISTA

Os reis já se vão dedicando á cultura das plantas. Começam a dar chá a gente. O rei artista faz o seu primeiro ensaio offerecendo uma chavena d'elle aos jornaes da situação. Descobre-se que lhes produz o effeito d'um veneno! Esperneiam como se tomassem um philtro diabolico!...

Mas, afinal, pergunta um peixe chinez; — quem será o Camara?

## A alvorada de 24 de julho

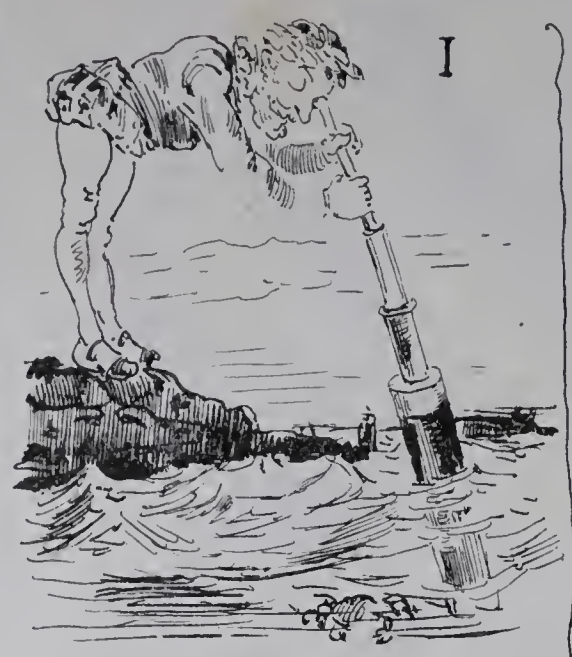
Foguetorio constitucional o parlamentar lançado pelo governo

Canhão que ha de salvar annunciando o romper da aurora.
NB. O tiro será de cantochão.

Lithographia Guedes, rua do Oliveira do Carmo, 12

## O poeta Manuel Margarida e a memoria de Camões nas terras de Santa Cruz

Não nos podemos furtar ao prazer d'illustrar alguns cantos que d'este poeta transantlantico recebemos no ultimo paquete:

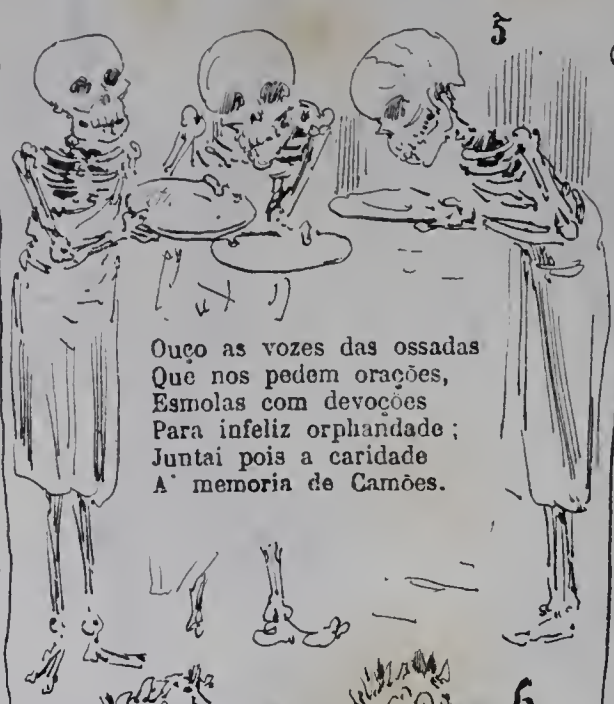



É hoje assaz festejado
Nas cultas nações do mundo
Esse que, ignoto mar fundo
Descortinou denodado!

Vasco da Gama a seu lado
Tambem merece ovações...
Dos heróes recordações
D'amor patrio accende em chamma,
Saudemos junto ao Gama
A memoria de Camões.

As ruas abrilhantadas
Regozijo significam,

E com triste pranto ficam
Minhas palpebras molhadas.




Ouço as vozes das ossadas
Que nos pedem orações,
Esmolas com devoções
Para infeliz orphandade;
Juntai pois a caridade
A' memoria de Camões.

Aquelle soldado fiel
A' sua patria e ao rei
Em favor da luza grey
Bebeu amargoso fel!

No tempo de D. Manuel
Soffreu mil ingratidões:
Foi victima das traições
D'um orgulhoso Athayde.
Portuguezes, saudar ide
A memoria de Camões.

Lá na gruta de Macau
Suspirou por Catharina.

E para maior mofina
Tambem naufragou-lhe a nau!...

A custo salvou-se a vau,
Affrontando os vagalhões.

Quasi morto em convulsões
Na dextra salvou o poema
Que homenagens deu thema
A' memoria de Camões.

## Questões de fazenda

O sr. Barros Gomes em cumprimento da lei, vendo que o ministerio está farto de levar *chéques*, resolve pôr em si um sêllo de 20 rs. visto os cheques estarem sujeitos a esta taxa.

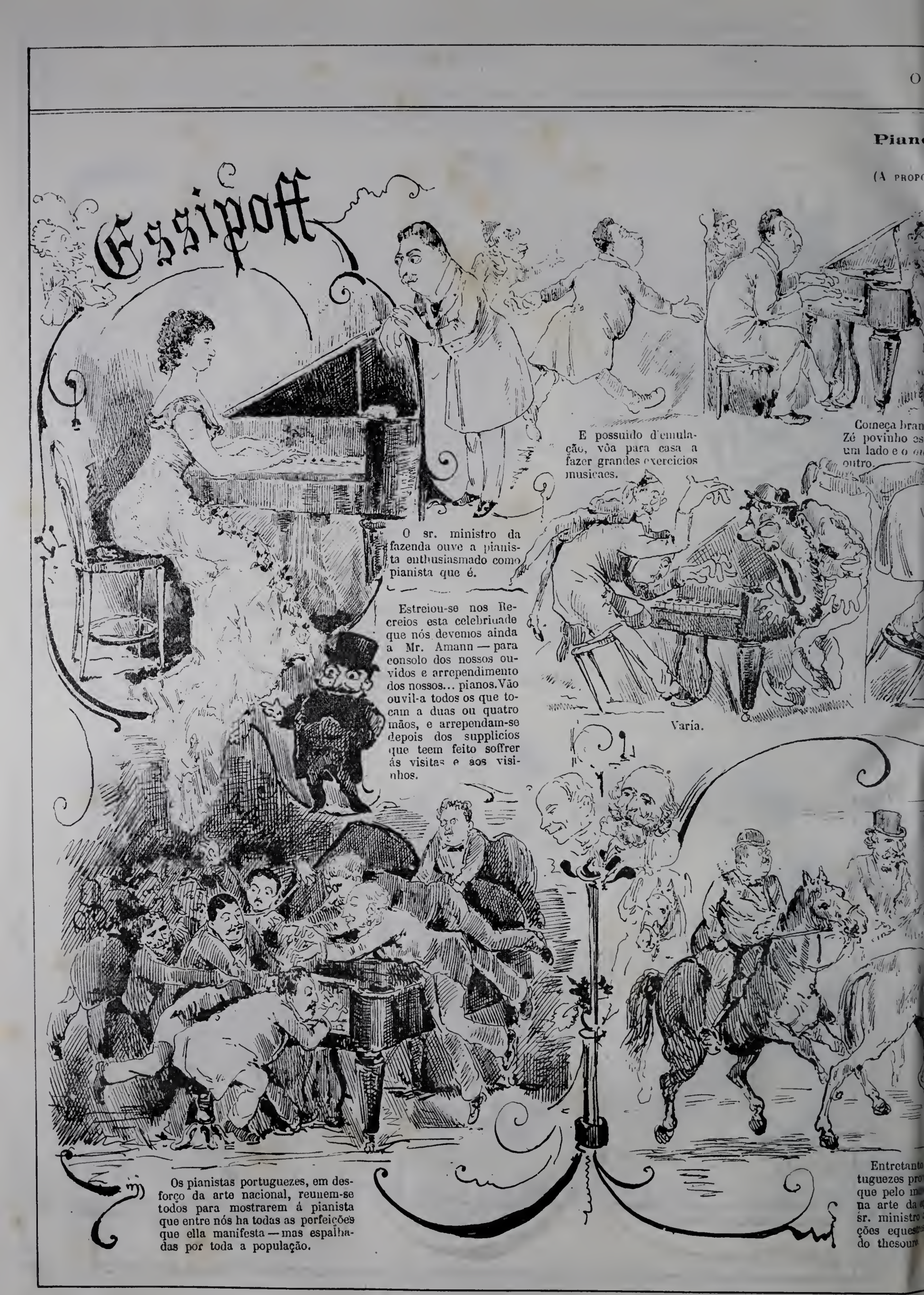
## «High-Life» pittoresco

Chegou o sr. Nordeste, que não é como muitos podem suppôr um vento mas um homem que não sopra menos rijo. Vem de Maceió e nós aqui o apresentamos para que todos em prova de respeito lhe façam—oh!...

Seria este vento que fez sair o homem?

# Piano

(A PROPO




O sr. ministro da fazenda ouve a pianista enthusiasmado como pianista que é.

Estreiou-se nos Recreios esta celebridade que nós devemos ainda a Mr. Amann — para consolo dos nossos ouvidos e arrependimento dos nossos... pianos. Vão ouvil-a todos os que tocam a duas ou quatro mãos, e arrependam-se depois dos supplicios que teem feito soffrer ás visitas e aos visinhos.

E possuido d'emulação, vôa para casa a fazer grandes exercicios musicaes.

Começa bran
Zé povinho es
um lado e o o
outro.

Varia.

Os pianistas portuguezes, em desforço da arte nacional, reunem-se todos para mostrarem á pianista que entre nós ha todas as perfeições que ella manifesta — mas espalhadas por toda a população.

Entretanto
tuguezes pro
que pelo m
na arte da
sr. ministro
ções equest
do thesour

## nistas

(Essipoff)

Enthusiasma-se, e...

Aquece.

Arrebata-se.

tresvaria.

O correio apparece e annuncia a hora do ponto.

Corre apressado para a repartição,

Deixando em casa as mãos a tocar.

Zé povinho delira pensando que em quanto as mãos estão no piano, não lhe entram nas algibeiras.

Pergunta :—Qual é a *nihilista*; a russa ou a portugueza ?

tes por-
Essipoff
nperiores
proprio
z evolu-
a burra

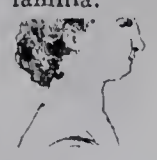
Resposta :—É a portugueza por que não toca *nada*.

## Epidemias lisbonenses

CANOS E PIANOS

Antes da chegada da pianista Essipoff, o somno e o socego dos habitantes era de continuo agitado pelos rugidos ferozes do piano. Os gatos nos telhados bradavam ao céo por vingança!

Na agua-furtada uma discipula do Conservatorio praticava horrores noite e dia, n'um velho manicordio de familia.



Por baixo um amanuense com o cerebro despedaçado pelos *potpourris* descria da justiça de Deus!

No 3.º andar era uma contradança interminavel ao som d'aquelle perfido instrumento, animado pelo tyranno Justino e tangido pelo perpetuo Macario.

No 2.º andar continua recitação ao piano. Um deboche babylonico de melancolia e cha!

No 1.º andar, *Reveil do Lion* ao som do qual um amador em vez d'accordar adormecia sempre.

Nas lojas fado corrido no *pianinho* de casa terrea!

E sobre todos estes horrores os canos communicando com os pianos!...

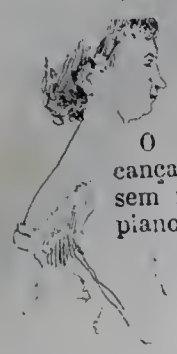
## Epidemias lisbonenses

CANOS E PIANOS

Depois da chegada da Essipoff as coisas irão talvez mudar:

Os gatos começarão a dormir descançados.

As discipulas do Conservatorio, desenganadas do piano, em vez de *fazerem* musica irão fazer meia



O amanuense começará a descançar das fadigas da repartição sem remorsos na consciencia nem piano na cabeça.

Extinguir-se-ha o ultimo ecco do Justino e a dança transformar-se-ha n'um pacato serão de familia.

No 2.º andar o dono da casa, voltando d'ouvir a pianista, atirará o piano e o recitador de familia pela janella fóra.

No andar nobre o chefe de familia deitará fogo ao instrumento — querendo alcançar assim o reconhecimento dos visinhos e o preço do seguro.

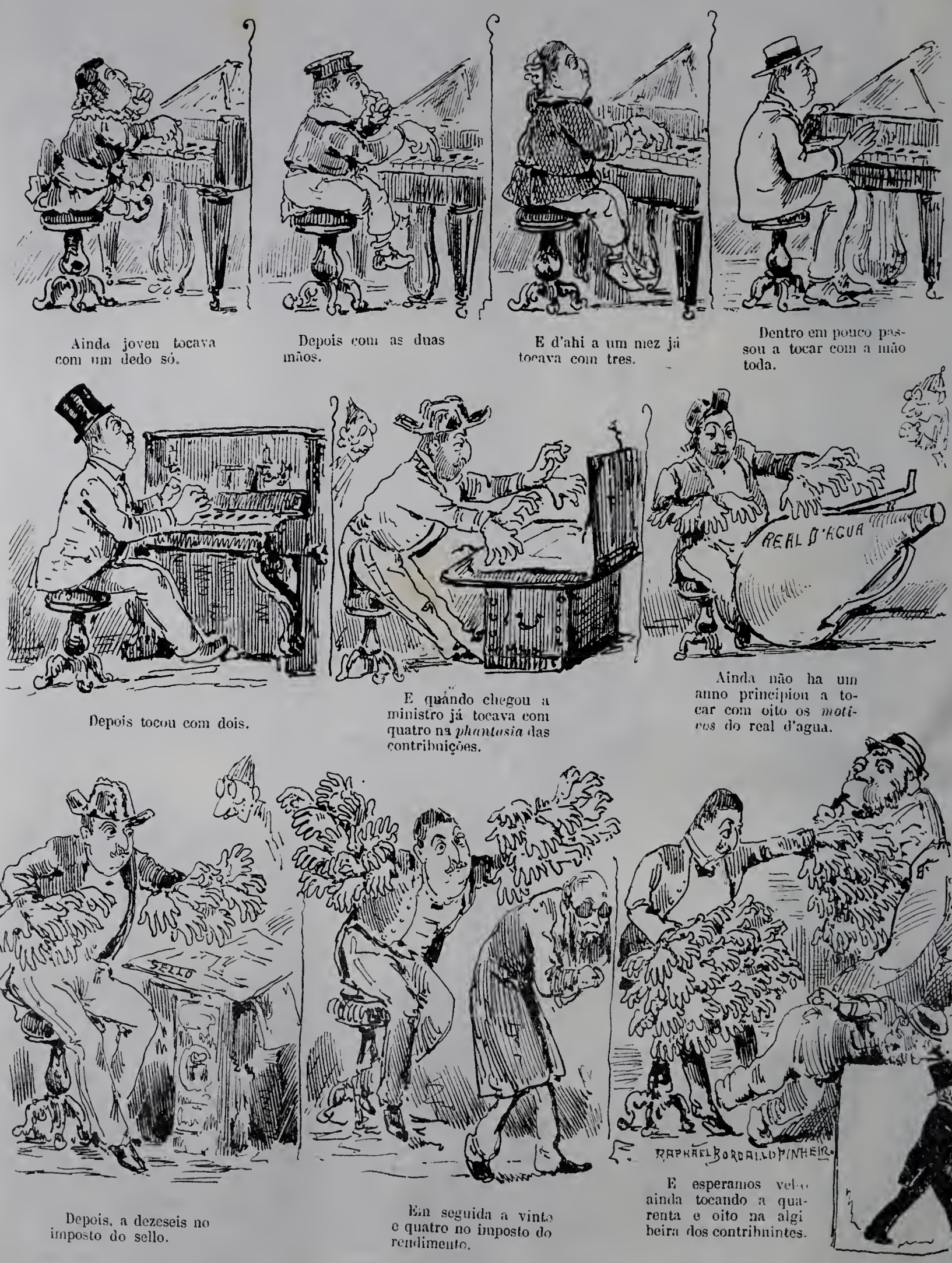
Nas lojas os fadistas mudarão d'instrumento e, possuidos de santo enthusiasmo, começarão em silencio uma symphonia de facadas.

NB. Seria muito bom vir um cano de Paris dar um *concerto* em Lisboa a ver se os de cá modificavam tambem os seus costumes.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

**Conclusão.** Haverá menos *passagens* musicaes mas em compensação mais passagens nas meias.

## Phantasias musicaes e financeiras do sr. ministro da fazenda




Ainda joven tocava com um dedo só.

Depois com as duas mãos.

E d'ahi a um mez já tocava com tres.

Dentro em pouco passou a tocar com a mão toda.

Depois tocou com dois.

E quando chegou a ministro já tocava com quatro na *phantasia* das contribuições.

Ainda não ha um anno principiou a tocar com oito os *motivos* do real d'agua.

Depois, a dezeseis no imposto do sello.

Em seguida a vinte e quatro no imposto do rendimento.

E esperamos vel-o ainda tocando a quarenta e oito na algibeira dos contribuintes.

E ainda perguntam porque é que *elle* sahiu?...

## Casos da semana

Epiphanio da fava preta, ou o terror dos meninos

Vera effigie do tyranno no acto de degolar os innocentes, assistido pela policia que procura manter a independencia dos dois, — o Herodes e a fava.

Lithographia Guedes, rua do Oliveira do Carmo, 12

# Reçordações do 24 de Julho

O governo logo pela manhã, começou a dar fava torrada a alguns partidarios seus, afim d'elles terem a voz clara para dar vivas.

Elles comeram a fava e... deram os vivas no anzol.

Decididamente o governo dá cabo das festas da liberdade.

Resta chamar Mr. Amann e entregar-lh'as.

Em elle fazendo figurar á frente do cortejo o terrivel Adamastor que nas ultimas noites tem figurado nos quadros vivos dos Recreios,

Em elle vestindo o governo como ha de vestir os zulos esta noite,

Em elle mandando o professor Justino dar um premio á praça de pret que marchar melhor

As festas da liberdade readquirirão o seu brilho, subindo ao ar o proprio bolao da Lapa!

## O Antonio Maria, as suas convicções e as pianistas nacionaes

Vieram duas ao nosso escriptorio, — fulas, e das peiores.

Tocaram-nos um *potpourri* terrivel, em consequencia das palavras que nós dirigimos aos pianos portuguezes a proposito da Essipoff.

Cahimos desmaiados e ellas sempre a tocarem!...

E morremos abraçados ás nossas convicções trespassados pelo *miserere* do *Trovador!...*

Nos ultimos tempos o *Progresso* lembrou-se d'uma coisa que na verdade não abona muito o seu tino politico nem a sua giria partidaria.

Inaugurou uma secção de revista de jornaes aonde comenta, dia a dia, as opiniões da imprensa militante. Ora este alvitre poderia ser muito util se o *Progresso* podesse mostrar aos seus vinte e quatro leitores (salvo erro — para menos) que muitas folhas periodicas dão o seu affecto ao governo progressista: mas é exactamente o contrario. O orgão do partido historico apenas consegue mostrar que a opinião publica está atirando ao governo como a lobo em povoado, não se achando nem um simples *oasis* de aplauso n'aquellas numerosas opiniões transcriptas diariamente!

Tambem ha dias o *Progresso*, discutindo a opinião d'outra folha adversa (como d'ordinario lhe são todas) estabelecia que a revolução liberal portugueza era um facto mais glorioso do que a queda da Bastilha porque na Bastilha estavam sete prisioneiros e no Porto cento e tantos.

Por este criterio historico, e pelo mais que deixamos dito, fica provado que o *Progresso* deve contar no reino dos ceos os leitores que lhe faltam na terra.

---

A parada de 24 de julho correu este anno com menos algum luzimento do que nos annos anteriores. Não é difficil averiguar a causa de semelhante decadencia.

Em primeiro logar não está no poder o sr. Fontes a quem sem offensa podemos chamar o Paccini *da publica administração*; em segundo logar os galões dos generaes começam a marear; em terceiro logar a opinião, depois das festas do centenario, principia a achar um pouco comico que sua magestade, um rei constitucional, um antigo official de marinha, dê a volta ás ruas da baixa *embarcado* n'uma alimaria mais propensa para as delicias da ração do que para os fumos da polvora.

As corridas das instituições pela cidade baixa, no dia 24 de julho, parecem pois um passatempo condemnado entre nós — tal qual as corridas de cavallos.

---

Queixam-se as folhas adversas ao governo de que na parada figurassem este anno muito menos bocas de fogo... e de generaes. Bocas de fogo 48, generaes 7.

Ainda se os termos se invertessem e nós tivessemos a dita de gosar 48 generaes Krupp, e sete boccas de fogo de parada... passe: mas assim é impossivel que o paiz não toque em breve a sua completa ruina! Chega a haver menos generaes de divisão do que professores d'instrucção primaria!...

## A Epiphaneida. Aventu
## ao he

Elle entrou em Lisboa.

Quando saiu o Camara.

Foi ao guarda-roupa do Cruz e deitou Herodes.

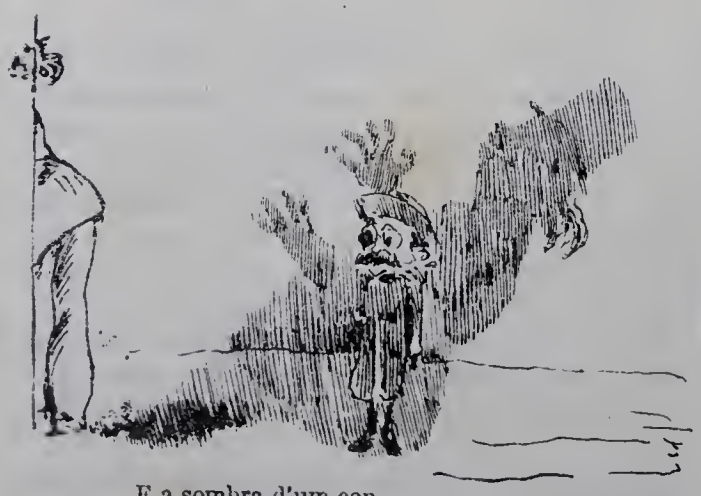
Depois deitou Irmãos Unidos com sopa vaca, arroz, dois pratos do meio...

No dia seguinte trinta meninos.

A' saida seis patrulhas.

No seu furor pela fava chegou até a equivocar-se deitando o Antunes na urna.

Mas o medo crescia sempre.

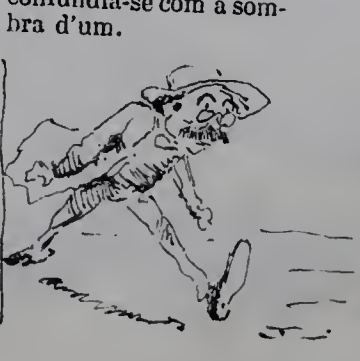


E a sombra d'um confundia-se com o vulto do outro.

E o vulto do outro confundia-se com a sombra d'um.

Ora se viam acommettidos por um bando de remorsos.

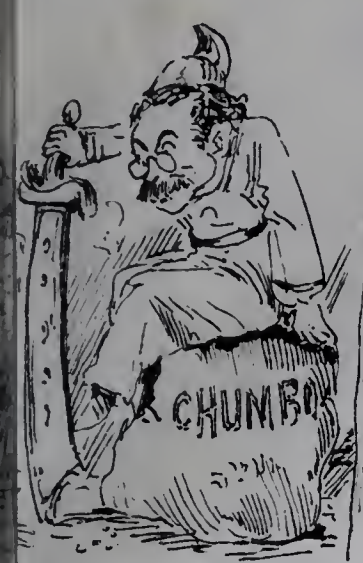
Por fim o Bailio fugiu por um lado.



E o Herodes fugiu por outro.

E achou-se solitar na cama dos Irmã Unidos com a sombr d'um menino unida a corpo!

## ulações e casos acontecidos
## iva preta




nos nos
rtuguez.

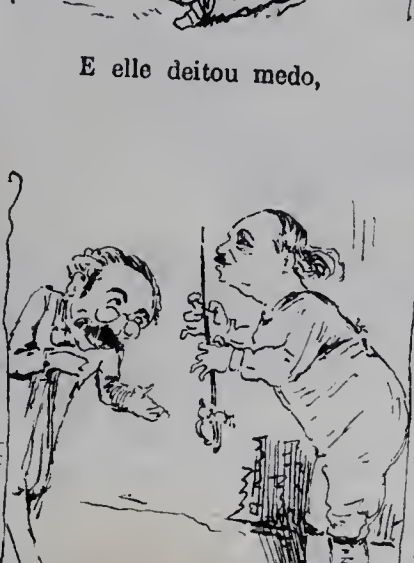
Aconteceu-lhe porém uma coisa que não tinha acontecido a Herodes.
—Os meninos repontaram.

E elle deitou medo,

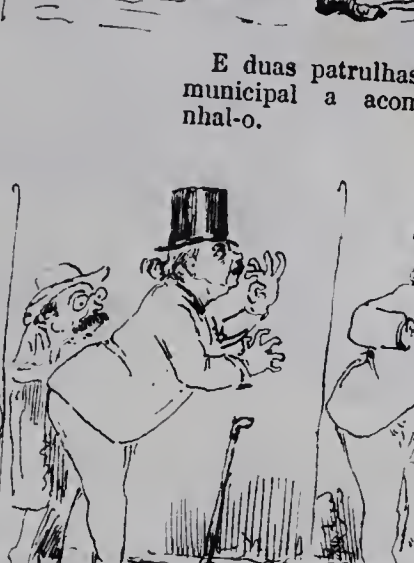
E duas patrulhas da municipal a acompanhal-o.

tam-

Por fim vendo a onda dos meninos sempre a augmentar,



Pediu o auxilio do estoque do Bailio para sair á noite.



O Bailio deitou janotismo e acompanhou-o a espalhar magoas ao Terreiro do Paço.

E o Bailio no remanso da solidão perguntava-lhe :
— Quantos meninos *epiphanou* hoje ?...

E as patrulhas principiaram em duvida se les seriam um se is.

E os dois ora se julgavam um,

Ora se julgavam dois.

Ora se viam acommettidos por um bando de meninos,

Terrivel noite de remorsos !

Agora perguntamos :
— Conhecem o Herodes ?...

Resposta pelo correio aos Irmãos Unidos.

## Homenagens ao «Antonio Maria»

Ao *Antonio Maria* foi consagrada pelo maestro Alvarenga uma polka. Agradecemol-a cheios de reconhecimento e vamos dançal-a.

A camisaria moderna do sr. Pereira da Costa, na praça de D. Pedro 105, baptisou com o nome do caricaturista uns collarinhos que principiámos a usar para vêr dançar a polka do maestro Alvarenga.

Pedimos ao sr. ministro da fazenda que, movido d'estes dois exemplos, nos queira da mesma fórma dedicar algumas inscripções e algumas notas do banco.

Em paga tocará a polka e ser-lhe-ha dedicada, em vez dos collarinhos, uma camiza d'onze varas.

---

Em todo o caso, como quer que seja, prova-se que o governo não tem a bossa d'administração nem mesmo a do arraial, pelo que o *Antonio Maria* o aconselha a chamar Mr. Amann o homem providencial, e a entregar-me *o 24 de julho*.

É o unico meio que resta para salvar esta data gloriosa.

Se o governo a conserva mais tempo nas mãos acaba por dar cabo d'ella.

Tal qual iam fazendo aos Recreios, os ultimos emprezarios.

Attenda-se a que, com duzentos homens, promette Mr. Amann dar-nos hoje uma copia fiel da ultima campanha dos inglezes contra os zulos. Ora o que não fará elle em lhe passando para as mãos, as forças da divisão, as musicas, os generaes, as boccas de fogo, os ministros, o cabido da sé e todos os mais *aprestos* com que se leva a effeito a grande festa liberal!...

O professor Epiphanio tem conseguido quasi eclypsar a gloria da pianista Essipoff, que ora nos Recreios ora no Colliseu continua a receber ruidosos applausos, e além d'isso, todas as noites, dois *bouquets* os quaes, com uma precisão geometrica lhe sao entregues ás nove e meia, passando subrepticiamente ás nove e tres quartos para as mãos do porteiro, que ás dez e um quarto lh'os entrega novamente, para os rehaver d'ahi a pouco, depondo-lh'os novamente nos braços na ultima parte do espectaculo.

Nada mais commovedor e ao mesmo tempo mais pittoresco do que a peregrinação d'estes dois ramos *unicos* desde que a eximia pianista toca em Lisboa!

NB. Já tinham tambem servido ao violinista Sarasate e á prima-dona Donadio, o que mais lhe redobra o valor.

---

A ultima campanha portugueza tem-se realisado para os lados do lyceu entre os meninos *chumbados*, ou em vesperas de o serem, d'um lado, e o mestre Epiphanio do outro. Nem da direita nem da esquerda se tem vacillado nos recursos — a empregar: a pedra, a algazarra e a fuga. O denodo com que os meninos teem gritado só póde comparar-se á bravura com que o mestre Epiphanio tem fugido.

Da meza de portuguez do lyceu nacional fazem hoje parte o sr. commissario de policia, o sr. general das municipaes, e vinte praças de pret.

Está a concurso—além de varios logares de Escrivães e delegados — o theatro de D. Maria II do qual todos se queixam, mas com o qual todos desejam arruinar-se

O que torna recommendavel o respectivo programma é que elle deixou d'impor a primeira tragica nacional como alfaia adstricta ao theatro. A direcção geral da instrucção publica póde desde hoje considerar-se perdida para a arte e para a sociedade. Deixou de crêr na senhora Emilia das Neves, não tardará muito que deixe de crêr em Deus!...

## A falta d'agua em Lisboa

Em quanto a cidade está com a lingua de fóra

O Alviella, segundo as ultimas noticias, está em Sacavem.

O sr. Pinto Coelho foi para lá saber quando elle passava o rio.

E o Alviella assim que o viu, a primeira coisa que fez foi pedir-lhe um copo d'agua.

## A toirada de domingo

**Beneficio do Cavalleiro Antonio Maria Monteiro**

O beneficiado chama-se tambem *Antonio Maria,* motivo porque, por dever de *camaradagem,* consagramos esta pagina á sua festa artistica. Os lidadores despertaram o enthusiasmo publico. Tinoco e Vianna com grande denodo, e o boi 69, com uma velhacaria e uma bravura que fazem honra á sua idade e á sua raça.

Reappareceu o *careca,* menos careca alguma coisa do que antigamente. Os toiros saltavam tanto á trincheira que mostravam estar mais dispostos a ver o espectaculo do que a deixarem-se farpear.

## Parte de policia do «Antonio Maria»

Na ultima quinta feira de tarde 100 illustres vendedores do *Antonio Maria*, jogavam o eixo defronte d'esta administração. (Rua do Arco de Bandeira 115.—Assignaturas pagas adiantadas).

Vendo elles que na rua se estava descarregando uma carrada de palha, resolvem dar um *lunch* a um sujeito que passava.

O policia 115 invejoso d'este acto de cortezia principiou a *amolar*.

E depois d'amolar a espadeirar os vendedores.

O cabo 19 do corpo de policia invejoso das glorias, e talvez da palha, *desembainhou* um pé e principiou a *prezemtear* os vendedores.

Houve gritos de soccorro na escada da administração que os policias ivadiram,

Não sendo possivel ao *Antonio Maria*, por estar ausente, acudir ao conflicto afim de corregir os demandos do 19 e 115.

Por este motivo aqui fica um com cara d'Herodes e o outro ficará com a cara que os srs. quizerem.

D'ora ávante fica prevenida a policia de que, para atacar os cem vendedores inermes do *Antonio Maria*, terá de ficar atravessada na ponta do nosso lapis

Lithographia Guedes, rua do Oliveira do Carmo, 12

## Resposta ao annuncio do viuvo inconsolavel que no ultimo domingo pediu dama pelos jornaes

Offerece-se esta senhora respeitavel *que não faz questão,*

E está convencida de que as suas virtudes a farão desejar para o resto da vida.

Assim como entre nós se chama ás vezes dos *Prazeres* a uma coisa que não o é, como, por exemplo, o cemiterio d'este nome, assim, da mesma forma, damos o nome de *bairro saudavel* da capital ao sitio da Lapa, aonde os canos mais immundos estão a descoberto e aonde os focos de infecção mais pronunciados exhalam os seus miasmas em liberdade. Conclusão: *bairro saudavel* da capital é aquelle aonde, quando apertam os calores, os typhos *apertam* mais com a população.

Para esconjurar o mal, o que se faz por emquanto com mais afan são relatorios. O concelho de saude já fez um, o governo civil outro; espera-se a toda a hora os que estão elaborando as auctoridades sanitarias da cidade, e segundo as ultimas noticias os proprios facultativos militares vão intentar um relatorio em forma para uso do ministerio da guerra.

Por outro lado, como se os relatorios de momento não fossem bastantes, evocam-se da sepultura velhos relatorios que principiavam a dormir o somno da eternidade no pó das secretarias, e o legendario projecto Gotto acaba de surgir novamente á luz!

Entretanto o governo expede uma portaria em que ordena que os doentes pobres sejam soccorridos na medida das *forças do thesouro.*

Isto é, quando um doente pobre tiver uma febre grande, como as circumstancias do thesouro são um tanto precarias, o prior da freguezia está auctorisado, d'accordo com o medico, a tirar-lhe pouco mais ou menos um terço ds febre, devendo no caso do homem fallecer enterrar-se só metade d'elle, a fim de não comprometter o futuro da fazenda publica como já está compromettido o da saude particular.

—oc—

Os dois dramaturgos lesados nos seus direitos pela resolução da commissão litteraria official que mimoseou o sr. Cesar de Lacerda com o premio pecuniario por um drama *original* que este illustre auctor não fez, acabam de levar um recurso para o conselho d'Estado.

A secção do contencioso, para proceder com conhecimento de causa, deve pedir o auxilio da sr.ª Emilia das Neves e representar todas as peças a respeito das quaes se trava debate.

De resto, em Portugal andam as coisas tão confundidas que já não se sabe que coisa sejam dramas, nem idéas originaes. Por uma simples traducção chama-se um *auctor* á scena e coroa-se de flores, e o maior descaramento é que o traductor, na maioria dos casos, apparece!

Ora tanto a commissão que distribue os premios, como o conselho d'Estado, como o governo, pelo que respeita a dramas e a muitas outras coisas, devem fatalmente ser influenciados pela corrente do espirito publico.

Logo o sr. Cesar de Lacerda ficará com o premio e a acção de plagiato com foros de cidade no territorio portuguez.

## Resposta ao annuncio do viuvo inconsolavel que no ultimo domingo pediu dama pelos jornaes

Possue o mais sublime dote da mulher, como o viuvo atribulado deseja, e está prompta a educar-lhe os seus dois meninos.

Silencio e descripção, visto o supracitado inconsolavel querer dar aos seus meninos o exemplo d'um *respeitador escrupuloso do seu proprio caracter.*

O governo contaminado pela lepra do seculo, e julgando que a heresia dos tempos vae attribuindo aos grandes homens todas as virtudes que n'outros tempos se attribuiam aos santos, acaba de fabricar, segundo se vê na folha official, mais um Visconde não de S. Francisco ou de Santo Antonio de Padua, mas simplesmente um Visconde de *Miguel Angelo*!...

Este titulo pertence hoje ao sr. João Pereira Thomaz residente na ilha do Pico.

Não tardará que qualquer cidadão zarôlho—e rico invoque este exemplo para ser nomeado, por exemplo, Visconde de *Camões*. Demais a mais é titulo para o qual a primeira habilitação será mostrar que o agraciado nunca fez epopêa alguma nem cousa que com isso se parecesse.

O governo emprestou para o ultimo divertimento do bairro Camões uma bateria d'artilheria e varios contigentes dos corpos d'infanteria da guarnição. A regalia que não foi concedida a Camões — épico, acaba de ser concedida a Camões—bairro, d'onde se deprehende que se o auctor dos *Lusiadas* tivesse feito um fogo de vistas em vez de fazer uma epopéa já os poderes constituidos o não olhavam com tanta desconfiança.

Este caso coincide com a noticia que os jornaes deram ha pouco da tropa de Cabo Verde, por occasião das festas do centenario realisadas n'aquella porção de territorio da monarchia, se apresentar com ramos de flôres nos canos das espingardas.

De duas uma: ou o ministerio da guerra está manifestando um horror incomprehensivel pela verdura, ou os indigenas de Cabo Verde não comprehendem o que seja disciplina.

Cançado o povo do *reclame* em prosa,
Quando o encontrava nem sequer o lia:
Vem o Pedro Moreira e annuncia
Seguíndo a lei do metro rigorosa,

Começam-lhe a mover guerra acintosa
Em verso descortez, em prosa fria;
Nem que o annuncio em doce poesia
Merecesse soffrer pena affrontosa!!!

Mas o Pedro a sorrir, com ar jucundo
Encara esse esgrimir da insensatez,
Irado, insano e — *alegre* sem segundo;

E, como vê que offensa á lei não fez,
Annuncia a Lisboa, ao reino, ao mundo
*Na rua Aurea — a loja* 103.

## Boletim

As febres da Lapa e suas

A camara saiu (não confundir com o Camara) a fim de descobrir as causas da infecção.

O prior foi encontrado cheio de latim reprezado, por não ter cantado ha muito tempo, com um cano de cantochão a descoberto.

Muitos trabalhadores tratam de remover o latim.

O cantochão é conduzido em padiolas para o Tejo.

Foram tirados de dentro do *chuche-nez* do sr. de Bolama alguns candidatos a ministro—podres, que ali jaziam ha annos.

Estes candidatos foram removidos para a fabrica de guano estabelecida no alto de S. Bento.

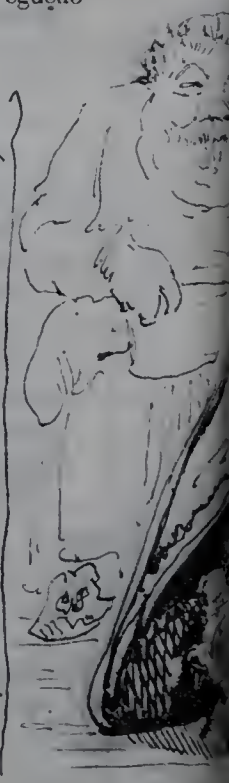
O prior, á ultima hora, está quasi esgotado.

O cantochão começa a impedir a navegação do rio.

O governo acaba de ordenar que os doentes pobres sejam soccorridos *segundo as forças do thesouro*. O conselho de saude visitou um enfermo e declarou-lhe que o ia matar á fome a fim da portaria ser bem interpetrada.

Acaba de ser passada vestoria ao theatro de D. Maria II, encontrando-se muitos dramas em estado de decomposição e uma tragica meia devorada pelos ratos e pelos emprezarios.

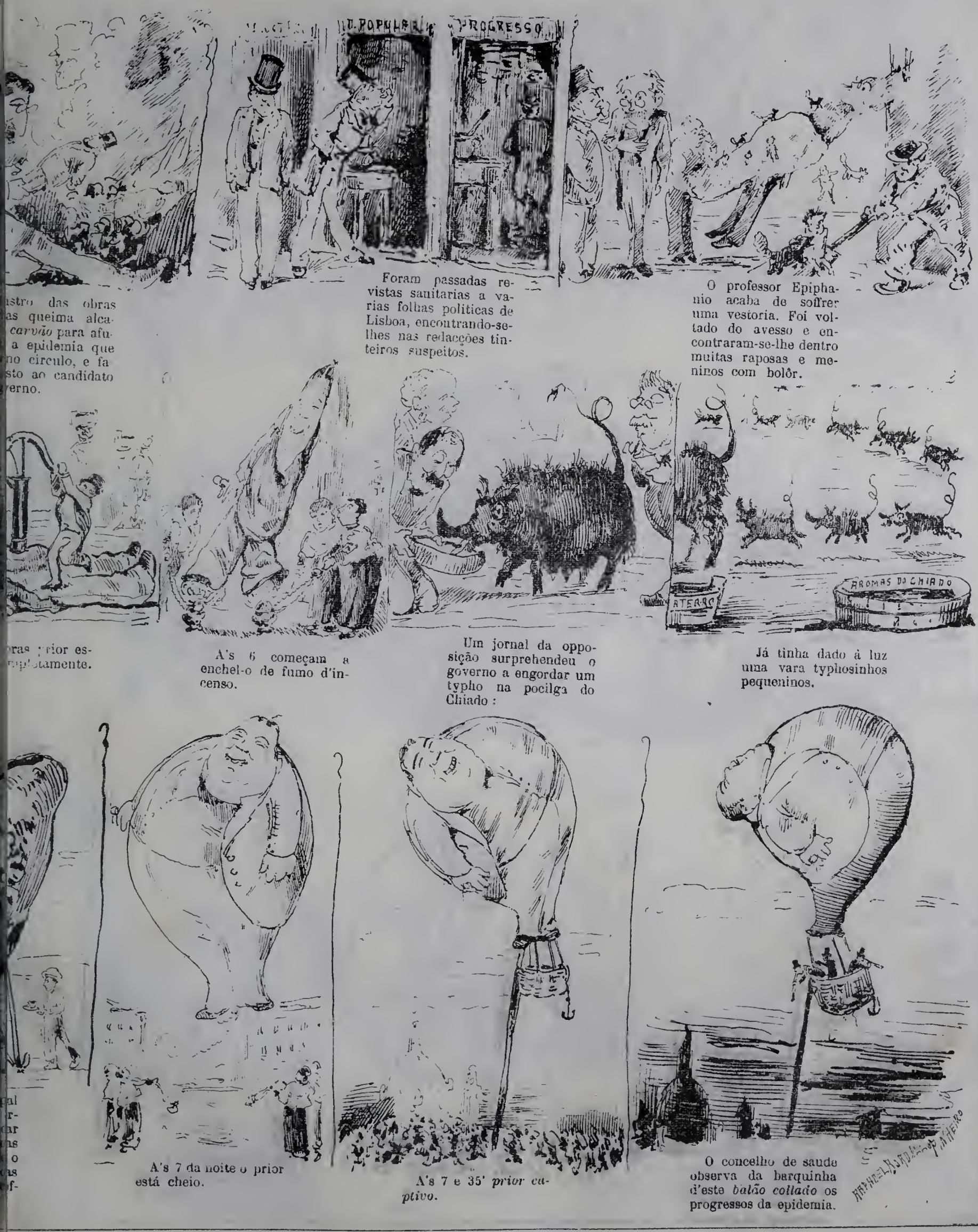
O tribunal da Boa Hora e as suas succursaes da rua do Principe foram burrifados com agua de Labarraque e removidos para o Lazareto.



Na
Estep
madas p
doen
de
sr.
*descalço*
feito.

## de Lisboa

TIMAS PROVIDENCIAS TOMADAS




istro das obras
as queima alca-
*carvão* para afu-
a epidemia que
no circulo, e fa
sto ao candidato
erno.

Foram passadas revistas sanitarias a varias folhas politicas de Lisboa, encontrando-se-lhes nas redacções tinteiros suspeitos.

O professor Epiphanio acaba de soffrer uma vestoria. Foi voltado do avesso e encontraram-se-lhe dentro muitas raposas e meninos com bolôr.

ras prior es-
mpletamente.

A's 6 começam a enchel-o de fumo d'incenso.

Um jornal da opposição surprehendeu o governo a engordar um typho na pocilga do Chiado :

Já tinha dado á luz uma vara typhosinhos pequeninos.

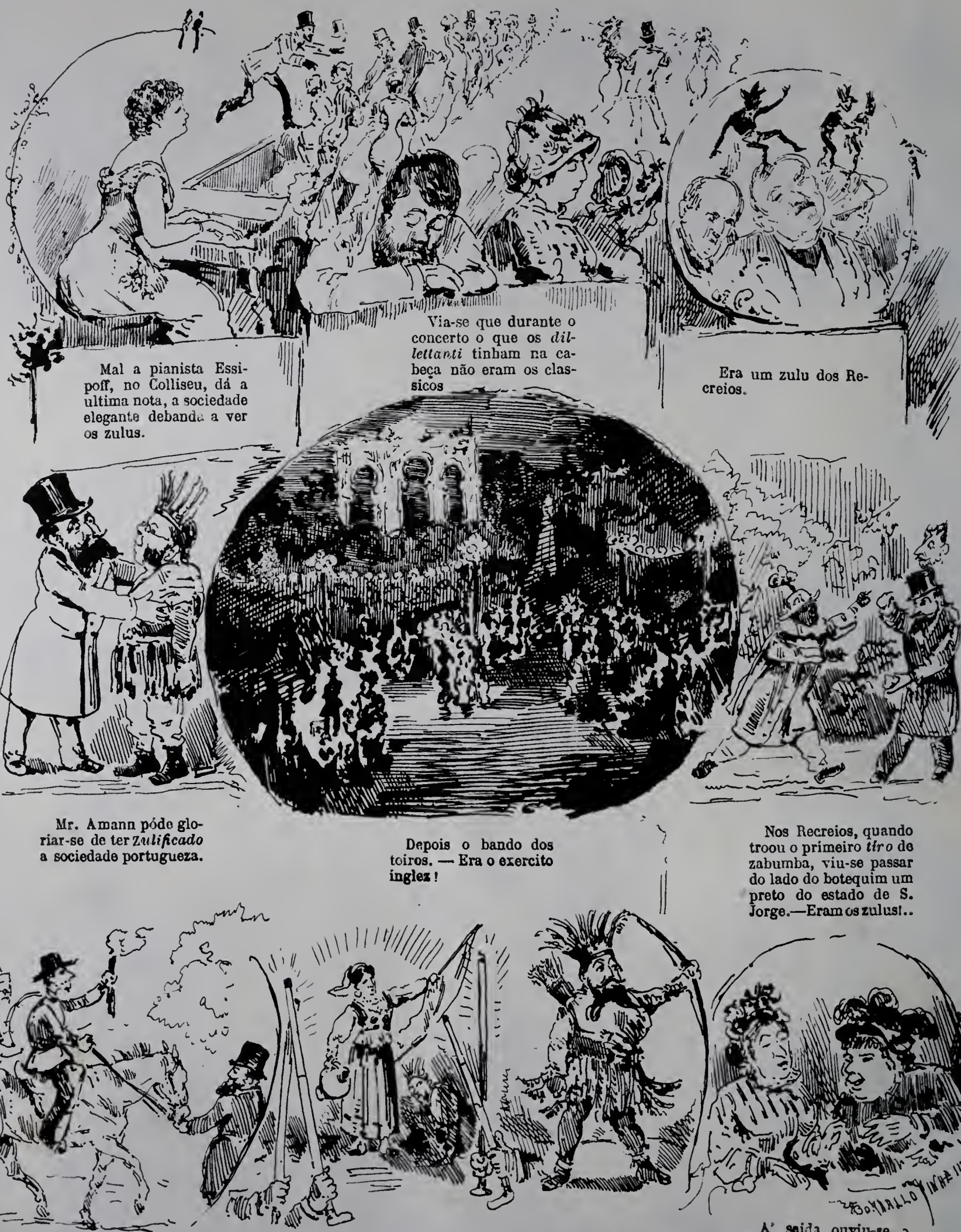
al
r-
ar
ns
o
as
f-

A's 7 da noite o prior está cheio.

A's 7 e 35' *prior captivo.*

O concelho de saude observa da barquinha d'este *balão collado* os progressos da epidemia.

## A guerra Zulu-Ingleza nas montanhas dos Recreios



# O fogo de vistas no bairro Camões

Influencia da Pyrotecnica na Sociedade Portugueza

A's 8 da noite corria tudo para lá.

Ministros, deputados, clero, nobreza e povo.

O governo mandou uma porção do exercito.

Uma bateria d'artilheria bateu-se denodadamente com os foguetes do José Rodrigues.

A infanteria na marcha *aux flambeaux* fez esquecer os zulus dos Recreios.

O commandante das forças dizia para os soldados, de archote em punho:

— Soldados, do *alto* d'aquelle monte trinta réis d'alcatrão vos illumina!...

Os ministros presentes ao fogo de vistas, aonde não faltam nunca, diziam de quando em quando, olhando para o ar, — *Ahhhh!...*

Depois, para ganharem popularidade, corriam a agarrar as canas dos foguetes.

E á saida, a estatua de Camões murmurava melancholicamente: — nada, para a outra vez faço-me fogueteiro, para ver se elles me empres tam a tropa!..

## Telegramma enviado pelo «Antonio Maria» ao dr. Tanner, illustre faminto de New York que apostou viver 40 dias sem comer

*Lisboa ás 8 h. e 5' da tarde. O ministro da fazenda acaba de fazer a experiencia com bom resultado n'um amanuense.»*

Primeiro tirou-lhe os direitos de mercê. O amanuense 60 pulsações e dois medicos á cabeceira.

Depois tirou-lhe as gratificações. 10 pulsações e só o ministro e um medico, por economia.

Em seguida tirou-lhe o imposto de rendimento, sem medico nenhum. 20 pulsações.

O amanuense não bebe agua por não a haver, nem verba para a comprar.

Amanuense 10 pulsações mas olho aberto.

A's 4 horas de hontem tirou-lhe a espinha inteira como se costuma fazer ás sardinhas.

A's 4 e 30' amanuenseum olho aberto e outro fechado—á Camões.

A's 5 e 35' fez experiencia para lhe tirar a pelle — e conseguiu-o, deixando-lhe a manga d'alpaca em cima do osso.

A's 6 e 17' ministro acaba d'assoprar a pelle do amanuense e de fazer um amanuense gordo. Vae supprimir ordenados e tirar a pelle a todas as classes.

A's 7 ministro quiz fazer a experiencia em sua magestade mas sua magestade deu só 2 por cento.

Ministro desiste de tirar a pelle a Reaes meninos por estarem isemptos meninos e soldados.

## Calor e casos da semana

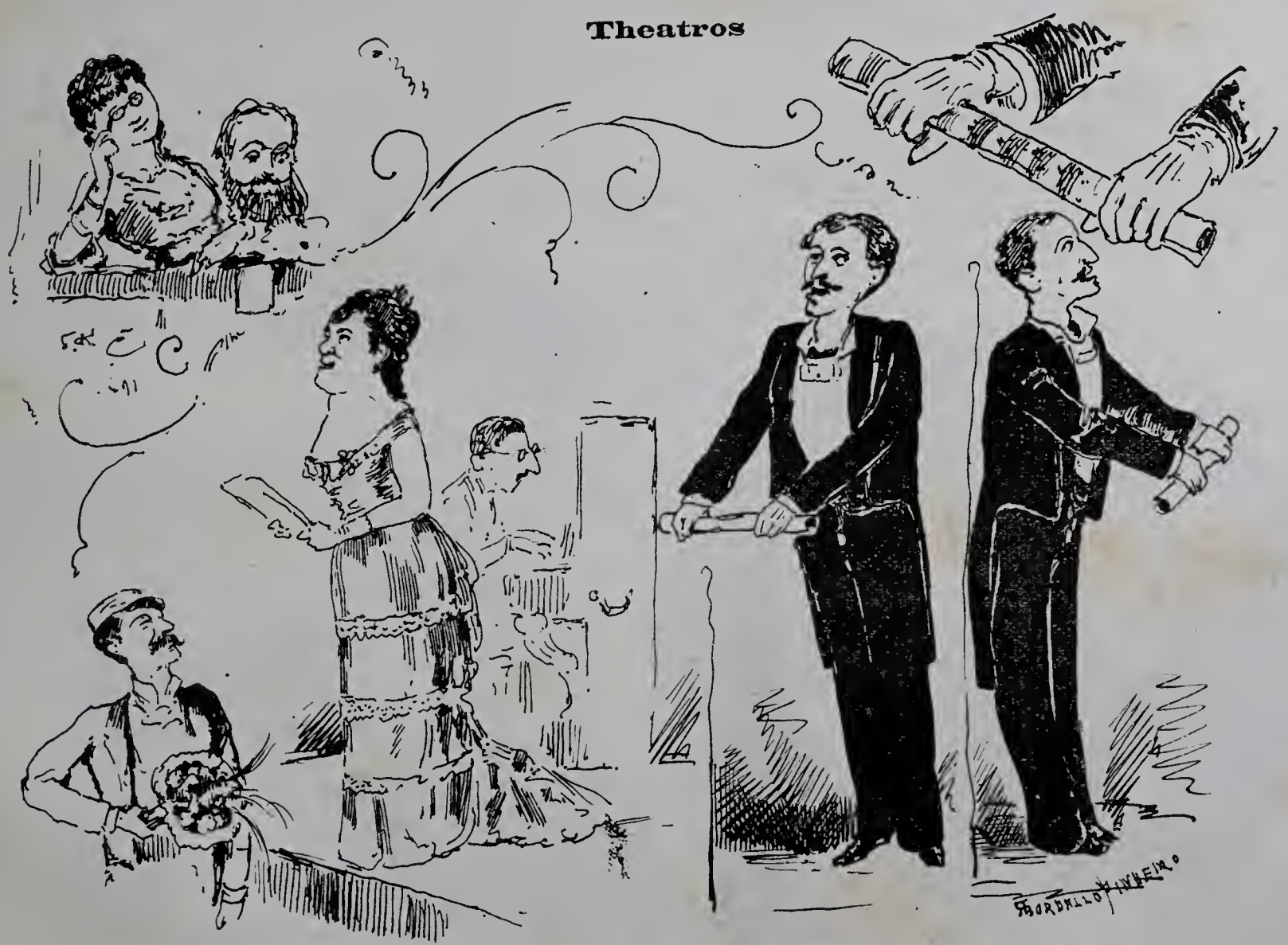
Na ultima semana houve duas coisas que *prenderam* muito os caminhantes. O asphalto do Chiado, quasi derretido, prendia os pés.

E um annuncio negro posto nas esquinas prendia os olhos.

Ao principio havia duvida se este borrão seria o programma do partido dos *pretos* ou o mappa do bairro Camões, com o caminho por onde saiu o Camara.

Depois é que se soube que era o *Continente Negro* por onde saiu o Stanley.

## Theatros




No theatro dos Recreios quem não conseguiu prender os ouvidos foram os dois artistas lyricos, dos quaes um cantava com um rolo de musica na mão, á maneira de maromba, e não obstante *cahia* de quando em quando de barytono em tenor.

M.me Bianca Dejean recebeu o mesmo ramo destinado ás celebridades pela empresa Amann. Essipoff observava d'um camarote, e o seu peregrino talento devia ficar extremamente escandalisado com este ramo mercenario que se *dá* a toda a gente.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## Espectaculos da semana

CAMPO DE SANT'ANNA

A ultima tourada por curiosos deixou todos contentes — espectadores, amadores e beneficiado. Os que provavelmente ficaram menos satisfeitos foram os bois, picados com denodo e galhardia pelos lidadores.

## Medalha commemorativa do 3.º centenario de Camões

Recebeu o *Antonio Maria*, do Gabinete portuguez de leitura do Rio de Janeiro, a bellissima edição dos *Lusíadas* com que foi commemorado o 3.º centenario do poeta. A edição, feita em Portugal, é esmeradissima: a medalha, gravada em Paris, é um pouco inferior ao que podia ser se fosse gravada em Lisboa, mas em todo o caso bella, como penhor da amavel dedicação dos nossos compatriotas,

Sobre o estado sanitario da capital continuam a fazer-se alguns relatorios e chega-se mesmo á extremidade de usar varios desinfectantes, em logar das flôres de rhetorica empregadas d'ordinario em circumstancias analogas.

É a primeira vez que Lisboa dá provas de espirito pratico usando acido phenico em vez de phrases. Se este expediente fosse usado ha mais tempo talvez não chegasse ao estado a que tem chegado, tanto pelo que diz respeito á canalisação, como pelo que diz respeito aos costumes.

Entretanto talvez não fosse inutil de todo nomear ainda uma commissão á qual fosse incumbida a classificação dos differentes cheiros que n'este momento estão affectando o olfato dos habitantes.

Os cheiros de primeira ordem que hoje se sentem são os seguintes, por ordem de gerarchias:

Cheiro do Chiado.
Cheiro do Terreiro do Paço.
Cheiro da rua do Ouro.
Cheiro das travessas da baixa.
Cheiro do Bairro alto.
Cheiro da Mouraria.
Cheiro dos artigos de polemica.

São sete como os peccados mortaes, e todos elles se subdividem ainda em varios cheiros mais ou menos penetrantes, que seria conveniente determinar, estudando a sua influencia na sociedade portugueza.

E a primeira coisa que o governo devia fazer quando se abrissem as côrtes não era decretar sómente o en-

## A experiencia do Dr. Tanner

O Dr. faminto, de que damos o perfil copiado fielmente da *Illustração Franceza*, chegou emfim ao quadragessimo dia, são e salvo, sem comer nem sequer uma codea de pão.

Triste parallelo! O sr. Barros Gomes vê todos os dias expirar os amanuenses em que quer ensaiar o systema, só pelo simples facto de os deixar a pão e laranja!

Os unicos que resistem ha muito tempo são os professores de instrucção primaria.

**Nuvens negras que n'este momento te**

1.ª Nuvem (ou *nodoa*, como o leitor entender), — A *capa*
*Albarda real senhor.*

Ha uma serie de nuvensinhas que ficam para outros nu

*As idéas não param nas fronteiras.* 4.ª nuvem — Empresti

Lourdes, e o Zé Povinho lava-se em agua de rosas.

**horisonte politico do partido progressista**

2.ª nuvem — Tratado de Lourenço Marques. 3.ª nuvem —
nisterio para esconjurar o perigo burrifa-se com agua de
Miguel. 5.ª nuvem — *Questão da Zambezia.* 6.ª nuvem —

## Espectaculos da semana

THEATRO DOS RECREIOS

O *Armario das Afflicções* depois da *Botija* representa uma crueldade da parte dos actuaes encarregados do desempenho. Especialmente Leoni e Ribeiro resolveram este verão fazer rebentar os espectadores a rir, a fim de não mofarem da cigarra que rebenta a cantar.

sino, era decretar tambem a agua de colonia obrigatoria.

Todos os habitantes de Lisboa deviam ser sujeitos, não só a pagarem o imposto do rendimento mas tambem a serem defumados com alfazêma.

É entretanto justo confessar que o actual estado morbido de Lisboa não é de forma alguma excepcional. Inter-muros sempre se morreu com a facilidade com que agora se está morrendo, e se o typho n'este momento adquiriu maior nomeada foi porque os partidos militantes entenderam dever lançar mão d'elle para a victoria definitiva dos seus principios.

Um partido levanta-se sempre quando tem ao seu dispôr uma epidemia que possa attribuir aos contrarios.

Com tanta convicção, com ar tão compadecido da sorte da cidade, fallaram porém os jornalistas da imprensa opposicionista, que a esquadra ingleza chegou a tomal-os a sério julgando que a capital atravessava uma crise medonha, evitando abordar á praia occidental receiosa de que as febres lhe fizessem aos tripulantes o que as batotas de quando em quando costumam fazer — *cardal-os*.

Esta resolução abona a prudencia e a ingenuidade da esquadra ingleza.

O partido regenerador resolveu não tomar parte na proxima lucta eleitoral. Eis a novidade mais importante da semana logo depois da que nos dão varios jornaes, de uma illustre dama ser escripturada pela sr.ª Emilia Adelaide para a companhia que na proxima época deve funccionar no theatro dos Recreios.

A resolução do partido regenerador póde deixar de ser politica, agora o que ninguem póde negar é que seja commoda. Ah, o partido regenerador bem sabe quanto valem o cabo de policia e o regedor de parochia postos ao serviço do pensamento governamental! De que serve luctar contra elles? No estrangeiro o sr. Fontes póde ser alcunhado de *gentil* e *sympathico* pela imprensa mundana, agora os eleitores da Lapa ou dos Anjos é que não se commovem com taes demonstrações de respeito, e na sua maioria só estão promptos a votar, não em quem lhes apresentar um credo de melhor qualidade, mas simplesmente em quem lhe destribuir favores de melhor *quilate!*

Gambetta disse uma vez, logo depois do 16 de maio. — Vamos 366 e havemos de voltar 400.

E voltaram.

Como a tempera dos nossos dictadores é differente d'esta! Só voltam quatrocentos quando tem ao seu dispôr muitos 500 — réis!

Em quanto á *nobre dama* escripturada pela sr. Emilia Adelaide sabe-se d'ella o mesmo que se sabia o anno passado. É uma dama e ao mesmo tempo um mytho.

## O caneiro d'Alcantara e a independencia nacional

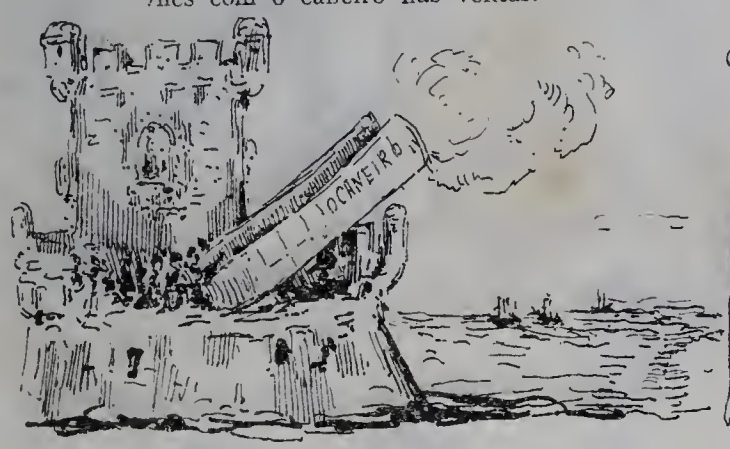
A grande esquadra ingleza composta de quatorze couraçados, não vem ao Tejo, segundo dizem os jornaes, receiosa do estado sanitario da cidade.

Vae-se pedir ao governo para considerar o caneiro d'Alcantara como primeiro baluarte da independencia nacional.

Os patriotas exultam de contentamento assaltados por esta idéa salvadora.

Se ámanhã os hespanhoes quizerem transpor a fronteira, dá-se-lhes com o caneiro nas ventas.

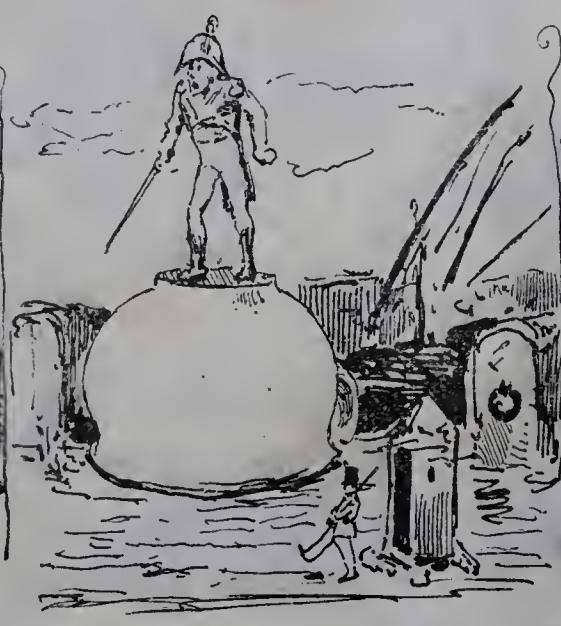
O exercito poderá ser licenciado, empregando-se as praças de pret em amas seccas e zulus particulares.




A artilheria da barra fundir-se-ha em patacos e o caneiro será assestado na barra para defeza do porto.

As officinas das Caldas da Rainha serão consideradas escolas de torpedos para os effeitos convenientes.

Visto o caneiro produzir mais miasmas do que os necessarios para o consumo e para a defeza, poder-se-hão exportar alguns para o estrangeiro.



A' boca do caneiro será levantado um monumento a Cambrone e á iniciativa nacional.

Será nomeada uma commissão encarregada do entreter o *miasma sagrado* em Alcantara, lançando quotidianomente dentro do caneiro os artigos de fundo que se julgarem mais convenientes para o effeito.

# Amor a vintem a linha

ANNUNCIO N.º 253 PUBLICADO NO *Diario de Noticias* DE HONTEM

«Roza no peito
8-8-1880

Vi-te na guerra dos zulus

E achei-te triste.

Eu disfarçava

Para teu papá e tua tia não darem por mim.

Mas á saída parece que surprehenderam os nossos amantes venturosos.

Segui-te depois pela rua do Principe

E tossi duas vezes para te dar signal.

Tu correspondeste

E a tua tia tornou a olhar descoçada.

Não faças caso dos jornaes, porque o que elles tem é inveja de não serem correspondidos. — Z.»

N. B. O *Antonio Maria* tanto não tem inveja da ventura do *felizardo Roza ao peito*, que põe todos os meios de publicidade de que dispõe, ao serviço da sua terna affeição.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## Os dois meetings da semana

Fallou em publico Magalhães Lima e disse *phrases inspiradas* aos eleitores.

Fallou em particular o seu antagonista Simões Carneiro, e disse: — Deixa estar que eu t'arranjo...

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## Casos da semana

Pela cidade atravessou, puxada por trinta e duas juntas de bois formadas em cortejo, uma pedra destinada a fazer cair, mais tarde ou mais cedo, o frontão da camara com municipio e tudo.

O digno prior contemplava o calhau e dizia comsigo: — Que bella pedra que eu ali tinha para substituir a do meu annel, ou então para substituir a cabeça do Adriano Machado!... É uma pena que não vá para o ministerio da justiça!...

O *Progresso* comparou o *Antonio Maria* ao *Triboulet* querelado trinta vezes pela justiça franceza e ultimamente perseguido na pessoa do seu redactor principal que foi expulso de França; e o *Progresso* concluiu o seguinte:

Que o *Triboulet* é muito mais innocente do que o *Antonio Maria*. D'aqui a supremacia das nossas *instituições vigentes* sobre o regimen que actualmente vigora em França.

Poucas palavras ao *Progresso*. O *Antonio Maria* está no ponto de vista artistico em que a fatalidade do meio o collocou. Em quanto ao modo de fazer politica, entre nós dois ha um abysmo.

O *Progresso* ha pouco mais d'um anno *investia* com a realesa da forma por que está bem presente no olfato de todos os cidadãos portuguezes. Todos os epithetos de que o *Antonio Maria*, de quando em quando, lança mão por *blague*, foram inventados pelo *Progresso* — a sério.

Ora entre nós dois ainda se dá mais a seguinte differença.

O caricaturista do *Antonio Maria* tinha ha um anno um logar publico de que ha muito tempo *não recebia honorarios*; ainda assim desde que as circumstancias o collocaram n'uma posição em que não podia ser extremamente amavel para com as instituições, pegou em meia folha de papel selado e demitiu-se.

Por esse tempo, — coincidencia extraordinaria! — O *Progresso* engulia todos os seus ataques á realesa recebendo dos seus amigos um logarsinho que não é de todo em todo para despresar...

Em quanto ás caricaturas *impessoaes* de Cham e de Berthal em que o *Progresso* falla, não pensemos n'isso. São assumptos de que o *Progresso* não entende nem palavra. Não cometamos o sacrilegio de discutir arte na Ribeira Nova da politica.

Quer o *Progresso* acceitar uma proposta?

Expulse o *Antonio Maria* do paiz como o governo francez fez ao *Triboulet*, mas em compensação apresente para aqui, no partido progressista, um politico da grandeza de Gambeta, capaz de fazer de Portugal uma nação em vez de fazer d'ella... um tumulo.

Ainda o Conselho d'Estado não resolveu a questão pendente entre os dramaturgos concorrentes ao premio do theatro de D. Maria II e já nova questão artistica

## Casos da semana

No Passeio

O combate naval do Cabo de S. Vicente deixou tudo a *ver navios*.
A *ver navios* e... fumo.

Nos Recreios

No theatro Apollo são tudo sombras; é tudo fumo.
Parece que o proprio corpo de baile tem estado ao fumeiro!

parece que está affecta á sabedoria de tão solemne tribunal.

Diz-se que varias discipulas do professor Justino Soares recorreram para aquella suprema e ao mesmo tempo augusta, e ainda por cima carunchosa instancia, da resolução do supracitado professor e bailarino que, n'uma das ultimas funcções do Passeio Publico, resolveu conferir a duas discipulas suas os cãesinhos d'algodão em rama que no entender de muita gente deviam ser conferidos a outras.

As vergonteas offendidas no seu amor proprio confiam em que o Conselho d'Estado saberá fazer justiça, e que em face da legislação em vigor, compenetrando-se do *Manual da Dança*, mandará entregar a quem de direito devam caber, os premios que o abalisado e por um momento desvairado professor desviou do fim justo com que foram creados.

Corre tambem que o professor Justino não reconhece a competencia do tribunal e que está resolvido a chamar o Conselho d'Estado ao Passeio, obrigando-o a dançar uma quadrilha d'exame em face do publico.

A realisar-se esta prova o Conselho d'Estado será obrigado a apresentar-se de fatinho curto, sendo avisado previamente, pela folha official, de que a nenhum conselheiro é permittido, no recinto do baile, metter o dedo no nariz.

⁂

As contendas dramaticas a proposito da melhor peça representada no theatro de D. Maria II no decurso do anno estão prestes a acabar.

Segundo a nova proposta da sociedade dos actores o premio destinado d'ora avante aos originaes é constituido pelo producto liquido da decima quinta recita d'esse original.

Ora estando calculado que as representações d'uma peça em D. Maria II, por melhor que ella seja, nunca excedem o numero doze, claro está que o premio da 15.° nunca ha de custar muito a levar para casa.

Mas a attingir, por ventura, qualquer peça este milagroso numero de representações, poderá então acontecer ao feliz auctor dramatico o seguinte:

Ser elle quem tenha de pagar a illuminação!

Que futuro brilhante os concursos reservam aos cultores da arte dramatica em Portugal!...

⁂

A camara municipal resolveu officiar ao governo a fim de que este mande uma commissão d'engenheiros

## O CALC

**Pagina inspirada pelo facto de se ter prendido um**

(Imitação do co

Tão forte és tu asphalto que o meu pé prendes?

— Mais forte é o annel do prior que me derrete.

Tão forte és tu annel do prior que derretes o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte é o prior que me traz.

Tão forte és tu prior que trazes o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte Adriano que me ma

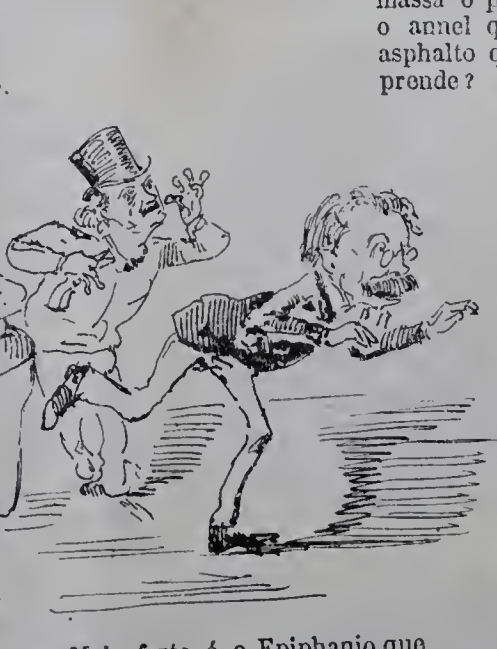
Tão forte és tu povinho que eleges o Abreu que escuta o Adriano que massa o prior que traz o annel que derreto o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte é o Gomes que me esfola.

Tão forte és tu Gomes que esfolas o povinho que elege o Abreu que escuta o Adriano que massa o prior que traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte é o meu sogro que me admira.

Tão forte és tu Bailio que persegues o Bolama que afaga o sogro que admira o Gomes que esfola o povo que elege o Abreu que escuta o Adriano que massa o prior que traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?



— Mais forte é o Epiphanio que me foge.

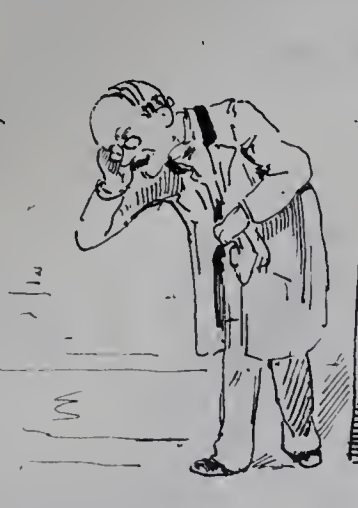
Tão forte és tu Epiphanio que foges do Bailio que persegue o Bolama que afaga o sogro que admira o Gomes que esfola o povo que elege o Abreu que escuta o Adriano que massa o prior que traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?

MANA

## r. Presidente do Conselho no asphalto do Chiado

*a e a neve)*

Tão forte és tu Adriano que massas o prior que traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?



— Mais forte é o Guilherme d'Abreu que me escuta.

Tão forte és tu Abreu que escutas o Adriano que massa o prior que traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte é o povinho que me elege.

forte és tu so-
ne admiras o Bar-
ne esfola o po-
que elege o Abreu
scuta o Adriano
nassa o prior quo
annel que der-
asphalto que o
pé prende?

— Mais forte é o Bolama que me afaga.

Tão forte és tu Bolama que afagas o sogro que admira o Gomes que esfola o povo que elege o Abreu que escuta o Adriano que massa o prior que traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte é o Bailio que me persegue.

— Mais fortes são os meninos que me apupam.

Tão fortes são os meninos que apupam o Epiphanio que foge do Bailio que persegue o Bolama que afaga o sogro que admira o Gomes que esfolla o povo que elege o Abreu que escuta o Adriano que massa o prior quo traz o annel que derrete o asphalto que o meu pé prende?

— Mais forte é o sr. juiz Vasconcellos que nos mette no Limoeiro.

## CASOS DA SEMANA

### A questão choreographica

(Dedicado ao *Cha-ri-va-ri* do *Jornal da Noite*)

Alguns discipulos do professor Justino, que damos por copia, reclamam contra a injusta distribuição dos premios no *baile infantil* do Passeio. O professor Justino, collocado na 5.ª posição; (Vidè o *Manual* de dança d'este professor) acha-se disposto a fazer justiça quando o par fizer bem o *guilhocé*. Antes d'isso não.

examinar se por ventura a fachada do novo edificio dos paços do conselho poderá supportar o frontão.

Esta consulta só por si, conjuntamente com o edificio a que se refere, constituem uma imagem tangivel da sociedade portugueza em fins do seculo XIX.

Portugal tem na cidade de Lisboa uma grande cabeça com que não póde, não obstante ella ser um pouco ouca, e o principal erro da nossa organisação social consiste na circumstancia da cabeça dos politicos ser na maioria dos casos oriunda das pedreiras de Pero Pinheiro, ao passo que os alicerces são d'um infimo barro!

Por toda a parte grandes cabeças para tão frageis pés: não se vê por cá outra coisa.

Oxalá, entretanto, que todos andassem tão avisados como a camara municipal, e que aquelles que se sentem frageis demais para supportar o peso que trazem aos hombros, em vez de se firmarem em dois pés, tomassem a resolução heroica d'andar em quatro.

A poetisa Angelina Vidal cantando n'um sarau litterario no Porto a *Marselhesa*, foi pateada por varios espectadores, a darmos credito aos telegrammas que nos chegam da invicta.

Para apreciarmos o procedimento, que a muitos se afigura grosseiro, d'aquelles pateantes, era preciso ter assistido ao sarau. A arte deve até certo ponto separar-se da politica. A poetisa Angelina pode ter expendido idéas muito generosas, e a essas os nossos applausos. Se porém, cantando a *Marselhesa* desafinou, queremos ser solidarios com a pateada em nome dos nossos ouvidos e em honra da memoria de Rouget de Lisle.

Consta a varios jornaes catholicos que se vae acabar o mundo, pois que o apparecimento repetido de Nossa Senhora e S. José não significa se não o empenho que tem a Virgem de que todos os peccadores se convertam.

Em todo o caso ia-mos apostar o seguinte: em como a *Nação* não deixa de mandar cobrar a importancia adiantada do semestre que vem...

Se o mundo está a acabar que demonio d'esperança póde restar á *Nação* de que o sr. D. Miguel II se sente no throno dos seus maiores?...

Tambem se não se acaba o mundo tinhamos por ahi o direito divino! Chegava elle e as castanhas assadas... em outubro.

## A questão africana

John Bull voltou ao seu logar de ministro plenipotenciario. Vem ver se lança definitivamente uns fundilhos nas negociações *rotas* de Lourenço Marques.

## Acto de contricção

A PROPOSITO DO *Progresso* DAR A ENTENDER QUE O *Antonio Maria* NÃO COSTUMA FAZER OS TYPOS BONITOS

Pesa-nos senhor, de não ter feito bonito o redactor do *Progresso*.

D'ora em diante vamos pintal-o como um seraphim.

Pesa-nos de ter feito o sr. Braamcamp *transparente*.

D'ora em diante vamos fazel-o *tapado*.

Pesa-nos de ter feito o sr. prior gordo.

D'ora em diante vamos fazel-o prior tisico.

Pesa-nos de ter feito o sr. Barros com duas mãos grandes.

D'ora em diante vamos fazel-o com quatro pequeninas.

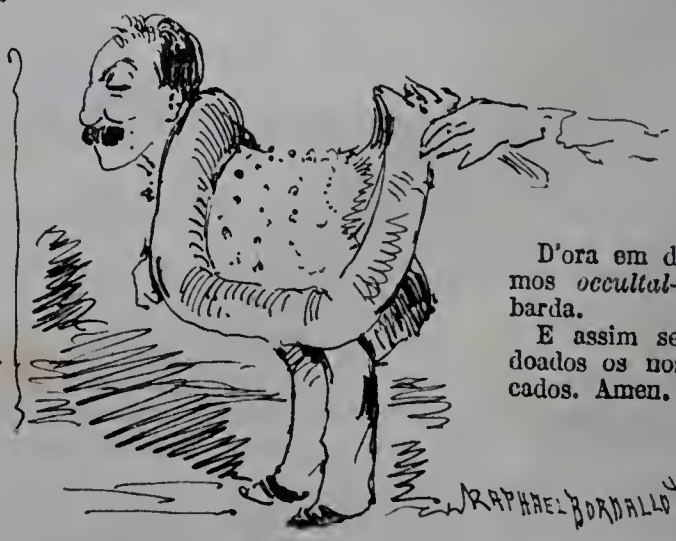
Pesa-nos de ter feito o sr. Saraiva de casacão.

D'ora em diante vamos pôl-o nu.

Pesa-nos de ter feito o sr. Adriano careca.

D'ora em diante vamos pôl-o de caracoes.

Pesa-nos de ter posto o poder occulto de sobrecasaca.




D'ora em diante vamos *occultal-o* de albarda.

E assim sejam perdoados os nossos peccados. Amen.

## Lenda d'um candidato

Contada pelo sr. Saraiva aos eleitores da Lapa

Da grainha fiz a vinha.

Da vinha fiz a cêpa.

Da cêpa fiz carvão.

Do carvão fiz carvoeiro.

Do carvoeiro fiz granjola.

Frum, frum frum que vou para Angola.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## Passatempos da semana

No theatro Apollo dos Recreios estreiou-se cantando *malagueñas* ao violão a señorita Rodiguez.

Tal qual a gracia e o *salero* do digno prior cantando a anthiphona á viola.

As febres que por algum tempo trouxeram apavorados os artigos de fundo, abateram a aza negra que ha quinze dias pairou sobre a freguezia da Lapa, sobre os tanques dos passeios, dando cabo dos peixinhos vermelhos que constituiam o principal encanto dos meninos e das praças de pret nas tardes dos dias santificados.

Ao principio suppoz-se que o morticinio era resultado d'um crime ou, por outra, uma vindicta exercida contra o municipio pelos bolos de strichnina propinados aos habitantes de Lisboa — comprehendendo os cães: depois suspeitou-se que os peixinhos tinham resolvido suicidar-se em massa a fim de não ouvirem os *potpourris* que a banda do 16 e outras costumam executar aos domingos á noite; por fim descobre-se que a epidemia que de começo tinha resolvido accommetter o *bairro mais salubre* da cidade, concluiu por desistir dos seus intentos, abatendo-se sobre os peixes, e deixando ao candidato do governo nas proximas eleições o cuidado de *corromper* o bairro, infeccionando a consciencia dos habitantes inscriptos no competente caderno do recenseamento.

A imprensa periodica de Vizeu queixa-se amargamente de que esta cidade, sendo dotada com todos os encantos da natureza, inclusivé um bispo como não ha outro na Europa, tanto pelo feitio como pelo pezo, não possua comtudo um simples *relogio official* por onde os habitantes possam regular os seus habitos quotidianos: um relogio que aponte a Vizeu tanto a hora final como a hora do almoço.

E' na verdade uma lacuna grave a preencher. Em politica o nobre bispo d'aquella diocese nunca soube bem *ás quantas andava*. Bom será que ao seu rebanho não succeda a mesma coisa.

O *Diario de Noticias* recebeu de Londres um telegramma que deve a estas horas ter feito sensação no mundo politico.

Este telegramma dava noticia dos dois seguintes factos:

1.º Em Londres está grandissimo numero d'estrangeiros.

2.º A Londres chegou o sr. deputado Pedro Franco e sua familia.

Que ruido não irá a estas horas na grande metropole ingleza! Um inferno! Pedro Franco por todas as ruas, a policia a desviar as multidões, e carros, carruagens, cavallos, cães, homens, tudo confundido n'um *pale-male* babylonico, sem se saber aonde principia Pedro e aonde acaba Franco!...

Decididamente o telegrapho é uma grande invenção! Não fosse elle e queriamos ver como o sr. Pedro Franco

## Passatempos da semana

Nos Recreios tivemos um vulcão alguma cousa inferior ao Vesuvio, mas que ainda assim, como vulcão para dois, tostões com baile do professor Justino Soares, nada deixou a desejar.

Não se lhe podia chamar o vulcão da demagogia porque a fallar a verdade, pela transparencia dava idéa do sr. Braamcamp. Além d'isso dentro da cratera, a sopral-o, via-se Mr. Amann, o que tirava toda a intenção politica que por ventura lhe quizessem dar.

Preço do vulcão — comprehendendo fornalha e tudo 18$000 réis. Ha mais vulcões para vender.

A J. Xavier de Faria principal iniciador do torneio maritimo na Bahia do Botafogo por occasião das festas de Camões.

havia de ser avistado da porta da sua pharmacia entrando em Londres triumphante!

A monotonia habitual de Lisboa só é cortada aos domingos pelas caldeiradas do Montijo ás quaes está concorrendo tudo quanto Lisboa tem de mais selecto e de mais cheio d'apetite.

No ultimo domingo a caldeirada fez esquecer nas plagas do Montijo, a algumas duzias de forasteiros, todas as amarguras da vida lisbonense. Parece até impossivel que a caldeirada não fosse descoberta ha mais tempo como panacêa para nos livrar dos erros dos ministros e da sensaboria dos restaurantes!

Toda a gente leu as descripções da grande festa maritima que por occasião do centenario de Camões tiveram logar no Rio de Janeiro na bahia de Botafogo.

Ahi vae o perfil do principal iniciador d'essa encantadora festa, o timoneiro do «Out-riggers» *Camões* que no grande torneio maritimo foi um dos vencedores como cumpria a quem tinha um nome que sahia tambem vencedor da posteridade.

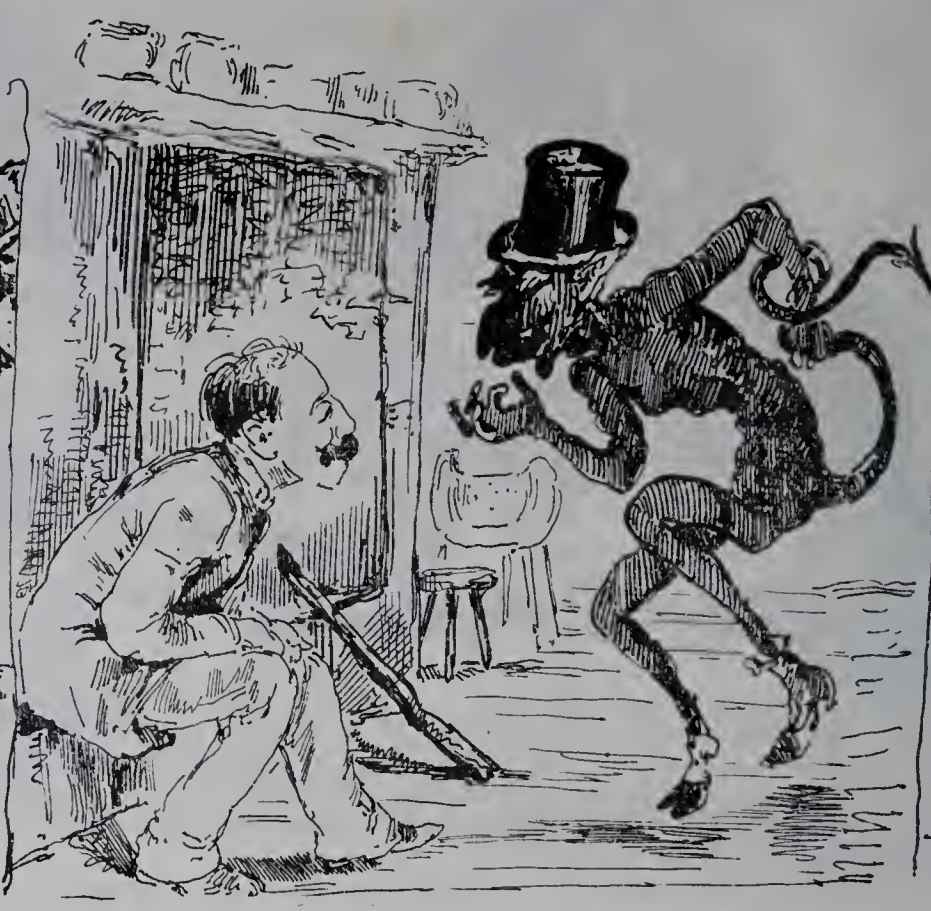
A. J. Xavier de Faria, é um valente, victorioso já em inumeros certamens maritimos d'esta natureza.

# O DIA DE

(

**O diabo á**

Estava o Marianno sentado ao borralho



Veio o diabo e perguntou-lhe: — O' Carvalho.

Pelo sim e pelo ni

Vem o Saraiva fazendo barulho: — Larga diabo o nosso estadulho.

O diabo corria ás soltas no ar;

E atraz

## HOLOMEU

o)

**a na cidade**

adulho da situação. —

Acode o *Progresso* e grita-lhe — ai, ai

— Larga diabo o estadulho do pae.

m e tudo a voar...

Por fim acolheu-os o gladio do Eterno

E diabo e governo cahiram no inferno.

## Cães, gatos, Hermenegildo d'Alcantara e outras sugidades

Artigo transcripto do penultimo numero da *Crença Liberal* e offerecido pelo *Antonio Maria* ao senado de Lisboa

A policia das escadas nunca terá resultado satisfatorio, em quanto a camara municipal se não resolver a fazer aos gatos a mesma guerra que faz aos cães, ou ainda maior se for possivel, porque os gatos são muito mais nocivos do que os cães para a salubridade publica.

Os cães andam pelas ruas, e ahi deixam a sua immundicie; mas os gatos preferem para esse serviço as escadas, e deixam n'ellas uma infecção deficilima de tirar. A ourina do gato exhala um fetido insupportavel, e introduz-se na madeira, de modo que, por mais que uma escada se lave, está sempre mal cheirosa.

Ha ruas, principalmente em que mora gente pobre, que são republicas de gatos.

A sustentação d'esses animaes, que as mulherinhas de porta de rua protegem com um amor maternal, é a causa de as ruas estarem sempre sujas de cabeças de peixe meudo, espinhas, e alimentos em estado de decomposição.

Os gatos attrahidos pelo favor das mulherinhas suas protectoras, depois de comerem o que ellas lhes offerecem, vão sempre ás escadas mais proximas; e depois de ir o primeiro vão todos os outros attrahidos pelo mau cheiro.

NB. o *Antonio Maria* confessa que este artigo da *Crença* é ainda assim, digam o que disserem, um dos mais aceiados que nos ultimos tempos tem visto a luz da publicidade na imprensa politica militante.

Em vista d'isto prescindimos de pegar em pá e vassoura e varrel-o com Hermenigildo e tudo.

## Monsenhor Pinto de Campos na redacção do «Figaro»

Monsenhor entra e agradece ao *Figaro* o denodo com que a catholica e bregeirinha folha tem defendido a santa religião.

Ao mesmo tempo sae M.elle Rigolbocho que tem vindo deixar o seu cartão de visita por motivos um pouco diversos.

Entretanto na meia vermelha os dois *agradecidos* confundem-se um pouco.

## O meeting do sr. Simões Carneiro, candidato governamental nas proximas eleições

A assembléa era numerosa.

O candidato em vez de fallar chorava.

A assembléa chorava tambem e as suas lagrimas eram pretas!

Seria o remorso?

Sairam todos e foram para casa meditar nos destinos da patria.

Alguns lavaram a cara e a agua ficou-se negra!

Seria arrependimento?

Limparam a fronte e o lenço ficou preto!...

O que seria?...

Não era o effeito d'um crime: era o resultado d'uma industria muito louvavel, mas mais propria para fazer um jantar do que para fazer um deputado.

## O sr. Simões industrial e o sr. Carneiro politico

Resposta do «*Antonio Maria*» ás folhas da situação

Como industrial achamol-o immaculado como um arminho.

Como politico achamol-o mais escuro do que um carvoeiro.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## A orchestra das feras nos Recreios

(Prohibida, segundo o cartaz, pela auctoridade militar)

O burro tocou com um sentimento...

Como poucas vezes se tem ouvido *tocar burros!...*

Findo o concerto a auctoridade militar aproxima-se ordenando ao burro que tire a cabeça.

O burro cumpriu as ordens e appareceu uma praça de pret!

O jacaré fez o mesmo e appareceu um alto funccionario!

O tigre imitou-os e appareceu um deputado da nação!

D'ora ávante nas orchestras de animaes sómente será permitida a sobrecasaca e o chapeu alto.

## A chegada do Alviella

Receiando alguns accionistas que o Alviella não chegue a Lisboa extremamente fornecido, o sr. Pinto Coelho resolve offerecer um *lunch* a fim de *fazer crescer agua na bocca* ao rio.

Annuncia-se que com a proxima formada de parés do reino entrará na camara alta o sr. visconde de Boisões. É talvez o momento de cessarem de dizer os amantes da oratoria, que desde a morte de José Estevão não ha nas camaras senão garraios. O novo procere abre uma nova era. O advento de Boisões será uma barreira — a boisinhos.

Depois dos desastres nas touradas do presente verão, grandes clamores pedem ao sr. governador civil que prohiba as pégas. Desde que a estatistica patenteia, como presentemente succede, que em cada corrida se inutilisa pelo menos um forcado, a formalisada prohibuição official parece-nos inutil. As pégas serão em pouco tempo abolidas pelos bois.

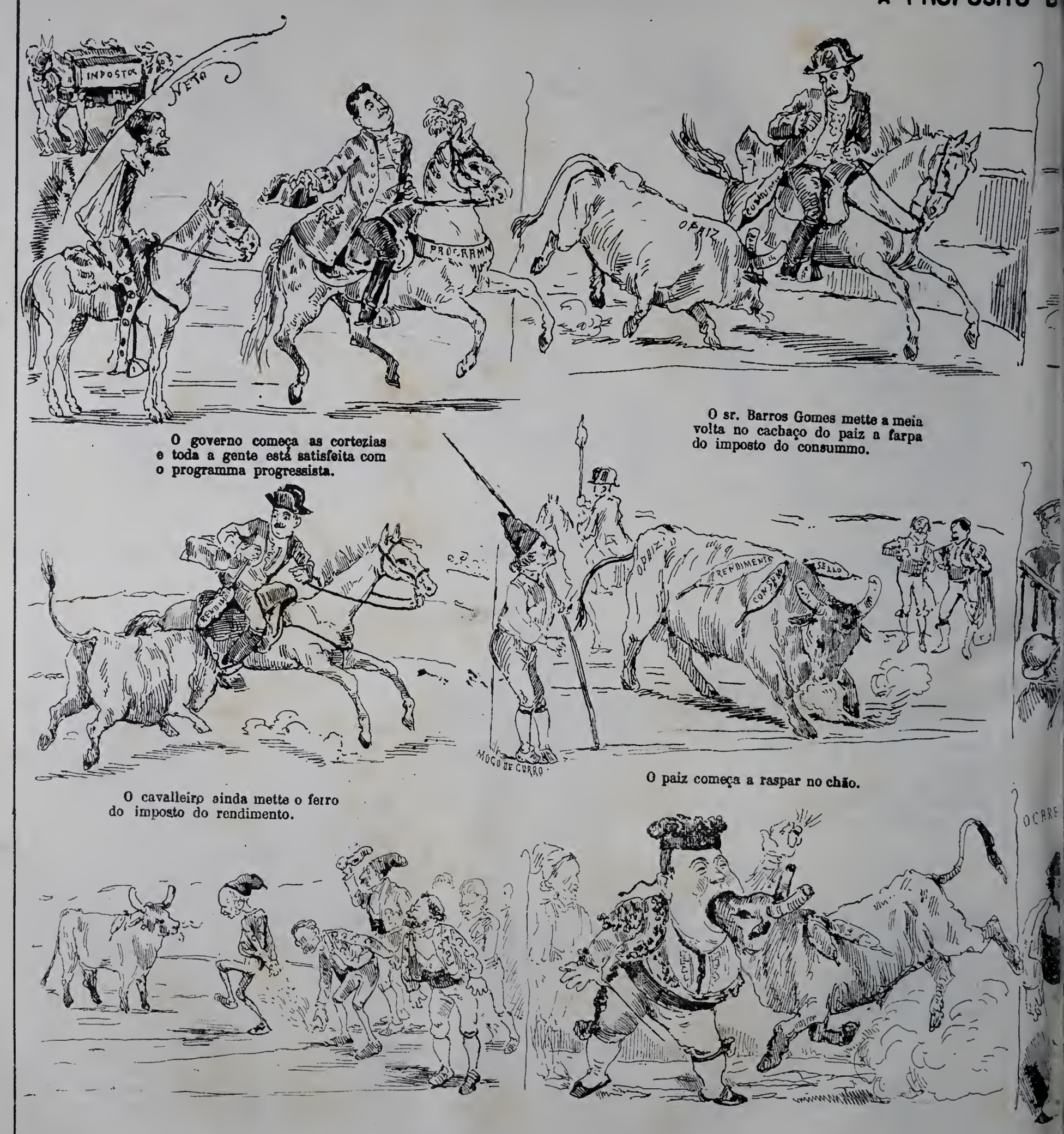
Um correspondente de Pedrouços, descreve em uma folha a tocante ceremonia da distribuição dos premios ás educandas do convento do Bom Successo. As alumnas d'aquelle collegio, que tem a reputação de ser o primeiro de Lisboa, deram as mais brilhantes provas do seu aproveitamento no estudo das seguintes disciplinas: *Lingua franceza, dita ingleza, dita allemã, dita italiana, musica, obras de mãos e conversação geographica.*

Este programma de estudos deve-se contemplar gravemente, porque elle encerra o typo mais completo e mais perfeito da instrucção da menina portugueza.

Com taes conhecimentos, a donzella estará apta para arrasar um piano (musica); para infestar a casa paterna com impudicos monstros de talagarça e de missanga (obras de mãos) e para sustentar com o seu futuro marido uma conversação em quatro idiomas, ácerca de geographia (conversação geographica e linguas).

O sr. Theophilo Ferreira, um dos mais compridos representantes da instrucção publica nacional, no congresso de Bruxellas, fez o espanto da assembléa, agradecendo-lhe n'uma lingua que ella nunca tinha ouvido, com um jogo de braços de que ella nunca havia tido noticia.

## A PROPOSITO D




O governo começa as cortezias e toda a gente está satisfeita com o programma progressista.

O sr. Barros Gomes mette a meia volta no cachaço do paiz a farpa do imposto do consummo.

O cavalleiro ainda mette o ferro do imposto do rendimento.

O paiz começa a raspar no chão.

Os forcados avançam e incitam o bicho atirando-lhe aos olhos com a poeira das economias.

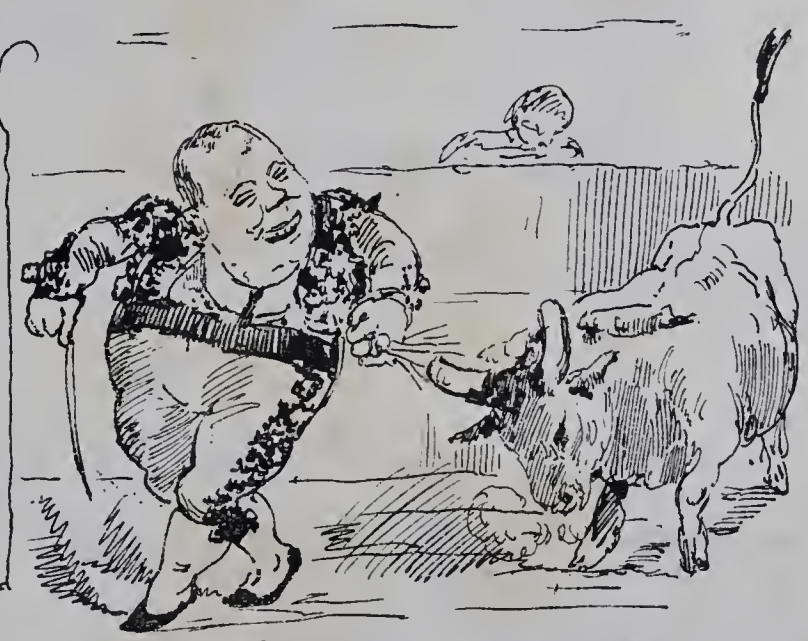
O prior offerece-se para *comer* o boi de cara.

# O DAS PÉGAS

Depois o ferro curto do imposto do sello.

O paiz pula e as capas começam a chamal-o.

O *intelligente* Marianno, o *Botas* da situação, manda pelo *netto* recado aos forcados para pegarem no bicho.



O bandarilheiro prior dá uns passos d'annel para *amaciar* o bicho.

O sr. Barros Gomes já vestido de forcado bate-lhe as palmas com as suas immensas mãos.

O boi por fim avança e faz o que já devia ter feito ha muito tempo.

## Coisas d'Hespanha

O FUTURO E PRESUMIDO HERDEIRO

Se for menino será gran-cruz de todas as ordens, diz um decreto d'el-rei seu pae.

O *Antonio Maria* achava muito melhor nomeal-o logo por uma vez Avila e Bolama de nascença.

Outro professor portuguez fez a traducção do discurso para francez vulgar, e a assembléa applaudiu com enthusiasmo. O sr. Theophilo não estava tão zangado como o auditorio na verdade suppunha.

Hontem, a Agencia Havas, contava-nos que o professor Theophilo fizera outro discurso sendo muito applaudido pelo additorio feminino que o escutava.

De duas uma; ou a parte feminina do auditorio entendia melhor o portuguez do que os seus collegas barbados, ou o professor Theophilo usou para com o bello sexo de uma linguagem differente.

Principiamos a desconfiar do congresso de Bruxellas em geral e dos seus resultados em especial.

O sr. governador civil anonymo que actualmente dirige os destinos de Lisboa é sufficientemente mouco, como convem a uma auctoridade administrativa interina, para não escutar o grande clamor da imprensa que ha quinze dias brada pela abolição das pégas nas touradas.

*A grande voz da imprensa!* Nem se escuta no governo civil quanto mais nos confins do mundo. Por fim de contas quem no ultimo domingo prohibiu as pégas foi o publico! Foi elle que se encarregou de policiar o sr. governador civil.

Descobriu o *Progresso* que o *Antonio Maria* combate a *feição industrial* da candidatura do sr. Simões Carneiro.

É uma illusão como tantas outras de que aquella parca folha anda possuida. Para o *Antonio Maria* um negociante de carvão é em regra um homem mais benemerito do que um principe, mas quando se trata d'eleger um deputado a primeira coisa que temos a perguntar-lhe não é como se accende um fogão, é como se forja uma lei.

Ora o sr. Simões Carneiro, — honestidade e carvão á parte — tem no cerebro alguma coisa pela qual merecesse ser, por exemplo, eleito deputado por Paris, a cidade revolucionaria que mais tem honrado nos tempos modernos os trabalhadores e os operarios?...

Não; o sr. Simões, tendo muita vertude, não tem ao que nos parece, muitas ideas, e com idéas é que se governam os povos.

## Ultimos despachos do Ministerio do Reino

Requerimento lançado na caixa.

Despacho de S. Ex.ª o ministro.

É verdade que em Portugal não é com idéas que se *governam* os politicos. É com dinheiro.

Os portuguezes estão praticando coisas da fortuna no estrangeiro. A Havas está fazendo com elles um dispendio prodigioso de palavras!

Tivemos o sr. Pedro Franco entrando triumphante em Londres a semana passada. Logo em seguida o sr. Theophilo Ferreira espalhando o terror no congresso pedagogico de Bruxellas. Apoz o sr. Fontes seguindo na sua marcha triumphal para S. Petresburgo; agora chega-nos a noticia do sr. Lopo Vaz estar visitando com o maior exito as alfandegas francezas.

E note-se que ainda não começaram a chegar noticias dos 7500 que o sr. ministro da guerra enviou a presencear as manobras dos exercitos francez e italiano.

Deus do ceu! o que ahi irá pela imprensa, quando constar que elles deram uma galopada no estrangeiro! E sobretudo quando constar que não cahiram, — e sobretudo quando constar que almoçaram!...

A auctoridade militar, dizia um aviso collado nos respectivos cartazes, prohibiu a orchestra de feras no theatro dos Recreios.

Não se comprehende bem que pontos de contacto haja entre alguns animaes de gutaperche e o exercito, entretanto o que é certo á que a prohibuição se fez e que o emprezario Amann lhe obedeceu.

Por fim de contas parece que o burro que no theatro Apollo tocava clarinete não era bem burro, mas simplesmente uma praça de pret, e que alguns outros animaes continham dentro de si varios ornamentos militares assalariados para aquella orchestra funambulesca.

Em todo o caso era melhor deixal-os occultos no véo do anonymo; isto é na cabeça de burro, do que vir denuncial-os ao publico que não tinha dado por isso e que agora começa a comprehender a verdadeira vocação de alguns dos seus filhos a quem entrega a defeza da patria.

## CASOS DA SEMANA

### A chegada do sr. Pedro Franco da sua viagem á roda do xarope inglez

Vem trajando á moda da Escossia.

Os xaropes nacionaes desconhecem-no.

Recordam-se vagamente d'um Pedro que os poz ao lume.

D'um Franco que os enfrascou.

E acham-se agora na presença d'um Franco que talvez se *enfrascasse* na Inglaterra.

Elle entretanto reconheceu em Londres que o verdadeiro peitoral não é o d'elle... é o do Porto.

E com a tristesa antiga do rei de Thule ao chegar a Belem deitou o xarope ao mar.

E depois poz-se a tocar na gaita de folles das suas recordações a aria do pariato.

## Depois das eleições

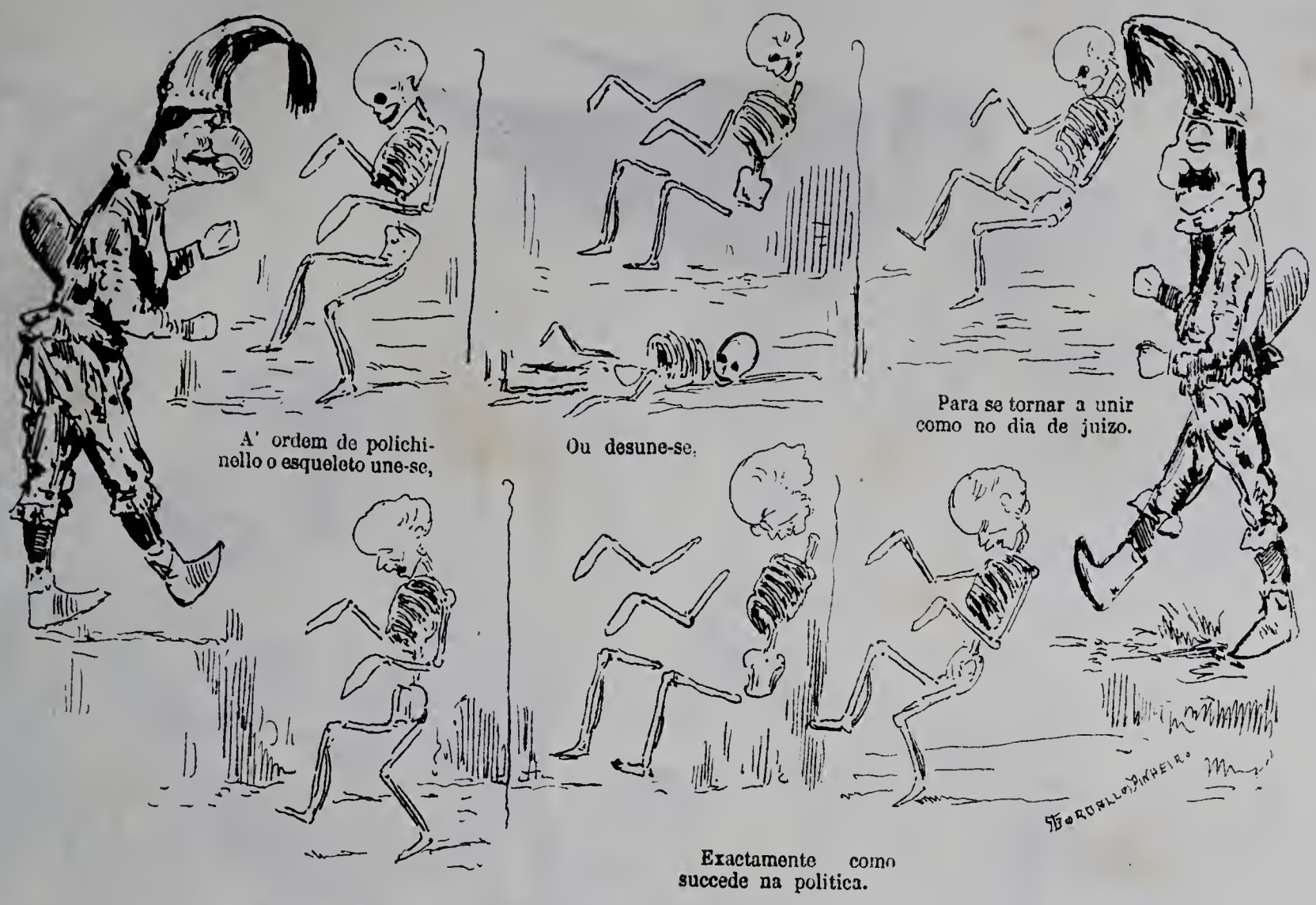
A' vontade de seu dono.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## A Guilherme d'Azevedo

A metade do *Antonio Maria* que fica, saúda a metade que parte. Adeus, querido e bom amigo. Vae em paz e dá lá visitas á Venus do Louvre e ao Mesquitella.

## Fantoches politicos




Pede-se á pessoa que por occasião do ultimo passeio militar de caçadores 5 tenha encontrado nas estradas a metade d'esse corpo, que por desgraça se perdeu da outra metade, o obsequio especial de a mandar entregar na secretaria da guerra.

Os signaes d'esse troço de exercito, infelizmente perdido como o *Menino da Mata*, são os seguintes:

Aspecto marcial, firmeza nas manobras, irreprehensivel aceio, terrivel ardor guerreiro, e calos. Usa luneta e trancelim no relogio. Meigo e terno no jogo das armas, é feroz e invencivel no da bisca!

O ministerio da guerra inconsolavel, offerece dos seus cofres, a quem lhe levar o exercito extraviado, uma boa gratificação... em recrutas.

Para evitar futuros extravios o ministerio da guerra nunca mais permittirá que os soldados saiam a passeio sem previamente lhes haver applicado a mesma medida preventiva que nós tomamos com os collarinhos postiços ao mandal-os para a lavadeira:—apontoal-os.

Sempre que o governo enuncia o projecto de fazer navegar o *Pimpão*, o Pimpão queixa-se de picadas no bojo e pede com displicencia que se lhe examine o casco. Ao fallar-se agora em o mandar para Marrocos o *Pimpão* teve a colica do costume. Os peritos que immergiram a apalpar-lhe o ventre constaram com regosijo que pela millesima vez elle se achava coberto de mexilhões.

Tudo quanto esse couraçado custou ao estado em dinheiro, em biscas no parlamento, em piadas no jornalismo, em cordas, em dissabores e em breu,—tudo elle tem restituido e compensado amplamente em mariscos.

Que mais quer d'elle a patria?!

Exigir que elle navegue é torcer-lhe a vocação. Elle não tem genio nem saude para isso. Ser a mãe fecunda e extremosa dos mexilhões é o seu destino. Não é um vaso de guerra. Nunca o será! É um tacho de subsistencias. Parece-nos que ninguem o deve obrigar a dar tiros ao inimigo desde que elle prefere dar viveres á nação. Sempre que o examinam vê-se que o seu estado é um estado interessante de mexilhões.

Como paiz sabio o que nos cumpre fazer com o *Pimpão* é utilisal-o na alimentação publica. Mandal-o barra fóra, jamais! Abracemo-nos a elle com o mesmo carinho e com o mesmo enthusiasmo com que sempre nos temos abraçado á travessa do cozido. Inscrevamos o seu nome na signa do brazão nacional e ampliemos pelo seguinte modo a gloriosa e bem conhecida divisa das nossas crenças: *Sopa, vacca e arroz e pimpão!*

Se não o querem no Tejo—e concordamos nas vantagens de o transferir para outro sitio—fundêem-o na barraca da Pincha ou na horta da Perna de Pau.

**A sagraçã**

Eras um homem benemerito. Levavas ás costas em sonhos umas azas negras como o carvão.

Agora as tuas azas são da côr do burro quando foge.

Tens emfim na mão a vara da justiça.

E para te dar essa vara o corpo eleitoral manifestou-se uma vara de bacorinhos.

Em nome do padre prior, de
santo Marianno, eu te sagro cav
*albarda e merito*, por nós instit

**leputado**

# Gothico

Carrão para o ceu. Preços reduzidos para quem votar com o governo.

Caim! que fizeste do cachucho de teu mano?

Artilhem-o com o bom tomate, com o bom azeite de Santarem e com a boa cebola albarrã, e para almirante — o *Dòutor Roxo*.

Para Morrocos, nunca! Se o Moiro apresenta symptomas de gula pelo nosso mexilhão e se El-Rei Nosso Senhor se quer mostrar propicio á Moirama bastará mandar-lhe em carta regia este annuncio:

*Alto ahi! cá está o Pimpão ás ordens com o bello marisco e bom modo para os moiros.*

O que pedimos sobretudo é que se deixem de o metter no dique para o arranjar. Arrangem-o n'um fogareiro, e depois d'arranjado passeiem-o, querendo, á cabeça das pretas.

As eleições supplementares de domingo, alem da victoria que deram ao governo, daria, tambem um novo raio ás scintillações faiscantes do annel do sr. prior da Lapa se lamantaveis questões de familia não tivessem vindo collocar sobre essa joia um apagador mortifero.

Por um d'esses rasgos de bizarria que ordinariamente levam os agentes politicos, a captarem com dadiva, o voto dos eleitores, distribuindo-lhes gratuitamente ou sejam chispes de porco com hervas em favor d'este ou sejam mãosinhas de carneiro com batatas em favor d'aquelle, o sr. prior da Lapa fez constar que distribuiria gratuitamente todos os serviços da Egreja áquelles que na sua freguezia votassem no candidato do governo. Casamento de graça, baptisado de graça, missa de graça, sermão de graça, enterro de graça, a mesma graça de graça! O ceu ás ordens! Uma pechincha!

Botou tudo a correr para a urna pelo governo e pelo prior barateiro.

A isto o mano do prior publica uma carta nas folhas pondo reticencias maliciosas e dubitativas adiante da honra e da dignidade do mano. D'este documento se deduz que o prior tem muito menos influencia com Deus do que com o sr. Adriano Machado; de modo que este grande personagem da arcada das secretarias não passa de um pobre lagalhé na arcada luminosa da Via Lactea. A bemaventurança que elle aquartilha para a impingir sob a fórma de sacramento e em paga do voto ao eleitor da sua parochia não passa de uma falsa bemaventurança, taberneada por elle proprio, — talvez com campeche!

Taes são as suspeitas com que a carta que acabamos de ler envolve, como n'um crepe, o annel de s. ex.ª. Se são infundadas estas suspeitas ai do que lhes deu origem! porque nunca mais deixará de ouvir a voz do remorso, implacavel e tremenda, bradar-lhe ao ouvido:

*Caim! Caim! Caim! que fizeste do cachucho de teu mano!?*

## Os fantoches politicos

Uma boneca tira cinco pierrots da algibeira.

O sr. Simões Carneiro tira muito mais eleitores.

Polichinello desengonsa-se.

E cada um dos seus membros se transforma n'uma figura.

Ao programma do partido progressista aconteceu pouco mais ou menos assim.

E na verdade polichinello dá um pouco idéa do nobre bispo de Vizeu.

## Lamentações de um forcado

Chamei-o.

Elle bufou, e doeu-me aqui.

Tornei a chamal-o. Deu terra, e, em seguida...

Ensarilhou commigo.

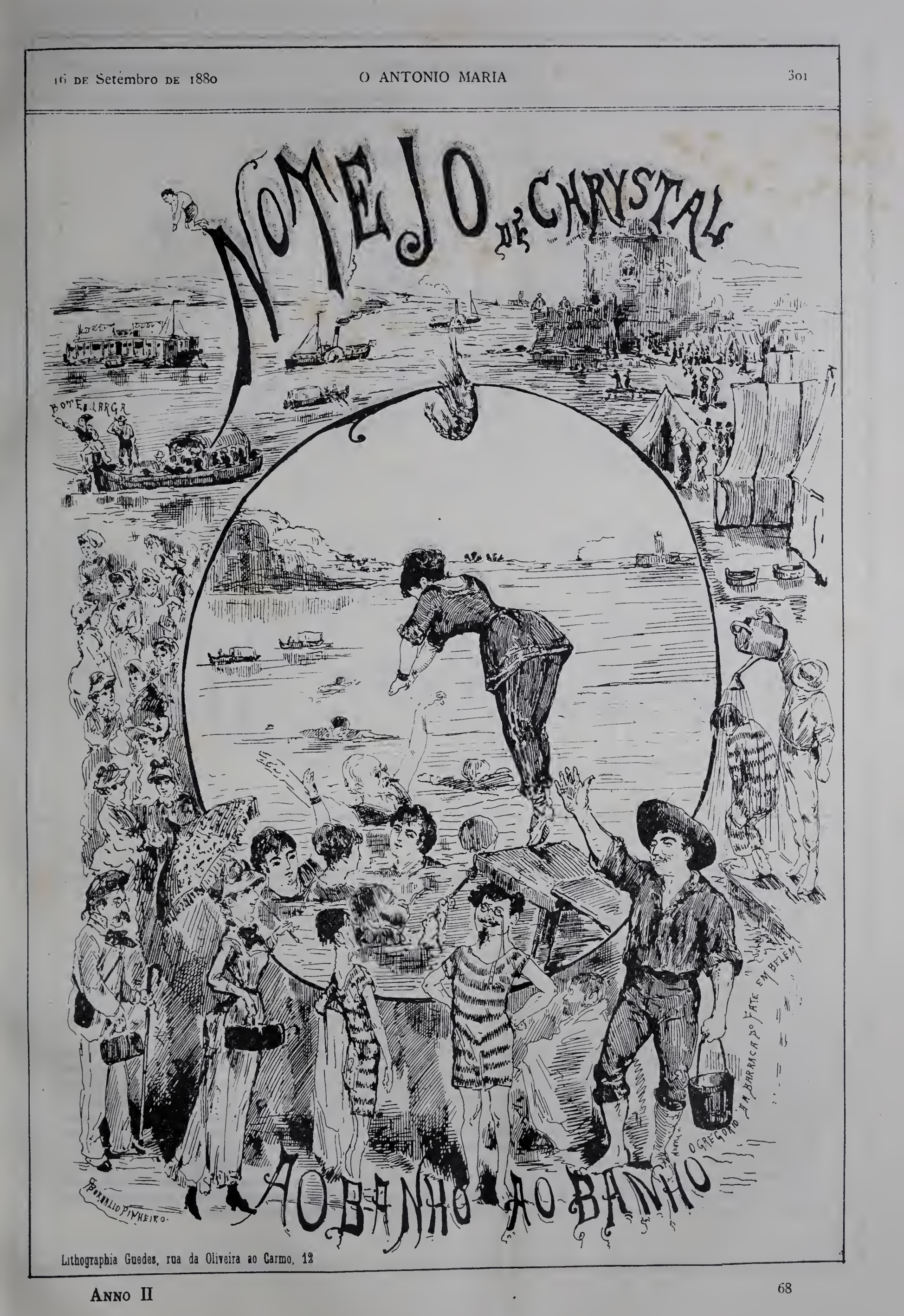
Levei d'aqui assim...

Mais d'aqui...

E lá. Estou prompto!

— 2$500 pelo voto de cada um, e levem-me para a camara dos deputados.

Péga por péga prefiro pegar na questão da fazenda.




Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## Banhistas

Os que váo á barca.

Os que vão para Pedrouços.

Os que vão para Paço d'Arcos.

Os que vão para Espinho.

Os que vão para Cascaes.

Os que vão para a Trafaria.

E' a hora da maré. Upa! ao mar! Á ponta da prancha, mãos juntas para deante e cabeça para baixo! Uma... duas... trez!... Cachapuz na agua!

Bôa coisa o mar! Tudo o que em Lisboa falta no mar sobeja.

Em primeiro logar — louvores a Deus! — o mar tem agoa. E não tem contador. Pode a gente lavar a cara sem pagar nada por isso ao sr. Pinto Coelho e sem inutilisar a ração d'agua calculada pela companhia para a sôpa de cada um.

Alem d'isso o mar tem o bom cheiro fresco e saudavel que nos falta nas ruas e nas casas; tem a força que nos falta no exercito; tem o movimento que nos falta nas ideias; tem entre as Bermudas e a Terra Nova a profundidade que nos falta nas convicções; tem na corrente do *Gulf Stream* o impulso e o calor que nos falta no enthusiasmo; tem na periodicidade das marés a pontualidade que nos falta nos negocios e nos carros americanos; tem na diligencia e na voracidade dos caranguejos a garantia de aceio que nos falta no pelouro da limpeza publica; tem ainda o phosphoro que nos falta nos cerebros, a cal que nos falta nos ossos, o ferro que nos falta no sangue e a prata que nos falta no bolso.

O mar seria o supremo bem, se não tivesse a praia.

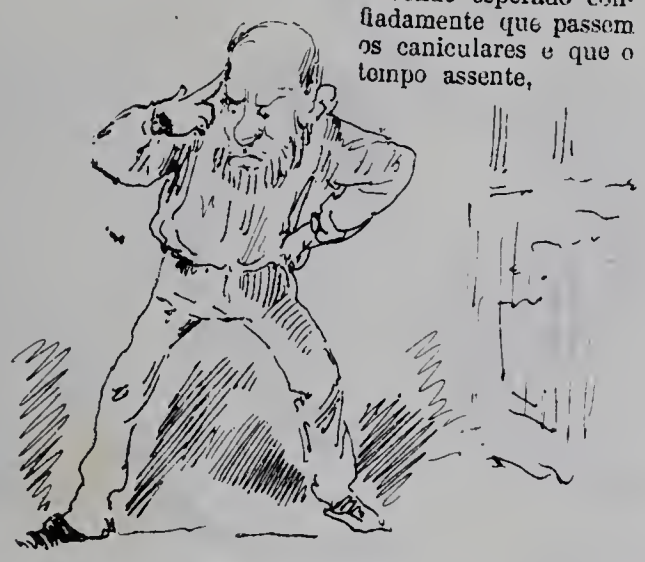
A praia de banhos reune todas as infecções que enodoam a vida: a batota; os trez namoros — d'olho, de carta e d'annuncio —; a contradança dos lanceiros; a recitação ao piano; as moscas; a poesia lyrica; o *Diario do Governo*; a poeira sordida; e o execrando voltarete.

Emquanto o congresso, que se inaugura na proxima segunda feira, não reune sob a presidencia do illustre litterato el-rei os quatro milhões de litteratos de que consta a população do paiz, Lisboa inteira acha-se dispersa pelas praias. Lá estão todos. O proprio governo foi a banhos representado no seu chefe o sr. Anselmo Braamcamp, cuja magresa principiava a faser concorrencia á fama do thesouro e á de Sarah Bernhardt. Os granjolas que se estavam banhando na Granja viram em certa manhã entrar na agua um calção vasio. Era o sr. presidente do conselho.

## Preparativos para o banho

Tendo esperado confiadamente que passem os caniculares e que o tempo assente,

Resolve-se tomar uma deliberação.



—Não se me irá transtornar a natureza?...

— Em todo o caso sempre me purgo...

— Venha lá uma gotinha d'agua pela cabeça...

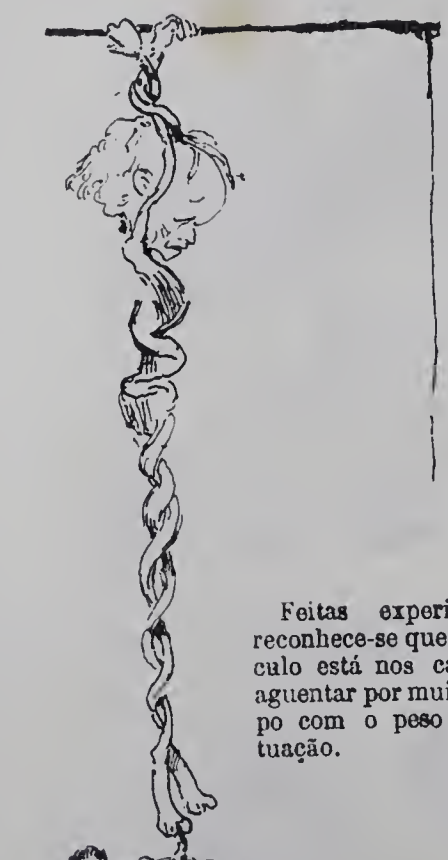
— Agora!

## A poli

Uma parte do governo vae para a Granja refrescar o pacto e o systema nervoso do poder.

Effeitos da primeira onda no musculo do governo

Segu



Feitas experiencias, reconhece-se que o musculo está nos casos de aguentar por muito tempo com o peso da situação.

Outra parte vae para a Torreira com o despacho da secretaria do reino.

O resto, sob a egide da situação, está-se preparando para se banhar mais tarde.

O poder moderador põe no rumo de Cascaes a barraca de banhos *vapor Mindello*.

O banh
tos pers

**banho**

Terceira. Quarta. O musculo no fim do banho.

Em Pedrouços a influencia do prior continua a ser geralmente reconhecida...

Porque elle é o melhor canal para pretendentes.

E o dos mais caros penhores.

Perante a onda jacobina.

## Rasões porque se toma banho

Por ordem do medico.

Por limpeza e ingenuidade.

Por namoro.

Por modo de vida.

Por dependencia, para captivar os superiores.

Por disciplina para fazer as continencias militares.

Porque ella é o pae e a mãe das constipações.

Porque elle é bello e quer mostrar o busto.

## Na barca

A companhia das Lezirias aproveita o banho na barca para apreciar a riqueza dos adubos de que dispõe a borda d'agua.

A poesia lyrica reconhece com magua que o Tejo exaurifero bebe os seus principios poeticos na sentina das novas escolas.

— Eu já vi este banho em alguma parte... — Pois vio, vio. se fui eu mesma que o deitei á pia esta manhã!

— Banho velho! Tomei-o ha tres dias n'um artigo do *Progresso*

## Concertos Breton no Coliseu

O GALOPE CONSAGRADO AO EXERCITO

O talento magico de Thomaz Breton faz da sala do Coliseu a piscina da moda, executa o unico *galope do exercito* em que não cahiu ninguem, e obriga o Camara a não sair.

## Abertura dos congressos

Na sessão solemne da abertura dos congressos na Bibliotheca da Academia os sabios constatam com surpreza que o regio docel se acha coberto de sanguesugas! Os oradôres collocam reverentemente sobre as bichas do throno a redoma da eloquencia.

Reunião do congresso em uma das galerias Daupias, onde floresce em obras primas a arte, que o governo cultiva em portarias.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## Croquis de viagem

CONTINUAR-SE-HA

Na Figueira os trombones da popularidade fogem do sr. Saraiva de Carvalho...

O que prova que d'esta *Figueira* Mariano come os figos.

Emquanto o *Fourgon* dos estadulhos ministeriaes conduzia em viagem de popularidade pelas provincias do Norte o sr. Saraiva de Carvalho, chegava a Santa Apolonia o comboyo da intelligencia conduzindo Quatrefages e Virchow, Henri Martin e Louis Ulbach, Van Beneden e Hildebrand, Cartaillac e Schaaffhausen.

As provincias não manifestaram pela flôr do constitucionalismo representada no ministro das Obras Publicas um apreço que se deva ter por incontestavel.

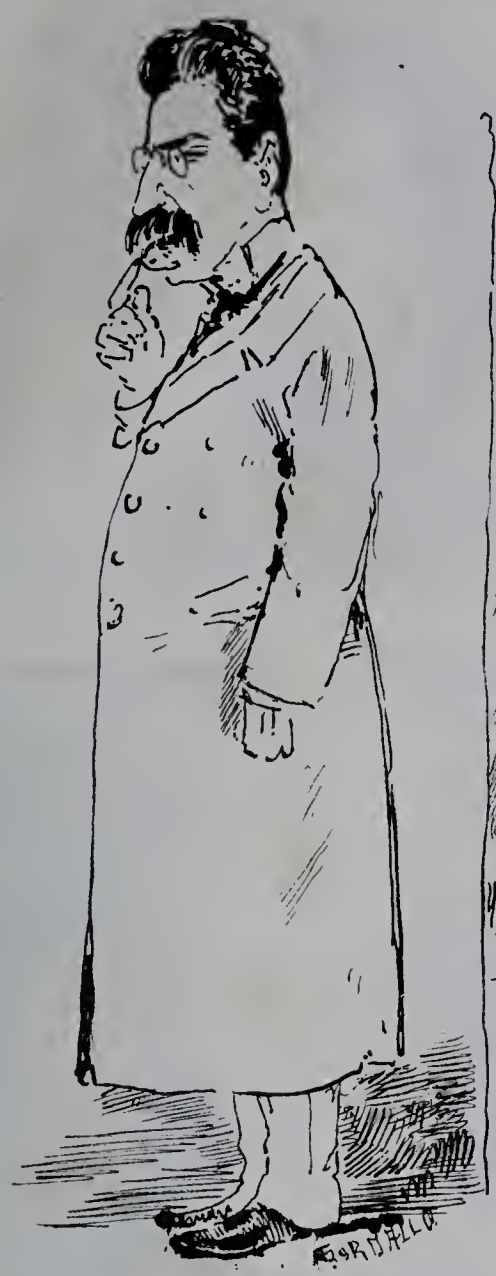
Os differentes orgãos do jubilo popular mostraram-se retrahidos perante a viagem do nobre estadista em volta da critica e da opinião do reino. As casacas dominicaes das vereações sertanejas, as banzas dos sol-e-dós e os cornetins das philarmonicas vacillaram irresolutamente nas suas manifestações de enthusiasmo official.

Parece mesmo que em alguns sitios as manifestações desertaram vilmente, fugindo com discursos e foguetes, amordaçando os figles, ensacando as violas e inutilisando para a combustão por meio de torpes incontinencias os fogos de vistas.

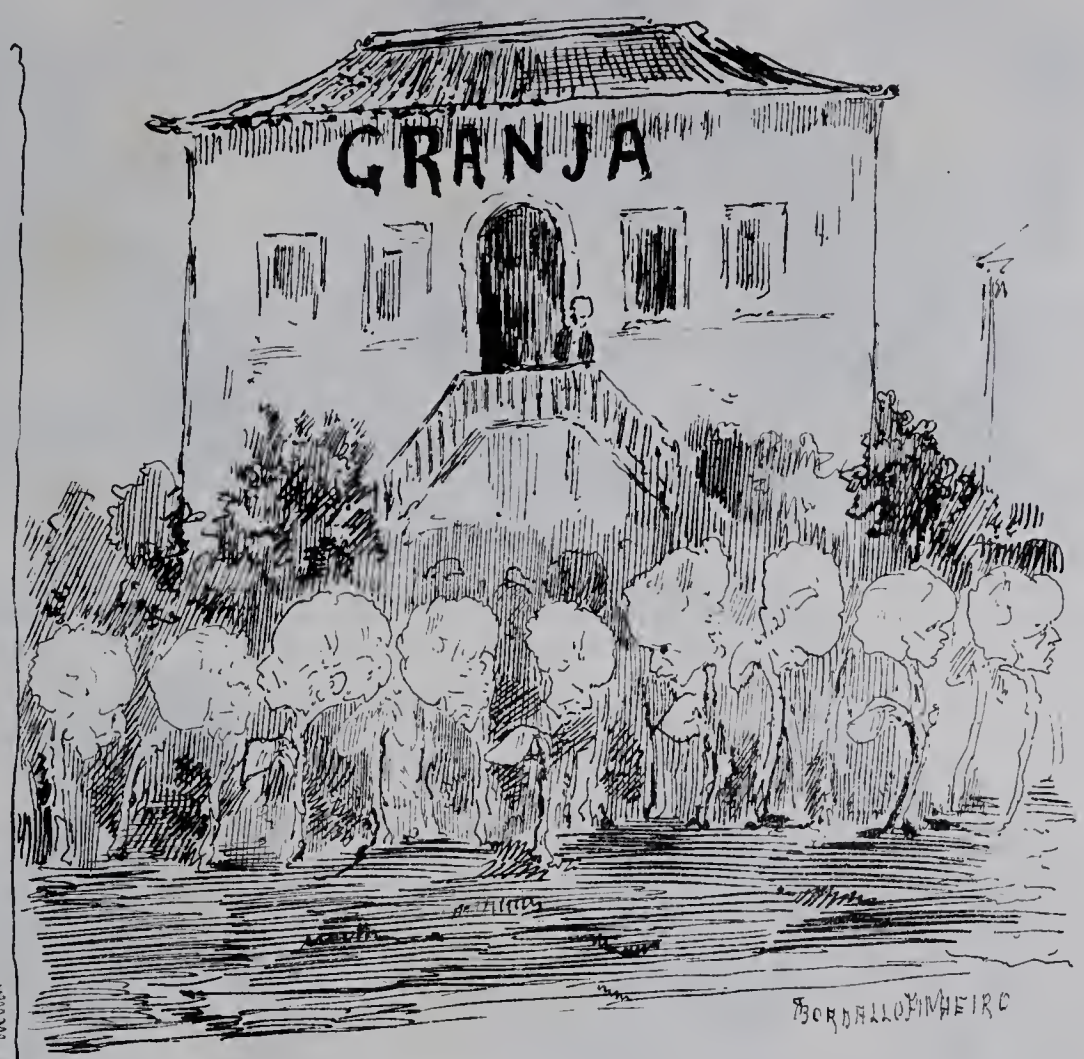
No meio d'esta derrota s. ex.ª o ministro mostrou-se grande, e assim como na tragica noite de Waterloo se viu na solidão do campo passar taciturno e errante o casacão branco de Napoleão I, assim nas plagas da Figueira da Foz o casacão cor de pulga de s. ex.ª vagueou tambem aos clarões da lua, magestatico e de pano piloto, vencido mas não bem feito, sorrindo amargo e abotoado até aos pés ás ironias que os Cambrones em tratamento balneario haviam lançado sardonicamente á babugem da baixa-mar.

## Croquis de viagem

Continuar-se-ha



A Saraiva rebenta-lhe a boca.




Na Granja a horticultura ministerial cultiva as *granjolaceas* (*couve braamcampica*).

---

A flôr da sciencia representada pelos congressistas estrangeiros foi respirada em Lisboa com todo o interesse compativel a orgãos mais ou menos atrophiados pela inacção e pela indifferença intellectual. O capitão Boyton e o principe de Galles fizeram mais impressão no publico do que esta legião rutilante de gloria, composta de velhos combatentes, de heroicos anciãos, que na idade em que os sabios portuguezes cultivam exclusivamente os ocios da bisca ou da inflammação de entranhas, se abalançam a uma longa e trabalhosa viagem para virem estudar nas fontes geologicas, sobre os vestigios das mais remotas industrias, a historia primitiva da humanidade.

Além dos silex e dos quartzites manufacturados pelo brutinho precursor do homem, a cuja especie Mortillet deu o nome de *Anthropopitecus Ribeirosianus*, Lisboa não tem por emquanto offerecido em homenagem aos estrangeiros illustres senão o seu clima e a sua liberdade.

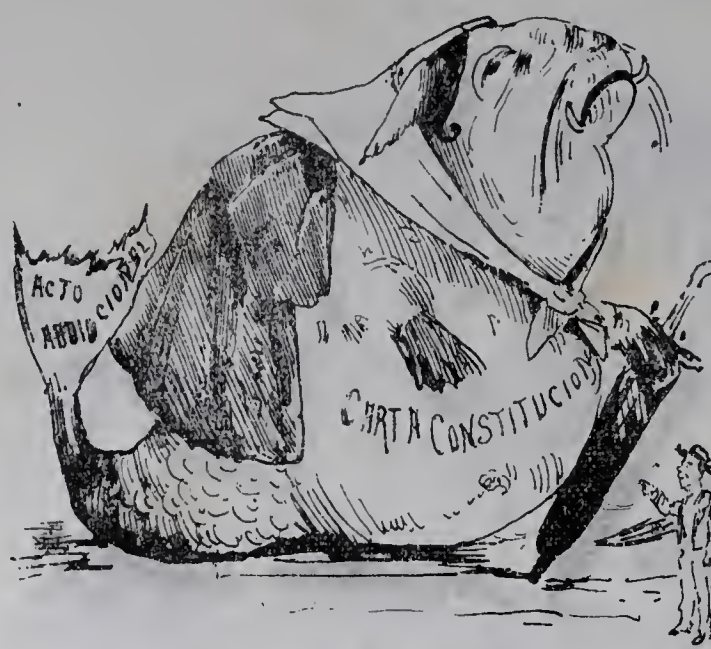
Nada mais tocante do que o encarecimento com que esses amaveis e queridos hospedes agradeceram ao rei na sessão inaugural dos congressos essas duas dadivas.

Elles estavam soltos e vivos. Nem o algoz nem o Aterro lhes tinham por emquanto dado cabo da existencia por meio do garrote ou por meio do typho. Elles mostravam-se penhorados até á suffocação por tanta munificencia.

E, ao ouvil-os, o principe sorria com magnanimidade. Via-se bem na regia physionomia que nenhum intuito canibalesco ensombrava o espirito do monarcha. As arcadas dos violinos amolavam com avidez na or-

## A nossa contribuição

Parecendo-nos util tornar conhecidos dos sabios alguns documentos da historia natural do homem, que não figuram




A carta constitucional (*antigo plesiosauro*).

A camara hereditaria (*antigo ictyosauro*).

As alfar
*pterodact*

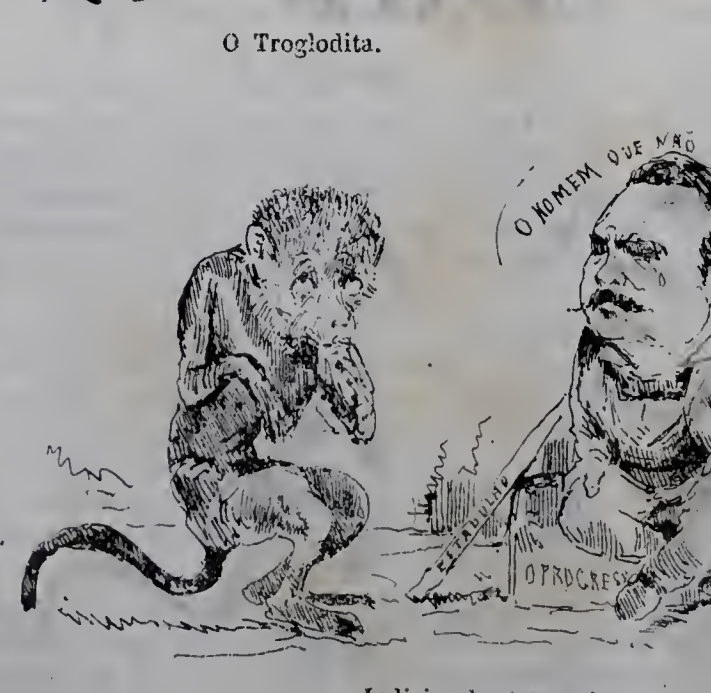
## Sobrevivencias do ho

O Troglodita.

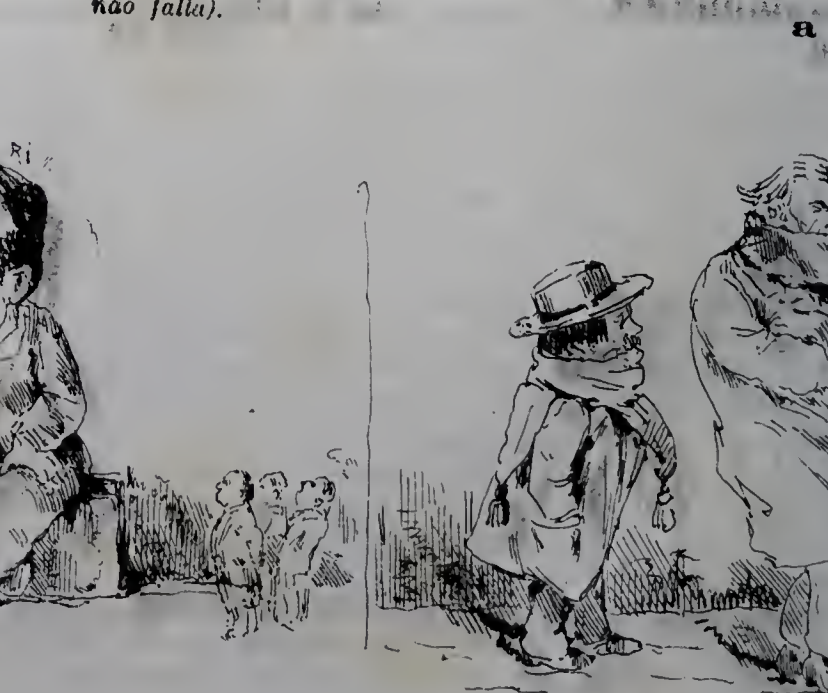
Homo alalus (*o que não falla*).

Homo caudatus (*o que tem cauda*).

## Phenomenos teratolog
## a herança de




Indicio da transmissão para o temperamento humano da misanthropia do orango.



Vestigio do arrefecimento da Europa entre os periodos miocéne e pliocéne.

## anthropologia nacional

opologico portuguez, cabe-nos a gloria de annexar esta pagina á collecção preciosa dos srs. Carlos Ribeiro e Delgado.

O exercito (*antigo mastodonte*).

## eontologico, de Linneu

Homo nocturnus (*o noctivago*).

Homo sapiens (*o varão perfeito*).

O Caliban.

## unciando por atavismo
## res anteriores

Caso pathologico na raça branca da *molestia do somno*, geralmente tida por caracteristica de raça preta.

Representação viva de todos os periodos da idade da pedra.

## Croquis de viagem

CONTINUAR-SE-HA

No Porto a vereação para não pousar no interesse da caricatura recusa reunir-se para o interesse municipal.

No palacio de cristal, bazar dos bombeiros voluntarios, cabe a *Antonio Maria* uma vestimenta ecclesiastica.

chestra o hymno da carta, mas o principe, passando de grupo em grupo, apertava cordealmente as mãos dos sabios e tranquilisava-os fallando-lhes ao ouvido.

Consta-nos que do real labio cahiu a promessa formal de que nenhum estrangeiro, por mais saboroso que elle parecesse, seria devorado nos festins da côrte. Esta declaração, que muito honra o soberano, afastando de nós toda a suspeita de anthropophagia, acabou por convencer os estrangeiros de que a civilisação portugueza é um facto consumado e definitivo.

Entre os congressistas anthropologos figuram dois ecclesiasticos. Como pódem estes dois varões alliar no seu espirito os interesses da fé que professam com os da sciencia que cultivam? A investigação geologica e a tradição biblica repellem-se ou destroem-se entre si. São estes clerigos, como o padre Bourgeois, dois verdadeiros sacerdotes da sciencia, ou são dois falsos sabios de sachristia?

Um congressista, que tem um nome glorioso na historia da litteratura e na historia da liberdade, manifestava-nos sobre esse ponto as suas duvidas na seguinte phrase:

Il y a des gens qui vont toujours vers la lumière, — ayant un éteignoir au fond de leur poche.

Nos cinco grandes salões da galeria Daupias o congresso viu na fórma de quadros bons a arte que o Estado por emquanto não expõe senão sob o aspecto de projectos maus.

## Croquis de viagem

CONTINUAR-SE-HA

Se o habito fizesse o monge, os bombeiros teriam um cura. Assim tivessem cura os incendios!

CONTINUAR-SE-HA

Esse desdem do Estado é frequentemente reforçado pela inepcia da critica perante os interesses da arte. Assim é que, ha tres dias, liamos em um jornal ácerca das provas do ultimo concurso de pintura historica na Academia das Bellas Artes, as seguintes linhas:

*Dos trabalhos do sr. Bordallo sobresairia o seu esboceto se n'elle se reconhecesse a originalidade que não tem, pois sendo o assumpto o Christo no Horto o sr. Columbano Bordallo aproveitou para o seu esboço o Christo de Paul de Laroche, alterando-lhe apenas a posição da cabeça e o fundo, supprimindo o rochedo...*

No quadro de que este critico diz ser copiado o esboceto de Columbano o corpo do Christo está appoiado a uma rocha, e tem a cabeça pendente. No esboceto a figura não está appoiada, e tem a cabeça levantada para o ceu. De modo que nas duas composições postas em cotejo é inteiramente differente a attitude e a expressão da figura, é differente a posição da cabeça, differente a posição dos braços, differentes os accessorios e differente o fundo. E é a isto que o sujeito chama ser um quadro a copia do outro!

Se o esboceto de Columbano fosse apenas copiado de um simples registro do Senhor dos Passos, este critico applaudiria; se elle fosse tão original que em vez de representar um *Christo no horto* representasse um *Christo nas hortas*, o critico tambem applaudia. Mas que o quadro lhe lembre Paul de Laroche, o critico não perdôa e, vingativamente, morde.

A imbecilidade quando chega a um certo periodo de desenvolvimento amollece os dentes. Os d'este critico são de cebo. Ainda assim haveria talvez utilidade em lh'os extrahir,—não para diminuir o numero das mordeduras, mas para augmentar o das velas.

# A excursão anthropologica a Cintra

Um mensageiro vae a Cintra encommendar ao *Pé-leve* 150 burros para 150 sabios.

E para que lhe não succeda como ao gallego que, em vez de encommendar sapatos de cordovão para uma menina de dez annos, encommendou sapatos de dez annos para uma menina de cordovão...

O mensageiro não cessa de repetir os termos da mensagem: «150 burros para 150 sabios.»

Em Cintra, face a face com *Pé-leve*, o mensageiro, a quem o coelho guisado embaraçou o fio da memoria na refeição da Porcalhota, pede 150 sabios para 150 burros!

O *Pé-leve* reune com diligencia os 150 sabios de Cintra, os quaes aguardam tranquilos os 150 burros de Lisboa,

emquanto os 150 sabios de Lisboa partem confiados na pontualidade dos 150 burros de Cintra.

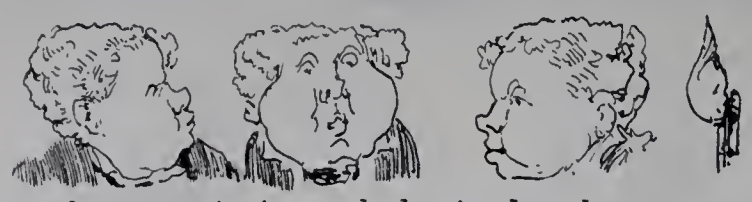
Inesperado encontro dos de Cintra com os de Lisboa. Illimitada surpreza de parte a parte. São todos sabios. Acabaram os burros!

E o avô commum, invocado pelo sr. Carlos José Ribeiro, lança do alto do nivel terciario miocéne a sua benção paternal e agradecida sobre o contentamento geral.

**Retrato authentico da microcephala apresentado ao congresso de anthropologia pelo dr. Feijão**

O professor Virchow hesitou em considerar como absolutamente provada a existencia do nosso homem terciario. Não hesitou porém em affirmar que o nosso caso de microcephalia é o primeiro do mundo. Os demais povos do globo podem levar-nos a palma n'outras coisas; em ter cabeças com menos cerebro, não.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12



Sua altesa o principe real, desejando pela sua parte fazer alguma coisa em honra dos congressos, teve a augusta e magnanima condescendencia de fazer annos. Por tão fausto motivo houve uma *soirée* real em Caseaes.

Os congressistas admittidos a essa festa receberam um convite concebido nos seguintes termos:

*O Marquez Mordomo Mór por ordem de Suas Magestades tem a honra de prevenir ao Ill.mo Ex.mo etc., que está convidado para o soirée que terá lugar etc.*

N'estas tres linhas notaram com surpreza os congressistas que existem quatro erros de grammatica.

Ora o erro de grammatica é em geral bom e convém adoptal-o de quando em quando para fortalecer e para alegrar o discurso. Quatro erros em tres linhas seria uma conta de erros admissivel e regular em estylo jornalistico; em estylo de côrte é talvez um pouco excessiva. Porque a côrte deve ser a primeira a respeitar as leis; a lingua faz parte das leis e das instituições; attentar contra ella é ferir e perturbar a ordem, é instigar á revolução, é promover a anarchia.

Suppondo que á Mordomia do palacio será talvez grato modificar no sentido da ordem este lamentavel estado de rebeldia, tomamos a liberdade de especificar os erros a que nos referimos:

Em primeiro logar o complemento *por ordem de suas magestades* não modifica o termo a que vem junto, modifica o verbo, e n'este caso ou devia ser collocado depois da palavra *prevenir* ou devia ser posto no principio da oração. Como está é erro de construcção. A proposição *a* empregada entre o verbo *prevenir* e o seu complemento directo representa um erro de regencia. O artigo *o* antes de *soirée* é erro de concordancia. Finalmente a locução *terá lugar*, na acepção em que se acha empregada, é um gallicismo. A boa orthographia etymologica pediria ainda que a palavra *lugar* se escrevesse com *o* em vez de *u*. A redacção correcta seria portanto a seguinte:

*Por ordem de Suas Magestades o Marquez Mordomo Mor tem a honra de prevenir o Ill.mo Ex.mo etc. de que está convidado para a soirée de... no palacio de... etc.*

Estes senhores acabam de chegar. No logar que elles tão commodamente e tão opportunamente veem assentar sobre as nossas instituições deve talvez encontrar-se ainda o vestigio do grande pontapé historico do marquez de Pombal. Entre a plethora do velho marquez e a anemia do sr. Braamcamp existe o abysmo que separa estas duas epocas.

## Varias apresentações

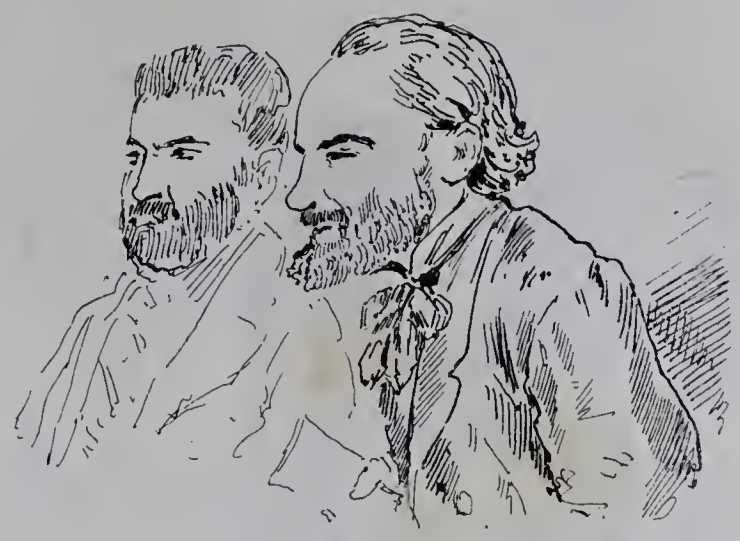
CARLOS RIBEIRO, O DESCOBRIDOR DO HOMEM TERCIARIO PORTUGUEZ.—Quando alguns dos sabios nacionaes viram posta em duvida a authenticidade d'este descobrimento elles jubilaram muito, porque não ha coisa que mais alegre um sabio ambiguo do que encontrar um outro que lhe parece mais ambiguo ainda. Não obstante isso, o nome d'este forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo e sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo.

O PROFESSOR CAPELLINI.—O unico e legitimo possuidor do homem terciario. Tral-o comsigo na algibeira, ou na copa de chapeu, ou nos canos das botas.. Tral-o sempre comsigo em alguma parte. Apalpem-o!

ANDRADE CORVO, PRESIDENTE DO COMITÉ ANTHROPOLOGICO. — Documento destinado a persuadir os estrangeiros de que é possivel em Portugal, ainda que sporadicamente, ser o mesmo individuo um ministro d'estado e um homem instruido.

BARÃO DE BAYE. — Senhor do castello de Baye e de uma collecção de craneos sufficientemente estudadas para se ter reconhecido que não pertencem aos avós de seu dono.

O APOSTOLO. — Meus irmãos! «Nem só de pão vive o homem» — disse o Divino Mestre, dando-nos assim a perceber que o aspic de foie gras e o vinho de Champagne são indispensaveis ao peccador. Hip! hip!



LADISLAU MICKIEWICZ. — Um escriptor polaco, cujo talento lhe permittiria ter criado um nome glorioso, se elle não tivesse recebido de seu pae — o grande patriota, o grande poeta, o grande professor — uma herança de gloria impossivel de accrescentar.

MENDES LEAL. — Os poetas dividem-se em duas especies distinctas: os de sangue vermelho e os de sangue branco. O nosso illustre ministro é talvez o primeiro de todos os poetas europeus de sangue branco. Quando a sua musa passa por entre as multidões, pallida e coroada de estrellas, as multidões compungidas desejariam offerecer-lhe juntamente com o seu enthusiasmo uma fatia de lombo e uma garrafa de vinho. Foi um dos organisadores do congresso litte-

rario. S. ex.ª talhou-o ao microscopio, o sr. Correia Leite coseu-o á machina. Ficou bem bom.

## Varias apresentações

O EXCELSO TRADUCTOR DE SHAKSPEARE, AUGUSTO PROTECTOR DO CONGRESSO. A posteridade dirá d'elle: *Traduziu pouco e condecorou muito. Jantava-se bem em sua casa. Foi bom principe.*

O PROFESSOR VIRCHOW. — É o chefe do partido liberal na Allemanha. Leva de Portugal para o museu de Berlim um varapau de carvalho cerquinho solidamente ferrado em cima e em baixo. Este cacete symbolico mostrará aos evos a mais doce *nuance* da politica allemã, na qual uns são pela violencia de bronze, outros são pela persuasão... de carvalho.

O NOBRE DUQUE PRESIDENTE DO «COMITÉ LITTERAIR». — Se quereis um homem para levar mais uma cruz ao Calvario, de qualquer ordem — litteraria ou de cavallaria — que seja essa cruz, aqui tendes esse homem!

HENRI MARTIN. — A sua physionomia de velho huguenote, traz á memoria a musica de Meyerbeer e obriga quasi a dizer: *Tu foste Marcello.* Tem oitenta annos, é um dos homens que mais sabe no mundo e no emtanto elle viaja ainda para aprender, como se principiasse agora, Lisboa deve-lhe esta phrase encantadora: É uma cidade de formas extranhas singularmente grandiosas; não se sabe bem onde ella começa, tambem se não sabe onde acaba, e o seu rio é vasto e profundo como o Oceano: eu vim tarde vêl-a, mas não perdi em esperar.

EMILE CARTAILLAC. — É a archeologia na forma de pé de vento. No logar para que elle olha os papeis esvoaçam nas mesas e os fosseis, dentro das suas vitrines, estremecem.

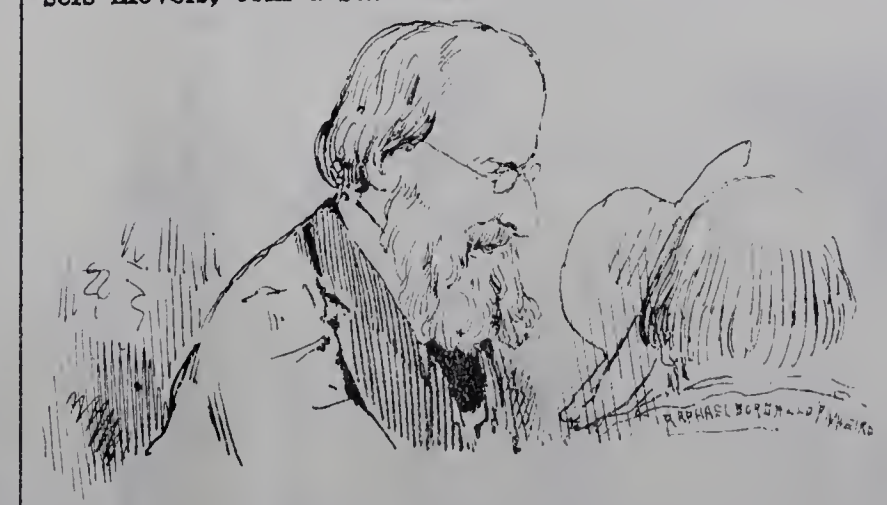
MADAME LA B... DE... — O mais gracioso e o mais elegante typo da fauna sabia. Nos congressos anthropologicos, em que as origens do homem o confundem um pouco com o macaco pelo primeiro elo da cadeia, collocar na extremidade opposta da serie esta importante congressista é fazer uma obra de misericordia, consolando anathomicamente a especie do desgosto de vir d'acolá pela honra de chegar aqui.

O SENHOR DE QUATREFAGES DE REAUX. — O Racine da Sciencia. A sua philosophia lembra vagamente *Phedra* vestida de côrte — *à paniers et à talons rouges*. A sua eloquencia usa espadim e *jabot*.

LOUIS ULBACH. — Por dentro é da companhia de Diderot e de Voltaire. Por fóra é da companhia do *Palais Royal*.

O SR. OPPERT. — O mais terrivel dos argumentadores.

Atira ao adversario com as suas idéas, atira-lhe com os seus gestos, com o seu relogio, com o seu chapeu, com o seu guarda-chuva, com os seus bens, com os seis moveis, com a sua familia. Convence.



MORTILLET. — *Conservador* no museu de Saint Germain, *revolucionario* na sciencia anthropologica. Seria de todos os conferentes do congresso o que mais sympathias teria grangeado no espirito da mocidade portugueza se uma desgraçada fita encarnada e branca mettida em roseta na sua casaca, por occasião do banquete da municipalidade, não deixasse presumir que elle está marcado com a cruz de Santo Stanislau, destinada em 1831 pelo governo russo a distinguir os algozes da Polonia e os seus representantes no estrangeiro.

O SR. POSSIDONIO.— Sabio nacional, organisador de um basar de prendas velhas no museu archeologico e descobridor de uma carroagem que elle mesmo não sabe se foi na antiguidade a tina de Semiramis ou se foi o bidé de Nero. Elle é d'essa berlinda, d'aquelle basar de prendas e do Instituto de França.

M. M. les savants et M. M. les littérateurs étrangers ayant projété de grandes fouilles historiques à fin de constater si Monsieur le Ministre de l'Instruction Publique existe, oui ou non, dans le royaume du Portugal, — nous sommes heureux de pouvoir annoncer à M. M. les savants et à M. M. les littérateurs que l'existence de Monsieur le Ministre de l'Instruction Publique Portugaise est un fait irrécusable. Sachant que deux congrès, dont l'un scientifique et l'autre littéraire, allaient se réunir pour quelques jours à Lisbonne, S. Ex.ce Monsieur le Ministre, plein d'ardeur pour tous les grands problemes qui s'attachent à l'avancement des sciences et des lettres, a pris son

zele à deux mains et, plus rapide que l'éclair, il a filé en province. S. Ex.ce, dont nous sommes justement fiers de pouvoir donner le portrait authentique, se baigne dans ce moment-ci. Espérons que cela lui profitera, en le rendant encore plus ardent, s'il y en a moyen !

Son Excellence Monsieur le Ministre de l'Instruction Publique et son zèle:

EMQUANTO A COMPANHIA PENTEIA A AGUA..... A CIDADE ARDE EM SÊCCO.

OS CONGRESSOS INICIAM A CARIDADE

# NA FIGUEIRA - CROQUIS DE VIAGEM

NA ASSEMBLEA RECREATIVA

## A TEMPESTADE

Era uma noite sem lua;
O vento bebado e rouco
Andava de rua em rua
Em delirio como um, louco.

Rolava-se pelas praças
Em furias, em convulsões,
Dava murros nas vidraças
Assoprava aos lampeões;

Gemia nos cataventos,
Que rangiam doloridos
Soltando uns vagos lamentos,
Longos, profundos, sentidos;

Corria pelos telhados
Como um lobo n'um pinhal
Dando uns uivos prolongados,
Como os uivos d'um chacal;

Silvava como as serpentes
Nas fisgas e fechaduras,
Gritava, rangia os dentes
Pelas trapeiras escuras.

De cabellos desgrenhados
A chuva, o negro corcel,
Dava tambem nos telhados
Uns silvos de cascavel.

Voava no ar em massas
Soltando uns longos sussurros,
Fustigava-me as vidraças
E espumava nos enxurros.

E o trovão rouco e soturno
Commandava dos espaços
Este delirio nocturno
Dos elementos devassos.

Pondo no seio uberante
Da natureza em desmaio,
Em impetos de estudante
O beijo quente do raio.

E eu na cama socegado,
Quente, bom, quasi a dormir,
Ouvia deliciado
O temporal rebramir.

Pensei de vago nas vidas
Que tal noite custaria
Nas miserias escondidas
Por muita casa bem fria;

Nos velhos sem agasalho
Nas creancinhas sem pão,
Flores sem luz, nem orvalho,
Robles partidos no chão.

Em muita mulher honesta,
Em muita martyr sem nome,
Que para a deshonra em festa
Impelle o braço da fome;

Nas esposas sem marido,
A que os filhos a chorar
Pedem lume em alarido
Em volta do frio lar.

Nos operarios sem obra
Sem pão, sem casa, sem leito,
A que o frio, a negra cobra,
Estala os ossos do peito;

Emquanto a mãe natureza,
Velha, feroz, sensual,
Pisca o olho de princeza
Ao bebado temporal.

E acavallo na procella
N'um correr desenfreado
Põe com desdens uma estrella
No cabello desgrenhado.

O' natureza! és sublime
De virtude e de boudade...
Apaguei a luz, sorri-me
E dormi como um abbade.

Alexandre da Conceição.

## O ALVIELLA

E disseram os engenheiros da companhia a Moysés Pinto Coelho: Nós estaremos diante de ti na rocha de Horeb: e tu ferirás a rocha, e d'ella sairá agua, e beberá o povo. E assim Moysés o fez diante dos olhos dos anciãos d'Israel. E saiu vinho.

(*Exodo* Cap. XVII. Traducção livre).

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Foram-se os congressistas e chegou o Alviella. Os sabios levam de Portugal as impressões de tres factos capitaes: o vestigio do homem terciario, uma boa ruina em Citania, um incomparavel caso de idiotismo em Rilhafolles e alguma paizagem.

Se isto não basta para revelar uma civilisação inteiramente prospera, não sabemos então como é que um povo ha de mostrar que caminha pressuroso na senda do progresso. Temos a nossa excellente microcephala, temos as nossas boas lascas de pedrneira, temos a nossa querida ruina, e temos a bella herva d'alguns campos em que pastam alguns bois. Decididamente podemos mandar tocar o hymno, porque somos grandes.

Além d'isso a serie dos nossos banquetes durante os ultimos oito dias attesta uma fartura cuja descripção saciará por certo os mais exigentes. Banquete na Ajuda, banquete em Cascaes, banquete na Pena, banquete em Otta, banquete em Mugem, banquete em Cintra, banquete do rei, banquete da municipalidade, banquete da academia, banquete da companhia das aguas.

E ainda o povo diz que não está satisfeito! Já é preciso ser bruto!

Ponde os olhos no sr. Capellini, ó gente faminta e ingrata!

O sr. Capellini é um sabio. Elle é o unico e legitimo descobridor do homem terciario, assim como o sr. Franco é o unico e legitimo descobridor do caldo peitoral. Elle é o delegado da Universidade de Bolonha junto do congresso anthropologico, e trouxe da Italia, além de uma omoplata de baleia, muitas e muitas visitas do rei Humberto para sua magestade o sr. D. Luiz I, suas esposa e filhos. Ao longo do sr. Capellini enroscam-se as condecorações, assim como nos feijoaes se enroscam as hervilhas ao longo das estacas;

e as commendas florescem bastas no seu corpo cobrindo-o desde as claviculas até o baixo ventre.

Pois bem o sr. Capellini—o grande homem que tantos direitos tinha a ser difficil — está satisfeito; e na visita ao castello da Pena, ao atravessar a capella dobrando ao peso da gratidão e dos comestiveis, elle

cahiu em joelhos perante o altar e prostrado no chão exclamou com fervor: «Senhor Rei dos Exercitos, protegei a real familia!»

Sigamos o exemplo d'este sabio, o qual presando com eguaes extremos a sciencia e a familia real dotou o congresso com um osso de cetaceo e dotou o throno com as visitas de Humberto.

Eia, ó lusos! façamos como Capellini: desabotoemos os colletes e as preces: digiramos e oremos! Se ha ahi alguem que não tivesse sido convidado para comer, convidamol-o nós — para rezar.

A companhia das aguas não precisa que lhe recommendem essas beneficas praticas. Ella, que é uma companhia de boa companhia, comprehendeu bem a intima alliança que deve sempre existir entre a boa religião e a boa mesa. Assim foi que ao dotar a população de Lisboa com o maior beneficio d'este seculo, a companhia encarregou da solemne celebração d'esse grande facto por um lado o Ferrari e pelo outro o sr. arcebispo de Mytilenne.

A companhia teria podido talvez organisar, em vez de uma festa gastronomico-clerical, uma festa publica. A entrada do Alviella na região intestinal da sociedade lisboeta é um caso bastante importante para que se convocasse o povo a dansar em volta d'elle.

Prefeririamos que em logar de se celebrar com vinho na cerca dos Barbadinhos a festa da agua se celebrasse com agua nas ruas e nas praças de Lisboa, e que ao chegar o Alviella, embora se não visse o

Champagne do sr. Ferrari nem a mitra do sr. arcebispo, se visse o Alviella. Porque, como ninguem o viu, póde-se cuidar que elle não é um rio, e que a companhia encanou apenas uma metaphora e alguns perus.

Comprehendemos porém que n'esse ponto a companhia das aguas tenha uma opinião divergente da nossa. O que não comprehendemos é a razão que levou a companhia a mandar benzer os seus siphões, aspergindo-os com agua benta.

A agua benta é uma substancia que ainda até hoje não se tinha empregado senão com o fim unico e exclusivo de arrenegar e enxotar o demonio. Ella é soberana contra o rheumatismo, contra a gotta, contra a epilepsia, contra as doenças d'olhos, e contra todas as apostemas do sangue e dos humores em geral. Mas para que ella seja efficaz é preciso que todos esses males sejam de origem infernal, isto é, que o proprio diabo os haja produzido para o fim de obrigar ao desespero e á rebelião. Quando pelo contrario as enfermidades não são dadas pelo demonio, mas sim — como algumas vezes succede — pela mesma providencia afim de nos expurgar pela penitencia para mais depressa lograrmos a bemaventurança, n'estes casos a agua benta beneficia o peccador no sentido dos intuitos divinos fazendo-o padecer cada vez mais.

Posto isto perguntamos: Está a companhia convencida de que os seus siphões são obra do diabo?

Sim ou não? Se foi o diabo que os fez não basta benzel-os, é preciso arrazal-os. Se foi a companhia que os construiu, é então inutil benzel-os, bastará experimental-os.

Mas dizem-nos que não foram os siphões que se benzeram, mas sim as aguas. Isto é mais grave. Benzendo a agua a companhia ultrapassa as raias do privilegio que lhe foi conferido e usurpa os interesses d'industrias extranhas. A companhia tem o direito de vender agua profana, de vender agua santa, não. Isso arruinaria as sacristias; isso collocaria no mercado a agua dos Barbadinhos em concorrencia perigosa com a agua de Santo Ignacio, com a agua de Lourdes e com a agua de la Salette; isso poria em crise e derribaria talvez inteiramente todos os interesses hydraulicos da Egreja. O sr. Pinto Coelho não quererá por certo que assim seja É pois mister que a companhia, comprenetrando-se devidamente dos seus deveres, tanto religiosos como industriaes, cesse de dar-nos agua benta para nos principiar a dar simplesmente agua potavel.

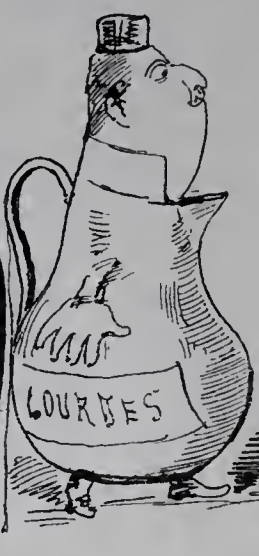
Abriu S. Carlos, e o *Trovador* appareceu-nos mais uma vez na pessoa do tenor Fancelli. O appenso de um chinó sobre o craneo d'este artista dá á physionomia romanesca do bardo uma feição pacata, extremamente propria para tranquilisar os corações das donzellas e as bengalas dos paes de familia. Tornam-se inuteis todas as precauções hygienicas da sensibilidade perante um trovador, desde que para esse trovador se tornaram inuteis os pentes.

Não temos pois duvida alguma em recommendar sem restricções esta opera á attenção das familias.

O aspecto geral da sala é o mesmo do anno passado, com a differença unica de mais algum setim novo na *toilette* das jovens damas que frequentam com assiduidade a platéa superior. Não temos a vantagem de conhecer estas senhoras, mas devemos suppor que ellas pertencem á mais distinta sociedade de Lisboa, vistas as relações de intimidade que existem entre ellas e os cavalheiros que as rodeiam. Sendo assim, como é que dizem então que as senhoras de Lisboa não fazem bastante *toilette* para ir a S. Carlos?... Mas é demais já a *toilette* que ellas fazem! Uma tal pompa chega a entrar nos dominios da cartonagem e obriga pela confecção apparatosa do setim a ter amendoas dentro.

Todas as aguas de Lisboa correram para a cerca dos Barbadinhos na pessoa dos habitantes que mais genuinamente as representam. Entre outras aguas, notamos as seguintes:

A agua de Vidago.




A agua de Lourdes.

A agua circassiana

A agua das Caldas.

A agua de flo

A agua da Fonte da Pipa.

A Egreja prepara-se para a solemnidade na claraboia do reservatorio.

E chegou o arcebispo de Mytilenne com o hyssope.

A presença da agua em rio amedronta aquelles que nunca a viram senão em galheta.

Emquanto esperavamos que chegasse o Alviella com as aguas chegou o Ferrari com os vinhos.

Os que perguntavam pela agua encontraram-a finalmente ao terminar a festa.

Algumas nuvens dispersas em torno do banquete presagiam annuncios no horisonte.

A voz da sabedoria falla pela bocca do bello sexo.

xativa, Loe-
tz e outras.

A agua chilra.

A agua-raz.

A agua-pó... de dansa.

A agua da Sabuga

Eaux de mélisse des Carmes (*agua da milicia do Carmo*).

bem como a
povo, bebe
Ferrari em-
não abre a
Alviella.

O sr. Rosa Araujo com o seu novo projecto de barba assume o encargo de barbadinho da cerca.

Os amanuenses da companhia symbolisam pela magreza os rigores das estiagens.

São estes os que na companhia em vez de ter acções as praticam. Hip! hip! hurrah.

O especialista do es-
do terciario toma o
gar do voluto pelo
ıefe do estado.

O estado sacerdotal depois da passagem do Jordão desengarrafado pelo Ferrari.

Vocações para o referido estado sacerdotal manifestas no banquete.

O camara não saiu. Pelo contrario!

## A abertura de S. Carlos

## O Trovador

Em S. Carlos o sr. ministro da fazenda, sob o nome de Mademoiselle Synnerberg, faz de cigana. É ao que leva o excesso do espirito financeiro!

Um salame acceita o papel de Manrique.

Madame Carla Serena disfructa este espectaculo.

Os ultimos congressistas, victimas do incendio do Gibraltar, vieram a meio preço, voltam a meia roupa branca.

**Amor a vinte réis a linha**

(Do *Diario de Noticias* de hontem)

**C. do Castello Picão**

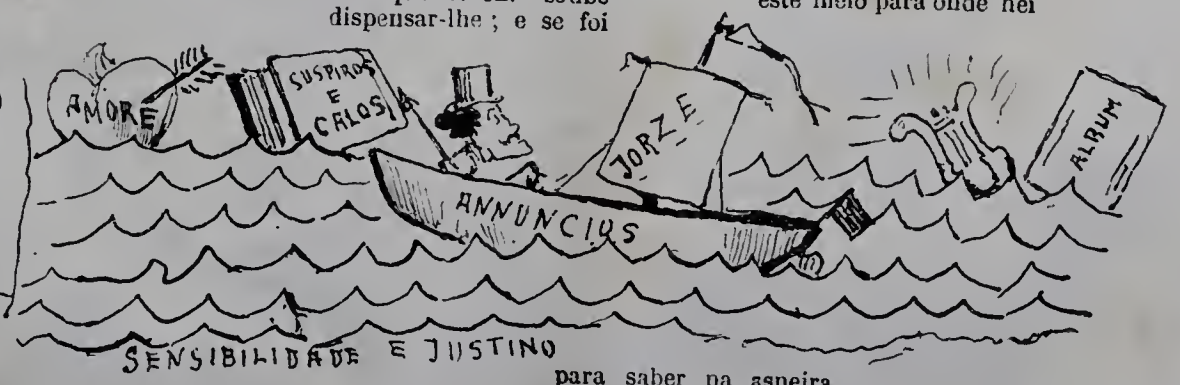
Aquelle rapaz que usa bigode, ficou hon-

tem á tarde fascinado

por aquelle terno sorriso que v. ex.ª soube dispensar-lhe; e se foi

de coração diga-me por este meio para onde hei

de escrever, e ao mesmo tempo as suas iniciaes




para saber na asneira em que hei de navegar.

*Egroj.*

## Os sabios no paço

(Reprise palaciana do segundo acto do *Barba Azul*)

Nunca se viu isto cá.
São sabios, ora ahi está!

## Academia das Bellas Artes

(A veronica do Jury)

É inutil leval-o a Faro, deitem-o ao guano.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

## ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES

A Academia das Bellas-Artes, julgando o ultimo concurso de pintura historica, deu-nos da sua inepcia um documento, tanto mais para agradecer-se quanto se poderia escusar. Quasi toda a gente sabia que a Academia chegara pela senilidade á cachexia e ao idiotismo.

Tirando-lhe de cima um artista vivo, Silva Porto, que ali está pousado a envenenar-se com a infecção d'esse contacto, da Academia não resta mais que um miseravel corpo paralytico e podre.

Sem discipulos, sem mestres, sem obras, a Academia seria apenas inutil, como uma velha tonta occupada a mastigar a um canto os viveres que o orçamento lhe mette na bocca.

Sómente de quando em quando, ao apparecer um concurso, a Academia ergue-se um pouco da cadeira furada em que funcciona a sua existencia vegetativa, e, inclinando-se um pouco para o publico, a Academia baba-se sobre o trabalho dos outros.

E' preciso ou que a Academia se conserve immovel para julgar, assim como se conserva immovel para produzir; ou que, na occasião dos concursos, ao emittir o seu voto sobre os candidatos, entre ella e os artistas se interponha uma bacia.

Que a Academia não tem direcção, que não tem methodos, que não tem utensilios, que não tem escola, que não tem inspecção, que não tem professores, que não tem auctoridade, que não tem competencia, sabiamos. Que tambem não tem uma sargeta ignoravamol-o. E' preciso abrir lh'a.

Somos bons e benevolos com a Academia, bem veem. Não queremos que a destruam, pedimos unicamente que a canalisem.

Com um esgoto, ella pode aproveitar-se como nitreira, e o que não dá em alumnos poderá dál-o em farinaceos, se lh'os semearem a tempo. Tem substancia para isso. Aproveite-se-lhe.

Para que ella deixe de ser nociva aos que estudam e aos que trabalham bastará que, depois de convertida em faval, se lhe ponha á porta este letreiro:

PREVINE-SE O PUBLICO DE QUE POR BAIXO D'ESTAS FAVAS FERMENTAM CONCURSOS. NÃO REVOLVER O SOLO.

PERANTE O JURY

I

**Os esbocetos**

II

**Qualidades requeridas nos candidatos**

Comedimento, submissão e modestia.

Espinha curva.

Prodigalidade em cartões de visita.

Ar risonho.

(Continua)

Abundancia de saliva para lamber as telas na presença dos mestres (systema Delguim Fedes).

Ser vaccinado.

Ter caspa.

III

## Requisitos para ir estudar pintura ao estrangeiro

1 compasso.

1 regua.

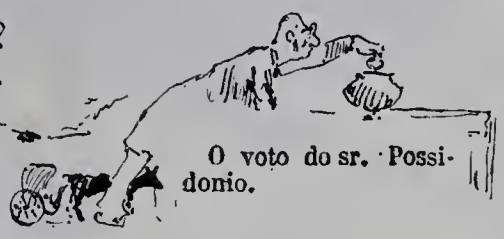
1 raspadeira.

1 par de chinelos.

1 manga d'alpaca.

1 collarinho postiço.

1 empenho.



O voto do sr. Possidonio.

E... isto

(Continua no proximo numero).

Em regresso da sua viagem em volta dos thronos estrangeiros vae chegar a Lisboa o sr. Fontes Pereira de Mello.

Encarregado de procurar de côrte em côrte uma noiva para sua alteza o serenissimo principe real, esperamos que este Child-Harold casamenteiro tenha conseguido com feliz exito os fins da sua peregrinação matrimonial.

Possa a futura mãe dos futuros herdeiros presumptivos da corôa portugueza corresponder plenamente á confiança que a dynastia depositou no seu emissario. Seria uma dôr profunda para todos nós que, depois dos esforços empregados pelo sr. Foy... perdão! pelo sr. Fontes, se viesse a saber que não havia princeza disponivel n'este momento, ou que, escolhida uma por s. ex.ª, mais tarde se chegasse a constatar a necessidade de a substituir. E' já demasiadamente grande o numero de reis que pelos seus costumes domesticos parecem obedecer a essa necessidade. Pobres princezas!

Antes de sair de Paris, onde na sua qualidade de parlamentar esteve hospedado no *Hotel do Parlamento*, o sr. Fontes assistiu a um sarau que lhe foi offerecido pela colonia portugueza e no qual tomaram egualmente parte — dizem os telegrammas — os actores da *Comedie Française* e das *Variétés* Esta alliança do elemento comico e do elemento politico parece-nos de bastante alcance.

O sr. Fontes, que nunca em Portugal roçou por um artista para não sevandijar n'esse contacto a pompa da sua posição, comprehenderia em Paris, hombro a hombro com Coquelin e com Croizette, que todos nós somos mortaes.

S. ex.ª notaria ainda que as bonitas actrizes como a Judic são infinitamente mais espirituosas que os conselheiros d'estado.

E d'essas influencias resultará porventura uma renovação da politica portugueza. Veremos talvez nas altas regiões baixar a influencia do sr. Duque d'Avila e subir proporcionalmente a da sr.ª Josepha d'Oliveira.

Será menos divertido.

## S. Carlos. O Fausto. A aria das joias e do emprestimo

Queres mais joias, doutor?... Aqui tens 18:000 contos emprestados. Dá cá mais um recibo, uma commenda e os juros.

## S. Carlos. Os Faustos

O verdadeiro Fausto.

Que se não confunda com este!

Nem com este.

Nem com aquelle.

Nem com est'outro

Nem com aquel'outro

Nem com isto

Quando elle aperta o figado sae-lhe o *dó*.

Ao contrario d'outros a quem não sae nada.

Morreu Offenbach.

Não sabemos qual é o grau de sentimento que esta perda inspira á arte musical. A caricatura pela sua parte está de lucto, porque para ella Offenbach é um alliado, um amigo, um parente.

Pela acção da sua obra no espirito do seu tempo o amavel maestrino pertence á legião dos sapadores em que se alistaram Gavarni, Daumier, Grandville, Philipon, Cham e Henry Monnier.

*Mayeux*, *Robert Macaire* e *José Prudhomme* são irmãos do *General Boum*, do *Rei Bobêche* e do *Barão Grog*.

Onde os outros demoliam com o lapis, Offenbach, deitando abaixo com a batuta, ajudou poderosamente a revolução moderna, arrasando pelo grotesco os preconceitos do velho mundo

As arias tão vivas, tão alegres, tão picantes da *Grã Duqueza* e do *Barba Azul* deram a volta do globo, estão hoje no ouvido de toda a gente, e em toda a parte por onde ellas passaram, o despotismo monarchico, o militarismo, a diplomacia,—os trez grandes monstros da intriga, da força bruta, da auctoridade arbitraria – assobiados pelos clarinetes, apupados pelos trombones, chibatados pelas arcadas dos violinos, esbofeteados de theatro em theatro pela gargalhada publica, ficaram para sempre marcados na memoria do povo pelo rabo-leva da troça.

A Offenbach morto o *Antonio Maria* consagra uma lagrima saudosa e magoada. Adeus, bom homem! Em nome da caricatura portugueza e em nome do *Zé-Povinho*, adeus... e obrigado!

Dizem as folhas da semana que o sr. ministro da fazenda projecta encarregar pessoa idonea de ir brevemente ao estrangeiro estudar contabilidade.

N'este paiz, que o que principalmente deseja é recrear-se, tudo quanto fôr mandar passear por conta do Estado alguns patuscos parece-nos salutar e vantajoso. Unicamente com relação á viagem em projecto se nos figura que é demasiadamente fragil o pretexto em que ella se funda.

Para contar o que temos em cofre — dada a hypothese arrojada de termos em cofre alguma coisa — a machina de contar ultimamente inventada pelo sr. Raoul Mesnier parece-nos satisfazer amplamente todas as exigencias da curiosidade.

Que falta a esse bello apparelho para que s. ex.ª o ministro lhe entregue confiadamente a contabilidade do erario? Falta-lhe a respeitabilidade burocratica? Deem-lhe uma carta de conselho! vistam-lhe uma manga de alpaca! sentem-o sobre uma rosea de caoutchouc! colloquem-lhe rapé no nariz! deponham-lhe nos pés alguns calos! E o apparelho ficará respeitavel.

O que são suas excellencias os illustres chefes da nossa contabilidade senão venerandas machinas em que concorrem os varios attributos que descrevemos?

É por comerem, entre a uma hora e as duas da tarde, algumas bolaxinhas d'agua e sal que os srs. directores geraes se julgam superiores ao apparelho do sr. Mesnier? Nada mais facil do que elevar a machina a esse aperfeiçoamento, addicionando-lhe um moinho suplementar incumbido de roer biscoitos.

Mas, dirnos-hão ainda - e é este o ultimo intrincheiramento em que pode fortificar-se a argucia—se nós entregarmos á acção mechanica a contabilidade dos cofres publicos, quem é que se ha de encarregar do trabalho espirituoso de defraudar a fazenda, violando esses cofres com mão habil, falsificando a escripturação com raspadeira pensante e subtil?

A objecção é ponderosa e obriga a reflectir.

Effectivamente, desde que os cofres estão no habito inveterado de serem systematicamente violados por aquelles que os gerem, é indispensavel haver quem os viole. Mas mandar para esse fim viajar previamente os individuos é alterar a ordem natural das coisas. Entreguem-lhes os cofres primeiro, e descancem que elles viajarão depois.

João Anastacio Roza, successor de Talma e de Manuel Lourenço, acaba de fundar no Largo de Camões uma officina de calçado, a que se pode chamar *o theatro normal da sapataria.*

Em D. Maria continua o antigo estabelecimento a que podemos chamar a *sapataria da arte dramatica.*

N'essas duas lojas encontrará o publico todos os produtos das duas artes associadas, desde a pequena chincla *lever-de-rideau* até o grande drama de coiro de Salvaterra com sola e vira.

Além da futura união conjugal do principe herdeiro com a princeza incognita, falla-se tambem do proximo enlace politico do partido dos *pretos* com o partido dos *mafarricos.*

Estes dois partidos começam evidentemente a enfastiar-se de estar á espera. Elles queixam-se e com rasão.

Os *mafarricos* e os *pretos*, quer os observemos a olho nu, quer os analysemos pelo microscopio de quatro lentes ou pelo espectroscopio de Bunsen, não apresentam differença alguma sensivel que os distinga dos *granjolas* e dos *regeneradores.*

Como é então que os *regeneradores* e os *granjolas* se revesam no poder uns depois dos outros com a semceremonia de quem tomou o chafariz para si sem se importar com quem está á vez?

Cuidarão estes senhores que não ha mais nada senão alapardar o bolo e distribuil-o entre si ás talhadas: Toma lá tu para o Tribunal de Contas! Toma lá tu para a Procuradoria Regia! Toma lá tu para o Asylo de Maria Pia! Toma lá tu para a enfermaria mór do Hospital de S. José!?

Então um homem por ser *preto* não come?... Um homem por ser *mafarrico* não bebe?... Não temos nós todos guela? Não temos todos ventre? Não somos nós todos mammiferos?!...

Não, decidamente, é preciso pôr cobro ao abuso.

*Mafarrico* já tem o sangue preto e *Preto* já tem mafarrico no corpo. Passem para cá esse governo com mil diabos, ou vai aqui tudo raso com elles!

No matadouro publico, *greve* dos magarefes. O funccionario director da matança impõe aos seus subordinados a frequencia obrigatoria da aula de instrucção primaria annexa ao estabelecimento. No fim da semana, multa pecuniaria aos magarefes remissos no cumprimento dos deveres escolares. Resistencia dos magarefes e greve contra a instrucção obrigatoria.

Que o matadouro proporcione aos magarefes uma escola, nada mais louvavel. Que o matadouro castigue com reducções no salario os magarefes que não manifestam pelas lettras um interesse sufficientemente vivo, isso não. Porque um semelhante rigor applicado á cultura intellectual dos magarefes constituiria uma excepção vexatoria para os bachareis formados. Quando um bacharel não estuda satisfactoriamente a Universidade deita-lhe um *r*, mas não lhe leva nada por elle. E' o que tem que fazer o matadouro. Damos-lhe este conselho porque receamos que novas resistencias no sabbado proximo deem em resultado que para o magarefe ter ensino deixemos nós de ter carne.

De resto a submissão do magarefe torna facil um accordo. Elle está pronto a ser reprovado sempre que o matadouro o entenda; o que elle unicamente não quer é pagar os *rr* que lhe deitarem a 420 cada um.

## O Reverendo Perunca e suas desditas

(Effeitos do Alviella)

Começou-lhe aquillo em pequeno. Contrariaram-o. Foi peor. Em grande os desgostos augmentaram-lhe a sêde.

E padeceu muito nas procissões. Emquanto elle entoava os motetos... A canalha chamava-lhe nomes. Elle era estafermo!

Elle era jagodes! Elle era masmarro! E tudo isto por 720! Desgostos na alma, esquecimento para dentro!

Na festa da agua desgostou-se muito. Em vez de o deitarem, suspenderam-o. E não suspenderam o cabido que tambem se desgostou! Bebem elles o fel e atiram a esponja ao Perunca, os phariseus!

# SCENAS MILITARES DA SEMANA PASSADA

## A ida para a campanha da Arruda

Soldados! do alto da *Bazilisa* e do alto do antigo *Collete Encarnado* quarenta seculos de gloria e de pescadinhas vos contemplam! trata-se de marchar sobre as hortas do termo de Lisboa, infestadas pelo rebelde doutor Roxo. Eia! sus! sejamos invensiveis! caiamos de chofre sobre o inimigo e arrombemos-lhe os cascos.

## A volta da campanha

Soldados! O inimigo, astuto e refalsado, mandou-vos atacar á traição pelo defluxo. Vós, como bravos, respondestes com tres descargas d'espirros. E só abandonastes o campo quando nos nossos fornecimentos de guerra principiaram a faltar as pilulas de cynoglossa. Constipastes-vos mas com honra. A patria não vos recusará o chá de tilia que é devido aos martyres. Abaixo as constipações! Viva a carta!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

## Academia das Bellas-Artes

Em torno da piscina em que sob o nome *d'arte nacional* se conserva de môlho á custa do Estado a Susana da rua de S. Francisco, os velhos, reunidos em purga d'assembléa geral, deliberaram que um jury encarregado de julgar um concurso de pintura historica devia ser formado por um pintor florista, por um esculptor e por um architecto.

E assim foi constituido o jury que decidiu da sorte dos candidatos no ultimo concurso!

Não ha então lá tres professores de pintura para julgarem de um quadro historico? Ha, mas não os convocaram para esta occasião; hão de convocal-os para quando houver um concurso de architectos.

Ha tambem lá um professor de anathomia e um professor de esthetica. Convocaram-os para dar parecer sobre a composição dos quadros (esthetica) ou sobre os estudos do nú (anathomia)? Os velhos não pediram parecer a esses professores porque se tratava apenas de julgar academias e composições historicas. Hão de pedir-lh'o quando se tratar de encanar os despejos ou de concertar os telhados.

Assim o resolveram os velhos em extase á roda do banho da Susana tolerada pela policia e teúda pelo orçamento na rua de S. Francisco!

Evidentemente aquella Suzana está tisica, aquelle banho está pôdre e aquelles velhos estão idiotas.

*P. S.* — Consta-nos que um dos velhos de S. Francisco tem por mania lapidar copos. Se houver lá falta de um velho, offerecemos este que lapida caroços de cereja.

Julgamol-o mais inoffensivo que o dos copos; por isso o apresentamos a Delguim Fedes.

(Continúa no proximo numero).

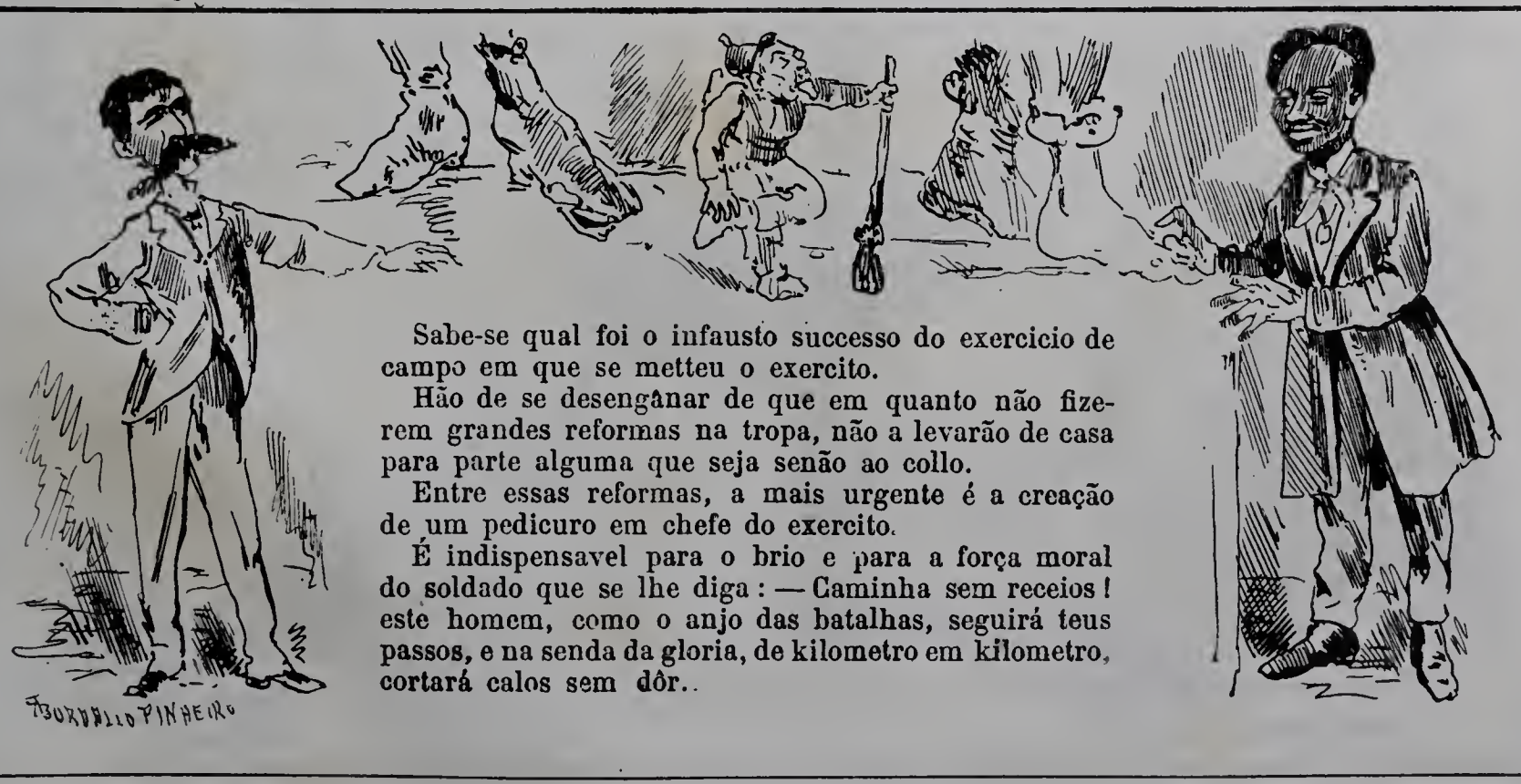
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## S. Carlos

A MARTHA

Jurariamos que já vimos este tenor em outra parte.

já o vimos em outra parte.




Sabe-se qual foi o infausto successo do exercicio de campo em que se metteu o exercito.

Hão de se desengânar de que em quanto não fizerem grandes reformas na tropa, não a levarão de casa para parte alguma que seja senão ao collo.

Entre essas reformas, a mais urgente é a creação de um pedicuro em chefe do exercito.

É indispensavel para o brio e para a força moral do soldado que se lhe diga: — Caminha sem receios! este homem, como o anjo das batalhas, seguirá teus passos, e na senda da gloria, de kilometro em kilometro, cortará calos sem dôr..

## Historia de um

PRIMEIRA PARTE. —

Era uma vez um carochinho a quem tinha caido um ministerio e um dente,

e foi ter com uma visinha e disse-lhe :
—«Que hei-de eu fazer em quanto me não nasce outro dente e outro ministerio ?»

Respondeu-lhe a visinha : — Vae para casa tocar cavaquinho.

Foi ter com disse-lhe o mesm a outra visinha : —

— Como é a tua falla ? — Có-có-ró-có ! — «Nada, não me serves, que me accordas o menino de noite.»

Quem quer casar com o carochinho
Que é bonito e perfeitinho

Passou outra princeza e disse : — «Quero eu.» — «Como é a tua falla ?»

— «Cá-ca-rá-cá !» — «Nada, não me serves, que me accordas o menino de noite.»

Quem quer casar com o carochinho
Que é bonito e perfeitinho

Pa
— «
falla
sim.
que
de :
de

Vinha o carochinho pelo caminho de ferro fóra para voltar para casa quando encontrou outro carochinho mais pequeno que tambem vinha para casa.

SEGUNDA PARTE. —

E os dois caroxinhos puzeram-se aos postigos do coche a recebere as festas que lhes faziam pelo c minho a um e outro carochinh

E vae ao depois foi o carochinho maior que disse ao mais pequeno :

Dorme agora tu que ainda não dormiste nada, e eu já dormi seductora imagem

Grata miragem que no ermo vi.

E as gentes da via, ao verem velar ao postigo o carochinho maior, diziam : —*«Ui ! ui ! que o carochinho cresceu !»*

## diplomatica

O CAROCHINHO

e collarinhos postiços para o caminho e vao de terra em terra dizendo assim :

Quem quer casar com o carochinho
Que é bonito e perfeitinho

Foi o carochinho comprar collarinhos e pingas, enfeitou-se muito enfeitado e foi de terra em terra dizendo :

Quem quer casar com o carochinho
Que é bonito e perfeitinho

Passou uma princeza e disse : — «Quero eu.»

za e disse : omo é a tua qui.» — «Tu asar comtigo, as o menino selho d'estado

Voltou o carochinho muito contente, e contou á visinha a promessa do casamento com a princeza que fazia Qui-qui-ri-qui.

A visinha achou muita graça á ratice do carochinho, e ficou-se-lhe chamando o *João Ratão.*

Vamos comel-o cosido e assado no caldeirão.

AROCHINHO

Até que os dois carochinhos começaram a turrar com somno.

E disse o carochinho mais pequeno ao carochinho maior:

Dorme que eu velo, seductora imagem,
Grata miragem que no ermo vi.

E o carochinho maior nanava, emquanto o carochinho mais pequeno velava ao postigo.

E as gentes que estavam na via ao verem ao postigo o carochinho mais pequeno, diziam : — *«Ai, Ai, que o corochinho minguou !»*

Até que chegando á sua terra e ndo juntos do coche os dois cahinhos, toda a gente deu um ro : —*«Oh ! oh ! que o carochi- o foi um e vem dois !*

E em palacio houve uma afflicção por se cuidar que o carochinho mais pequeno era a princeza Qui-qui-ri-qui escolhida pelo carochinho maior.

E foram ambos para suas casas, o carochinho maior e o carochinho mais pequeno.

RAPHAEL BORDALO PINHEIRO

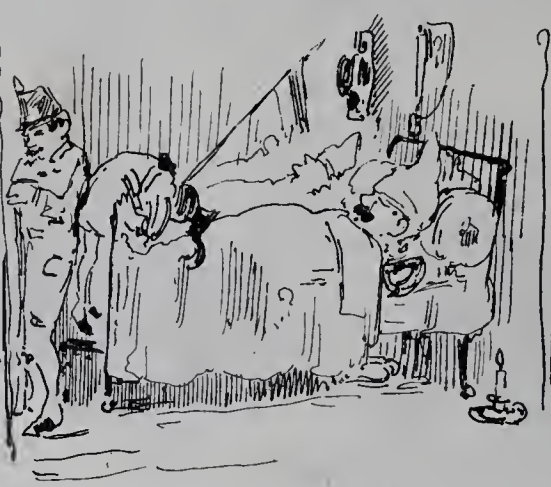
# EPISODIOS DA CAMPANHA DA ARRUDA

Os generaes receiam uma emboscada,

E examinam attentamente o campo.

Collocadas sentinellas e vedetas,

E não apparecendo o inimigo,



Os generaes deitaram-se.

Só o principe commandante em chefe se não deitou por não caber no leito.

Os generaes, accordados á pressa, reunem-se em conselho para deitar o principe, e propõem alvitres.

— «Dobrem-o!» exclamava um.

— «Haja vossa alteza por bem encolher-se!» dizia outro.

— «Meçam o campo, senhores! Meçam o campo!» Bradou o principe.

Mediram-o.

O conselho reconheceu a necessidade de deitar o principe por partes, em duas camas...

# EPISODIOS DA CAMPANHA DA ARRUDA

Em tres camas...

Em quatro camas

Ia alta a noite quando o principe, quasi todo deitado, principiava a conciliar o somno!

Eis senão quando começa a apparecer o inimigo, por pelotões.

Depois de uma luta titanica o principe retira tendo vertido o melhor do seu sangue no ventre do inimigo.

O inimigo foge levando comsigo as armas e bagagens encontradas no campo.

No acampamento e nas casas particulares em que se aboletaram, os soldados são surprehendidos pelo inimigo a golpes d'ar.

De sorte que no dia marcado para a batalha todo o exercito appareceu, pela manhã muito cedo, destroçado.

Todos os guerreiros tinham sido victimas. Uns dos calos,

Outros, da constipação,

E os restantes, dos mosquitos.

Um coronel que adoeceu mais gravemente que os outros teve um posto d'accesso. Deram-lhe as dragonas de general e uns sinapismos.

O ultimo paquete do Brasil acaba de nos trazer d'além-mar uma joia litteraria de inestimavel preço. É um poema em cinco cantos, no genero dos *Lusiadas*, mas melhor. Intitula-se *D. Vasco da Gama, grande capitão e navegador portuguez, conde e natural da villa da Vidigueira, na provincia do Alemtejo, em Portugal.* É seu auctor Antonio Joaquim Alvares, cidadão portuguez, ha vinte e oito annos estabelecido na praça do Rio de Janeiro.

Penetrando affoitamente nos mares como quem não vê no oceano mais que um desenvolvimento logico da segunda parte do negocio de *seccos e molhados*, Alvares delibera dotar a sua patria com uma epopeia maritima, e fazendo finca-pé na rua da Quitanda, cresce para nós com a tiorba em punho.

Acocoremo-nos e ouçamol-o.

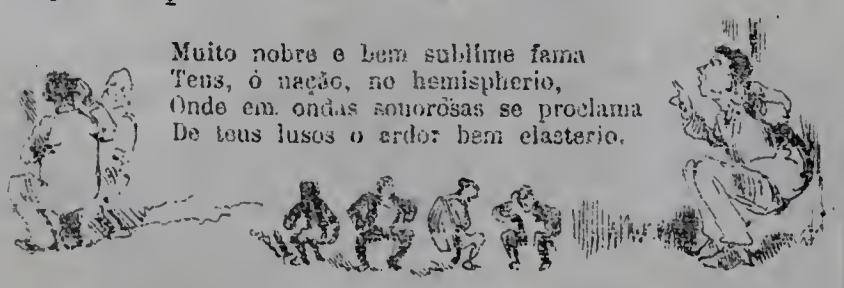
Minha lyra sem som desfallece,
Ao cantar façanhas d'este Luso;
É tão grande seu vulto, que merece
Cantadas serem por divinal uso
Como o que Camões offerece;
E não por immerito cantor intruso
Que como eu sou, assim cantando,
Versos sem merito vá espalhando.

Sem merito espalhando
Estes versos sem connexão:
E quem póde ir cantando
Do Gama bem a exaltação?

Em frente d'este grande capitão-mór,
Que na India foi até Calecute,
Deixando ir eu o fio maior
De minha musa, que o céu escute.
Mas se a rima perder será peior,
Porque ao sarcasmo darei desfructe;
Que ninguem quer paciencia ter,
Quando julga no verso prosa ler.

Está longe, bem veem, de *dar desfructe ao sarcasmo* quem tão valentemente cultiva com Pegaso o commercio de grosso trato! Mas a modestia foi é e será sempre um dos atributos inseparaveis do genio. Que o vate ha vinte oito annos estabelecido no Rio de Janeiro se não arreceie de perder a rima! Tem-a muito bem segura ao prolongamento vertebral da musa: podem rabejal-o á vontade puchando-lhe pela rima, que — a não ser que lhe despeguem o osso sacro — temos para nós que nunca lh'a arrancarão!

Alvares em nossa opinião está destinado a ser, não só pela solidez da sua rima de Salvaterra de Magos mas por outros dotes piericos, uma das glorias da nação de que elle mesmo diz:



Muito nobre e bem sublime fama
Tens, ó nação, no hemispherio,
Onde em ondas sonorosas se proclama
De teus lusos o ardor bem elasterio.

Todos nós, filhos de Lysia, temos mais ou menos *ardor elasterio*. Alvares que o diz é porque assim é.

Não nos vangloriemos nem nos desvaneçamos por isso. Foi a divina providencia que assim o permittiu para que fizessemos boa figura. Mas Alvares ha de nos dar licença de lhe dizer uma coisa: Os lusos de hoje em dia teem tanto ou tão pouco *ardor elasterio* que nenhum daria pela prenda se Alvares lh'a não revelasse. Vá com esta, que é a triste verdade!

Lendo o poema consagrado pelo auctor aos feitos do Gama, vê-se claramente que Camões andou mal escolhendo para os *Lusiadas* este mesmo assumpto.

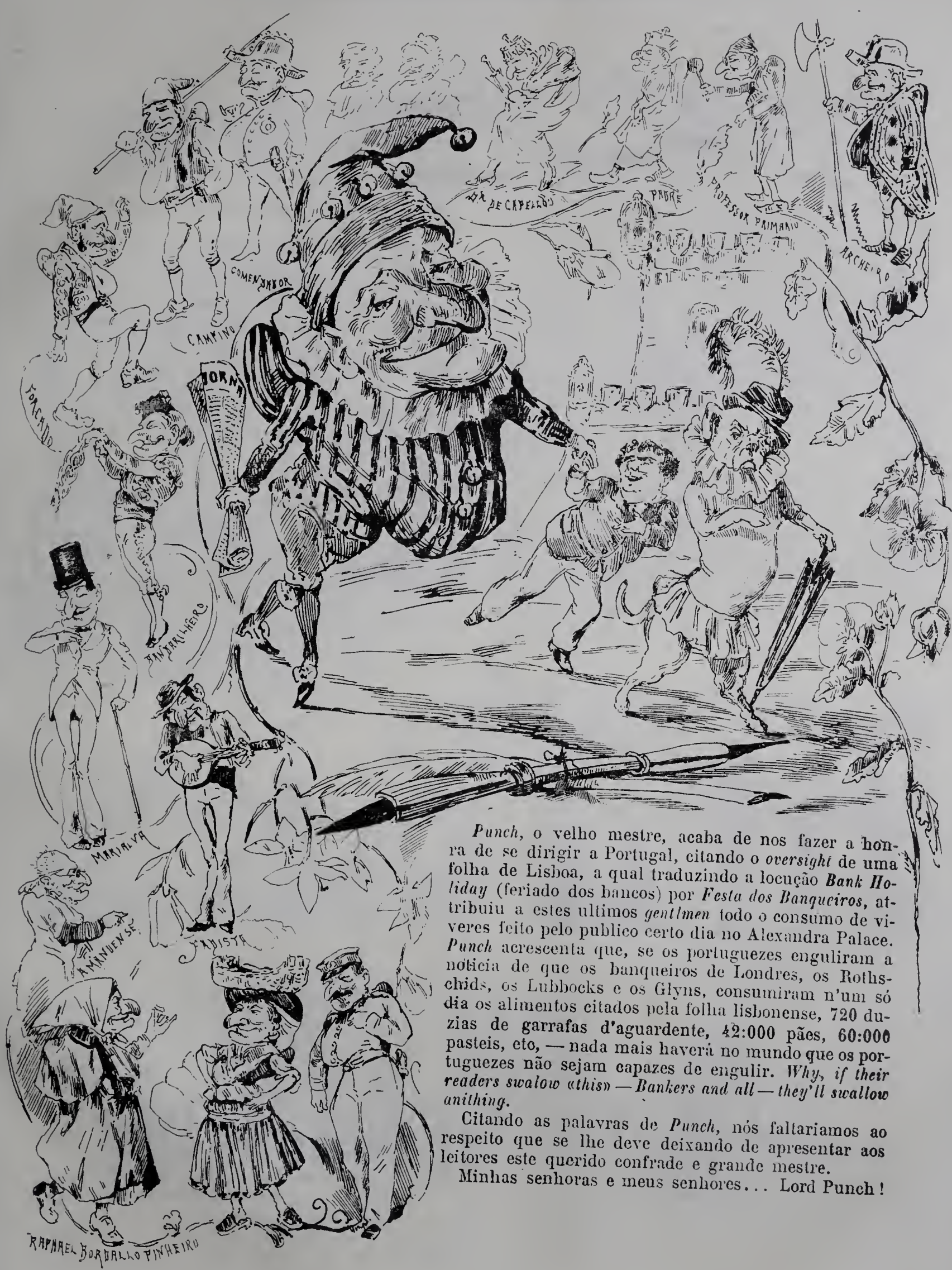
Alvares descobriu que o Gama navegava com *velas de brim*; que era *grão conde com grandeza*; e que era *filial da Vidigueira*.

Camões ignorava estes topicos, todos elles importantes, mas principalmente o relativo ao *brim*, porque d'elle se deprehende o glorioso precedente de que já nossos avós usavam nas velas com que navegavam para as Indias a mesma fazenda que nós usamos nas calças com que navegamos para as hortas. Além d'isso este esmero na escolha dos tecidos levanta em torno do Gama imprevistas conjecturas: Elle era filial da Vidigueira... Não o seria tambem da *loja da America?*

Prevendo com sagacidade que, ao terminar a leitura d'esta epopeia, Sua Magestade El-Rei não deixaria de arrojar ao seio do auctor um dos lagartos da muito nobre ordem de S. Thiago, Alvares declarou ao principe que acceitará essa distincção honorifica, pedindo porém venia para a trespassar a um amigo.

Se, como o sr. Moita e Vasconcellos, o *Antonio Maria* tivesse a dita de estar nomeado conselheiro, o nosso primeiro conselho a Sua Magestade seria que aos peitos de Alvares se arremeçassem dois lagartos, um maior para elle, e o outro para o amigo sobre quem elle quer fazer rabear uma parte da gloria que o espera. Tudo aquillo com que o honrarem será pouco para o que elle vale. Os Alvares são raros no mundo. Alvares é que ha muitos.

## O «Punch» em Portugal




*Punch*, o velho mestre, acaba de nos fazer a honra de se dirigir a Portugal, citando o *oversight* de uma folha de Lisboa, a qual traduzindo a locução *Bank Holiday* (feriado dos bancos) por *Festa dos Banqueiros*, attribuiu a estes ultimos *gentlmen* todo o consumo de viveres feito pelo publico certo dia no Alexandra Palace. *Punch* acrescenta que, se os portuguezes enguliram a noticia de que os banqueiros de Londres, os Rothschids, os Lubbocks e os Glyns, consumiram n'um só dia os alimentos citados pela folha lisbonense, 720 duzias de garrafas d'aguardente, 42:000 pães, 60:000 pasteis, etc, — nada mais haverá no mundo que os portuguezes não sejam capazes de engulir. *Why, if their readers swalow «this» — Bankers and all — they'll swallow anithing.*

Citando as palavras de *Punch*, nós faltariamos ao respeito que se lhe deve deixando de apresentar aos leitores este querido confrade e grande mestre.

Minhas senhoras e meus senhores... Lord Punch!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## A festa da Real Associação Naval

O anno passado Portugal era ainda um paiz inteiramente desconhecido do resto da Europa. Quando algum periodico estrangeiro se referia a Lisboa era invariavelmente para a confundir com Libourne ou para chamar ao sr. ministro da fazenda *Burros Comes*, — aleive gastronomico de muito mais força dos que os 42:000 pães e os 60:000 pasteis attribuidos á voracidade dos Lobbocks e dos Rothschilds.

O mesmo *Punch* concordará de certo em que é muito menos maravilhoso que meia duzia de banqueiros engulam 22 toneladas de *roast-meat* do que ver-se um ministro, de um paiz aliás pequeno, almoçar em cada manhã montando varios burros dentro do seu proprio ventre.

Ultimamente Lisboa tem feito ruido no mundo, e está tendo um momento de notoriedade.

Dentro de um só anno tivemos a celebração de um centenario, a canalisação de um rio, um congresso internacional de anthropologia, um congresso internacional de litteratura, o poema d'Alvares sobre o *grão capitão filial da Vidigueira*, duas epidemias, um tremor de terra e a viagem do sr. Fontes e do sr. Franco de Belem atravez das côrtes e das boticas estrangeiras.

Para cumulo de celebridade tivemos agora a regata internacional no Tejo.

O certame no mar debaixo d'um temporal desfeito realisou-se em condições tão desagradaveis que a Real Associação Naval resolveu, com applauso geral, convidar os seus hospedes e os seus amigos a irem regatar em terra nas salas do palacio de Belem, deixando os cahiques, os palhabotes, as chalupas e os paletots ancorados no *vestiaire*.

O conde Gasford vencedor.

Os vencidos.

A entrada.

## A festa da Real Associação Naval

O aspecto da sala.

O buffete.

## Os miasmas e as febres

Em um dos ultimos dias da semana passada, o Bairro Alto, repentinamente, inesperadamente, principiou a cheirar menos mal do que é costume.—Sobresalto geral dos habitantes e apparecimento d'algumas regras sobre tal assumpto no *Diario de Noticias*.

No dia seguinte pela manhã a alteração no cheiro era ainda mais sensivel do que na vespera! O sobresalto augmenta e o terror começa a debuchar-se nas physionomias d'aquella região.

Narizes de familia, pavidos, apparecem ás janellas farejando as correntes do ar ambiente, uns com oculos, outros com rapé, e todos com a mais cruel angustia.

Do alto da rua dos Calafates uma voz imprudente exclamou:

—*Elle o que cheira é bem!*

Ao ouvir tal um grande panico vibrou em todas as fibras do bairro.

Todos os narizes se recolheram das janellas com uma celeridade vertiginosa, e todas as vidraças se fecharam com um estrepito unisono e aterrado.

O *Diario de Noticias*, resoluto, expediu dois dos seus alviçareiros a indagarem á custa das proprias vidas d'onde procedia o bom cheiro que se espalhára no bairro, perturbando tão profundamente os habitos olphaticos dos moradores e lançando a consternação no seio das familias, cujas ruas, de todo o tempo, tinham sempre e invariavelmente cheirado mal.

Os reporters voltaram com a averiguação de que o bom cheiro repentino do bairro procedia de se acharem abertos depois d'uns poucos de dias e voltados com o de dentro para fóra os canos d'aquella rua.

Admiremos, antes de tudo, a sagacidade d'aquelles individuos que á custa das mais profundas investigações, conseguiram constatar que os canos estavam voltados com o de dentro para fóra, n'um sitio em que tanto os canos como as ruas não teem direito nem avesso!

O *Diario de Noticias* protesta energicamente contra este estado de coisas e nós juntamos a nossa humilde voz á d'aquelle orgão.

Talvez nos objectem que desde o momento que os canos cheiram melhor abertos é util não os fechar. O argumento é capcioso. Não se trata de cheiros *bons*, trata-se de cheiros novos. Pedimos que os supprimam porque elles não espalham sómente os medos no bairro alto espalham em toda a cidade os typhos.

## Episodios do «Cotillon» n

S. Ex.ª, encarregada de adjudicar o pômo,

Tinha regeitado este par.—Julgamos que o não havia mais pesado de serviços, nem mais gordo!

Regeitou egualmente este. — Suppunhamos que o não havia mais magro, nem de pé mais leve: elle atravessou a Africa e come apenas do soldo, que talvez lhe não pagam.

Apresentaram-lhe t'outro.—Se a fortu deve ajudar os audaz nenhum seria mais af tunado do que el Mas s. ex.ª tambem não quiz!

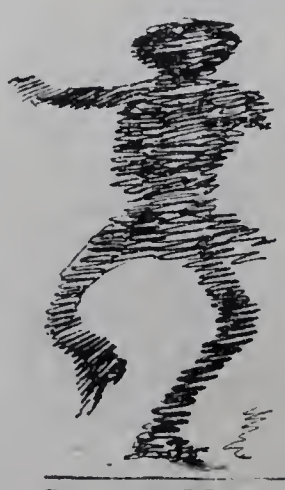
Terão tão mau gosto que os queiram assim?

E, na duvida, consentimos em que nos apresentassem a s. ex.ª

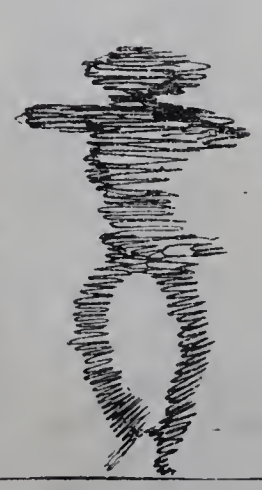
S. ex.ª não nos quiz.

Estamos-lhe muito obrigado.

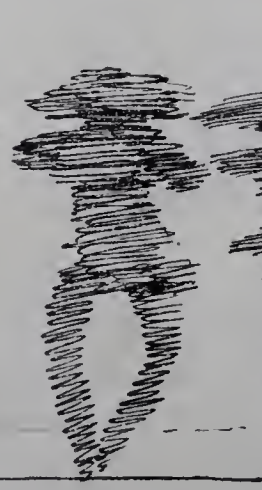
Porque, no nós temos horro sa, e quando nos dam para ella e mos fazer co ex.ª...



O rodopio...



A roda viva...



A vertigem...

O vortice...

O terrivel vortice...

Nos subverta,

Aparafusand chão!

## da Associação Naval

nós meditávamos:

Se os não querem gordos...

Se os não querem magros...

Se os não querem gloriosos ..

Como é então que estas senhoras querem os homens para que ellas os considerem dignos de as merecer?

Porque temos medo de que o turbilhão...

O redemoinho...

Nada nos seria mais doloroso do que este incidente, occorrendo n'um palacio real e obrigando assim ao incommodo de nos virem desaparafusar...

O sr. Nazareth talvez!

Talvez os srs. camaristas de semana!

Quiçá o proprio principe!

A s. ex.ª pois, pela sua recusa, e a todos estes senhores pelo incommodo que lhes poderiamos ter dado, os nossos agradecimentos!

## POLITICA EXPECTANTE

### O tinteiro do ministerio

Além da tinta ordinaria do despacho, o tinteiro do governo encerra no momento presente as candidaturas ao pariato, as candidaturas ao logar de enfermeiro mór do hospital de S. José, as candidaturas á substituição do sr. ministro da fazenda, os pedidos, os empenhos, as intrigas, as *chantages*, as bajulações, os pontos, as virgulas e os erros de grammatica proporcionados ás nomeações em projecto.

No fundo d'esse tintetro está toda a philosophia do systema constitucional e a sua respectiva bôrra. E talvez d'isto que a cidade cheira mal...

Despachem, senhores! despachem!

Deitem isso para cima do *Diario do Governo* ou deitem agua de Labarraque para cima d'isso! Das duas uma: ou escoem ou fumiguem!

## A Academia das Bellas-Artes

Henri Martin, tendo lançado os olhos ao que está por traz do muro velho da rua de S. Francisco,

Acaba de consignar no *Siècle* que, junto d'esse muro onde funcciona a Academia, a escola de pintura brilha pela sua ausencia.

Consta que em nome da Susana desacatada os velhos vão responder.

(Continua).

### Atravez das livrarias

Quereis ir a Jerusalem?

A' China?

Ao Brazil?

Ao Perú?

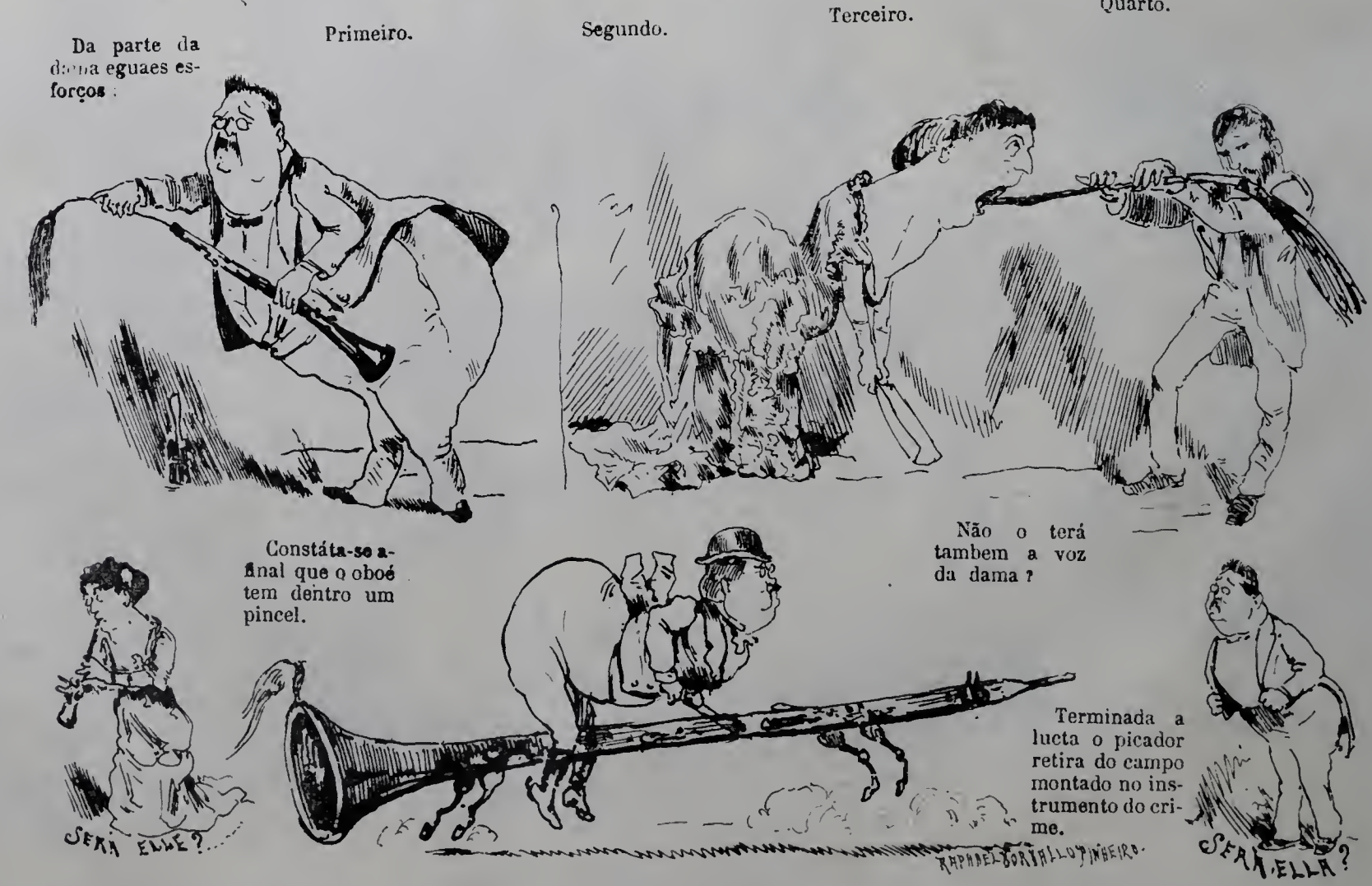
# A SEMANA MUSICAL

## Concerto Nelly-Marzi

### Terrivel lucta de um picador com o seu oboé.

Primeiro esforço. Segundo esforço. Terceiro esforço. Quarto esforço. E nada.

Da parte da dama eguaes esforços: Primeiro. Segundo. Terceiro. Quarto.




Constáta-se afinal que o oboé tem dentro um pincel.

Não o terá tambem a voz da dama?

Terminada a lucta o picador retira do campo montado no instrumento do crime.

## Todos os Santos

(Commemoração politica)

Lithographia, Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

## O theatro de D. Maria

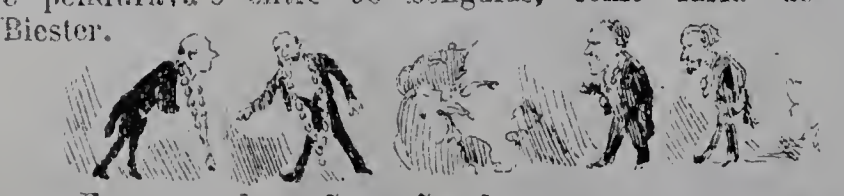
No theatro de D. Maria, na noite da abertura, emquanto se representava a *Estrangeira*, dois ratos conversavam por traz da cortina, a um canto da tribuna consagrada aos reis nos dias de gala e aos ratos nos outros dias.

Um dos interlocutores, rato sabio, velho, contemporaneo da sr.ª Emilia das Neves, estava pensativo e merencorio. O outro, joven, curioso, indiscreto, tendo espreitado pela cortina e examinado a sala, discorria:

— Gósto. O panno de bocca e o gabinete, pintados

pelo Manini, estão bem feitos, a sala está limpa, a comedia vae bem, e a familia real no seu camarote parece ter saude, o que nos garante a continuidade dynastica e a manutenção d'um throno e de uma real tribuna — para fazermos o ninho. Estou satisfeito.

Reles, muito reles! — Contradizia o rato velho Vê o suisso que pozeram á porta: magro como um cão! sem ventre! sem barrigas de pernas! com o talabarte pegado á espinha! Se o dessem ao bengaleiro, o bengaleiro punha-lhe um cordel e um numero e pendurava-o entre as bengalas, como faria ao Biester.



— E os creados não estão elegantes com as suas cadeias de metal suspensas do pescoço?

Sim. Parecem da Sociedade de Geographia. Ainda agora eu cudei d'aqui assim que era o Luciano e o Pequito que andavam na platéa a arrumar os espectadores.

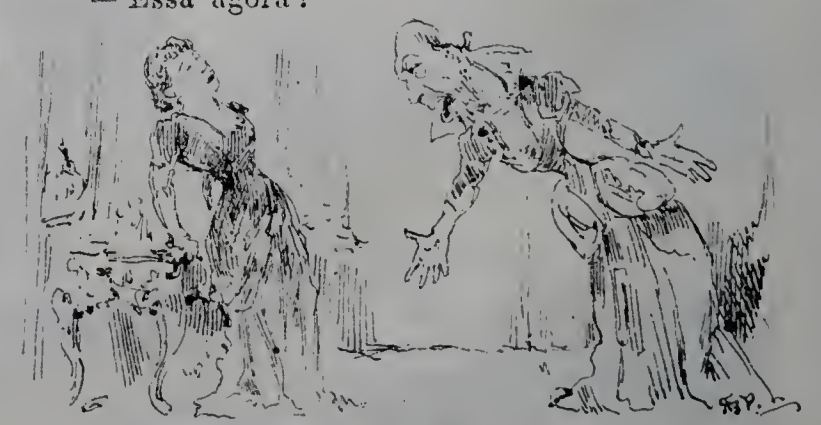
— Tambem dirás mal do panno, com o monumento a Garrett tão bem desenhado n'um fundo de tapeçaria, tão bem franjado d'ouro, com a bella figura da Fama....

— Bem sei; aquella Fama comi-a eu desenhada por Bergs na primeira pagina de uma revista allemã que a familia real aqui deixou a embrulhar um bocado de Roquefort na recita de gala do centenario, no verão passado.

— E o desempenho, velho caturra, tambem o comeste com Roquefort? Já viste cá representar melhor do que os dois Rosas n'esta peça? do que a Virginia?

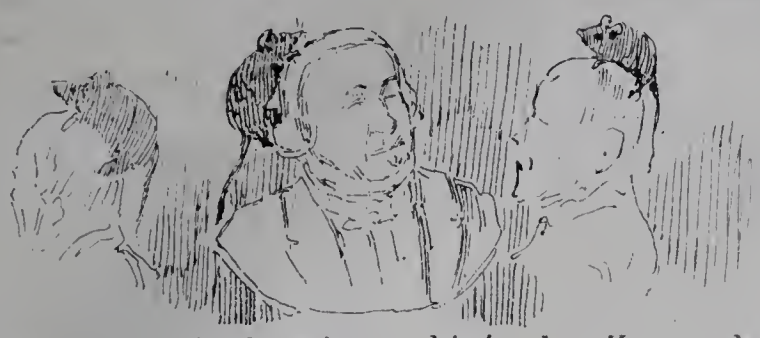
— Prefiro a Falco.

— Essa agora!



— Porque a Falco representa como o Theodorico, cuidei até que era elle mesmo que fazia a Estrangeira.

E isto enleva docemente o meu espirito e transporta-o ao passado... ao bom tempo em que eu, com o



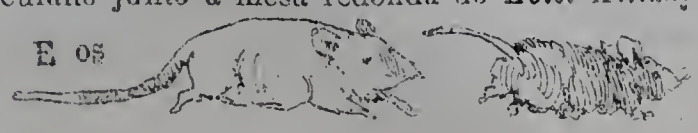
appetite da mocidade roia os chinós dos *Homens de marmore*, e em que a Emilia, na *Dama das Camelias*, ao dar as boas noites a Gastão, fazia tremer de horror a sala toda, porque nunca houve coisa mais tragica, mais excruciante, mais dilaceradora de todas as fibras humanas do que o gesto medonho e o grito horrendo com que esta sublime actriz sabia dizer aos sujeitos: *Muito boa noite até ámanhã!* D'essa gloriosa época restava apenas n'esta casa o lixo, as pulgas e eu. Agora deitaram fóra o lixo e rescindiram a escriptura com as pulgas. Vejo-me só no templo!

E o velho rato passava febrilmente a mão pela fronte, procurando esmagar a idéa, com o gesto de Tasso no quarto acto do *Jogo*. O joven rato propu-

nha-se distrahil-o, mostrando-lhe o Luiz Ribeiro, quando repentinamente se viu apparecer á porta da superior uma grande massa negra, tectrica e monumental.

Era o chapeu do sr. Brito, commissario regio do theatro, ex-indigitado successor de Alexandre Herculano junto á mesa redonda do *Hotel Alliança*.

E os



dois ratos fugiram aterradissimos.

## Casos da semana

Para representar nos Recreios *Thereza Raquim*, a senhora Emilia Adelaide e o sr. Ernesto Biester collocam em Zola uma folha de vinha.

No *Atheneu Commercial* fundam se escolas onde o governo faria bem indo aprender a organisar ensino.

N'um dos espectaculos de gala no theatro de S. Carlos sua alteza o principe real appareceu pela primeira vez ao seu povo adornado com umas dragonas de official de marinha.

As dragonas por direito divino costumam apparecer nos principes pela mesma epoca em que lhes apparece a segunda dentição. O atraso manifesto na evolução militar dos hombros de sua alteza ha muito tempo que dava cuidado aos frequentadores do theatro lyrico. Receiava-se que as dragonas de sua alteza, á similhança do que ás vezes succede ás bexigas, se tivessem recolhido, — para rebentarem talvez mais tarde em furunculos!

A presença do principe sob o aspecto de capitão de fragata lançou um contentamento geral no coração de todos os dilettanti, e a Dinorah foi ouvida n'essa noite com mais agrado.

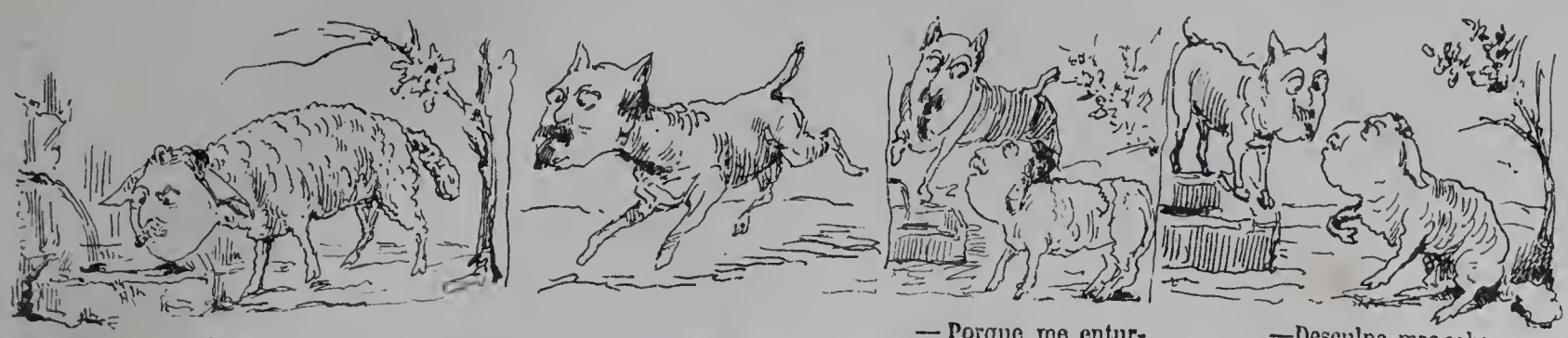
Parabens a sua alteza!

## O dia de finados

Lembra-te ó governo de que és pó do gato, e que em pó do gato te has de tornar!

## A testamentaria

(Apologo)



Na clara veia do governo bebia um cordeirinho.

Chega esfaimado um lobo.

— Porque me enturvas a agua que eu vou beber?

—Desculpe, mas cabe-me beber agora. O amigo Lobo tem de esperar a vez.

— Sei que ha annos tiveste o quer que foi n'um testamento...

— Nada tive. Ha annos foi vocemecê que herdou.

— Eu herdo sempre, uma vez por semana, aos sabbados! fica entendendo.

Herdo de oito em oito dias eu, porque a natureza m'o pede e assim me apraz.

— Então já vê...

— Mas, se não foi herança, foi testamentaria que tiveste.

— Não, meu senhor, não tive.

— Pois se a não tiveste tu, teve-a teu pae.

N'isto ao cerrado matto o leva o lobo e com feijões o come.

Com teu amo não jogues pêras.

Moralidade.

Nem testamentos com Zé Dias.

## Academia das Bellas Artes

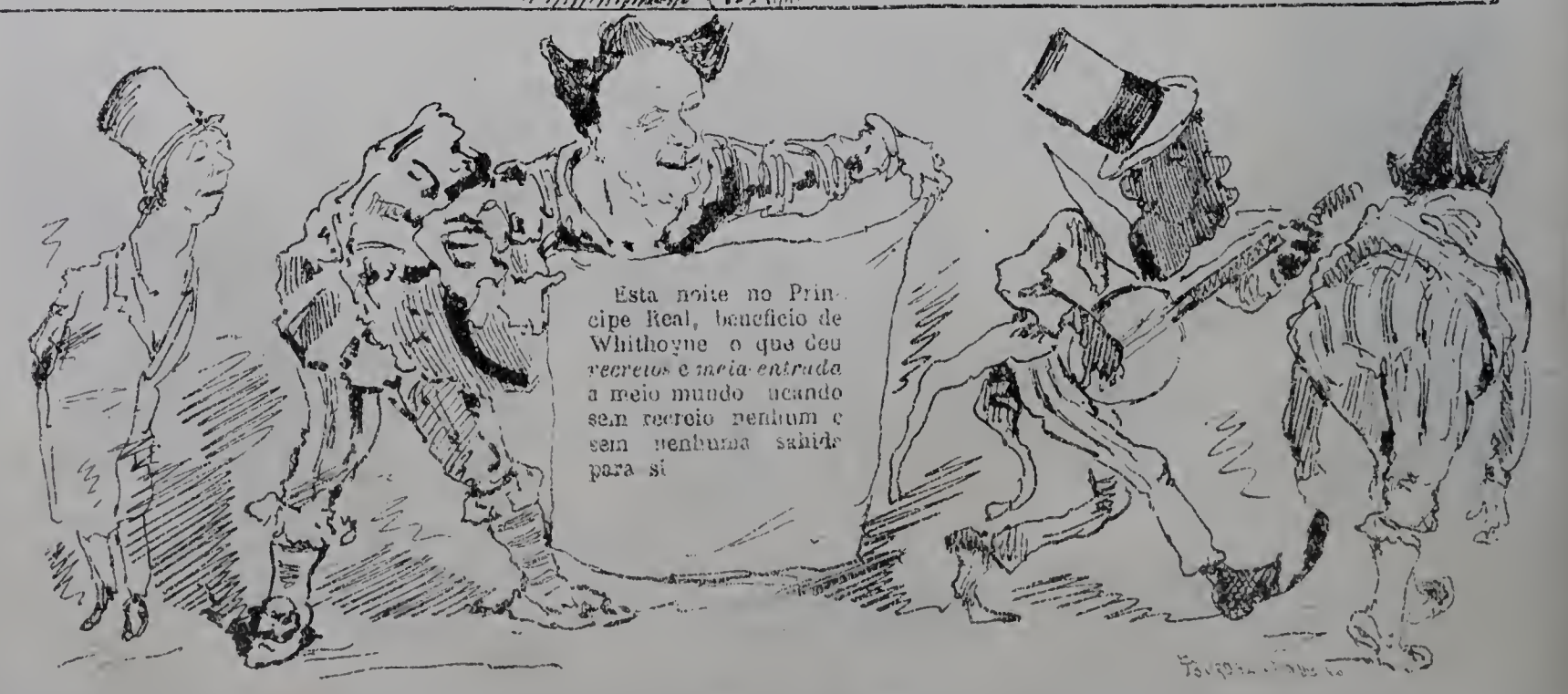
A' força de a reprehenderem consta que a Academia adormeceu.

N'este estado é tal a sua actividade que todos diriam que ella está acordada.

Na galeria chove um pouco mais do que na rua, e não mudam os quadros para as Janellas Verdes.

Era inutil para isto alugar um palacio. Era melhor alugar chapéos de chuva.

(Continúa)



Esta noite no Principe Real, beneficio de Whithoyne o que deu *recretos* e *meia-entrada* a meio mundo ficando sem recreio nenhum e sem nenhuma sahida para si

O tribunal da Boa Hora converteu-se em tribunal celeste para coroar os justos.

A sociedade principia a distinguir por cathegorias os reprobos e os escolhidos.

Os reprobos deixam-se ficar em suas casas, onde ha jornaes encarregados em cada manhã de dizerem a uns da parte dos outros que são todos uns sicarios.

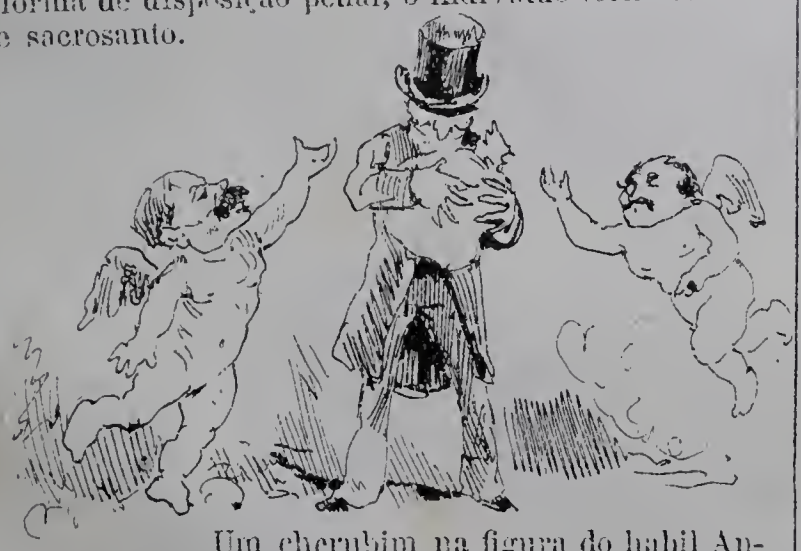
Os escolhidos são postos ao abrigo da discussão, da calumnia, do encanalhamento reciproco e geral, dentro de um bello palacio *ad hoc* chamado o Limoeiro.

O Limoeiro é o unico asylo sagrado em que hoje em dia se póde refugiar uma reputação pura. Todos os outros velhos baluartes da honra, da consideração, do respeito publico, teem sido successivamente violados: o trabalho, uma especulação! a independencia, uma *pose!* a familia, uma possilga! o cemiterio, um monturo!

A porcaria dos caracteres em evidencia na politica e no jornalismo tem distingido sobre a sociedade e tem emporcalhado tudo. Menos uma só coisa, — o Limoeiro.

Aquillo é um viveiro de santos, é um seminario de anjos.

Desde que a graça celestial cae sobre o individuo na fórma de disposição penal, o individuo torna-se um ente sacrosanto.



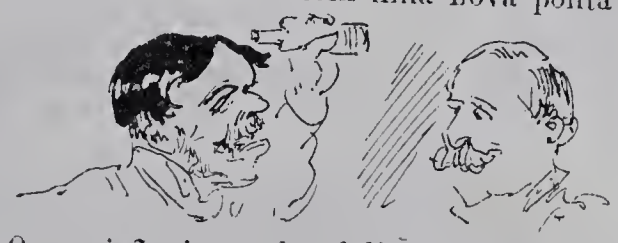
Um cherubim na figura do habil Antunes ou do habil Castello Branco aproxima-se do sujeito e diz-lhe: «Avè brejeiro! O crime é comvosco. Bendito é o fructo da tua pouca vergonha!»

E depois d'esta saudação angelica, o cherubim leva para a cadeia o ventre privilegiado para a concepção do crime. O Limoeiro abre-se, e o eleito do codigo penetra no tabernaculo, onde lhe principia a nascer em borbulhos pela testa a aureola com que mais tarde ha de vir sentar-se, entre as choreias da imprensa, á mão direita do jury todo poderoso.

A Boa Hora reveste-se para estas glorificações de todo o lixo que lhe assiste e de todos os fadistas que a frequentam.

O juiz fez a barba.

O official de diligencias aformoseou a orelha com uma nova ponta de cigarro.



O escrivão botou bandolina na cabelleira. O menor que tem de extrahir do escrutinio os nomes dos jurados vem de sapatos novos. É magestatico.

O ar quente e espesso cheira a suor, cheira a lama

em fermentação, a ratos e a roupa suja; o delegado traça a perna e recosta a nuca ás costas da cadeira; o juiz

assôa-se com ardor, estorcegando o nariz n'um lenço da China; o jury com as mãos nos joelhos arregala os olhos no proposito firme de não adormecer; e o advogado principia a orar.

Decididamente o réo é um anjo.

Crimes ha alguns por esse mundo: ha pianistas mortos, ha notas falsas, ha bancos roubados, etc. Mas, evidentemente, os auctores d'esses attentados são os individuos que andam soltos pela via.

Se ha ahi alguem que tenha na mão o castigo, atire-o pela sua janella fóra a quem passar na rua.

O que é preciso é attender a que não esteja por baixo o unico sacrario da nossa innocencia, o templo inviolavel — a cadeia!

## Todos os Santos

(Commemoração bancaria)

O Banco Ultramarino offerece em réos aos accionistas o que não póde offerecer-lhes em dividendos.

**A Saint-Saens, auctor da ultima dança macabra**

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

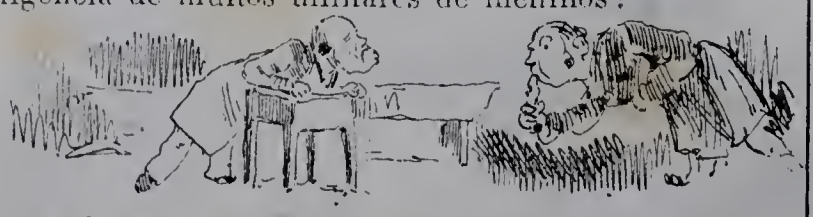
## O Alviella atravez dos canos

Ha dias a companhia das aguas abriu as grandes torneiras dos seus reservatorios e soltou pela primeira vez o Alviella atravez dos canos da limpeza publica. O rio partiu borbulhante e ruidoso, feliz por se vêr solto, satisfeito por se achar empregado, orgulhoso por principiar a prestar para alguma coisa. Mas, poucos momentos depois, o rio pára, arripia-se um pouco, emudece e immobilisa-se.

Espanto geral da companhia. Por que é que o rio não corre? O que viu elle nos canos para assim parar de repente? Para se recusar a proseguir? Conjecturas diversas rodeiam o phenomeno.

O rio encontrou talvez deante de si a Academia das Bellas-Artes e considerou que toda a agua da sua corrente não poderia lavar a porcaria d'aquella instituição.

Appareceu-lhe por ventura a nova Lei da Instrução Secundaria, e elle teve horror, vendo que da simples testa de um ministro podia brotar a asneira em torrentes mais caudalosas que as do Amazonas. Elle, Alviella, tinha apenas afogado alguns pequenos quadrupedes; o sr. José Luciano afoga na sua lei a intelligencia de muitos milhares de meninos!



Foi talvez o Banco Ultramarino que elle viu, e n'esse caso comprehendia-se tambem que recuasse, por medo. A coragem deante dos perigos é bella, mas junto dos bancos a prudencia manda comprar um apito.

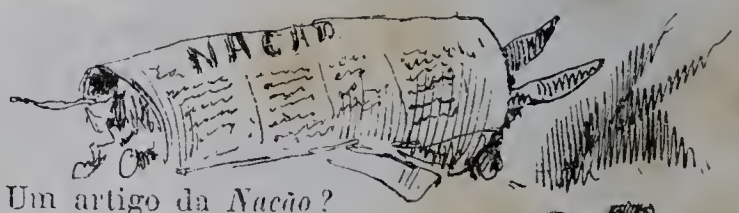
Algumas outras barreiras egualmente formidaveis se poderiam ter opposto á circulação da limpeza nas arterias da cidade.

Qual d'ellas estorvaria a passagem do Alviella? Seria o Tribunal da Boa Hora?

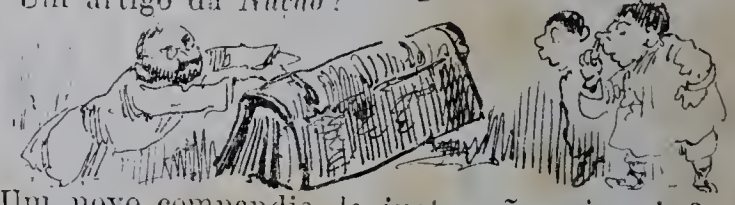
Seria o Conservatorio Dramatico?

Seria o Lyceu Nacional?

Em vez dos grandes obstaculos, não teria o rio encontrado apenas os pequenos empeços?

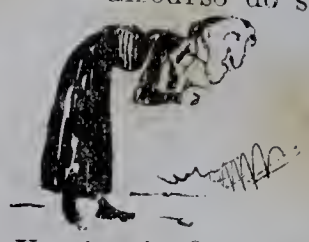



Um artigo da *Nação*?



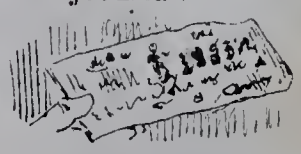
Um novo compendio de instrucção primaria?

Um discurso do sr. Adriano Machado?

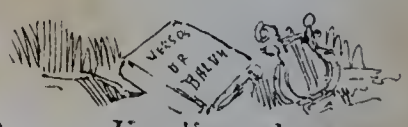


Um jesuita?

O chinó do tenor Fancelli?



Uma cautella da loteria?




Um livro de versos?

A cuia de Laura?

O oboé de Antonio Duarte?

Passando-se da esphera das hypotheses para o terreno da investigação experimental, conseguin-se finalmente descobrir que o Alviella não corria nos canos d'esgoto, porque os canos d'esgoto estão intupidos de immundicia.

A cidade portanto não tem canalisação. Tem tumescencias, tem bolhas, tem abcessos.

Lisboa inteira é um immenso furunculo de sujidade.

Dizia-se que estavamos sobre um vulcão. Pêta! Nós estamos mas é em cima de um ôdre, dentro do qual se despejou uma latrina.

Se carregarmos um bocadinho com a bengala no chão, o Rocio estoira como uma bexiga. É conveniente pois que não carreguemos nas ruas.

Não carreguemos!

Em quanto o Celyseu transbordava de gente para ver os Cavallinhos,

S. Carlos tinha trezentos ouvintes para escutar Saint-Saens, um artista cujo talento, unico, enche de admiração o mundo e só em Lisboa não consegue encher de espectadores dez camarotes.

Pedimos aos nossos dilettanti que não faltem no concerto proximo porque, em vez de interpretar Bethowen,

Saint-Saens promette forrar um arco de pipa com o papel de uma symphonia, e furar êsse arco n'uma cambalheta. Vão cêdo se quizerem apanhar logar!

A' empresa aconselhamos que em vez de escripturar artistas de tal ordem, escripture simplesmente alguns burros sabios. Ha um conservatorio d'elles na Academia das Bellas Artes, rua de S. Francisco.

Delguim Fedes lá está fresquinho. Chegou ha tres dias. Vem mais sabio.

## Os veranitos de S. Martinho

## O S.

**Sermão do juiz da irman**

Amados ouvintes! N'este dia de vasa-borrachas, consagrado geralmente ao paio, confraria a metter o espicho aos novos cascos, que para o anno bom havemos de pô

Temos por nossa conta a pipa da governação. Ha pandigos que rosuam porqu

Por hora quem aquartilha a zurrapa é cá o sujeito. Os ôdres vazios que lá está

É dar-lhe para a frente, que esta vida são dois dias!

O novo está de arromba. E temol-o para todos os gostos. Temol-o *fino* nas mar, temol-o *adamado* na guerra, temol-o de *mata-ratos* na instrucção publica e temol-

A unica coisa que temos a pedir a Deus Nosso Senhor é que nos dê fortaleza sista com o seu auxilio para que papemos o que houver, rapemos o que ficar e nos

## NHO

**Frei Anselmo Fracatripa**

eilhão, á castanha assada e á bella pinga das tradições nacionaes, eu convido a amante
pblico por conta do lavrador no nosso retiro dos pacatos, em S. Bento.
os a beber ha muito. Deixal-os rosnar!
que esperem! A nossa confraria pode e deve beber mais.

temol-o *marinheiro* na marinha, temol-o *reinadio* no reino, temol-o *marufo* no ultra-
*do* nas commissões da fazenda.
hos para resistir a mais esta prova, e que S. Martinho bispo, papa e rapa, nos as-
os com o resto. Disse.

## Theatro de S. Carlos

V. Ex.ª creio que se esqueceu... Vem sem gravata!

Nos *Huguenotes* a princeza mostrou ao publico que era da ordem da Jarreteira, com más insignias.

Nos corredores, abuso da batuta da parte de dois maestros.

Notavel caso de insensibilidade nos membros locomotores d'uma artista.

## Theatro de S. Carlos

Serobicos massaricos, quem vos .deu tamanhos bicos?

Segundo o Sr. Lermina é assim que se conversa em Paris.

Não seria ainda mais elegante conversar assim?

# O EMPRESTIMO DOS 15:000 CONTOS

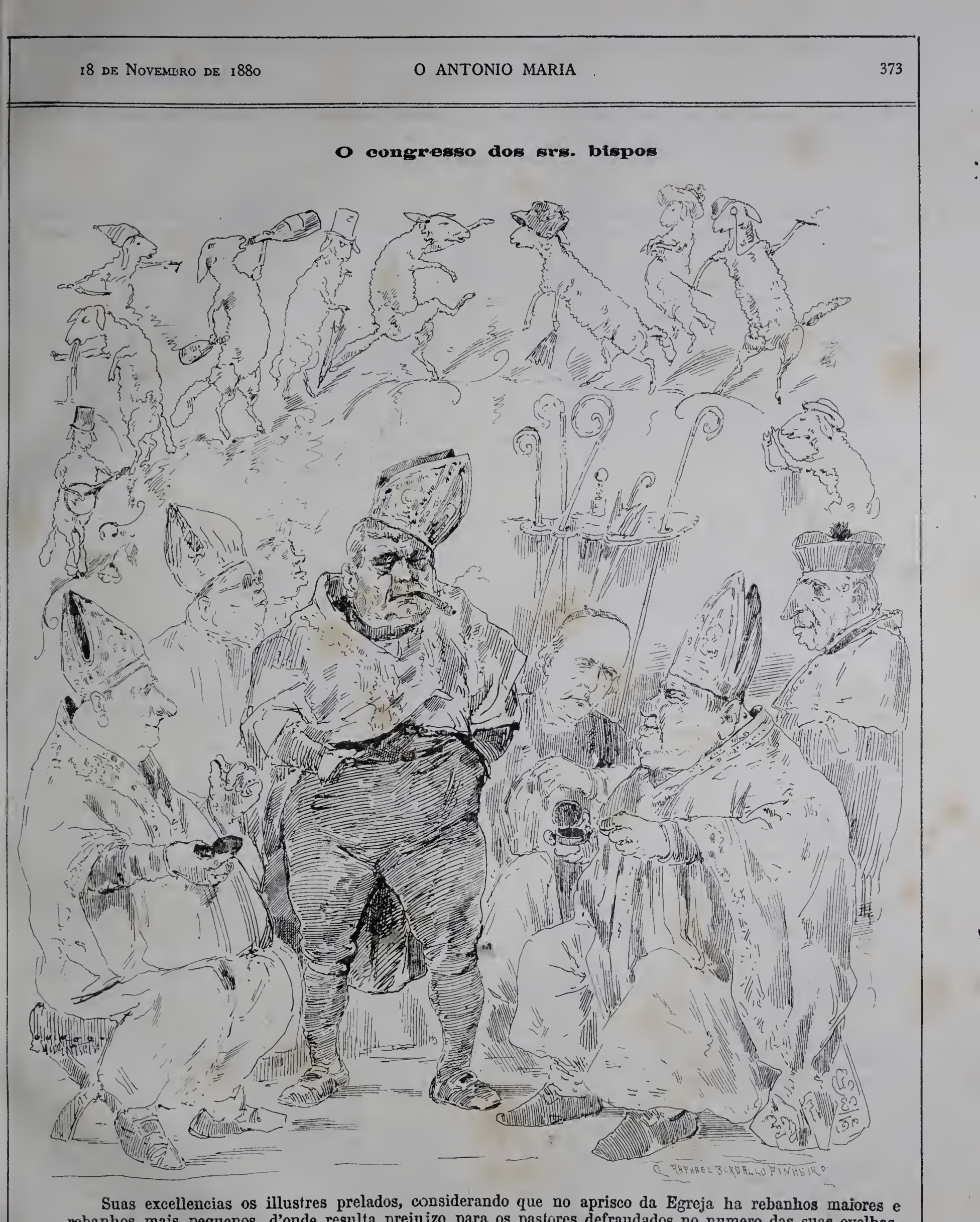
## Luvaria do Estado

— Os freguezes acham as luvas pequenas.

— Pequenas! Querem-as ainda maiores do que a minha medida?! Quantos *contos* é que calça então quem empresta?...

— Quem empresta calça tudo. Quem pede emprestado descalça outro tanto.

## O congresso dos srs. bispos




Suas excellencias os illustres prelados, considerando que no aprisco da Egreja ha rebanhos maiores e rebanhos mais pequenos, d'onde resulta prejuizo para os pastores defraudados no numero das suas ovelhas, deliberaram proceder a uma nova e mais equitativa circumscripção deocesana, e é para esse fim que n'este momento se acham reunidos em Lisboa, tomando sobre o assumpto algum rapé e o chá canonico.

É um bom momento de liberdade, que os rebanhos não deixarão por certo de aproveitar para tripudiarem um pouco na herva prohibida.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

## Os medicos

Varios casos referidos nas chronicas d'esta semana chamam particularmente a nossa attenção para os srs. facultativos.

Constituidos em gremio para a distribuição das quotas da contribuição industrial, suas excellencias de tal modo se houveram uns com os outros que todos se acharam mal... Dir-se-hia que, em vez de repartirem entre si as suas colectas, suas excellencias repartiram as suas receitas.

Clamores geraes echoam na imprensa. Gritos afflictivos, como que de pontadas lancinantes nos ventres,

partem dos jovens clinicos dos postos medicos e dos homeopathas contra os proceres da faculdade. A julgar pelos seus queixumes é grave o estado d'estes contribuintes, e seria bom examinar se não houve um fatal equivoco entre as contribuições e as drogas, não sendo as decimas que elles se propinaram, mas sim as purgas.

O decoro d'esta illustre corporação obriga-nos a dirigir ao seu respectivo gremio algumas perguntas severas.

Antes de mais nada desejamos saber onde está a jalapa? Queremos vêl-a! Onde foi que a puzestes? Nada de subterfugios! Ha victimas e ha suspeitas pendentes sobre as vossas cabeças. Que fizestes á jalapa? Respondei.

Á cabeceira de um enfermo *in articulo mortis*, reuniram-se ha dias dois doutores de escholas adversas.

Eram o doutor João Anastacio Rosa, da sapataria do largo de Camões, e o doutor Camara, da vereação municipal de Lisboa.

O doutor Rosa opinava por um globulo de *nux vomica*, 5.ª dynamisação, applicado ás fauces do doente muito ao de leve e por cima da roupa.

O doutor Camara prescrevia o caustico na região lombar, uma ventosa na bocca do estomago e bichas baixas.

N'este horroroso conflicto da sciencia perante o problema da vida, foi consultada a vontade do enfermo.

O enfermo porém, á força de desvelos de que tinha sido objecto por parte dos dois assistentes, achava-se sem falla.

Dizia-se mesmo, comquanto isto não houvesse transpirado do sigillo da familia, que o que elle estava era morto.

Como em taes condições o doente não podia facilmente escolher o remedio que preferia, era preciso para continuar o tratamento que a sorte decidisse, e que um dos medicos se retirasse.

Depois de um momento de anciedade tragica, de angustia indiscriptivel, o Rosa ficou e o Camara . . . . A nossa penna recusa-se a dizel-o! A revelação que nos ia escapando importa prejuizo de terceiro. Não a faremos jámais. Jamais!

Bastará que o publico saiba, como desfecho d'esse tenebroso drama, que mão nervosa arrebatou repentinamente de sobre a peniqueira do doente um chapeu alto que ahi se achava; uma porta se abriu com violencia; a mesma se tornou a fechar com estrepito . . .

O Camara havia desapparecido.

A sós no silencio mortuario, frente a frente com o globulo de *nux-vomica*, 5.ª dynamição, e com a sciencia, o procedimento de Rosa foi admiravel de abnegação e profundo de consciencia medica.

Approximando-se do leito, Rosa, disse ainda uma vez ao ouvido do enfermo:

— Quereis tomar o globulo imperceptivel, mas soberano, que tenho em punho, ou quereis o raio do Camara na bocca do estomago?

Perante este dilemma o infeliz ergueu-se de repente, sentou-se na cama, e circumgirando a vista pelo aposento:

— Estamos sós? perguntou.

E em seguida, estendendo o pé ao facultativo, disse e a sua voz era cava:

— O que eu quero tomar, doutor, é medida! Desejo-as de vitella franceza com sola e vira.

Um dos mais illustres collegas de João Anastacio Rosa, o doutor Alvarenga, acaba de receber da munificencia regia o titulo de conselheiro de sua magestade.

Os titulos honorificos de que tem sido objecto este interessante professor são tão numerosos que não cabem já na capa dos seus livros, e principiam a invadir o texto das suas obras. D'aqui a mais alguns annos ao chegar-se a paginas cem ou cento e cincoenta dos seus tratados sobre as affecções cardiacas, ainda a gente ha de ir lendo:

« . . *Da Academia dos deleitosos de Chão de Maçãs, membro honorario do Recreio de Cacilhas, socio correspondente do Club caixeiral dos timidos de Bota-fogo, na America*, etc., etc.

Prevendo decerto que da regia mão ia cair sobre elle mais esta distincção o celebre clinico preparou-se para a receber comprando em Paris, no armazem do *Palais de Cristal*, por occasião da sua ultima viagem, umas calças novas.

Com essa bella pantalona, com o rico jaquetão, com o bom chapéo á bombeira e com a amante carta de conselho, nada mais falta a s. ex.ª Sem lisonja podemos dizer que está um perfeito moço!

O Tony-Grice decae do prestigio como o Mariano.

*Trabalhos de voltei sobre e albarda da fa zenda pela interessan te miss Burros Comes*

Imitando miss Oberson perdeu um dente o sr. Fontes.

## Dois espelhos

Reduzida á fórma pittoresca, a composição de Saint-Saens intitulada *As Noites de Madrid* dá este resultado.

Pelo mesmo processo a peça que se intitula *As Noites de Lisboa* produz isto.

## Academia das Bellas Artes

(Opinião de um viajante)

Ao vel-a por fóra achou-a torpe.

Ao vel-a por dentro achou que ella era melhor por fóra.

## Os nossos pobresinhos

Com a devida venia do *Diario de Noticias* recommendamos á caridade dos leitores que possamos ter no Commissariado da policia os desvalidos quo hontem ao cair da tarde, desde a esquina do Rocio até o meio do Chiado, nos dirigiram as suas supplicas nos termos seguintes:

Sr. conde, tenho fome!

Soccorra um desvalido, sr. conselheiro!

Ha tres dias que não como...

Cavalheiro! (soluça). Não me envergonho de o dizer... (soluça outra vez). Peço esmola!

Tive uma posição social... Dava a uma roleta... Vejo-me desempregado.

Filho do celebre desembargador Felisberto, da Relação de Goa, peço doze vintens para pagar a hospedaria.

Estou a ver que já V. Ex.ª me não conhece... Sou o Joaquim, dos touros! do Campo de Sant'Anna! V. Ex.ª tem sido sempre o meu protector...

Tenho bichos, na cabeça e na barba, por isso me expulsam dos cargos publicos: recorro á caridade.

Nasceu-me esta manhã uma filha, e minha infeliz esposa morreu tisica ha quinze dias... Favoreça-me com alguma coisa, ex.mo sr.

Não peço para mim. Oh! não! Peco para minha mulher... uma infeliz viuva rodeada de dezeseis orphãos.

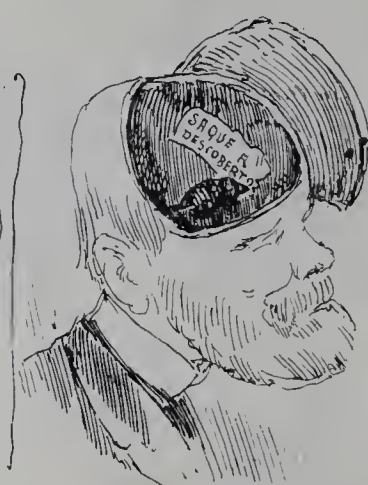
RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

## As cabeças de abrir e fechar

Se as cabeças de abrir e fechar, introduzidas no Circo Price pelos clowns se generalisassem um pouco mais, presenceariamos de certos espectaculos edificantes. Por exemplo:

Na cabeça do sr. Adrianno Machado.

Na cabeça do sr. Anselmo Braamcamp.

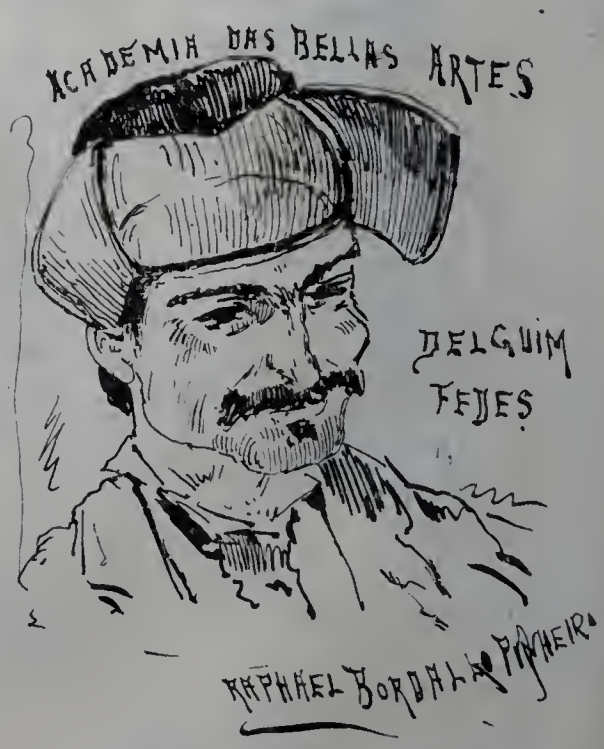



Na cabeça do Banco Ultramarino.

Na cabeça da poesia lyrica.

Na cabeça do professor Justino.

Na cabeça de Zé Povinho.




E na cabeça da Academia não se veria nada!

## As rendas de casas

**Sua magestade o Senhorio**

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

## Os tratamentos de senhoria e de excellencia

### A lei do sello e a civilidade

Nas tabellas para a execução da lei do sello, promulgada pelo sr. Barros Gomes, lemos com sobresalto algumas disposições que aterram.

Na tabella dos titulos encontram-se estas linhas:

*Tratamento de excellencia não sendo annexo a emprego ou dignidade — direitos,* 360$000 *réis.*

*Tratamento de senhoria, idem — direitos* 180$000 *réis.*

A lei do sello entra por esta porta nos dominios da civilidade e põe as medidas legislativas do sr. Barros Gomes em conflicto com os compendios do sr. João Felix.

Este ponto é grave. O tratamento de excellencia, pelo qual temos de pagar 360$000 réis, é evidentemente o tratamento que os outros nos dão, porque não ha ninguem que leve os sentimentos da propria dignidade até o ponto de se tratar por excellencia a si mesmo.

O sr. rei D. João VI fallava sempre na terceira pessoa e dizia de si mesmo: *sua magestade quer mais cabeça de porco; sua magestade tem dor de barriga,* etc.

E isto imprimia na antiga corte um grande cunho ceremonioso e magestatico, que se perdeu.

Hoje tanto nos reaes paços como fóra d'elles não ha quem se trate pela terceira pessoa.

No momento presente, consagrado ás rendas das casas, é possivel haver em Lisboa alguns inquilinos que digam — *a minha senhoria é uma ladra,* mas nenhum ha que diga: — *A minha excellencia paga,* ou *a minha excellencia muda.*

É claro pois que o tratamento de excellencia pelo qual temos de pagar 360$000 réis é o tratamento que os outros nos conferem. O tratamento torna-se por este modo uma arma terrivel nas mãos das pessoas mal intencionadas. Trazer uma excellencia na algibeira vem a ser uma coisa quasi tão perigosa como trazer uma faca.

Ponha o leitor deante dos seus olhos os perigos que corre depois d'esta lei:

Vae um homem á sociedade,

Satisfeito.

Desprevenido,

Encontra-se com dois malvados.

Os facinoras levam-o á traição.

De sala em sala, por baixo dos lustres, entre o perfume das flores e a palpitação dos leques.

Até se approximarem do dragão do sêllo, escondido atraz de uma porta e aguçando as garras á espera da presa.

Ahi um dos scelerados, com o pretexto perfido de nos offerecer um gelado,

Ou um grog,

Inclina-se respeitoso, e, á falsa fé, atravessa-nos o ventre com uma excellencia.

O dragão sae jubiloso do esconderijo,

Lança a garra adunca á victima. e exhaure-lhe 360$000 réis para os cofres do estado.

**De modo que nunca mais um sujeito, poderá sahir de casa e penetrar nas assembléas, nas secretarias, nas *soirées* e nos chás de familia senão com as seguintes precauçõee:**

Ir prevenido,

Preparado.

E logo que lhe appareçam ca valheiros solicitos, obsequiosos,

Pôr-se á esquina com elles e atirar-lhes para o peito com um *tratamento* de sôco,

Que os deixe sem falla para qualquer outro tratamento, de excellencia ou de senhoria que seja.

E o dragão que se remorda enraivecido!

Ah! estão-te as fauces a pedir direitos, grande monstro?

Ora queira Deus que o que tu engulas ainda esta noite não seja uma bola de strychnina, que eu trago aqui no bolso para os dragões gulosos!

## O dia d'hoje

## A via sacra da familia

OS E

**S. Saraiva de Casacão, apostol**
**orago**

Despertar da familia e grito matutino da consciencia : — *Papel e obreias !*

A's 7 horas em casa.

A's 7 e meia na rua.

Primeiro escripto na rua da Prata : *Chaves d'esta casa no Campo Grande n.º 830. Para tratar em Buenos Ayres n.º 459.*

Segunda casa. A senhoria deseja cohabitar com os inquilinos e ser tratada como pessoa de familia.

Terceira casa : —Pessimos cheiros !

— Não são bons, não, mas parte d'elles retiram, porque os cheiros d'esta casa são tres : o da propriedade, primeiro, e além d'isso o do gato e o meu.

Quarta casa:—Muitos commodos ! Só typhos no verão passado accomodaram-se aqui oito.

Vós que os quizestes pôr na Ajuda e que o

ajudae-os, senho

'TOS

**ifece, advogado dos escriptos,**
**dia**

## O dia d'hoje

### A via sacra da familia

Sexta casa. — E pia que tal?
— Abundantissima, minha senhora! Trasborda!

Setima casa. — Talvez encontrem algumas imundicias. Espero que me façam a justiça d'acreditar que não são minhas. São dos inquilinos que me precederam no outro semestre... uns porcos!

Quinta casa. — Por baixo mora um philarmonico que estuda corneta de chaves de dia. Por cima mora o mestre que dá lições do mesmo instrumento de noite.

Oitava casa.. — Ao lado um do outro, fogão e pia. Muito commodo, minha boa senhoria, porque faz agente ao mesmo tempo os seus comeres e as suas necessidades.

Nona casa. — Convem-nos, se não for muito puxada a renda. Quem é o senhorio?

## Epilogo

es com elles,

— É este senhor!

— Ludibrio e maldição!

**Voltaremos a ver casas no fim do mez... se já estivermos sãos!**

Dizem as chronicas d'esta semana que sua alteza o principe real vae fazer na primavera proxima uma viagem de instrucção pelos portos do Mediterraneo e do Mar Vermelho. O *Diario Illustrado* accrescenta á noticia da proxima navegação *ad usum Delphini* que a a corveta *Bartholomeu Dias* metterá em breve artilheria Armstrong para o fim — diz o alludido periodico — *de se apresentar convenientemente.*

Duas coisas nos commovem n'este facto.

A primeira é que sua alteza, official de marinha desde o principio d'esta estação lyrica no theatro de S. Carlos, só na primavera proxima vá fazer a sua viagem de instrucção.

Suppunhamos, julgando pelos galões de sua alteza, que estava feita essa viagem.

Vemos porém, como uma surpresa que nos é impossivel dominar, que entre os sagrados privilegios do direito divino se comprehende a vantagem que teem os principes de marinharem por antecipação, sendo embarcadiços sete mezes e meio antes de terem principiado a embarcar!

Como fieis subditos de sua magestade folgamos com esse privilegio. A elle se deve o prazer que todos experimentamos vendo que sua alteza, ainda antes de ter partido, chegou já, são e salvo, aos braços da sua augusta familia e do seu povo.

A segunda causa da nossa commoção jubilosa é o sabermos que a *Bartholomeu Dias* se resolveu emfim — como muito bem diz o *Diario Illustrado* — a *apresentar-se convenientemente.*

Emquanto não tinha mettido artilheria Armstrong a impudicicia d'essa corveta era a vergonha do Tejo; Cacilhas ao olhar para ella corava de pudor, e os portos estrangeiros, ao verem-a chegar cobriam as faces deante de tanta deshonestidade e de tão pouca corveta.

Familias pundonorosas, que desejam atravessar para a Outra Banda sem que lhes suba a côr ao rosto, perguntam-nos se a *Bartholomeu* tem já a artilheria ou não. Se ainda lh'a não puzeram, que ella ponha pelo menos uma folha de vinha.

Basta de inconveniencias, Bartholomeu! Sê um vaso de guerra! Sê mesmo, se o preferes, um vaso de noite! Mas não queiras continuar a ser, como eras sem artilheria Armstrong, um vaso de iniquidades!

Alguns artistas do theatro de S. Carlos pedem-nos que sejamos seus interpretes junto do illustre dilettante que passamos a designar tal como nol-o apontaram.

Os artistas encarregam-nos de supplicar a s. ex.ª, por tudo quanto haja para s. ex.ª de mais sagrado, que cesse de lhes marcar o compasso.

O dilettante ha de nos perdoar por quem é, mas bate o compasso tôrto. Bate-o tortissimo.

O sabio dizia ao nescio: *Bate, mas ouve.* Nós outros diremos ao sabio: *Não oiças, mas não batas.*

É um grande favor que nos fazes.

## ACONTECIMENTOS POLITICOS

O partido do sr. duque d'Avila, reunido em assembléa geral, resolveu percorrer em massa as ruas da cidade ás quatro horas da tarde. O seu aspecto era imponente.

Á noite o partido tornou a reunir, e, apesar das fadigas do dia, nem um só membro faltou na assembléa. Os patriotas consumiram no exame da coisa publica e em torradas com manteiga um pão de pataco.

Correu que o Franco de Belem se passaria para os de Valbom com armas e charopes.

Franco declara nas folhas que se não passára, e ao saber tal a nação inteira, como um só homem, ficou na mesma.

## Homem ou mulher?

Miss Oberson ao vir para o Circo

Miss Oberson ao ir para casa.

## ACONTECIMENTOS POLITICOS

### Portarias e decretos

As expulsões dos Jesuitas.

Primeira expulsão pelo marquez que morde em 1759.

Segunda expulsão pelo Sr. Luciano que lambe em 1880.

# Funeral de Cossoul

O enterro de Cossoul, perante o qual o *Antonio Maria* se descobre respeitosamente, foi uma d'essas poucas acções boas que Lisboa pratica de longe a longe. Faz honra aos sentimentos democraticos de um povo prestar por tal modo a um simples cidadão os tributos funerarios que n'outro tempo se não pagavam senão aos principes. Cossoul era apenas um artista amavel e um trabalhador honrado. A enfermidade de que morreu contrahiu-a arriscando como bombeiro voluntario a sua vida pela do seu similhante. Passava pelo homem mais gracioso de Lisboa, e, apesar d'isso, consta que tinha graça. Seja leve ao seu coração bondoso a terra que elle se dedicou a amar!

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

## A gymnastica de sala segundo Schereber

### Proveitosas lições no palco de S. Carlos por Madame Pantaleone e Mademoiselle Synnerberg

O defuncto dr. Schereber, director do Instituto Orthopedico de Leipzig, considerando que nos ossos da mulher moderna se notam graves deformações provenientes da estação sedentaria, do uso do espartilho e dos tacões Luiz XV, da curva imposta á columna vertebral pelo trabalho da costura, etc., resolveu reconstituir pela gymnastica a graça normal das formas e a elegancia feminina, e consagrou a esse intuito um livro importante para a hygiene, em que se descrevem os diversos movimentos que as senhoras devem executar em cada manhã para o fim de restabelecer no organismo o jogo harmonico e perfeito dos diversos elementos que o constituem.

Na opera *D. Carlos* Madame Pantaleone e Mademoiselle Synnerberg mostram-se evidentemente resolvidas, poderiamos talvez dizer escripturadas, para tornar conhecidos do publico os exercicios de Schereber.

Folgamos de poder contribuir com o nosso prestimo para vulgarisar os saudaveis movimentos exemplificados ao publico pela gesticulação dramatica de tão interessantes artistas, e passamos a descrever esses movimentos acompanhados da respectiva lettra, traduzida em vernaculo, para uso das familias e das escolas.

Juntas as duas mãos, erguer energicamente os braços acima da cabeça. Lettra: *Deus! Poderoso Deus!* Repetir oito vezes este exercicio.

Collocada no peito a mão direita, estender com força o respectivo braço a toda a sua extensão, voltando ao mesmo tempo a cabeça para o lado opposto. Lettra: *Afastae a pavorosa imagem! Não a quero ver!* Seis vezes.

Movimento analogo, afastando a pavorosa imagem do lado esquerdo. Seis vezes. (Recommenda-se particularmente este exercicio bem como o precedente para desenvolver os musculos do peito.

Enclavinhadas as mãos no seio, estender os braços com impeto para diante. Dois tempos. Lettra do primeiro tempo: *Punge-me a cruel duvida!* Lettra do segundo: *Horror! horror!* Oito vezes.

Dobrar o corpo sobre o estomago, inclinando o busto quanto seja possivel para deante e affastando simultaneamente para traz os punhos cerrados. Lettra: *Verdugo! assassino! infame!* Seis vezes.

Movimento inverso. Recuar o busto, estendendo os braços para diante. Lettra: *Oh! isso nunca! jámais!* Seis vezes. (Recomenda-se este exercicio para fortalecer os rins.)

Bem direito e erecto o busto, dar trinta a cincoenta passos pela casa erguendo o mais que seja possivel os joelhos e não pousando no chão senão os bicos dos pés. Lettra nenhuma. Apenas um ligeiro sorriso nos labios. (Exercicio especialmente recommendavel para regularisar as funcções intestinaes. Convém algumas vezes acompanhal-o com o uso interno de sedlitz.

Caminhar para a porta do fundo, alquebrando compassadamente o corpo pela cintura, já para a direita já para a esquerda. Lettra: *Onde está o principe? Vou recebel-o!* (Este gracioso movimento é soberano nas congestões do figado, principalmente se a donzella, antes de se dirigir em cada manhã á porta do fundo para receber o principe, houver tomado jalapa).

## Ou bem pirueta ou bem factura!

O bailado da opera *D. Carlos* não foi apreciado com toda aquella attenção a que tem direito.

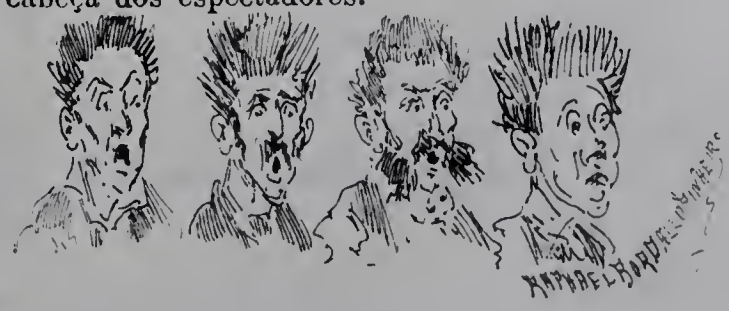
Attribuimos este menospreço do publico á infausta presença no palco do primeiro bailarino o cidadão Moraes.

Este vulto acumula sobre a redondeza terraquea a funcção choreographica com a funcção de cobrador do alfaiate Keil. Isto prejudica-lhe consideravelmente o sentido da mimica.

Quando na scena elle arqueia suavemente os braços por sobre a fronte, ou desenlaçados os alonga em

extasi, languidos e carinhosos, já para a direita, já

para a esquerda, revirando os olhos com avidez para o ceu e esticando os dedos electricos para as tibias do corpo de baile, todos os cabellos se arripiam na cabeça dos espectadores.



Ch

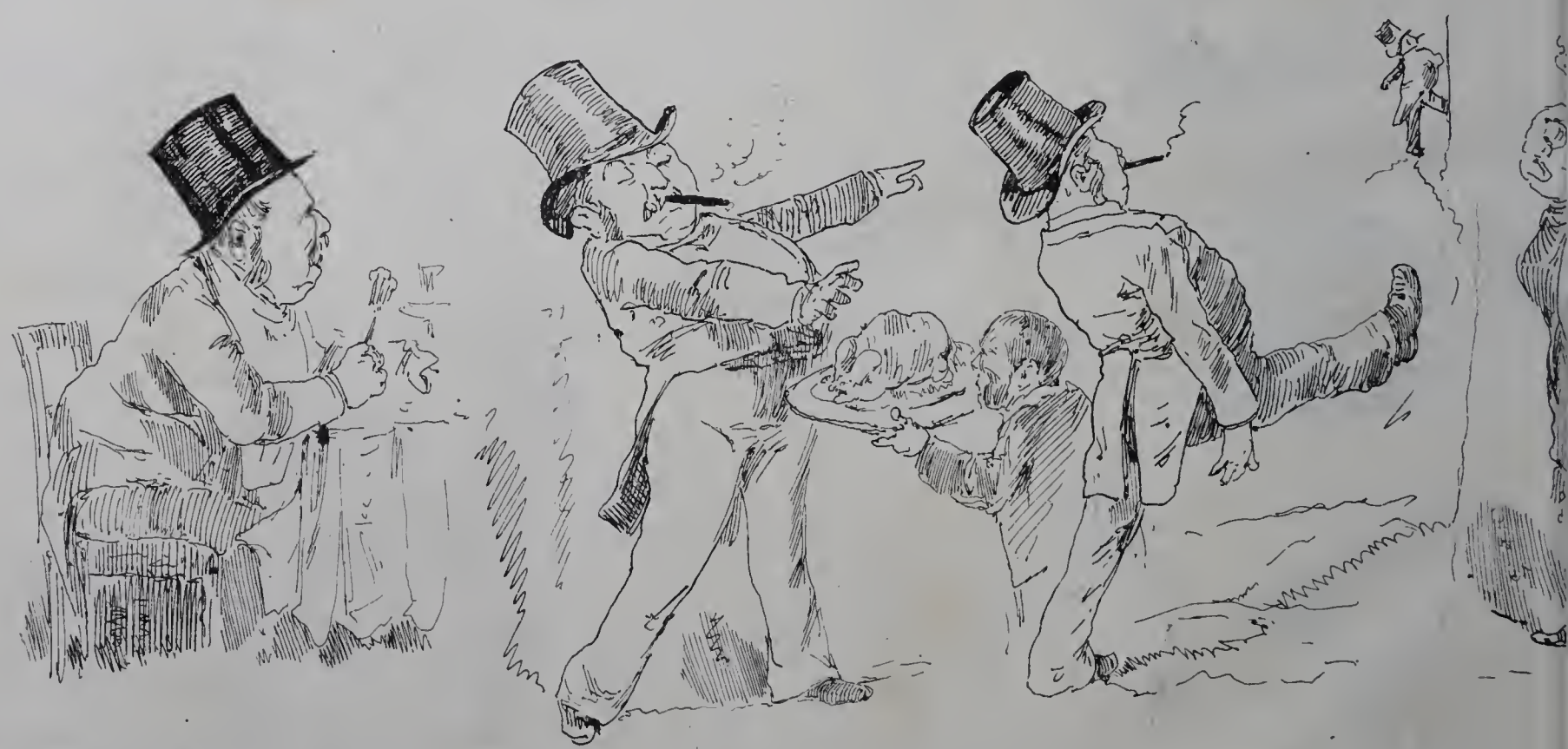
Este chinez, cujo rabicho desperta suspeitas...

Por ser rabicho de mais, principalmente para chinez...

Engole bengalas.

Engole espadas.

Engole tudo.



Este comeu a primeira metade de um banquete.

E porque não comeu elle mais? Porque ao chegar o festim á segunda metade e apparecendo na mesa um perú, por incompatibilidades politicas com esta ave assada...

Elle, dando então o formidavel passo que a historia debalde tem procurado explicar, saiu.

Este, lanç
posto ao tra
e de excelle
Felix Pereira
dor da civili

ice

Não nos surprehendeu.

Temol-os visto com muito menos rabiche engolir mais.

Este sr. chinez, em escriptos para o paço da Ajuda, tem engolido para cima de seiscentas resmas de papel e de nove arrobas d'obreias.

Este, magro qual o vêdes, acaba de engolir um javardo e uma fornada... De pães? Não. De pares. Mas tudo é pãosinho. Excepto o porco!

lhão do im-
de senhoria
ole o João
o propugna-
ional.

Este, finalmente, sem contestação primeiro dos nossos chinezes, engoliu de um dia para o outro trezentas *albardas*, duzentas injurias de *escacha-throno* uma *capa de ladrões*, um grande *poder pessoal* de farta-velhaco, e *duas louras e innocentes creanças*... Tudo com môlho de vilão.

O chino estrangeiro do Circo Price tambem bebe azeite, e esta é de todas as suas chinezerias a que mais nos admira.

Porque os chinas portuguezes da Academia das Bellas-Artes — e são dos melhores que temos — não o bebem. Está mesmo isso no seu programma: Nunca furar paredes, abster-se de inventar a polvora, e por coisa nenhuma do mundo beber azeite!

Porque as blandicias d'esse prestimoso cavalheiro — para a plateia que o conhece como cobrador — parecem a astucia refalsada e fementida do vil sicario que afaga traiçoeiramente com lubricos ademanes a victima indefesa para mais tarde e á falsa fé lhe cravar pelas costas a conta de uma casaca.

E, n'esse ponto de vista, o aspecto sorridente e suavissimo do mui conhecido bailarino é deveras pungente e horroso!

Que a empreza do theatro de S. Carlos haja pois de lançar sobre Moraes um espesso veu! Assim o pedem da plateia, doloridas e lacrimosas, todas almas sensiveis, — freguezas do Keil. Veu! veu!

**O amarello na arte**

Na opera *D. Carlos* a figura tenebrosa de Fillippe II appareceu-nos magestosamente envolta em uma purpura.... amarella!

Sabiamos que esse engenhoso principe levara o seu amor pela cozinha religiosa até o ponto de haver servido ao Altissimo, sob a forma de bifes na grelha, a maioria dos seus subditos.

Sabiamos que elle tinha invadido e subjugado o territorio portuguez.

Sabiamos finalmente que elle tinha acabado no mosteiro do Escurial, em cheiro de pôdre, carcomido por essas molestias tristes que tantas vezes levam secretamente o homem a depôr o nariz, despegado de fadiga, no seio do goso.

O que não sabiamos porem é que a providencia, vingadora d'opprimidos, vasara tambem a urna da ictericia sobre o manto do despota!

Como patriotas folgamos de ver a empresa de S. Carlos collaborar assim na obra dos restauradores de 1640, inventando para o usurpador um novo flagello, despejando-lhe a propria bilis pelos hombros, torcendo-lhe com mão firme o conducto hepatico e arrojando-lhe ás faces o calculo biliar da reprovação publica.

Bem haja aquelle que, tendo em sua mão a chave da guarda-roupa e a da historia, não hesitou um momento em revelar ao povo que, pelos crimes que lhes cobrem o figado, os tyrannos teem muitas vezes as purpuras da mesma côr de que nós outros temos as cenoiras!

**O dia de hontem, 1.° de dezembro, foi enthusiasticamente celebrado, conforme o seguinte programma:** Raiou a aurora ás 5 horas e 39 minutos; houve preamar ás 2 e 30 da tarde; por volta do meio dia o sr. Sanches de Baena, vestido de papagaio com exercicio no paço, percorreu o Chiado dentro de uma carruagem; o theatro de *Dona Maria* deu recita de gala; e houve vento moderado do quadrante NE.

Foi uma commemoração imponente.

O actor Ribeiro fez no theatro da Trindade o *Rei Uf*. A plateia — ignoramos porquê — não gostou. E todavia o rei Uf pareceu-nos um bom monarcha. Tem todas as pilherias proprias do seu cargo; tem a porção de libertinagem exigida para tornar interessante um principe; tem musica; e, em vez de fazer devorar os seus subditos pela intriga submettendo-os á politica, fal-os devorar unicamente pelas moscas, untando-lhes o nariz com mel.

Talvez o quizessem melhor?!... Ora seja pelo amor de Deus!

**A nova fornada ou a offerta do javardo**

**Um impar**

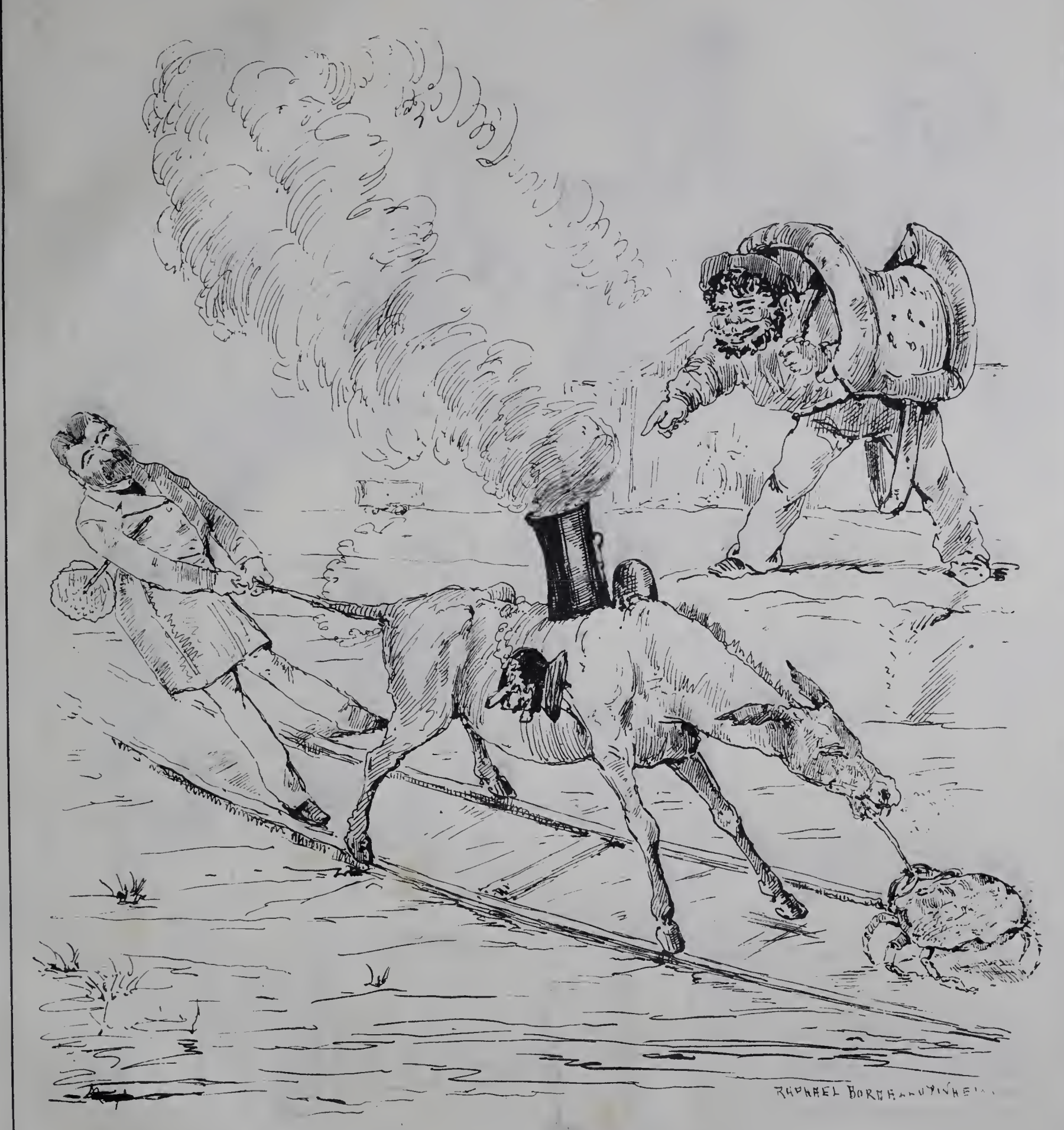
Anselmo. Do meu conselho. Amigo. Desculpa não te mandar os dezeseis pares. Não me é possivel n'este momento cahir-te ao tiro. Ahi te envio um porco. Arranja-te com elle. Quem não póde ter a fornada que ama deve amar o serrabulho que tem.

## A crise ministerial

## A queda do primeiro

Para que havemos nós de haver por bem apeal-os do comedoiro, se elles proprios por si mesmos vão caindo a pouco e pouco, como caem os figos deteriorados e os dentes em mau uso?

## O caminho de ferro portuguez




**Um sedentario que descarrila para fingir que anda**

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo 12.

## Miscellanea lyrica portuense

O empresario.

A dama e o baritono.

Casa fria e publico tão frio como a casa. Emquanto um musico mediocre rege mal a orchestra, um artista cheio de distincção e de talento, Cyriaco Cardoso, passeia no Porto de mãos nas algibeiras.

Póde haver theatro melhor. Não o póde haver mais barato. Esta compensação deve satisfazer os dilettanti.

## Aves recusadas na exposição do Palacio de Cristal

Uma panella, apesar de ter *asas*.

Uma caixa de *pennas* e uma perua.

Uma almotolia, apesar de ter *bico*.

Um veneravel prelado, apesar de ser *cardeal*.

Emquanto o Porto celebra em cada anno varias exposições interessantissimas, de grande alcance na civilisação dos costumes — a exposição d'aves, a exposição de flores, a exposição de frutas, — Lisboa continua a manter, como unico producto da imaginação applicada ao recreio do publico, o Passeio Publico. Não é bastante.

Por isso o *Antonio Maria* foi ao Porto, e é a esta pittoresca e hospitaleira cidade que nós consagramos os *croquis* d'este numero.

Em um dos dias d'esta semana, ás quatro horas da tarde, uma carruagem descoberta, conduzindo em passeio suas altezas os jovens principes, passou no Largo das Duas Egrejas por sua magestade o sr. D. Fernando, que subia o Chiado a pé.

Suas altezas, acompanhados do seu preceptor o sr. Henrique O'Neil, despegaram discretamente da cabeça os seus chapéos e ao trote da caleche em que iam recostados dirigiram ao sr. D. Fernando um cumprimento tão benevolo como aquelle de que um momento antes haviam sido objecto por parte de suas altezas os moços do Baltresqui, a vitrine do Seixas e as portadas da Casa Havaneza.

Tal é na côrte a noção que teem os meninos do respeito devido aos seus velhos parentes.

Não temos a pretenção irreverente de intervir com o nosso voto na pragmatica de palacio. Unicamente, — como póde ser util a principes conhecer os pontos em que os seus costumes divergem dos costumes geraes do seu povo — diremos a suas altezas, apenas como illucidação historica, o seguinte:

Entre nós outros, subditos humildes de sua magestade fidelissima, pede o uso burguez que dois rapazes passeando de carruagem, ao verem a pé na rua o seu avô, se apeiem, se descubram respeitosamente e lhe peçam as suas ordens.

A transgressão d'esta praxe costuma ser para os meninos objecto de uma leve correcção applicada por seus paes.

Assim, particularisando, se os filhos do *Antonio Maria*, passeando de carruagem nas ruas acompanhados do seu respectivo pedagogo, não tivessem manifestado pelo pae do *Antonio Maria* um grão de consideração distinctamente superior á que merece aos viandantes do Chiado o Baltresqui, o Seixas ou o Nunes do Estanco, o *Antonio Maria* obrigaria os seus filhos a escreverem sessenta vezes a conjugação do verbo *Ser respeitoso com seus paes*.

Emquanto ao pedagogo a quem houvesse confiado a educação de seus filhos, o *Antonio Maria*, na conjunctura alludida, pagar-lhe-ia com rapidez os respectivos honorarios e convidal-o-ia a evacuar vertiginosamente o territorio destinado ao exercicio das suas funcções.

## Exposição d'av

Cocorocó em nome do conselheiro Arrobas.

O mais lindo homem do mundo: sem uma prega, sem um vinco, sem uma ruga, sem um pó, sem nada!

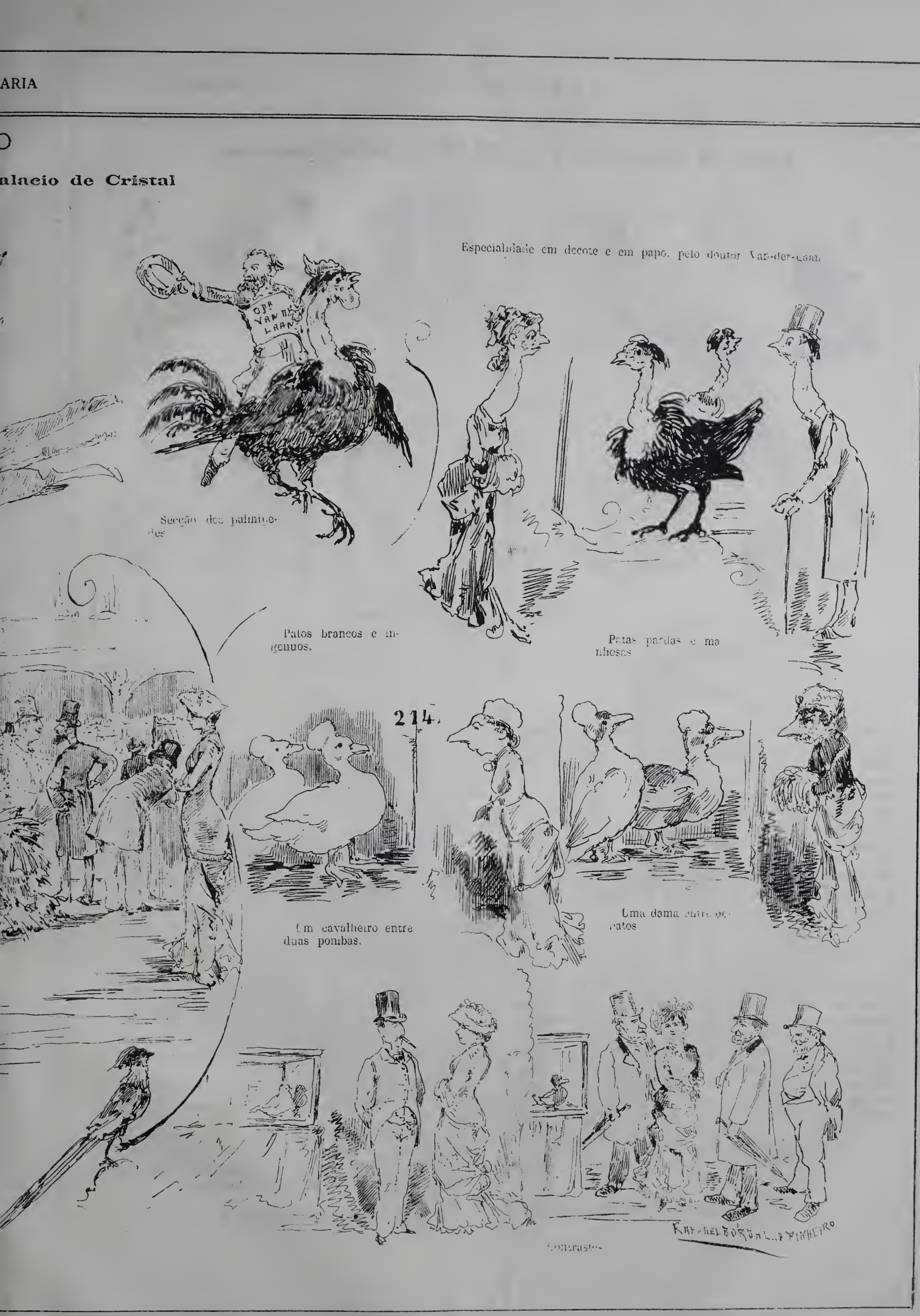
Pavões brancos ainda não enodoados pela gloria.

Gallos d'inverno em uso de casacão

Um dos aspectos da gran

O

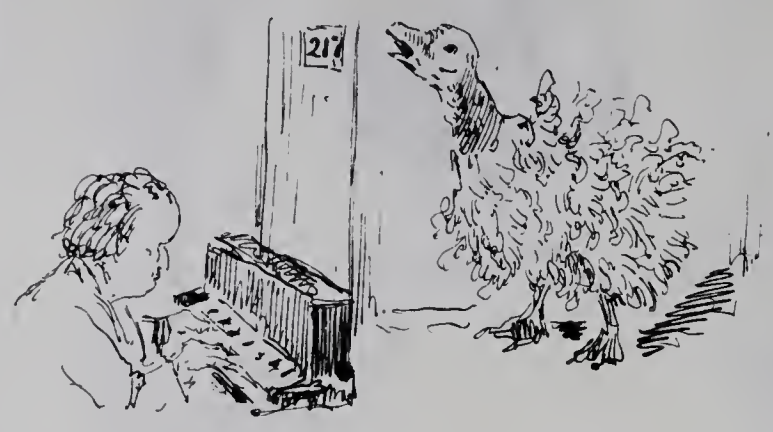
## alacio de Cristal



## Typos de gallinaceos e outros na exposição portuense

Pombo mariola.

Pombo marialva.




Ganso lyrico, desgrenhado e sentimental.

Gallo de cabelleira. Pato de bico cahido.

Isto — repetimol-o — é uma simples noticia historica, em que não envolvemos a menor idéa de sensura. Nada mais inviolavel do que o sagrado direito que assiste aos principes de tratarem em publico o seu avô do mesmo modo que o seu barbeiro. A verdade, que nos presamos de acatar reverentes, é que nem a Carta, nem o Acto Addiccional, nem as Ordenações, nem a Novissima Reforma, nem outra alguma lei vigente, preceituam que os mais caros penhores da monarchia tenham obrigação de ser ao mesmo tempo os mais caros penhores da educação nacional.

No theatro de S. Carlos, *reprise* da *Lucrecia Borgia*. Para dar mais força a esta tragedia Mafio Orsini apparece desde o primeiro acto com um veneno na garganta. Borghi-Mamo e Nanetti fazem sentir com talento todo o mysterio italiano d'aquella aventura. Fancelli encontra uma expressão tão energica para affirmar *Io sono Borgia!* que toda a gente se convence de que elle é effectivamente o Borges! o verdadeiro Borges! ou o diabo por elle!

Sobre a recente viagem do sr. Saraiva de Carvalho atravez do Alemtejo communica-nos o *Diario Popular* um promenor commovente annunciado pelo telegrapho áquella folha:

«Não se descreve o enthusiasmo que causou a presença do ministro das obras publicas na aldeia das Pias.»

Em todas as pias de Lisboa echoou esta noticia da aldeia das Pias, e foi profunda a commoção das familias em toda a cidade.

Mysteriosas e insondaveis rasões de pudicicia levaram Pias a abster-se de nos descrever a attitude que n'essa localidade assumiu o enthusiasmo dos povos na presença do nobre ministro! As imaginações avidas procuram porém adivinhar o quadro que o pudor das chronicas se recusa a descrever, e mil conjecturas anciosas partem febrilmente das phantasias exagitadas na direcção de Pias.

Ter-se-iam elles despojado de suas vestimentas para receber o sr. ministro? Teriam tripudiado nus em presença de s. ex.ª?

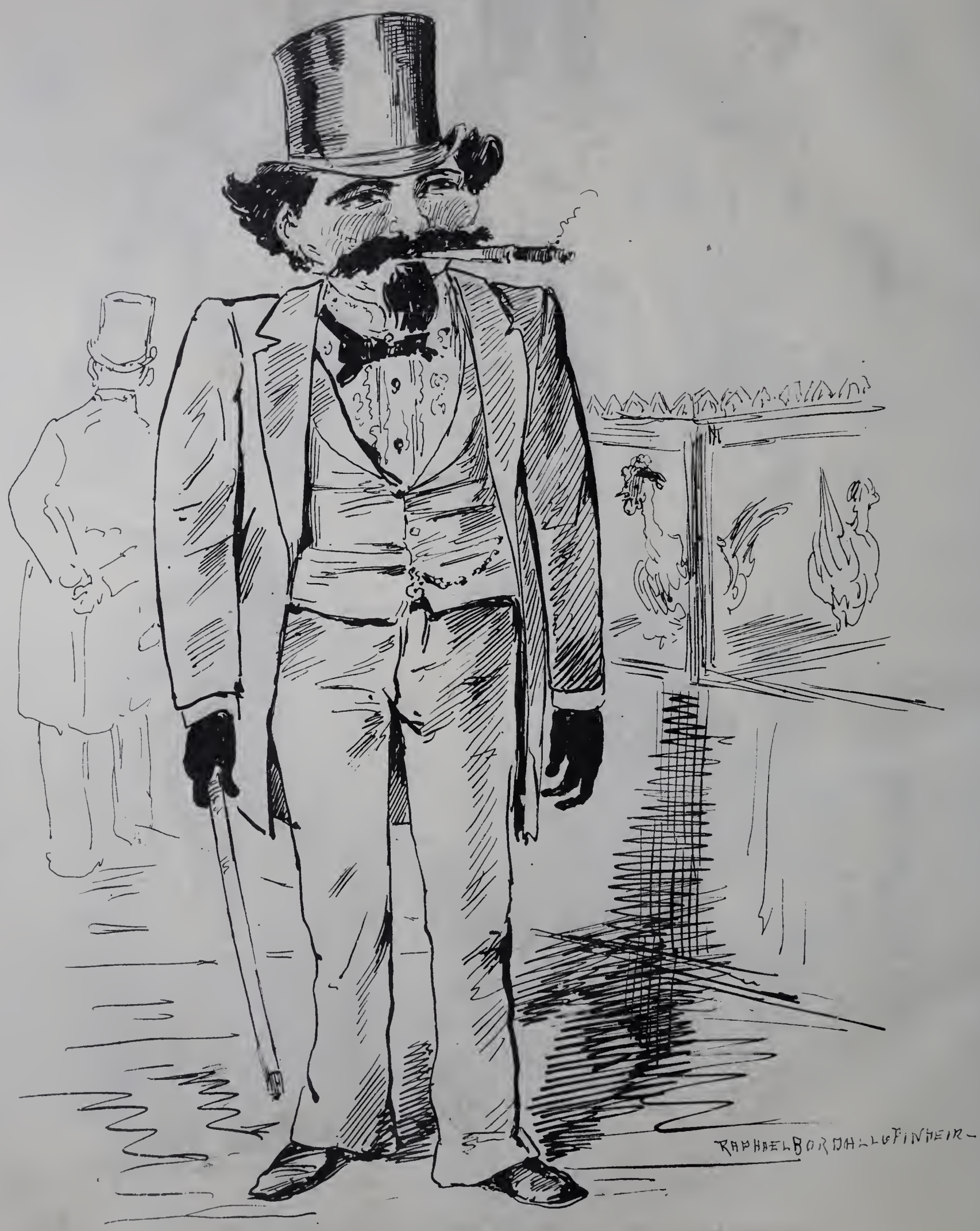
Nunca o saberemos! A secreta verdade, velada ao publico, descerá á campa com Saraiva de Carvalho e com o povo de Pias. Ninguem mais sobre a face da terra terá conhecimento do que se passou.

É horrivel!

## Theatro de S. João do Porto

A companhia lyrica e o procurador encartado do dilettantismo portuense.

## No Palacio de Cristal do Porto




Ao verem-o passar, os palmipedes de Lisboa exclamaram jubilosos: Lá vae o nosso Miguel Maximo! Adeus, Miguel! Dá lá visitas aos de Famalicão!

## A verenção portuense

Assim os podémos ver, discreteando com amenidade sobre os interesses do municipio do Porto. Uns pedem agua. Outros, que nos pareceram em manifesta opposição com os primeiros, pedem pontes. Um dos srs. vereadores combate o projecto de uma ponte com dois taboleiros, fundando-se n'uma rasão ponderosa, que julgamos util tornar conhecida dos engenheiros, e vem a ser: que os viandantes do taboleiro superior abusarão necessariamente das vantagens da sua situação para depositar immundicias sobre os transeuntes do taboleiro debaixo. Ouvimos que o constructor Eiffer projecta sanar este inconveniente fazendo transportar os viandantes do taboleiro superior dentro de vasos e os do taboleiro inferior com fossas moveis á cabeça.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

*A Sociedade brazileira contra a escravidão* pede a Portugal a sua cooperação na propaganda que essa sociedade está fazendo no Rio de Janeiro para a emancipação completa e absoluta da raça negra.

Nem do governo portuguez nem da Sociedade de Geographia de Lisboa é licito esperar o menor apoio para os esforços benemeritos da associação brazileira.

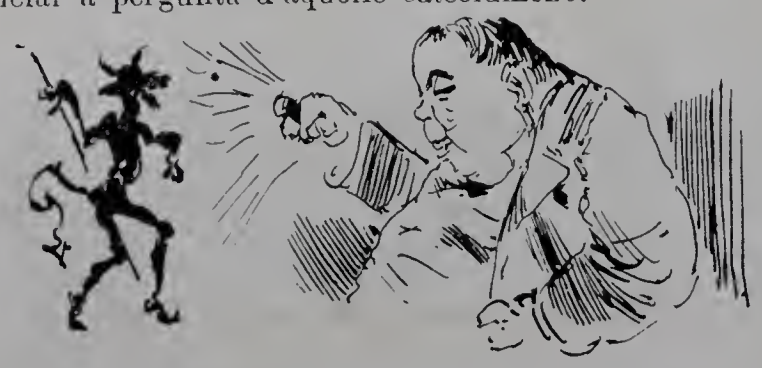
Ácerca dos meios de libertar pela civilisação a raça preta tanto o referido governo como a referida sociedade geographica não teem, como é sabido, senão uma idéa: a de mandar padres catholicos catechisar os pretos.

Ora os padres em quem nós queremos delegar a nossa responsabilidade em assumpto de tanta magnitude são da mesma escola d'aquelle que, prégando no dia 8 do corrente na egreja da Encarnação, defendeu no seu discurso esta these: «Bemaventurados os que não sabem ler nem escrever, porque os livros modernos pervertem a consciencia do homem.»

Por outro lado os pretos selvagens principiam a desenvolver na analyse dos dogmas uma lucidez que envergonha a raça branca e nos obriga a duvidar que esses canibaes consagrem aos nossos sacerdotes mais consideração do que elles inspiram considerados como simples comestiveis.

Ha pouco tempo um preto barbaro perguntou a um clerigo que o catheeismava quem é que vinha a ser o pae do Diabo.

Sendo nosso ardente desejo servir a causa da *Sociedade brazileira contra a escravidão*, dentro dos limites do programma portuguez da regeneração do negro por meio da doutrina christã, pedimos ao sr. prior da Lapa, chefe ecclesiastico do poder executivo, o obsequio de enviar a esta redacção para que ella a transmitta ao preto a que nos referimos a sua resposta official á pergunta d'aquelle catecumeno.



Ao sr. Adriano Machado, que tão profunda e tão gloriosamente tem sempre adormecido, com incansavel olho diurno e nocturno, sobre todos os problemas que agitam é espirito do nosso seculo, pedimos egualmente o obsequio de subscrever com uma das suas somnecas para a resolução do caso que submetemos á sabedoria do sr. prior.

Aguardamos a resposta de suas excellencias.

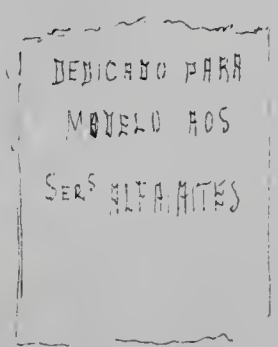
O dramaturgo Ernesto Biester, sepultado ha dois dias no cemiterio dos Prazeres não foi sómente um homem do theatro, foi sobretudo um homem do palco. A sua mocidade, a sua alegria, o seu talento nasceram e extinguiram-se nos bastidores. As actrizes deveram-lhe os maiores serviços que pode prestar a camaradagem do estudo e do trabalho. Apesar d'isso nem uma só d'essas boas senhoras acompanhou ao cemiterio os restos d'aquelle que consagrou aos interesses d'ellas a melhor parte da sua existencia. Seria todavia esse o unico momento de fazerem na vida um papel digno de applauso as que tantos papeis applaudidos lhe deveram a elle, pagando assim com uma lagrima desinteressada na morte o sacrificio despremiado de uma vida.

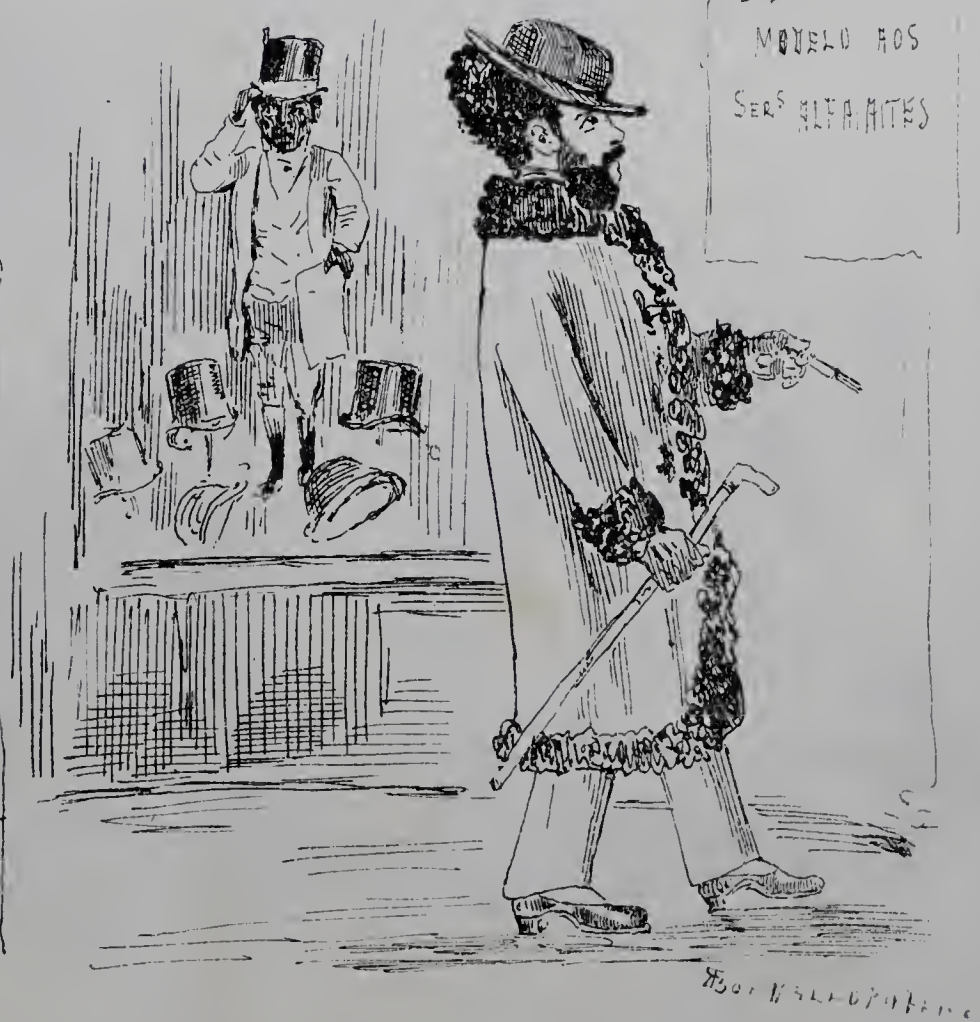
## Erratas importantes

No nosso ultimo numero, paginas 404 onde se vê d'este modo o sr. Miguel Maximo...

Veja-se o sr. Miguel Maximo assim.

O *homem mais lindo do mundo*, a que nos referimos no passado numero, não é este nosso amigo, como se poderia suppor.



Este é que é o mais lindo dos homens

## Viagem do poder occulto no Alemtejo

Marianno ao piano: — *Sentes além no retumbar da serra?...*
Visconde d'Altas Moras: — *Sinto!*

## Em Braga

Braga tal como a vimos ha oito dias, devota e embuçada, passeando n'essa rua de que ella tem o privilegio unico sobre a face da terra: — a *Rua das Conegas*.

Braga tal como esperamos vel-a d'aqui a oito dias, renascida com os seus conegos d'um e d'outro sexo para o movimento da civilisação, depois de fundado o *Club dos velocipidistas*, que ali está em projecto no momento presente.

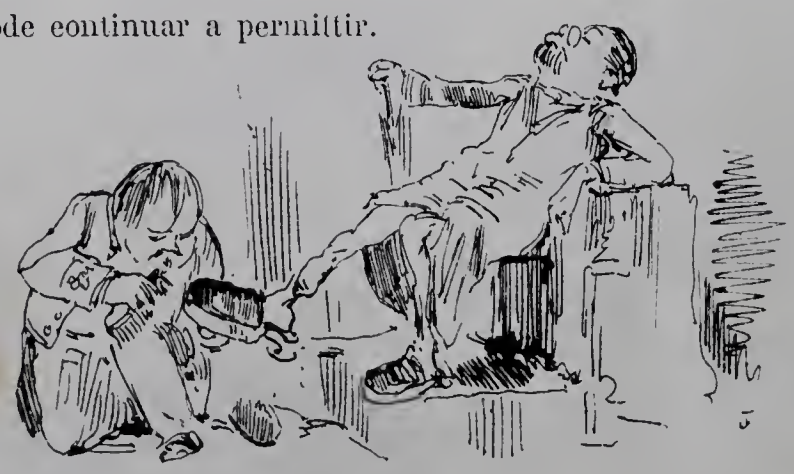
Está pendente do voto do Conselho d'Estado a nomeação dos novos dezeseis pares, por meio dos quaes o governo projecta reforçar a blindagem das suas baterias na camara alta.

A ultima nomeação feita segundo a nova lei das candidaturas hierarquicas não provou bem.

Os proceres, julgando-se com direitos demasiadamente legitimos ás cadeiras do senado em que o ministerio os collocou, recusam pagar com o voto o preço das respectivas entradas, e o governo principia a sentir cairem-lhe no alto da cabeça, contundente-

mente, algumas das escovas que distribuira aos adeptos encarregados de puchar das botas do poder o lustro que elle julga indispensavel para parecer decente.

Esta rebeldia constitue da parte dos novos senadores um abuso de confiança que a boa fé dos contratos não póde continuar a permittir.



Desde que o sr. José Luciano cria um nobre, um aristocrata, um patricio, um grande do reino, um senador emfim, para que elle seja o engraxador inamovivel e perpetuo dos seus tamancos, o dito nobre, desagachando-se, sob qualquer pretexto que seja, dos pés de sua excellencia o ministro, roe a corda da solidariedade partidaria e engole de um modo vil e negro a graxa da confiança governativa.

O meio de pôr cobro a este abuso e de harmonisar em justa coherencia as conveniencias politicas com a mais digna organisação da camara aristocratica consiste em substituir sem perda de tempo a lei das cathegorias na candidatura ao pariato por um bom e solido contrato de locação de serviços.

Eu nobilito-te, tu engraxas-me. Aqui está um tabellião para lavrar a escriptura. Assignaste? Muito bem!

Toma lá as escovas, e pódes agora entrar no taber-

naculo e receber do marquez de Vallada o beijo fraternal da nobreza. És par.

Reconstituindo por outro modo a sua maioria na camara alta, o governo verá successivamente falhar todas formadas que fizer, e será no meio da indifferença geral dos seus servidores que elle porá em cada noite á porta do gabinete ministerial o seu calçado de borrabotas.

**Recordações do Porto**

# AS ULTIMAS REFORMAS MUNICIPAES

ou

# A MAIS CRITICA DAS SITUAÇÕES

(Drama lisbonense em oito esquinas)

Primeira esquina. — Levaram-o d'aqui!

Segunda. — Supprimiram-o!

Terceira. — Desappareceu!

Quarta.—O logar em que elle esteve!

Quinta. — *(Com angustia)*. Não querem ver que não ha nenhum!

Sexta. — *(Confirmando)*. Não o dizia eu?!

Setima. — Maldição!

Oitava e ultima. — Em nome das necessidades publicas pede-se com urgencia um vereador para verter em requerimento!

## Os judeus do Bom Jesus em Braga

Emquanto os bonitos Presepios do Natal, tão alegres e tão risonhos, desapparecem a pouco e pouco com um dos mais interessantes documentos da arte portugueza no seculo passado, os Passos da Paixão persistem tenazmente nos santuarios, e são a mais aleivosa das affrontas feitas á tradição divina e ao juizo humano. O desenho que publicamos é a copia fiel de um d'esses Passos, ultimamente restaurado na parte relativa aos narizes dos algozes esmoucados pelos romeiros, no santuario do Bom Jesus do Monte, em Braga. Offerecemol-o, para a collecção pathologica da sua galeria, á nossa Academia das Bellas Artes.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12

Em resposta á pergunta que no precedente numero dirigimos ao sr. Prior da Lapa, recebemos, com assignatura não reconhecida, a seguinte carta, cujas expressões acatamos submissos porque as julgamos justas, posto que severas:

*Sr. Antonio Maria. — Muito me admira que sendo o sr. um homem temente a Deus, se fizesse orgão das curiosidades gentilicas de um preto para o fim de perguntar ao clero quem é o pae do Diabo.*

*Em nome do clero tenho a dizer-lhe que nós não sabemos nada a esse respeito.*

*A Egreja veda-nos entrar em questões particulares de familia e em geral na vida alheia, a não ser nos casos especiaes em que o nosso ministerio nos obriga a intervir, ou seja para evitar no tribunal da confissão que as meninas sigam as perigosas ideias modernas dos seus irmãos, dos seus paes ou dos seus noivos, ou seja para aconselhar ás senhoras idosas e ricas que leguem por testamento os seus bens terrenos aos institutos eclesiasticos, em vez de os legarem a sobrinhos estroinas e valdevinos, que dariam cabo de tudo no provido dos gosos mundanos, charuteando por essas ruas, em truculentos exercicios de namoro e de gineta, o capital de muitas missas perdidas para as almas do purgatorio e para a classe eclesiastica.*

*O negro que quer saber quem é o pae do Diabo teria decerto mais pudicicia e mais cobro na lingua se, em vez de lhe andarem com o bestunto á roda para o fazer pensar, o tivessem simplesmente vendido a um fiel christão que com umas boas correias lhe applicasse quotidianamente uma sova de manhã e outra de tarde n'aquella parte do corpo naturalmente destinada pelo Omnipotente para ser o repositorio das correcções fraternas e das surras.*

*Como o sr. mostrou empenho em saber qual é a opinião do sr. conselheiro Adriano Machado acerca dos progenitores do Maglino, devo dizer-lhe que consultei a esse respeito aquelle excelso luminar da sciencia divina e humana.*

*Segundo o seu exemplar e inalteravel costume, s. ex.ª estava na cama, meditando. Acordei-o, e expuz-lhe a a questão. S. ex.ª, com aquella benignidade pachorrenta e conspicua que tão gloriosamente tem aliado ao seu nome a fama illustre e immorredoura do primeiro masseador d'este seculo, dignou-se de responder-me que não conhece o Diabo senão de nome, que nada sabe dos seus precedentes familia e que nenhumas outras relações tem com elle alem das que resultam dos successivos presentes que o preclamo estadista lhe tem feito da paciencia de todas creaturas que teem ouvido s. ex.ª discretear ácerca dos negocios da governação publica.*

*E depois de me haver dado essa resposta, tão lucida e tão cathegorica, o varão insigne, recolhendo-se para debaixo dos lençoes e reatando o fio do somno no logar em que o interrompera, continuou a meditar infatigavelmente nos importantes problemas politicos que s. ex.ª com tanta galhardia subjuga e domina sob a pressão de um travesseiro de sumauma e de tres cobertores de papa.*

*(Volte).*

*Terminando, cumpre-me advertir-lhe, sr.* Antonio Maria, *que o sr. andaria de um modo mais consentaneo á salvação da sua alma se se occupasse mais alguma coisa do cumprimento dos preceitos religiosos e um pouco menos das questões relativas á geração do porco sujo.*

*Persuado-me,* verbi gratia, *que o sr. não será talvez tão espevitado para pagar a congrua e para dar o folar ao sacerdote como para lhe fazer perguntas d'algibeira!*

*Se lhe endereço pois estas regras, creia que não é por si nem pelos seus merecimentos que o faço, é unicamente pelas cinco chagas de Christo...*

*Deus nosso senhor o allumie com a sua divina graça, que com a habilidade que tem, tanto para os paineis como para o palavreado, o sr., com algumas tinturas de latim, podia ainda vir a ser um doutor da Egreja, como foi Anastacio e Ambrosio, ao passo que, pelo caminho em que vae, sinto muito dizer-lhe que não é só o pae do Diabo mas toda a familia d'elle que o sr. ha de conhecer pessoalmente, — a seu tempo!*

*No abysmo dos reprobos está já um tição encomendado para o sr. se lhe sentar em cima ao lado d'aquelle cuja familia tanto interesse lhe inspira!*

*Eu e meu amigo sr. conselheiro Adriano Machado cá iremos indo pela pacata para o bello empyreo, regalarmo-nos na continuação eterna d'esta boa vida, que com tanto juizinho temos sabido levar, sem nos compromettermos com ninguem, n'este mundo d'illusões e d'enganos.*

*(Assignado) O Prior,*

Muito brilhante, no salão da Trindade, a sympathica festa promovida pela Associação Academica de Lisboa em beneficio do cofre dos estudantes pobres.

Boa musica, muitas flores, muitas corôas, muitas palmas, ovações enthusiasticas a Borghi-Mamo, a Vitali e a Sinnerberg, e finalmente alguma rhetorica em dois discursos.

Com relação a essa ultima parte do espectaculo a nossa dedicação cordeal ao nobre espirito da mocidade leva-nos a lembrar ao Demosthenes das escolas, o joven orador sr. Carlos Tavares, a conveniencia de aposentar alguns dos logares communs que s. ex.ª fez desfilar em frente do seu auditorio.

Vimos com melancolia esses 7:500 velhos tropos das pelejas da eloquencia patria. Uns vinham com pernas de pau, outros com muletas, outros de vizeira verde em cima do olho, muitos em maca.

Um rapaz, que resolve ser o orgão vivo do pensamento da sua geração, deve abster-se das velhas formulas estafadas assim como das velhas superstições banidas.

As idéas e os sentimentos modernos pedem as formas novas, inéditas, vivas, virginaes, que façam pisaduras na multidão e ponham em sangue o paladar dos burguezes.

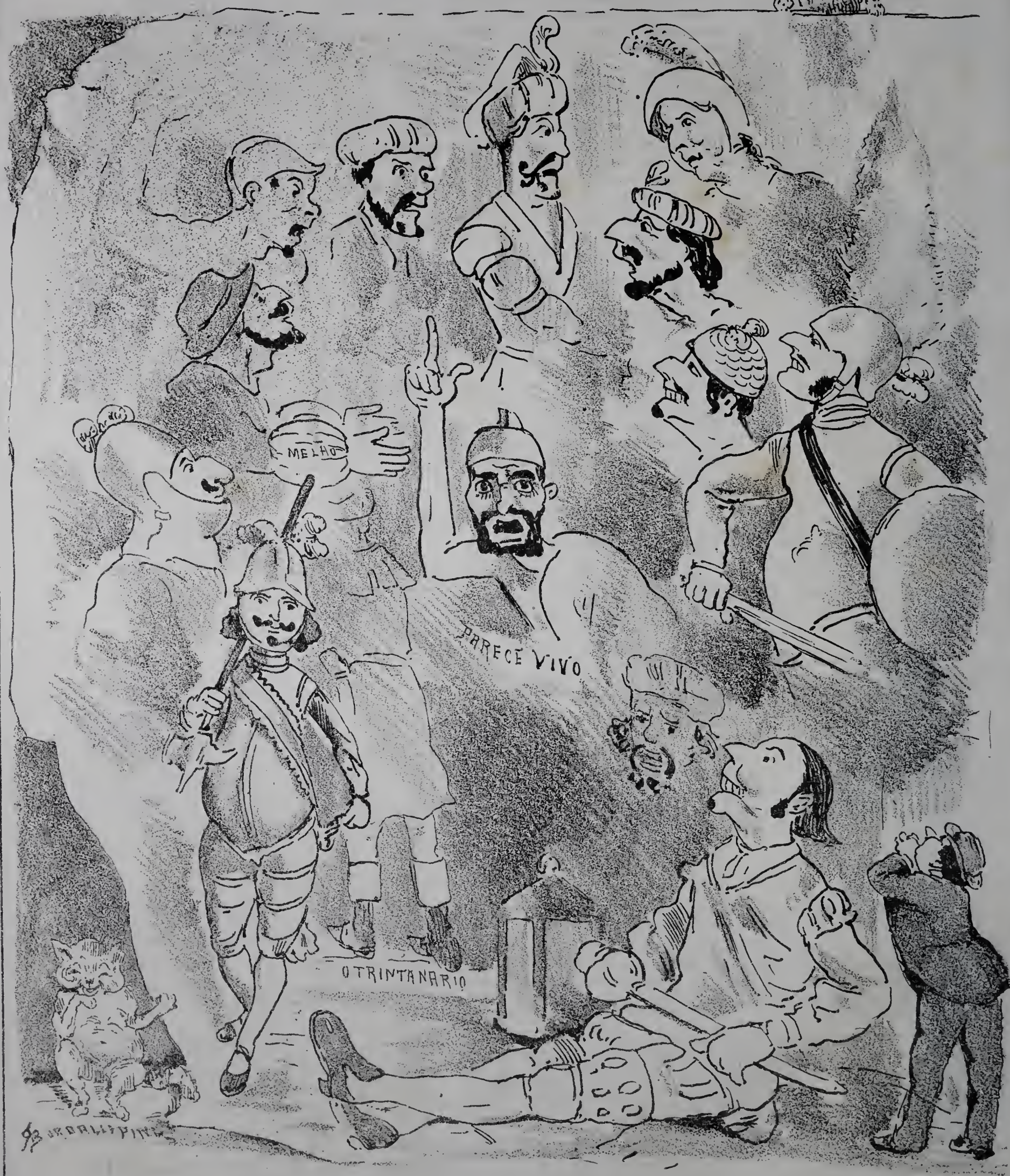
Nós outros, velhos artistas, sentimo-nos cabecear n'uma somnolencia doce mas morbida ao ver na linha de combate da geração nova, repostos em pé e d'arma ao hombro, os mortos por cima dos quaes nós passamos em campanha ha vinte annos.

Por quem sois, ó jovens amigos, não nos façaes sorrir!

A vossa missão é outra. Communicae-nos com o impeto sincero da vossa mocidade, isto é, com a vossa propria força, imprevista, irregular e violenta, um pouco do nosso fogo antigo.

Fazei-nos tremer.

**Mais alguns judeus, segundo as esculpturas do Bom Jesus de Braga**




Teem suissas á ingleza, ganchosas e sacrilegas; narizes bicudos e minazes; pernas satanicamente cambadas; dentes suinos e anavalhados; boccas que não acabam nunca; e bigodes de tres guias, de uma phantasia infernal, rabeando-lhes raivosos como sanguesugas famintas nas faces escaveiradas e torvas. Pobres israelitas! A Allemanha persegue-os. Braga, mais cruel retrata-os assim. Infeliz raça!

## Personagens biblicos no Bom Jesus de Braga

Noé, encarregado de nos trazer á memoria o vulto do sr. Luciano Cordeiro no momento de salvar das garras do Mafarrico a honra do seu apellido.

Esaias, empunhando a rolha com que todos os prophetas gostam de tapar a bocca aos que prophetisam mais do que elles.

O centurião, visinho de Longuinhos, mas distinguindo-se d'elle por ter a espada de pedra e o bigode de metal.

Herodes, no acto de lhe repugnar um innocente pelo facto de se apresentar á degola sem estar vacinado.

O rei Salomão, deixando ver no estado lastimoso do nariz o justo ferrete da concupiscencia que todos os livros santos lhe reprehendem.

## Theatro da Trindade

*O ultimo figurino*, musica de Rogel e versos de Francisco Palha. Um acto de espirito, em que sorri com graça a musica, a palavra e o desempenho dos artistas.

Rectificando uma affirmação do nosso ultimo numero, folgamos de noticiar que a atriz Amelia Vieira, fazendo excepção ao procedimento de todas as suas collegas, assistiu ao enterro de Ernesto Biester.

## Theatro de S. Carlos

A que titulo recebem os redactores dos jornaes bilhetes de entrada nos differentes theatros?

Nós suppunhamos que as emprezas theatraes, offerecendo aos jornalistas entrada gratuita nos espectaculos, prestavam d'esse modo uma homenagem ao publico, facultando-lhe o direito de fazer julgar os espectaculos pelos representantes da opinião. Os logares especiaes da imprensa nos theatros, nos caminhos de ferro, nas assembléas legislativas, etc., não significam senão uma coisa, e vem a ser que os jornalistas são considerados como os procuradores e os fiscaes do publico.

A empreza de S. Carlos, conferindo no theatro lyrico entrada gratuita a certos jornaes e denegando-a a outros, deverá ter a bondade de nos dizer qual é o seu criterio sobre este ponto.

A empreza considera os bilhetes das redacções um tributo ao publico ou um favor pessoal aos jornalistas?

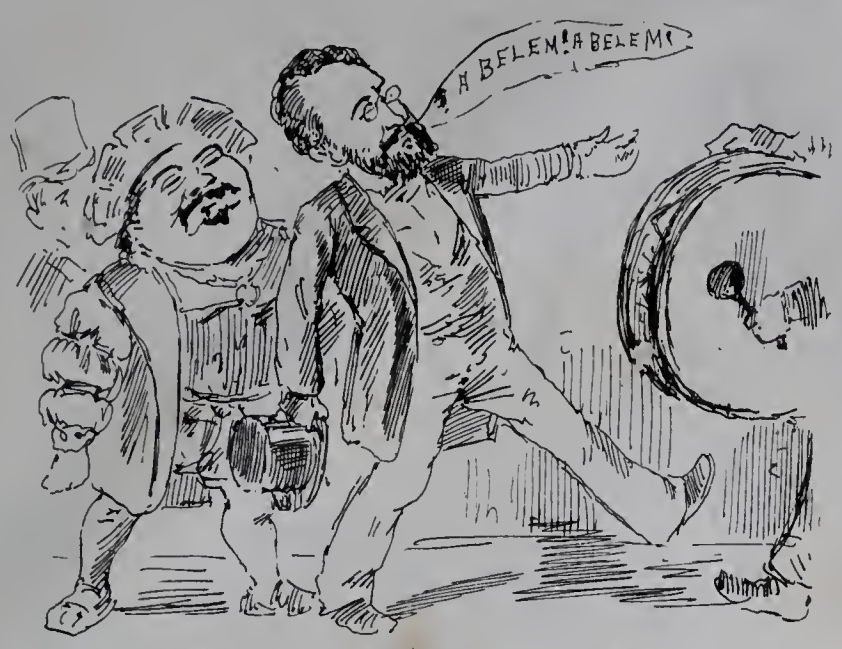
No primeiro caso a imprensa não póde recusar os bilhetes que lhe são offerecidos e deve informar o publico fazendo a critica imparcial dos espectaculos.

No segundo caso a imprensa, que não póde como instituição aceitar favores pessoaes, deve recusar no theatro a entrada gratuita que se lhe offerece.

Particularisando mais: o jornalista tem um bilhete gratuito para dizer á empreza e aos artistas a opinião do publico? Ou tem bilhete gratuito para dizer ao publico a opinião da empreza?

Pela nossa parte, em vista dos conflictos recentes sobre esta materia, precisamos que a empreza de S. Carlos nos diga qual é o seu ponto de vista n'esta questão para resolvermos como nos convém proceder com relação aos seus bilhetes.

Emquanto a empreza da companhia lyrica não fizer o favor de nos illucidar, pedimos-lhe que disponha como lhe convier da cadeira devoluta do *Antonio Maria* no theatro de S. Carlos.




Os jornaes fazem a descripção minuciosa das grandes festas com que foi celebrado um dos actos mais heroicos e mais brilhantes da vida administrativa do sr. governador civil de Lisboa. Houve arraial, musica, arcos de triumpho e banquetes populares, entre a palpitação victoriosa das bandeiras e a scintillação jubilante das luminarias.

Sua excellencia o benemerito funccionario de tudo se tornou digno, porque por um d'esses rasgos supremos que repentinamente elevam o homem de genio ao maior fastigio da gloria, sua excellencia foi a Belem!

Os differentes attributos do regosijo publico na recepção do sr. governador civil (mastros, arcos, bandeiras, etc.), foram os mesmos que serviram na trasladação dos ossos de Vasco da Gama.

Belem, desde que teve a dita de receber no seu seio os ossos d'aquelle navegador, passou a considerar como ossos, para os effeitos da alegria, todos os grandes personagens. É osso o sr. Franco, é osso o sr. Vicente Monteiro.

Para os distinguir um pouco de Vasco da Gama, Belem não enterrou esses cavalheiros.

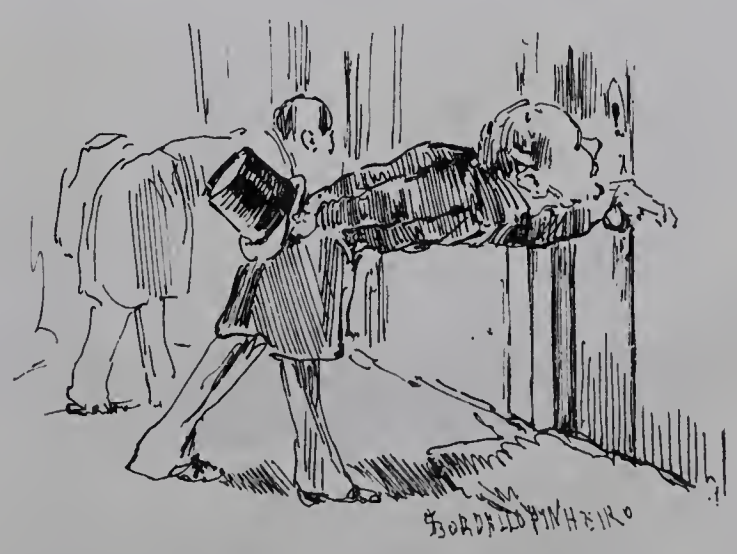
Se elles porém continuarem a assumir a cathegoria d'osso, verão que Belem ainda ha de acabar por fixal-os definitivamente para a gloria em castões de bengalas e em botões de pantalonas!

Ácerca da pendencia entre Portugal e a Inglaterra sobre a questão de Lourenço Marques, lemos no *Primeiro de Janeiro*, orgão ministerial, esta assombrosa noticia:

«*O ministro britanico ao terminar a sua ultima conferencia com o nosso ministro dos negocios estrangeiros, disse a s. ex.ª — Monsieur le ministre, vous avez gagné la partie.*»

Ora sendo absolutamente inacreditavel que um *gentleman*, com a educação do sr. Anselmo Braamcamp, referisse aos jornaes os termos da sua conversação particular com o ministro inglez, somos obrigados a admittir este facto: que os reporters dos jornaes da provincia escutam ás portas no gabinete do ministerio.

Aviso á diplomacia estrangeira!



## O caso da semana

De todas as surprezas que n'este momento se estão suspendendo na arvore do Natal, nenhuma tão inesperada como a que a Baixa admirou ao ver, em plena rua do Ouro, saltar de repente para fóra da caixa sacrosanta da ordem publica mantida pela guarda municipal o endemoninhado Pierrot da anarchia!

## A situação

Em vista do decreto do ministerio da guerra, que produziu a recente recomposição ministerial, e outro sim em vista da proxima festa do Anno Bom, os coroneis e os perús esperam tranquillos no Rocio, arrastando as espadas e moncos, até que promovam uns e emborrachem os outros para os tornarem a todos mais tenros e mais gostosos.

Lithographia Guedes, rua da Oliveira ao Carmo, 12.

## A noite de Natal

No Porto

Na provincia a noite do Natal conserva ainda hoje a doce poesia das festas solemnes da familia.

No Porto e em todo o Minho, ao caír d'essa noite, fumegam as chaminés de todas as cosinhas. Ouvem-se ás portas as argoladas dos que chegam, debaixo de chuva ou debaixo de neve, para tomarem parte no banquete. As velhas avós enfeitam-se para essa recepção com a touca de gala, que emoldura n'um folho de renda fresca os seus cabellos brancos. Os que vem de longe abrem os braços ao chegar á porta para que os outros se lhe pendurem no pescoço. Vozes alegres e amigas enchem a casa de um jubilo sonoro de alleluia. Estão accesas todas as luzes da sala de jantar. Desdobra-se na mesa, com uma pessoa a cada ponta, a grande toalha rica, vincada nas dobras e cheirando á frescura caseira do bragal. Telintam os talheres de prata e os velhos copos doirados. Os pratos vem dos armarios trazidos em rumas pelas raparigas de bellos dentes, vestidas de festa, com as largas arrecadas de oiro e o grande cabeção de folho. Desrolham-se as garrafas. Ha no ar um perfume festival de lacre esmagado, de vinho do Porto, de limão e de canella.

E emquanto os grossos beijos das boas vindas e do feliz encontro do lar pousam tranquillos, como as aves nos seus ninhos, sobre as mãos enrugadas dos velhos e nas faces dos novos; emquanto as creanças, que se deitam mais tarde n'essa noite, passam de collo em collo, com os seus bibes brancos e o laço côr de rosa nos cabellos, distribuindo na roda, com os beiços estendidos, a communhão da bondade, chegam da cosinha, fumegantes, os acepipes classicos do Natal d'Entre Douro e Minho — os grelos cobertos d'ovos estrellados, o bacalhau guisado, os mechidos, as rabanadas, as chicaras do vinho quente.

Á meia noite, terminada a ceia, vae cada um para o quarto que lhe destinaram.

Acontece que um homem de trinta ou de quarenta annos, que chega de longe depois de uma grande ausencia para comer a ceia do Natal á mesa da sua mãe, dorme no seu antigo quarto de creança, entre os seus pequenos e velhos moveis de estudante.

Mette-se a gente na cama, apaga a luz, e então, em vez do somno, mil recordações saudosas chegam. Uma lagrima ás vezes humedece o travesseiro.

Mas afinal dorme-se na boa e honesta sensação de estar n'esta noite, mais do que em nenhuma outra, nos lençoes da familia.

## A noite de Natal

Em Lisboa

Em Lisboa não succede precisamente a mesma coisa.

Aqui a festa é mais da egreja e por consequencia muito menos da familia. A missa do gallo dissolve o serão domestico.

Em vez do repique dos copos na ceia paterna, temos o repique dos sinos em S. Domingos e na Encarnação. É de certo mais campanudo e mais ecclesiastico isto, mas é mais amoravel e mais religioso aquillo.

A festa do Natal, que nos paizes christãos, em toda a Europa, é a festa da familia, não é o padre que a deve benzer, é a mãe.

Os padres, sem de modo algum lhes discutirmos o muito que elles sabem ácerca do peccado, não sabem nada ácerca da familia.

A missa á meia noite é uma invasão do lar pela sachristia.

Além d'esse intrometimento sacerdotal, Lisboa padece dois outros flagellos.

Em primeiro logar Lisboa muda de casa em todos os seis mezes, e estamos agora em fim de semestre.

Em segundo logar, para celebrar dignamente o banquete familial, Lisboa não tem cosinha. O compartimento da casa a que se dá esse nome é apenas uma latrina com o fogão a um canto. Como querem que uma digna e honrada dona de casa concilie harmonicamente a gravidade d'este dever com a indecencia d'essa instalação?

De modo que, na noite de Natal emquanto a familia provinciana ceia no aconchego sagrado do lar, no banquete caseiro, na festa domestica da bondade, da dedicação, da solidariedade humana, a familia de Lisboa bate a lama das ruas com os pés molhados dentro das suas pobres botinas, ao som dos sinos que badalam nas torres; ou enfarda os lençoes e desarma as camas, na desolação da casa em desordem, para o fim de mudar... de pia!

Pobres de nós!

O sr. Alfredo Filgueiras da Rocha Peixoto, tendo-lhe fallecido ha trez annos sua esposa a senhora D. Angelina, fez publico pelos jornaes que motivos de profunda consternação o levavam a assignar-se d'esse dia por diante Alfredo Angelino Filgueiras da Rocha Peixoto.

Acabando de ler agora nas chronicas da provincia que o mesmo sr. Rocha Peixoto passou a segundas nupcias, enviamos os nossos parabens a este cavalheiro, a quem nos parece que deveremos chamar — emquanto s. ex.ª não annunciar outra coisa — o Ill.mo Ex.mo Sr. Alfredo Ex-Angelino Filgueiras da Rocha Peixoto.

## A viagem de uma lamp

Sc

Comprada ao Cócó pelo commendador Possidonio, ella era de ovos de fio, com dentes de cidrão, olhos de ginja e rabo de compota de pera.

Possidonio a mandou de presente por seu filho, alumno da Academia das Bellas Artes, a Delguim, a titulo d'almoço para os seus criados.

Delguim, querendo dar a Rangel de Lima um solemne testemunho da importancia das viagens archeologicas d'este sabio sobre os destinos dos ovos de fio, manda-lhe a lampreia.

Ra
ginj
envi
um
mão
quit

O nobre duque, com a lealdade politica que todos lhe reconhecem, deposita nas mãos do seu partido a bandeja da situação.

O partido do nobre duque, reunido em massa na pessoa do conselheiro Arrobas, beija reverente a dadiva do seu chefe e, depois de se haver compenetrado dos sous fins politicos engulindo a pera que servia de rabo á lampreia, offerece ao seu visinho e amigo o conselheiro Chamiço.

Chamiço, para que lh'a não saquem a descoberto, cobre-a com um guardanapo e endossa-a ao seu biographo o Plutarco Carrilho.

Carri
«É be
uma v
biograp
ovos en
graphad

Atada á cuia de uma das damas da nossa primeira sociedade, a lampreia estevo no dia de Natal na missa do Loreto, e percorreu o Chiado.

Rangel e Mesquita deitaram-lhe uns olhos terriveis. Eram talvez os mesmos que lhe haviam comido na vespera.

A' noite a lampreia estevo em D. Maria.

Assim se explica o seguinte annuncio publicado ha dois dias na folha noticiosa: «*D. Maria — Lampreia d'ovos — Carta no correio geral.*»

Hontem, ao
lampreia d'ovos
das ruas latera
blico, passeanc
um joven que
auctor do an
na folha noticic

## o paiz do compadrio

TAL

movido, come a olho ao animal, e outro olho e com visita ao seu ir- Ferreira de Mes-

Mesquita, notando que a bicha não vê da ginja esquerda, come-lhe simetricamente a ginja do olho que lhe deixou Rangel, e offerta-a com oculos ao tio Fontes.

O grande estadista offerece a lampreia a mestre Sampaio, por considerar que é a boa lampreia que serve de base á boa politica.

Sampaio, reflectindo que o doce da publica governação só pode em bom direito constitucional caber, no momento presente, ao nobre duque d'Avila, trespassa a lampreia áquelle personagem.

justo, exclama· uardo Coelho, eu o osso da e tambem os cidrão do bio-

E assim foi que Eduardo teve mais uma occasião de patentear a sua estima ao commendador Antunes, offertando-lhe a lampreia que Carrilho lhe depozera nos braços.

Commendador Antunes, cavalheiro e galã, envolve a lampreia n'um lenço de seda da China e em toda a sua consideração pelo bello sexo e manda-a de presente a D. Cecilia Fernandes.

D. Cecilia e seu esposo, por um d'esses rasgos de genio, de que toda a imprensa se tem feito echo, pregaram umas fitas na lampreia e converteram-a em um dos mais graciosos chapeus do seu *atelier*.

tarde, a em uma seio Pu- raço de ce ser o ublicado

Ao regressar d'esse romanesco *rendez-vous*, a dama levando as mãos á cabeça deu um grito de horror

O vil annunciante, captando-a com os protestos de uma paixão fementida, havia-lhe comido o chapeu.

Por outro lado D. Cecilia e seu esposo recebiam de mão anonyma o seguinte diploma, que muito honra o seu estabelecimento: *Costei do chapeu. Estava bem feito. Unicamente lhes aconselharia, em quanto ás guarnições, que lhe não carregassem tanto no cidrão.*

# O perú d'Aniceto

Episodios da festa

Elle accordou n'esse dia com duas preoccupações: comprar um perú, e saber se o conselho d'estado se reunia ou se não se reunia para elevar ao pariato os xaropes de Belem.

Sahiu de casa em direcção ao Rocio e pelos boatos que ia ouvindo fixava a sua opinião sobre se sim ou não se reunia o conselho d'estado.

Tomou o peso a um perú no largo de S. Domingos, apreçou, justou, marralhou, tirou-o emfim por dezeseis tostões. Reune o conselho d'estado.

Voltava para casa, quando a poucos passos um membro da sociedade protectora dos animaes o intimou a que não levasse o perú de cabeça para baixo. Não reune o conselho d'estado.

Mais adiante é intimado pela Sociedade Protectora a que não leve para cima a cabeça do peru. Está convocado o conselh d'estado.

Mette na algibeira a cabeça do peru. O conselho d'estado ainda se não convocou.

Em casa o peru é emborrachado. Nada mais consta do conselho d'estado.

E' depennado, amanhado, chamuscado e recheado.

E continuava a não constar mais nada do conselho d'estado, quando o cão abocou o peru.

E descendo vertiginosamente a escada, lançou por terra um cavalheiro que que vinha para cima. Vae-se convocar o conselho d'estado.

Na rua o cão corria sempre á desfilada. O conselho d'estado foi convocado na quinta feira.

Quebrou um realejo. Não ha certeza de que o conselho d'estado houvesse sido convocado na quinta feira.

Quebrou um assador de castanhas. Mas é possivel que convocassem o conselho d'estado.

Quebrou um violão. Com certeza na quinta feira o conselho d'estado não foi convocado.

Por um momento pareceu parar deslumbrado. E' na quinta feira proxima que se convoca o conselho de estado.

Mas proseguiu logo atravez de todos os obstaculos. O conselho d'estado reune depois da convocação, na quinta feira seguinte.

Sujou de peru as calças de todos os que voltavam com o premio grande de Hespanha de casa do cambista Silva.

Quando o pé da providencia, mais conhecida pelo nome de conselheiro Arrobas, segurou o cão. E' n'esta quinta feira que o conselho d'estado reune.

Epilogo: Ter de pagar um chapeu, um realejo, um assador, um violão, e não comer peru. Decididamente vae reunir o conselho d'estado.

Terminando hoje o segundo anno da sua existencia, o Antonio Maria faltaria ao mais sagrado de todos os deveres, se deixasse de agradecer aos seus leitores e aos seus amigos os testemunhos de benevolencia e de estima de que tem sido objecto.

Áquelles a quem por ventura podesse ter magoado e contundido, ao dar-lhes assento n'esta pacata galeria do burlesco nacional, o Antonio Maria offerece todas as lagrimas da arnica que póde verter o seu coração, e toda a pomada alvissima de que póde dispôr a sua alma.

Sentindo não poder descobrir para honra da patria alguma coisa melhor do que os seus ridiculos, nós pediamos á patria o favor de considerar que nem todos podem, por mais que o desejem, ir todas as semanas, ás quintas feiras, descobrir outra vez o caminho da India.

Finalmente, minhas senhoras e meus senhores, mil vezes obrigado!

GETTY CENTER LINRARY
3 3125 00682 9812

Mother Goose
Lisbon
LITH. GUEDES